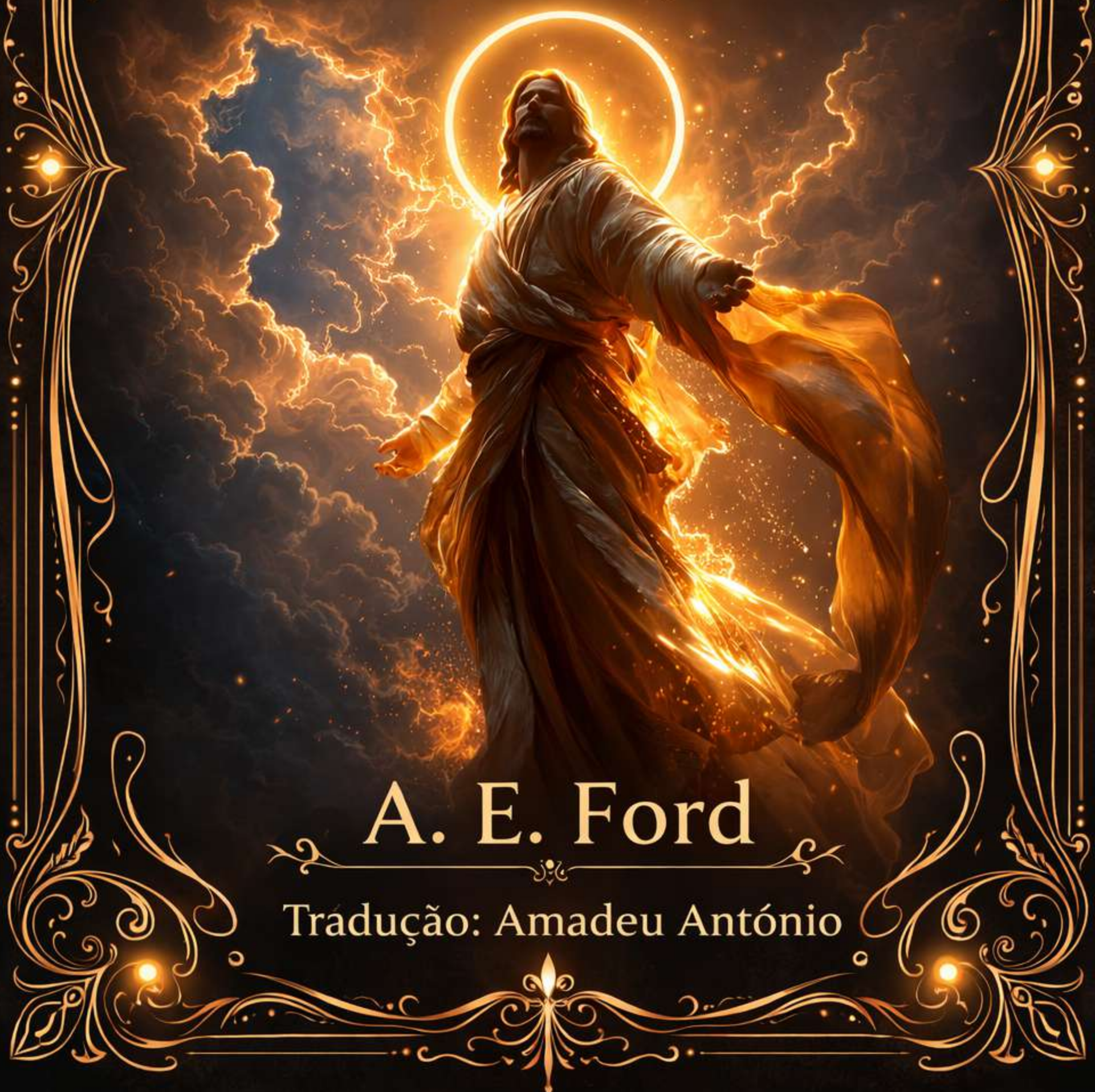
ESPÍRITOS GUARDIÃES

ou

Casos Notãvels de Visão de Duas Videntés sobre o Mundo Espiritual



A. E. Ford

Tradução: Amadeu António

ESPÍRITOS GUARDIÃES

OU CASOS NOTÁVEIS DE VISÃO DE DUAS VIDENTES SOBRE O MUNDO ESPIRITUAL

TRADUZIDO DO ORIGINAL ALEMÃODO, DE HEINRICH WERNER

COM PARALELOS COM PASSAGENS DE EMANUEL SWEDENBORG

A. E. FORD 1847

PREFÁCIO DO TRADUTOR

Segue-se a reprodução integral do frontispício da obra aqui parcialmente traduzida do alemão original: *"Espíritos Guardiães, ou Casos Notáveis de Visão de duas Videntes sobre o Mundo Espiritual, bem como a Maravilhosa Cura, através do Magnetismo Animal, de uma Mulher muda há dez anos, e uma Visão Comparativa de todos os Fenómenos até agora observados."* Da autoria de Heinrich Werner, Doutor em Filosofia, Estugarda e Tubinga. Impressa e publicada por J. G. Cotta, 1839.

Se o objetivo do tradutor fosse sustentar as pretensões do magnetismo animal, dificilmente poderia ter escolhido forma mais eficaz do que apresentar ao público uma tradução integral desta obra. Reunindo, sob diversos aspetos, contribuições feitas ao longo do tempo a esta importante ciência, o volume teria revelado a muitos — até então pouco atentos ao assunto — que observadores competentes, de diferentes nações, escreveram sobre o tema, cujos relatos de factos coincidem de forma surpreendente.

Ofereceria também evidência de que esses factos, para além da sua novidade impressionante, fornecem às mentes reflexivas elementos para a construção de um sistema psicológico mais profundo e espiritual do que qualquer outro até agora amplamente aceite. Os alemães demonstraram ser pensadores mais profundos nesta matéria do que nós próprios ou qualquer outro povo europeu. França, Inglaterra e América merecem louvor pelas observações realizadas neste campo do saber e pelas suas aplicações úteis na cura de doenças; contudo, apenas a Alemanha produziu um Stilling, um Eschenmayer, um Görres e um Werner.

O objetivo do tradutor, no entanto, não foi adicionar mais um argumento em defesa do magnetismo animal, mas sim apresentar um caso autêntico de comunicação com seres e realidades do mundo espiritual, de forma a sustentar as alegações de **Swedenborg** como revelador divinamente autorizado das realidades desse mundo, para benefício da Nova Jerusalém. Declara este propósito com total franqueza, pois não consegue conceber tarefa mais elevada, nobre ou abençoada do que despertar o mundo — na medida do possível — para o grande facto, tão contrário aos seus sentimentos, máximas e preconceitos

enraizados, de que um mensageiro divino reapareceu na Terra e proclamou a verdade vinda do Céu.

A maior parte da obra, composta por observações recolhidas de outros autores e especulações com elas relacionadas, não se mostrava diretamente relevante para tal finalidade, razão pela qual foi omitida. Apresenta-se unicamente a história do caso notável testemunhado pelo próprio Werner. É pertinente esclarecer que este relato é apresentado sem qualquer forma de abreviação ou alteração. Inclui-se também, como introdução, a parte do prefácio da obra original que incide sobre o referido caso.

Dispensa-se, quase, a necessidade de reivindicar para esta produção o carácter de relato honesto e genuíno de factos. O autor afirma, com convicção religiosa, que assim é, e merece ser acreditado pelo seu reconhecimento literário e integridade moral. Acompanhou o seu relato com datas e nomes de locais e, embora tenha omitido todos os nomes de pessoas à exceção do seu próprio, estes permanecerão anónimos apenas para o público mais distante. Disponibiliza-se a fornecer mais informações àqueles que as solicitem com seriedade, assegurando que serão satisfatórias.

Estes elementos são garantias de honestidade, e o próprio conteúdo da obra — demonstrando uma mente ao mesmo tempo perspicaz e abrangente — afasta qualquer suspeita de que o autor tenha sido iludido pelo tema. Com efeito, o carácter interno do texto atesta a sua veracidade. Seria necessário mais do que o talento de um Defoe em matéria de clarividência para entrelaçar tal abundância de pormenores, respeitantes à vida natural e espiritual, com tamanha aparência de realidade. Pode, pois, considerar-se estabelecido, para todas as mentes justas e abertas, que esta obra não foi escrita com intenções ardilosas e constitui, em essência, um registo fidedigno de fenómenos reais.

Haverá, sem dúvida, aqueles que, com base no simples facto de os alegados acontecimentos não se encontrarem no âmbito da sua experiência pessoal e parecerem, por si mesmos, inacreditáveis, rejeitarão todos os indícios apresentados. O tradutor debateu-se frequentemente, em discussões privadas, com indivíduos assim, cujos argumentos não passavam de uma repetição constante de palavras como "imaginação", "conluio", "ilusão" ou "embuste", e sabe bem com que falta de escrúpulos aplicam tais termos a pessoas com reputação irrepreensível de veracidade e com reconhecida capacidade de observação e discernimento.

Chegou à firme convicção de que, nestes casos, a dificuldade reside, por vezes, numa limitação intelectual, mas mais frequentemente numa rejeição moral de um assunto com implicações espirituais elevadas ou suscetível de abalar convicções religiosas favoritas. Com esses combates infrutíferos, o tradutor não pretende voltar a envolver-se por escrito. Tais pessoas devem ser deixadas a aplicar as suas teorias de conluio e ilusão onde estas não se ajustam nem ao carácter nem às circunstâncias, esticando ou cortando conforme melhor lhes convier, e saboreando, para si, a sua glória procrustiana.

Um forte argumento em favor de Swedenborg emerge da comparação entre a sua descrição do mundo espiritual e as fornecidas por esta fonte. O tradutor procurou destacar este argumento na presente obra, citando, da forma mais breve possível, as passagens em que Swedenborg revela tal coincidência. O número dessas passagens deverá ser considerado notável, embora, mesmo assim, não represente de forma suficiente a harmonia pretendida — pois esta reside tanto na representação geral como nos pormenores. Algumas foram deliberadamente omitidas, para não alongar excessivamente o volume, e outras terão, sem dúvida, escapado à atenção. Acrescente-se que há muito poucos pontos em que se observe sequer uma aparente divergência entre ambos os relatos.

Relativamente a esta concordância, podem ser feitas duas observações. A primeira é que ela se estende a uma vasta variedade de pormenores. As revelações da vidente dizem respeito à natureza da alma e à sua constituição em três partes, sendo que a mais elevada mantém uma relação particular com o Divino; à sua ligação com o corpo; à sua separação deste de uma forma que não é a morte, e ao exercício independente das suas faculdades nesse estado; à sua permanência, por algum tempo após a morte, num estado intermédio; ao facto de ser recebida por anjos aquando da morte, e subsequentemente instruída por estes; à raça humana como habitante não apenas deste mundo, mas também de outros; às condições existentes no mundo espiritual da Lua, do Sol e do planeta Vénus; à humanidade como habitando todos os mundos materiais, formando, após a morte, um céu comum; aos anjos, às suas hierarquias, funções, linguagem, escrita e à sua isenção das leis do espaço e do tempo; à paisagem exterior do céu, contendo todos os elementos que compõem uma paisagem terrestre; e a uma ampla gama de outras particularidades.

Os pormenores sob estes diversos temas são, em muitos casos, bastante numerosos. Em todo este relato do invisível, há uma consonância com Swedenborg, e essa concordância é, por isso, notável pela sua extensão. É também — e esta é a segunda observação — notável pelo seu carácter subtil, incidental e manifestamente não premeditado. Os dois relatos provenientes da terra dos segredos são elaborados por observadores independentes, cada qual com uma abordagem distinta ao descrever aquilo que se lhes apresenta à visão — um observando a superfície e descrevendo-a, o outro mergulhando mais fundo e extraindo leis.

Consequentemente, concordam por vezes quase na expressão, outras vezes no conteúdo, e em outras ocasiões, um sugere apenas com uma insinuação o que o outro desenvolve de forma mais plena. Este último tipo de coincidência tem sido sempre considerado como prova de veracidade que nem o mais elaborado artifício consegue produzir. É quase desnecessário mencionar que tais exemplos abundam nas páginas seguintes.

Antes, porém, de se pedir ao leitor qualquer inferência sobre tudo isto, convém informá-lo de que Swedenborg nada conhecia do que hoje se denomina clarividência ou magnetismo animal. Foi apenas dez anos após a morte de Swedenborg, e quarenta anos após ter iniciado os escritos onde relata as suas experiências do mundo invisível, que a atenção do mundo foi pela primeira vez dirigida para o assunto por meio de Mesmer.

A clarividência foi observada pela primeira vez posteriormente à época de Mesmer, e a visão espiritual, ainda mais tarde. Swedenborg não dispunha, portanto, de qualquer referência contemporânea que lhe permitisse esboçar um quadro do mundo espiritual com base em fontes externas. Se as suas descrições não provêm de uma verdadeira introdução nesse universo, terão, forçosamente, sido uma criação da sua própria mente, engendrada sob o impulso do entusiasmo ou da fraude. Esta é, de facto, a visão que o mundo, contente por ouvir em vez de ler, tem tacitamente adotado. Tal conceção, contudo, é altamente discutível, tendo em conta a grandeza, a sobriedade e a lucidez do seu autor, as suas solenes afirmações acerca da sua missão, e a coerência que reina em todo o vasto sistema que abrange céu, terra, inferno, natureza, espírito e a própria Escritura.

Mas, mesmo que se deixem de parte estas considerações, o que dizer quando surge um caso como o presente? Não estarão os defensores da tese da alucinação ou da invenção obrigados a explicar como é que Swedenborg pôde delirar ou fantasiar com tamanha exatidão em relação a revelações posteriores e independentes, provenientes da clarividência? Suponha-se um viajante que afirma ter visitado uma terra distante, mas cujas descrições do clima, da flora, da fauna e dos habitantes são recebidas como meras fábulas construídas no recesso do seu gabinete.

Meio século após a sua morte, outro indivíduo, que mal conhece o nome do primeiro, apresenta um relato similar sobre esses mesmos aspetos. De imediato, torna-se necessário rever os juízos anteriormente feitos sobre o primeiro viajante, e a sua reputação é restaurada na medida em que se comprove que o segundo não teve acesso às suas obras. Estabelecido este único ponto, os dois relatos passam a corroborar-se mutuamente e, mesmo que nenhum deles fosse credível por si só, tornam-se credíveis em conjunto. Conceda-se, então, a Swedenborg o benefício deste justo raciocínio.

Se quiserem considerar como devaneio ou fantasia o seu esplêndido e coerente edifício doutrinário — onde a Bíblia, as verdades da história, da ciência e da natureza humana são entretecidas com beleza — façam-no enquanto ele estiver isolado. Mas, quando surgem testemunhas, em tempos posteriores, que o desconhecem ou até o desconsideram, e ainda assim o confirmam, então detenham-se e perguntem a si próprios se Deus não estará, através das maravilhosas vias da sua Providência, a reivindicar um servo que enviou ao mundo com sabedoria divina nos lábios, depois de este ter sido, durante gerações, taxado de louco por uma humanidade cega e insensata.

Apesar de tudo, este livro não pretende atuar como um argumento positivo, muito menos conclusivo, em prol da missão divina de Swedenborg. Tal reivindicação assenta noutros fundamentos, mais altos e apropriados, que devem servir de base final à convicção. O presente volume é oferecido apenas como um argumento **presuntivo** de que ele **poderá** estar certo, e de que o assunto merece ser investigado.

Dirige-se ao preconceito profundo e enraizado que, sem melhor fundamento do que afirmações repetidas oralmente ou copiadas de dicionários teológicos e biográficos,

sustenta que Swedenborg era um sonhador. Pretende apenas sugerir que tal julgamento pode ter sido proferido sem o devido exame, ou pelo menos por juízes moralmente incompetentes, e reclama, com base em novas evidências entretanto surgidas, uma reavaliação do caso.

A questão que se coloca não é, para já, se as doutrinas da Igreja da Nova Jerusalém devem ser aceites, mas sim se devem ser investigadas. Devem as suas pretensões ser objeto de um julgamento imparcial, ou devem ser relegadas, sem sequer serem observadas, para a categoria de fenómenos como o mormonismo? Devem as objeções apresentadas por jornais religiosos — os últimos veículos, no mundo, capazes de imparcialidade quando está em causa o sistema que defendem — ser tomadas como uma exposição justa de todo o conjunto doutrinário? Espera-se que esta obra tenha algum peso no sentido de levar certos espíritos honestos a suspender o juízo comum — de censura ou de piedade — quando se menciona Swedenborg e os seus ensinamentos, até poderem verificar se, afinal, não estarão esses juízos a ser dirigidos contra a própria verdade divina e contra o mensageiro que a trouxe ao mundo.

Esta é uma questão que concerne, de forma particular, ao clero do país. Embora seja preocupação eternamente importante de qualquer homem procurar e conhecer a verdade, é-o de modo especial para aqueles que assumiram como vocação conduzir outros na fé. Enquanto outros contribuem para o bem da sociedade de diversas formas, estes comprometeram-se a fazê-lo expondo perante o espírito humano as verdades religiosas. São chamados a discernir o verdadeiro do falso; a serem os primeiros a detetar a verdade, mesmo quando o mundo indiferente ainda a confunde com o erro; a ampará-la quando ainda não é bem-vinda entre os homens; a resgatá-la da negligência e do opróbrio, para que possa influenciar vidas e trazer felicidade a muitos hoje — e a milhões, futuramente. É uma vocação três vezes nobre, se for exercida com fidelidade.

Mas será verdadeiramente cumprida, quando a menor suspeita de que o credo atualmente professado possa não ser inteiramente verdadeiro provoca dor insuportável na mente do guia espiritual, sendo de imediato rejeitada? Ou quando o título de ser firmemente apegado às peculiaridades da sua denominação é mais precioso para a sua alma do que qualquer outra coisa, e a simples ideia de que circule entre os seus colegas e fiéis a suspeita de que possa inclinar-se para alguma heresia se torna insuportável?

Em tal caso, não há verdadeiro amor pela verdade — pois esta sobrepõe-se a todas as outras considerações, e torna irrelevante o que os homens possam dizer ou fazer quando ela é procurada e professada. O pretenso guia religioso, em vez de procurar os melhores caminhos para conduzir os que nele confiam, limita-se a seguir os trilhos mais conhecidos, seguros e cómodos para si próprio.

Ainda assim, é uma reflexão melancólica constatar que, se um homem estiver disposto a assumir-se como guia espiritual, não lhe faltarão aqueles que se deixem influenciar. Declara ter como objetivo a verdade, e é-lhe atribuído o mesmo crédito, no seu ofício particular,

que se confere ao médico ou ao advogado. Na verdade, esse crédito é-lhe concedido em grau ainda mais elevado, pois o poder da profissão é imenso quando expresso através das frases solenes e dos gestos convictos do púlpito. Estes emprestam um certo carácter sagrado a tudo quanto é dito, e não é segredo para nenhum pastor deste país que muitos lhe prestam uma deferência inquestionável às palavras, e cujas mentes ele pode facilmente inclinar em questões controversas dentro da sua denominação ou predispor favoravelmente para novas opiniões.

Assim, solicita-se com seriedade e cordialidade que, em consideração pelo carácter e pelo ofício com que se apresentam, e pelo poder real que exercem sobre a opinião individual e coletiva, o clero das diversas denominações do país trate com honestidade as reivindicações da Nova Igreja.

Teme-se que tal apelo seja feito em vão à grande maioria, que continuará a entregar-se, de olhos vendados, à mesma orientação que dá aos outros, aceitando as suas impressões a partir das obras tendenciosas de autores com reputação literária no seu meio, e depositando fé cega nas plausíveis falsidades dos periódicos religiosos. No entanto, há um número menor de pessoas, a quem Swedenborg talvez já se tenha recomendado por meio de algumas das profundezas da sua escrita, que inevitavelmente tocam mentes reflexivas, benevolentes e recetivas — ou que, por diferentes vias, viram surgir uma dúvida intensa quanto a saber se ele é realmente o visionário que o mundo apregoa, e os seus seguidores os iludidos e entusiastas que se diz que são.

A esses, e com esperança, se pede que fortaleçam aquilo que houver de verdadeiro e independente nas suas naturezas, e que investiguem, por si mesmos, este assunto da mais elevada importância — independentemente do que o mundo possa dizer — e que, se o reconhecerem como verdadeiro, o sigam, ainda que todos os interesses mundanos sofram com isso. Que tais pessoas se recordem dos seus próprios sermões: se alguma vez pregaram que toda a verdade provém de Deus e é de valor inestimável; que deve ser adquirida mesmo à custa de tudo o que é caro do ponto de vista terreno; e que, se for seguida em vida santa, conduz à bem-aventurança eterna; se alguma vez apelaram a alguém para examinar imparcialmente os seus próprios dogmas e alertaram para o perigo de fechar os ouvidos a tudo o que não se aprendeu dentro das paredes da própria igreja; se alguma vez denunciaram a esterilidade mental de um espírito fechado, sectário e denominacional — então que reconheçam que tais nobres máximas não são apenas para se proclamarem com elevação passageira no púlpito, mas para se praticarem com sinceridade e, se necessário, com sofrimento.

Que assim concedam à solene questão de saber se a Nova Jerusalém está a descer de Deus, do Céu, para o nosso mundo miserável, o direito de ser ouvida por si própria e não pelos seus detratores, e de ser pesada com uma balança onde não se coloquem os pesos do nome ou do interesse pessoal. É aos cultos e, ao mesmo tempo, aos justos — especialmente entre o clero — que Swedenborg dirige o seu apelo, se é que se pode chamar apelo à serena

declaração de que o clero será o primeiro a reconhecer as verdades da Nova Jerusalém, sendo seguido depois pelo laicado.

Não deveria isto ter algum peso? Não constitui, à partida, uma prova de que a sua doutrina está longe dos fanatismos ignorantes com os quais alguns tentam confundi-la? Pois que se aponte um só entusiasta ou fanático que não tenha manifestado uma aversão instintiva ao clero estabelecido, ou que, depois de uma tentativa débil de o converter, não tenha resvalado para uma retórica inflamadamente hostil. Este tipo de passagens pode ter ainda outra utilidade: são, em certo sentido, previsões que já começaram a cumprir-se.

No progresso discreto, mas constante, que a Nova Igreja tem tido até hoje, foram os membros do clero, de várias denominações, os seus primeiros convertidos, sendo os leigos os que os seguiram. Tal foi o caso em Inglaterra, onde têm sido mais frequentes as conversões vindas da igreja estabelecida do que entre os dissidentes. Também neste país surgiram recentemente muitos casos semelhantes. Os leigos, sem dúvida, seguir-se-ão em proporção devida, mas o clero continua, por enquanto, na dianteira.

Ora, se a Nova Igreja fosse apenas uma superstição moderna e insustentável, seria precisamente entre as mentes treinadas no uso das faculdades discriminativas e reflexivas — e geralmente avessas à novidade — que encontraria maior resistência. Quando, no entanto, se veem indivíduos com tal perfil (sem sequer mencionar as nobres qualidades do coração que muitos destes convertidos demonstram) a aceitarem-na, não se levanta uma forte presunção, apesar dos clamores do mundo, de que esta doutrina assenta em mais do que meras fantasias?

Se alguns — poucos, é verdade, em comparação com o total — abandonam posições onde o costume, a educação, as convicções enraizadas, os interesses pessoais e os apelos amistosos os tentavam manter; se estas pessoas, nunca antes tidas como desequilibradas, asseguram solenemente que podem justificar-se com os mais sólidos fundamentos contra a acusação de entusiasmo, caso lhes seja concedida uma oportunidade de o fazer, não se lhes deve prestar atenção? Homens honestos não desprezarão tais declarações, sobretudo quando provêm de figuras que outrora consideravam mestres ou companheiros. Antes as tomarão como apelos legítimos a um exame direto da questão, e não se furtarão a escutá-las.

Nenhuma verdade religiosa, respeitavelmente apresentada, deve ser recusada sem audiência — quanto mais as alegações solenes feitas neste caso. A Nova Igreja distingue-se de todas as denominações da cristandade; a acusação que lhe fazem é precisamente a de divergir de todas elas em pontos de importância fundamental, até então considerados resolvidos, e de introduzir novidades de carácter gravíssimo. Se forem erros, o mundo tem razão em chamá-los erros perniciosos; mas se forem verdades, são-no numa medida correspondente, e, na exata medida em que haja uma presunção de que o possam ser, cresce o desejo de os investigar com seriedade.

Considere-se, pois, a magnitude das alegações em causa: afirma-se que a mais gloriosa das profecias bíblicas se cumpriu nos nossos dias; que um novo mensageiro veio do Céu — não para adicionar à Palavra inspirada, mas para demonstrar que ela o é, num sentido digno desse nome; que esse mensageiro desenvolveu, como cume da sua missão, um sentido espiritual em cada parte da Escritura — até mesmo nas narrativas mais simples ou nas genealogias mais áridas — com base não em interpretações arbitrárias, mas em fundamentos que convencem o entendimento; que este sentido revela como os três — Pai, Filho e Espírito Santo — tradicionalmente considerados pessoas distintas, são, na realidade, princípios constitutivos do Senhor Jesus Cristo, tornando-O o único Deus do Céu e da Terra; que sobre este sentido espiritual se ergue um sistema doutrinário de simetria notável, em harmonia com a verdadeira ciência em todas as suas vertentes; e que o próprio Swedenborg, por observação direta, revelou o estado dos dois mundos opostos nos quais a raça humana existirá por toda a eternidade, tendo-lhe sido permitido percorrê-los justamente para esse fim.

Estas alegações, às quais muitos homens pensantes e piedosos já deram o seu assentimento, não serão rejeitadas de imediato por aqueles a quem se dirigem estas reflexões. Há demasiado em jogo — tanto no que toca ao bem-estar da sociedade como à eternidade — para que se tome uma decisão precipitada e leviana.

Se alguém, ao ser convidado a seguir este caminho justo e razoável, estiver inclinado a desviar-se, dificilmente escapará, com isso, ao confronto com a matéria. Se esta for de Deus — algo que não se pode negar com inteligência antes de examiná-la — então há de prevalecer. E mesmo por outros motivos, ninguém arrisca muito ao afirmar que toda esta questão há de entrar, inevitavelmente, no debate público. A causa está formada, os seus defensores estão confiantes embora serenos, conta com vozes e penas hábeis, conquista respeito e provoca oposição com cada novo dia. Esse respeito aprofunda-se em convicção, essa hostilidade transforma-se, gradualmente, em atenção, depois em conhecimento, e, por fim, em adesão firme.

Assim tem sido até aqui, e é legítimo ler o futuro à luz do passado. Chegará o dia em que a Nova Igreja invadirá os domínios mais sagrados daqueles que hoje a olham com desprezo, como se fosse uma aberração longínqua e inofensiva. E como será então enfrentada, se for recebida num estado de completa ignorância quanto à sua natureza e às suas pretensões? Com os mesmos métodos de sempre: o preconceito cego e a ignorância autocomplacente. Será apelidada de terrível, herética, blasfema.

Será caluniada para poder ser condenada. Criar-se-á uma caricatura, para que a "espada afiada" que se despedaçaria contra a verdade pareça dilacerá-la com facilidade. Setas envenenadas serão extraídas dos periódicos religiosos — verdadeiros arsenais do falso — e lançadas contra ela. Mas, apesar de tudo isso, a verdade permanecerá indestrutível. Não será uma árvore arrancada e lançada ao mar ao primeiro "ordena-te que te vás", mas sim — se os membros da Nova Igreja não estiverem enganados na promessa que reivindicam — a pedra cortada sem mãos, crescendo até se tornar uma montanha que encherá toda a terra.

PREFÁCIO DO AUTOR

Quando o magnetismo animal, há alguns anos, começou a sair do esquecimento e negligência imerecidos em que se encontrava na Alemanha, e encontrou também novos defensores na minha pátria, eu, tal como os demais, ouvi com espanto os relatos maravilhosos que por toda a parte se faziam sobre sonâmbulas do sexo feminino.

Sem imaginar que pudesse existir um segundo e até então ignorado lado da psicologia — até então confinado aos estreitos limites da filosofia corrente — e movido também pela vergonha de ser o único crente entre milhares, apressei-me, sem qualquer investigação apropriada da minha parte, a agarrar-me com entusiasmo e convicção prévia à ideia de que os fenómenos do magnetismo não passavam de ilusões, baseando-me sobretudo em publicações contrárias ao tema. Naturalmente, em pouco tempo assumi firmemente a posição entre os descrentes convictos. A partir daí, pouco mais atenção dei ao assunto, não deixando de me surpreender, interiormente, com o facto de homens de nome consagrado nos domínios da ciência se tornarem patronos de algo que, a meu ver, não passava de um novo sustentáculo para toda a espécie de superstições e embustes.

Essas minhas convicções sofreram o primeiro grande abalo há cerca de quinze anos, da seguinte forma. Eu era, nessa altura, pastor em Bickelsberg, em Sülz, junto ao Reno, e recebi, de forma inteiramente inesperada, da parte de meu pai, que se encontrava em Tubinga, a notícia de que uma sonâmbula — uma rapariga com menos de catorze anos, que eu conhecia, mas não via há vários anos — estava ao cuidado do Professor Eschenmayer naquela cidade e declarara que a minha presença junto dela durante alguns dias contribuiria essencialmente para a sua recuperação.

Mais por curiosidade do que por esperar ser de alguma utilidade para a sua saúde, parti sem demora para Tubinga, sem anunciar a ninguém o motivo da viagem, nem sequer o dia em que chegaria. Era inverno, e cheguei depois das sete da manhã. Por causa de alguns obstáculos, que mencionarei em breve, só consegui alcançar a casa onde residia a jovem por volta das oito. Mal ela me viu abrir a porta do seu quarto, entrou em violentas convulsões e espasmos, o que me afetou de tal forma que fiquei imóvel, como enraizado ao chão. Poucos minutos depois, dirigiu-se-me com os olhos fechados: "Peço-lhe que me deixe por um momento; a sua presença agora é demasiado penosa para mim; volte dentro de meia hora, estarei então mais calma. E esteja você também mais tranquilo; a sua alma está em tamanha agitação que me faz sofrer." Retirei-me, e fui informado de que, imediatamente após a minha saída, ela despertou.

Passados trinta minutos, entrei novamente no seu quarto. Eu encontrava-me mais sereno, e ela recebeu-me de modo calmo e amigável, pedindo-me que me sentasse junto à cama. Em pouco tempo, fechou os olhos, pegou na minha mão e disse: "Está doente; mas eu conheço um remédio que o aliviará." Quando lhe pedi que o dissesse, rompeu em lamentos e lágrimas,

e disse, após algum tempo, pousando a mão sobre a boca do meu estômago: "Sofre de espasmos aqui; mas não me é permitido revelar-lhe o remédio. No momento em que estou prestes a pronunciá-lo, sou travada — não sei como. É como se uma voz me dissesse: 'Ele não deve ser curado desta forma!' Ai, quanto me entristece isto! Faz-me tão bem a sua presença, e eu não posso demonstrar-lhe a minha gratidão como desejaria. Como eu gostaria de ajudá-lo!"

Tão gentil e delicada quanto foi esta recusa, não era, todavia, capaz de reforçar a minha crença de que ela conhecia, de facto, um remédio eficaz. Ela poderia muito bem saber, de antemão, que eu sofria havia algum tempo de espasmos abdominais; e até então, nada via nesta cena além de uma comovente simpatia e uma imaginação altamente excitada. Mas depressa fui desenganado, quando, após um sono tranquilo de cerca de quinze minutos, ela disse, de repente, para minha grande surpresa:

"Esta manhã teve uma desilusão nas suas expectativas."

"A que te referes?", perguntei.

"Veio até Balingen num trenó; ali (sorrindo), acabou a neve e foi forçado a seguir numa diligência."

Isto era absolutamente verdadeiro, e eu ainda não falara a ninguém em Tubinga sobre esse episódio.

Mais tarde, prosseguiu:

"Em Heckingen, cruzou-se com um parente seu, que ia a caminho de Bickelsberg para o visitar. Viram-se na estalagem, mas não se reconheceram."

E isto também era verdade. Não via o meu primo há anos; contudo, ao passar por ele, notei algo familiar no seu rosto e perguntei à mulher da estalagem, que o acompanhara até à carruagem, se conhecia aquele senhor.

"Sim", respondeu ela, "é um comerciante de Hanau, chama-se Z."

"Ah!", exclamei, "para onde vai?" Vendo o meu interesse, a mulher olhou-m

e com mais atenção e perguntou:

"Não é o pastor de B.?"

Tendo confirmado, disse-me:

"Ele vai expressamente visitá-lo."

Ao regressar a casa, a minha esposa contou-me que o meu primo Z., que seguia em viagem para a Suíça, passara por lá e lamentara muito não me ter encontrado.

O que a sonâmbula afirmou no dia seguinte deixou-me igualmente atónito:

"Ontem ao entardecer, quase sofreu um acidente nos arredores; o seu cavalo cinzento fez um salto e esteve prestes a lançá-lo à água."

A cena ocorreu tal como descrita. Perto do chamado *Waldhornle*, uma estalagem isolada junto à estrada, a cerca de meia légua de Tubinga, encontravam-se algumas grandes pedras de moinho recém-cortadas, de cor branca e com buracos no centro, à direita, para além de uma curva. A lua brilhava intensamente, tornando ainda mais visível o branco das pedras. O meu cavalo, que era realmente cinzento, trotava, e ao surgir repentinamente diante das pedras, saltou para a esquerda com um sobressalto, quase lançando a viatura para o pequeno curso de água — o *Steinlach* — que na época corria mesmo junto à estrada.

Ela acrescentou ainda:

"Vi-o ontem passar pelo Portão do Neckar depois das sete, mas não chegou à casa antes das oito, por ter sido atrasado por um cocheiro embriagado." E assim foi. Conduzia calmamente pela estrada entre o *Waldhornle* e a cidade, onde três veículos podiam passar sem dificuldade. Subitamente, ouvi gritos e pragas atrás de mim, e logo os golpes de um chicote a baterem na minha carruagem.

Depressa percebi que era atacado por um cocheiro bêbedo, ao serviço da mala-posta, que, convencido do seu direito por ser mensageiro do rei, pretendia que eu lhe cedesse passagem — mesmo eu não o podendo ver por causa da cobertura da carruagem, nem ouvir por causa do ruído das rodas. Resolvi a questão como pude, segui-o até à estalagem onde ele parou, e apresentei aí uma queixa pela sua insolência, o que resultou num atraso considerável. Também sobre este incidente eu não dissera uma só palavra a ninguém da casa; a jovem não poderia, portanto, conhecê-lo por meios ordinários.

Estas declarações, bem como outras semelhantes que não reproduzo aqui por me terem sido relatadas por terceiros — ainda que dignos de crédito —, colocaram o meu entendimento em estado de suspensão e abalaram, necessariamente, os alicerces da minha incredulidade. Por mais inexplicáveis que fossem os fenómenos, ocorreram, de facto, diante dos meus sentidos. Por fim, concluí — como deveria tê-lo feito muito antes — que era tempo de ouvir o outro lado antes de tirar conclusões definitivas. Teria dado muito para poder permanecer junto da doente durante mais tempo e observá-la; mas os meus deveres chamavam-me de volta ao lar ao fim de dois dias.

Antes de partir — e já com a minha fé algo despertada por motivos pessoais — pedi ao Professor Eschenmayer, que cuidava da rapariga e a quem já comunicara o meu caso em pormenor, que lhe perguntasse, na próxima crise, qual o remédio adequado. Ele acedeu

amavelmente. Acompanhei-o até à paciente, que nada sabia deste pedido, e assim que foi posta em relação com ele, caiu em sono magnético. O professor então expôs o meu desejo em relação à minha enfermidade, ao que ela respondeu prontamente, com certo desagrado:

"Parece que querem que eu prescreva para o Reverendíssimo Pastor; mas já lhe disse que não me é permitido ajudá-lo."

Assim, parti sem que me fosse revelado o remédio (feliz circunstância, aliás), mas curado da minha teimosa incredulidade e decidido a entrar no domínio do magnetismo animal com uma mente mais imparcial e a informar-me, tanto quanto me fosse possível. Desde então, dediquei-me a isso o melhor que pude, embora durante muitos anos permanecesse insatisfeito o desejo de poder observar e tratar pessoalmente uma sonâmbula. Mas esse desejo foi finalmente realizado, e o resultado das minhas observações nesse contexto — bem como as experiências e convicções adquiridas noutros meios sobre o magnetismo animal — compõem as páginas que se seguem.

E agora, algumas considerações adicionais, necessárias como introdução, sobre a história pessoal e o tratamento da sonâmbula que figura nas páginas seguintes, bem como sobre os esboços teóricos que acompanham a narrativa.

R. D., uma jovem de dezoito anos, sobre cujas circunstâncias pessoais e familiares estou disposto a prestar as informações mais satisfatórias a qualquer pessoa que o deseje e tenha justa razão para as conhecer, nasceu em **A.**, uma pequena aldeia da Alta Suábia, e foi educada de forma simples até aos catorze anos de idade, tendo ultrapassado com felicidade, antes disso, as doenças infantis habituais. Era, contudo, bastante frágil, sobretudo ao nível do sistema nervoso. Já aos sete anos, os médicos temiam um aumento das glândulas mesentéricas. Aos oito e nove anos sofreu de clorose e tosse convulsa, e aos onze teve um ataque violento de erisipela no rosto. A partir desse episódio até aos catorze anos, manteve-se saudável.

Por volta dessa idade surgiram-lhe as cataménias, acompanhadas de uma erupção cutânea por todo o corpo. Provavelmente, esta última não foi devidamente compreendida quanto à sua natureza nem reconhecida a sua importância naquele momento crítico de transição fisiológica, sendo subitamente reprimida por ausência de tratamento apropriado, o que causou um inchaço nos membros inferiores.

Esta condição persistiu cerca de um ano. Os pés cobriram-se de úlceras profundas, com exsudação abundante, que sararam lentamente e deixaram cicatrizes consideráveis. Desde o início, o ciclo menstrual nunca foi regular. Aos dezasseis anos, desapareceu completamente, só regressando seis meses depois, acompanhada de diversos incómodos, em particular opressões no peito. Desde então, nunca mais voltou com regularidade, ocorrendo por vezes em intervalos de três, quatro até sete ou oito semanas.

Estas alterações prosseguiram até aos dezoito anos, altura em que se juntou um **profundo desgosto emocional** aos sofrimentos físicos — tanto mais opressivo quanto a jovem considerava que a causa do mesmo destruíra para sempre a sua felicidade terrena, e perdera toda a esperança de uma mudança favorável no seu destino. É fácil compreender como um estado de espírito tão sombrio afetaria negativamente a saúde física, podendo ter contribuído significativamente, senão para originar, pelo menos para acelerar e agravar o quadro que se descreve nas páginas seguintes (cf. a crise de 13 de Junho).

Quanto ao seu **carácter espiritual**, a educação simples e rural proporcionou-lhe uma base favorável. Dotada de excelentes qualidades intelectuais, desenvolveu e enobreceu progressivamente as suas faculdades a partir dos catorze anos, quando a família se mudou para uma cidade provincial maior. A sua rápida compreensão, o julgamento apurado, a natural inclinação para o bem e, sobretudo, as suas convicções religiosas, contribuíram de forma decisiva para o seu progresso. Cultivou com dedicação o gosto pela música, especialmente pelo canto, que estava entre os seus passatempos favoritos. A sua voz suave e melodiosa conferia encanto especial às suas interpretações, marcadas pela leveza, pureza e sentimento.

Relativamente ao estado mórbido que antecedeu o estado magnético, importa acrescentar o seguinte: desde Outubro de 1833, R. sofria de **cólicas periódicas no peito**, que se tornaram progressivamente mais intensas. Após vários tratamentos infrutíferos, a condição agravou-se a tal ponto que surgiram crises de sufocação — breves, é certo, mas suficientemente alarmantes. De Outubro de 1833 até final de Fevereiro de 1834, os espasmos ocorriam a intervalos de oito a dez dias; durante o mês de Março, surgiam a cada três ou quatro dias, deixando uma profunda exaustão. A sua força física deteriorava-se visivelmente; o rosto tornava-se amarelecido e pálido, exceto quando um calor transitório na cabeça lhe acendia o rosto num rubor intenso. O apetite era irregular, o pulso, na maioria das vezes, pequeno e rijo mesmo fora das crises, e o humor facilmente irritável e excitável.

As cataménias eram sempre acompanhadas de dores abdominais e espasmos tão fortes que a obrigavam a permanecer na cama durante um ou dois dias, sendo que os efeitos apenas desapareciam totalmente por volta do sétimo dia. Em geral, após este período, os espasmos não voltavam durante alguns dias, ao passo que anteriormente surgiam em rápida sucessão e com crescente intensidade. Não é, pois, de surpreender que o seu humor variasse com facilidade — estando por vezes alegre e, pouco depois, sem motivo aparente, mergulhada na tristeza, frequentemente com tendência para a melancolia e irritabilidade. Uma certa sensibilidade e temperamento nervoso, que ela, apesar de todos os esforços, não conseguia dominar, parecem ter sido consequência da sua debilidade física desde a infância e da opressão emocional que sentiu nos últimos tempos.

Como os amigos estavam convencidos de que os remédios internos não só não aliviavam os sofrimentos do corpo, como antes os agravavam, ela decidiu **abandonar por completo os medicamentos**, na esperança de que as forças da natureza, deixadas agir sem

impedimentos, encontrariam por si mesmas o caminho da cura. E não foi desiludida — embora o rumo que a natureza tomou não fosse, de todo, o que ela ou os seus próximos haviam antecipado.

Importa ainda referir que, antes de entrar no estado magnético, a jovem tinha tão pouca noção da possibilidade de tal fenómeno que, mesmo quando já não restavam dúvidas sobre a natureza dos seus ataques, ouvia falar deles com grande espanto no estado de vigília, pedia explicações e até chegou a confessar sentir uma espécie de horror de si própria ao pensar que tudo quanto ouvira sobre os seus episódios fosse real.

Este é um retrato fiel da jovem cujo caso se relata nas páginas seguintes. Não o ocultei do público, pois, ainda que o que se segue não seja inteiramente novo, pode contribuir para o progresso da ciência. Factos bem comprovados contribuem de forma decisiva para um conhecimento mais seguro do magnetismo animal. Além disso, os fenómenos em questão são manifestações de sonambulismo espontâneo — o que, sendo a forma mais natural do magnetismo, é também a mais rara, e por isso merece especial atenção. Quanto menos esperada e procurada foi esta manifestação — tanto por parte da paciente como da minha —, mais surpreendente se tornou ao constatarmos, de súbito, a existência de uma relação magnética entre nós.

Este facto foi-me parcialmente esclarecido mais tarde, por uma declaração da própria sonâmbula, segundo a qual o meu sistema nervoso, devido a cólicas gástricas prolongadas, estaria já há algum tempo predisposto a **entrar em sintonia com qualquer sonâmbula**. O facto de os fenómenos magnéticos, neste caso, não terem sido procurados nem, como poderiam ter sido, intensificados artificialmente, permite-me esperar que os leitores acreditem na minha sinceridade quando afirmo que este relato foi mantido livre de qualquer interferência ou impureza externa, e que as palavras da paciente são, salvo raras exceções (motivos de reserva pública), as que foram fielmente anotadas tal como proferidas por ela.

Relativamente aos testemunhos presenciais dos episódios descritos, a revelação dos nomes das pessoas presentes encontrou alguma relutância da parte destas, ainda que todas estejam dispostas, se houver motivo razoável, a fornecer informação fidedigna sobre os acontecimentos que presenciaram.

Quanto aos experimentos com a paciente, por muito forte que fosse a tentação — tanto por curiosidade científica como por compaixão —, foram muito reduzidos e sempre limitados aos que ela própria solicitava ou àqueles de que eu sabia, antecipadamente, que não causariam o mínimo prejuízo à sua saúde.

As conversas sobre espíritos e o estado pós-morte, embora por vezes a afetassem emocionalmente, foram, na maioria dos casos, iniciadas pela própria paciente. Quando começavam a ser-lhe penosas, era ela quem as interrompia. Muitas vezes desejei poder aprofundar mais essas questões, e conversar com ela sobre temas importantes relacionados com o estado das almas após a morte, sobretudo depois de ela ter afirmado que, com pouco

esforço da minha parte, poderia ser elevada a um grau de clarividência igual ao da famosa Vidente de Prevorst. No entanto, o meu objetivo — a sua recuperação em tempo tão breve quanto possível — prevaleceu sempre sobre tais desejos. E, após a sua feliz recuperação, regozijei-me por não ter motivos para me censurar nesse aspeto.

HISTÓRIA DO CASO

2 de Abril de 1834

As cólicas no peito mencionadas na introdução — que ultimamente não apenas se haviam manifestado quase diariamente, como duravam mais tempo do que anteriormente — surgiram hoje, pelas nove horas da manhã, com uma violência invulgar. Até aqui, os sintomas tinham-se limitado a uma dificuldade respiratória mais ou menos intensa, cãibras nos músculos do pescoço e dores agudas no peito. Porém, para grande terror dos presentes, após o ataque habitual, a respiração, que ainda se mantinha por alguns minutos de forma exacerbada, cessou por completo. O rosto tornou-se pálido, os braços moveram-se convulsivamente, o corpo inteiro estremeceu e os pés, após um tremor intenso, ficaram rígidos.

O pânico que se apoderou dos presentes — o meu irmão, a minha esposa e a minha irmã — foi superado apenas pelo espanto que se seguiu, quando a doente, que tinha sido levada para o sofá, começou de súbito a falar de olhos fechados:

"Graças a Deus!", exclamou de forma pausada e solene, erguendo os braços. Os seus traços faciais haviam-se transformado de maneira notável — e claramente para melhor. Como viria a acontecer em todas as crises subsequentes, o seu semblante adquiria, em relação ao estado de vigília, uma expressão significativamente mais espiritual e expressiva. As faces readquiriram gradualmente a sua cor. Pouco depois, cruzou as mãos sobre o peito e repetiu:
"Graças a Deus! Que estado glorioso, resplandecente e belo é este em que me encontro!"

A minha irmã, M.,* perguntou-lhe como se sentia, mas ela não respondeu diretamente. Em vez disso, irrompeu numa efusão de alegria, exclamando:

"Ah! Tu também estás comigo?"

E agora, abrindo ligeiramente os olhos com um sorriso rápido e afável, voltou-se para a minha irmã, fitou-a fixamente e disse-lhe:

"Tu és boa — oh, tão boa! Amo-te com ternura!"

Também reconheceu a minha esposa e o meu irmão C., que ainda não tinha reparado estarem presentes, e comentou:

"O C. e a R. (a minha esposa) brilham todos, tal como tu, M." (Pausa.)

"Ah! Também a ti te posso ver, H. — e também brilhas... mas... mas..." (falando lentamente, como se lhe faltassem as palavras para exprimir o que pretendia dizer), "com o H. é... é estranho... é como se o visse através de um véu de gaze. Contigo não é assim — vejo-te com nitidez."

(Depois de uma pausa mais longa):

"Se ao menos pudesse ver o meu pai também, isso alegrar-me-ia tanto! Tu podias trazê-lo, não podias, M.? Irás fazê-lo?"

Ao ouvir da minha irmã que o pai se encontrava a muitas léguas de distância, e que o seu desejo não poderia ser satisfeito, ficou triste e disse:

"Ah! Como eu gostaria de o poder ver! Amo-o tanto... ele sofreu tanto..."

Subitamente exclamou:

"Ah! Agora vejo-o — e a minha irmã C. está com ele! Que alegria a minha!"

Por fim, viu também a minha irmã L. em R. e disse sobre ela:

"Ela também é boa; tem um semblante claro e afável."

Entre estas expressões, durante esta primeira crise ainda imperfeita, houve intervalos em que parecia estar completamente desperta. Nesses momentos, frequentemente dizia, num tom queixoso e com um olhar melancólico:

"Ah... aqui está tudo tão sombrio!"

Contudo, este estado natural durava apenas alguns minutos, e logo regressava ao estado mais elevado. Após permanecer neste estado durante cerca de uma hora e meia, imóvel e em silêncio — salvo pelas expressões referidas —, com a respiração quase impercetível e os olhos semicerrados, as suas mãos e depois os braços e as pernas começaram, de repente, a tremer. Seguiram-se então agitações mais intensas e espasmos de todo o corpo, que duraram vários minutos com breves interrupções. Por fim, inspirou profundamente, como num suspiro, e despertou.

Olhou em redor com surpresa, perguntou o que lhe tinha acontecido e sorriu com incredulidade quando lhe contaram os factos, dos quais não conservava a menor recordação. Fora isso, sentia-se bem e com mais força.

O nome da irmã de Ray, assim como o do sujeito, começa com R. Para evitar equívocos causados pelos sonâmbulos serem indicados por esta letra, escolhi outra para a minha irmã.
† H. (Henry) é o meu nome, o do autor. Durante esta primeira crise, encontrava-me noutro

local, a duas léguas de distância da paciente.
‡ "Se alguém (no mundo espiritual) pensar noutra pessoa com afecto e desejar sinceramente vê-la e falar com ela, aparece imediatamente diante dele." — D. P. 50. Esta e várias outras passagens são citadas de Swedenborg e consideradas pertinentes, com base na ideia de que a sonâmbula se encontrava, de certo modo, numa condição semelhante à de um espírito desencarnado, estando, portanto, sujeita às leis que regem o mundo espiritual. Ver a sua própria declaração nesse sentido, adiante. — Tr.

5 de Abril

Os dois dias seguintes ao primeiro ataque passaram com um conforto razoável. Não surgiram dores nem cólicas visíveis; no entanto, o estado emocional da paciente encontrava-se profundamente afetado. Chorava com frequência, sem conseguir apontar uma razão concreta, falava em estar cansada da vida e não havia forma de a animar.

Na tarde do dia 5 de Abril, foi novamente acometida por opressão no peito e no pescoço. A respiração tornou-se rapidamente curta, difícil e ofegante; o rosto escureceu e inchou. Passadas algumas crises de sufocação, durante as quais foi deitada no sofá, reapareceram os espasmos convulsivos descritos nos primeiros ataques, agora com intensidade agravada. Estes duraram cerca de oito minutos, sendo seguidos por uma rigidez total do corpo. A respiração e o pulso mal se sentiam; o rosto estava pálido como a morte, e os traços fisionómicos assemelhavam-se aos de alguém em agonia.

Neste estado, peguei-lhe na mão. Mal o fiz, todo o corpo se agitou convulsivamente, o semblante clareou, a cor regressou ao rosto, e ela disse, num tom rápido, segurando-me a mão:

"Ah, estás aqui? Que bondade, que grande bondade! Dá-me a tua mão, por favor, Alberto!"

— Vês-me então, mesmo com os olhos fechados?

"Agora só vejo a tua mão, a brilhar intensamente; mas dentro em breve ver-te-ei por inteiro."

— E como me vês?

"Com a minha mão... mas não te sei explicar como. Estás aqui comigo, eu sinto-o."

— Quem sou eu, então? Não disseste agora mesmo 'Alberto'?

(Sorri.) "Essa é uma pergunta estranha. Tu és Alberto, é esse o teu nome."

— Enganas-te; não sou Alberto, nem assim me chamo. O meu nome é Henrique, como bem sabes.

"Mas acabaste de me dizer, há um momento, que o teu nome era Alberto."

— Não, não disse isso. Estás enganada. Quem é esse Alberto de quem falas?

(Reflete por instantes.) "Ah, tens razão, enganei-me. Ainda estou meio no vosso mundo, e há pouco não conseguia ver claramente a realidade. Sim, tu és uma pessoa diferente de Alberto. Não te vi com nitidez porque a tua vida e a de Alberto estão unidas. Não posso explicar-te isso agora, fá-lo-ei mais tarde; por enquanto, ainda estou com a vista demasiado embaciada."

Não me reconheces pela voz, que tão bem conheces?

"Oiço as tuas palavras, sim, mas não da forma habitual, pelo ar e pelos ouvidos."

E porquê?

"Não sei bem, mas agora não consigo compreender isso com clareza."

Há pouco falaste do 'nosso mundo' — estás então noutro mundo que não este?

"Sim — tal como o entendes. De facto, todos habitamos o mesmo grande mundo, mas neste momento a minha alma vive uma outra vida, diferente da vossa, e isso constitui para mim outro mundo — embora ainda seja também o vosso. É verdade que agora não o conseguis ver, porque as vossas almas estão presas."

Onde está então a tua alma?

"Numa região gloriosa, muito acima da terra triste."

Fora dos limites da atmosfera?

"Sim, muito, muito acima."

Mais de doze léguas de altura?

"Sim, ainda mais."

Estás próxima da lua?

"Não, a lua está ali." (Apontando para baixo, a sudoeste.)

Não consegues dizer onde crês estar?

"Sei com certeza que a minha alma não está na Terra; mas não consigo descrever o local — não sei porquê. Os meus olhos ainda estão demasiado enevoados."

(Quando tentei retirar a minha mão, que até então ela segurara firmemente, disse com alguma contrariedade:)

"Isso não pode ser, não deves deixar-me."

Não pretendo deixar-te; ficarei contigo.

"Bem, mas preciso da tua mão também, faz-me muito bem."

Estás no estado magnético?

"Sim, é assim que as pessoas lhe chamam."

Como sabes isso?

"Vejo-o agora, mas quando estou acordada, não compreendo."

Caíste espontaneamente neste estado; isso não é comum. Normalmente, requer-se uma ação externa, provocada por outra pessoa, para que isso aconteça.

(A sorrir:) "Não foi totalmente espontâneo. Tu e as tuas irmãs magnetizaram-me sem saber. Eu, enquanto estava desperta, também não fazia ideia disso. Agora vejo claramente como aconteceu. Os meus nervos absorveram algo de vós, no estado de vigília; especialmente o teu sistema nervoso exerceu uma influência benéfica sobre mim."

Porque o meu em particular?

"Não te consigo explicar neste momento, mas fá-lo-ei mais tarde."

(Após uma pausa:) "Agora gostaria de repousar um pouco sem falar mais; será o melhor. Mas deixa-me ficar com a tua mão; senta-te ao meu lado."

Assim permaneceu, dormindo tranquilamente durante cerca de três quartos de hora. Após esse período, começou a agitar-se, o que se evidenciava por ligeiras contrações nos braços e no rosto.

O que te causa essa inquietação?

"Alguém tocou em mim."

A minha irmã M. tinha-lhe tocado. (O meu irmão C. fez a mesma experiência, com o mesmo resultado. Ela tremeu ainda mais e disse:)

"Isso magoa-me."

(Quando voltou a estar tranquila, perguntei-lhe:)

Consegues ver também a minha esposa e as minhas irmãs?

"Não, só te vejo a ti por completo — e ao Alberto. Não vejo mais ninguém."

Mas o C. está mesmo ao teu lado; deverias vê-lo.

"Sinto, de facto, uma influência alheia, mas não vejo ninguém."

(Toquei no C. com a minha mão esquerda; de repente, ela exclamou, sacudindo o braço esquerdo:)

"Agora vejo-o, mas não com nitidez. No entanto, ele tem um nome diferente no meu mundo."

Qual é?

"Ainda não o consigo pronunciar, é demasiado difícil para mim."

Tu também tens outro nome onde estás?

"Sim. No estado de vigília chamam-me R., mas no mundo superior o meu nome é Felicitas."

(Pausa. Solta a minha mão, junta as suas e reza com solenidade. Passados cerca de cinco minutos:)

"Ah! Também me é permitido ver-te? Estás aqui, minha irmã? Sim, és tu — pareces-te com o meu pai."

A quem estás a ver?

"A minha irmã, que morreu em criança, e que eu nunca conheci na Terra."

(Ela reza novamente em silêncio, apenas com os lábios a moverem-se. Após um quarto de hora:)

"Ah! Agora tenho de regressar à sombria Terra. O meu Alberto está a deixar-me; isso entristece-me."

(De repente é tomada por espasmos e regressa ao estado natural, com os mesmos sintomas prolongados que precederam o estado magnético. Acordou após cerca de duas horas nesse estado e ficou muito surpreendida ao ver-se deitada no sofá, rodeada por todos nós. O resto do dia mostrou-se extraordinariamente bem-disposta e disse que não se lembrava de se ter sentido tão bem havia muito tempo.)

* *"A fala de um anjo ou de um espírito com um homem é ouvida com tanta sonoridade como a fala de um homem com outro; contudo, não é ouvida por outros que estejam por perto, mas apenas pelo próprio; a razão é que a fala de um anjo ou espírito flui primeiro para o pensamento do homem e, por um caminho interior, até ao seu órgão da audição,*

movendo-o assim de dentro para fora; já a fala de um homem com outro flui primeiro para o ar e, por um caminho exterior, até ao órgão da audição, movendo-o de fora para dentro."
— H. & H. 218.

† Ao que foi dito acima, é apropriado acrescentar que todo o homem, mesmo enquanto vive no corpo, está, quanto ao seu espírito, em sociedade com espíritos, embora não o saiba; um homem bom encontra-se, por meio deles, numa sociedade angélica, e um homem mau numa sociedade infernal.
— H. & H. 138.

‡ Assim também fui conduzido pelo Senhor aos céus e também às terras do universo, e isto quanto ao espírito, enquanto o corpo permanecia no mesmo lugar. — H. & H. 163.

No mundo espiritual, todos são nomeados de acordo com a qualidade da sua vida. — Ap. Ex. 676

8 de Abril

(Das 9h às 12h da manhã)

Já pelas oito da manhã, R. queixava-se de opressão e enjoo no estômago. Ao longo de meia hora, surgiu dificuldade respiratória. Estas duas perturbações alternaram até às nove. Por esta altura, surgiram espasmos leves, seguidos de outros mais intensos nos braços e nas pernas, e a respiração passava a ocorrer apenas a intervalos crescentes, com expirações violentas e inspirações ruidosas. Após uma luta que durou cerca de três minutos, sobreveio uma forte agitação espasmódica de todo o corpo, que durou talvez oito segundos. Seguiu-se então uma calma geral: o rosto tornou-se sereno, os traços assumiram uma expressão celestial, e os olhos voltaram-se para cima, semicerrados. Um sorriso tranquilo e afável precedeu a primeira pergunta da paciente:

"Cumpriste a tua promessa então, meu Alberto? Isso deixa-me muito feliz. Estás aqui — realmente aqui? Como me fazes feliz!"

(Depois de uma pausa:) "E não vieste sozinho? Trouxeste um amigo contigo? Isso é muito gentil da tua parte. Mas tu brilhas muito mais do que o teu amigo."

- *Há dois princípios hereditários no homem: um derivado do pai, o outro da mãe; o que provém da mãe é algo corpóreo, que é dissipado durante a regeneração; mas aquilo que o homem herda do pai permanece por toda a eternidade. — A. C. 1414*

(Pausa.) "Fizeste uma viagem, meu Alberto? Para ti, de facto, não existe distância."

Ah, estiveste em Berna? Também lá assistes uma pessoa doente?"

(Pausa, após a qual perguntei:)

Diz-me, por favor, quem é esse Alberto de quem falas?

"É o meu acompanhante, invisível para mim no estado de vigília — o meu espírito protetor. Ah, devias vê-lo! Gostaria que o pudesses ver. Mais tarde poderei falar mais dele. Por agora, peço que não me faças mais perguntas sobre ele."

Quem está com o Alberto?

"É um dos seus amigos. É estranho — eu conheço-o, e no entanto não consigo dizer quem é.

Aqui, ele chama-se Amandus."

Conheces esse amigo? Ainda vive na Terra?

"Não, está morto. Saberás mais sobre ele mais tarde."

(Intervalo de meia hora, durante o qual os seus lábios se movem. Os traços alternam entre seriedade, atenção, reflexão, satisfação e ternura. Finalmente, diz em voz alta:)

"Falei com o Alberto. Ele disse-me que estou no estado magnético e que, se dormir nele, recuperar-me-ei. Oh, profunda gratidão a ti, meu anjo da guarda! Ajudar-me-ás — e ajudarás também o querido amigo que está ao meu lado e que colocará a mão sobre mim — a recuperar completamente a saúde."

Então é para seres tratada magneticamente?

"Sim."

E quem deve fazê-lo?

"Tu, só tu. A tua influência sobre mim é benéfica. O Alberto não encontrou ninguém, nas minhas condições, através de quem pudesse atuar sobre mim, a não ser tu."

Todos os deslocamentos no mundo espiritual ocorrem por mudanças no estado dos interiores, de modo que os deslocamentos não são outra coisa senão mudanças de estado. Assim se movem todos os anjos; por isso, para eles não existem distâncias nem espaços, mas, em vez disso, estados e as suas mudanças. — H. & H. 192.

† Assim que os bebés são batizados, anjos são designados para eles, pelos quais são mantidos num estado de receção da fé no Senhor; e à medida que crescem e chegam ao exercício do seu próprio direito e da sua própria razão, os anjos da guarda afastam-se, e eles associam-se a si mesmos a espíritos que fazem um com a sua vida e fé. — T. C. R. 677.

‡ Fui instruído de que, com cada homem, há dois espíritos angélicos junto à sua cabeça, pelos quais o Senhor protege os homens, cuja função é moderar e controlar os espíritos malignos que se aproximam, além de várias outras coisas relativas à verdade e ao bem do homem. — S. D. 3525.

§ Em geral, anjos de cada sociedade são enviados aos homens para os guardarem. — H. & H. 391.

A fala de um anjo ou de um espírito com o homem é ouvida com tanta sonoridade como a fala de um homem com outro; contudo, não é ouvida por outros que estejam por perto, mas apenas pelo próprio. — H. & H. 248.

Estou completamente disponível; mas o tratamento magnético não poderá prejudicar a minha saúde? Sabes que ainda agora recuperei de uma doença grave e continuo a sentir os seus efeitos.

"Não, não te fará mal algum. Não deves magnetizar-me da forma habitual; isso prejudicaria a ambos. Apenas deves colocar a tua mão sobre a boca do estômago, ou onde eu te indicar."

Ainda assim, receio que me possa fazer mal. Da última vez que estive em contacto contigo, senti opressão no estômago, cansaço e perda de apetite. Se isso continuar, será motivo de preocupação.

"Oh, preocupação! Não te assustes. Vi e senti isso há três dias, e acabei de falar com o Alberto sobre o assunto. Ele pode aliviar esses sintomas com facilidade, e prometeu-me que o fará."

Não te preocupes. Hoje não sentirás qualquer incómodo por me tratares. Terás apetite, sentir-te-ás bem ao longo de todo o dia e dormirás tranquilamente durante a noite.

Como pode o Alberto causar isso?

"Ele diz que, embora sejas tu a fornecer a força vital necessária ao meu tratamento, ele próprio te retribuirá imediatamente, a partir da sua própria energia vital, aquilo que de ti fluir — afirma que não pode agir diretamente sobre os meus nervos, já demasiado excitáveis, pois uma tentativa nesse sentido seria fatal para mim."

Mas como se explica que a sua força vital possa fluir para mim sem me causar dano, sendo que o meu próprio sistema nervoso também não é particularmente robusto?

(Ela reflete em silêncio, e depois diz:)

"Perguntei ao Alberto; ele respondeu que não é habitual, nos tratamentos magnéticos, que o magnetizador receba de volta a força que transmite; mas, como a tua influência me é tão benéfica, ele afirma que, por estares disposto a dar-me essa vantagem, está autorizado a restituir-te essa energia — o que, no entanto, não poderá ocorrer de imediato, pois te prejudicaria grandemente; só acontecerá depois de estares em união comigo — só então não te fará mal."

Referes-te a essa ligação magnética? Como é que isso serve de meio?

"És lento a compreender. É evidente que, quando a minha vida e a tua se tornam uma só, nenhum de nós possui algo separado do outro. Quando tal acontece, o Alberto pode fazer fluir a sua energia vital, comunicando-me a mim e a ti, unificada."

**Assim também pode um espírito ser preenchido por outro, até ao ponto de não saber senão que é o outro.*
— D. F. 2.

Ainda assim, não compreendo plenamente.

"Explico de forma mais clara. Pela relação magnética, como lhe chamas, a tua vitalidade e a minha tornam-se uma e a mesma coisa; fundem-se. Um fluxo passa do teu sistema para o meu. E, quando ambos estão unidos dessa forma, o Alberto pode partilhar a sua força sem que tal nos cause dano. Compreendes agora?"

Mesmo que não compreenda, acredito em ti.

"Não tem importância. Em breve sentirás por ti mesmo que tenho razão. Mas agora preciso de conversar com o Alberto."

(Ela permanece imóvel, depois de tomar a minha mão e a colocar sobre a boca do estômago, durante meia hora. Por fim, pergunto:)

Podes dizer-me qual é propriamente a tua doença?

"Vejo para dentro do meu abdómen; é a zona mais afetada. (Pausa.) O peito também está bastante comprometido. No abdómen, os nervos estão mais escuros do que no resto do corpo, e em algumas zonas aparecem manchados, sem nitidez. Isso é muito mau; ah, está mesmo com um aspeto preocupante!"

Não deverias tomar medicamentos?

"Oh, não! Isso agora só me prejudicaria. A tua mão e o Alberto são os meus melhores remédios; qualquer outro seria nocivo neste momento."

Também consegues ver o interior do meu corpo?

"Sim, é o que estou a fazer neste instante."

Mas tens os olhos fechados...

"Vejo agora de outra forma que não com os olhos. O meu olho está aqui."

(Ela pressiona a minha mão contra a boca do estômago.)

O que vês no meu corpo?

"A tua traqueia está fraca; deves ter muito cuidado e nunca falar em voz alta nem por muito tempo. O teu estômago também ainda não está em boas condições. A dificuldade na garganta está relacionada com isso. Ambas as perturbações alternam. É uma doença nervosa persistente, que te atormenta há muito tempo. O teu modo de vida atual é muito adequado; mantém-te fiel a ele. Neste momento, isso é melhor que qualquer medicamento, e com o tempo vais melhorar. Podes comer conforme o apetite, mas mantém os alimentos que sabes que te fazem bem. Só deves tomar medicamentos em caso de verdadeira necessidade — o que, no entanto, não se antevê."

** Quando os anjos se voltam para o homem, unem-se a ele de tal forma que não sabem senão que as coisas que pertencem ao homem são deles — o homem, por sua vez, também não sabe senão que as coisas que fluem através dos anjos são suas.*
— H. & H. 252.

Como consegues afirmar tudo isso com tanta precisão?

"Eu sei. Eu vejo. É como te disse."

Também consegues ver o sistema da minha irmã M.?

"Não, não a vejo de todo."

(Eu seguro na mão da M., o que provoca um tremor espasmódico no corpo da paciente, que dura apenas alguns minutos. Depois ela diz:)

"Agora já a vejo. Também consigo ver o seu sistema, mas não com clareza suficiente. O Alberto também não quer que eu olhe mais a fundo; neste momento isso exigiria demasiado esforço. Gosto muito da M.; ela é muito boa. Mas não deve aproximar-se muito de mim; ainda me afeta. (Após breve reflexão.) Ela também sofre do estômago. Não melhorará sem descanso — sobretudo descanso interior, paz mental; embora, neste momento, o repouso físico também lhe fosse benéfico. Ambos são essenciais. Se os tiver, melhorará."

(Segue-se uma pausa silenciosa. A paciente começa então a movimentar os músculos faciais de forma singular e extremamente rápida. Após este episódio nervoso, os seus braços, mãos e, por fim, apenas os dedos, movem-se com extraordinária rapidez durante cerca de cinco minutos. Depois cruza as mãos, os pés tremem durante o mesmo período e ela ora em silêncio. Finalmente, fala:)

"Oh, Alberto, que sensações maravilhosas! Que profunda alegria por estar contigo. (Pausa.) Como? Queres levar-me contigo para uma morada encantadora? Isso é glorioso. Ah! Que bela paisagem! Que aparências resplandecentes há aqui! Ah, que beleza! És tão bondoso, Alberto — deste-me uma grande alegria."

Para onde te levou o Alberto?

"Para uma região encantadora, que não posso comparar a nenhuma outra que tenha visto."

Onde fica esse lugar?

"O Alberto diz que é nas proximidades do Sol. Existem aqui seres completamente diferentes dos humanos. São muito mais puros e nobres."

Disseste nas proximidades do Sol, e não no próprio Sol?

"Sim, disse isso, e o Alberto confirma. Tu não acreditas que possam existir seres nessas regiões, mas existem. Vejo o Sol — e esses seres não estão nele, estão perto."

** Lá (no céu) existem terras e lagos, montanhas e colinas, planícies e vales, fontes e rios, paraísos e bosques.*
— T. C. R. 693.

† Os espíritos de cada planeta estão próximos do seu respetivo planeta, porque provêm dos habitantes desse planeta e têm um génio e temperamento semelhantes.
— E. U. I. nota (h).

— Talvez os habitantes desse astro se elevem das suas moradas para essas vastas regiões?

"Isso não sei; o Alberto não menciona tal coisa. Mas vejo claramente estes seres junto do Sol." (Pausa.)

"Oh, se a Terra fosse tão bela, tão gloriosa como este lugar — onde não há paixões humanas — seria bom viver lá. Toda esta vida superior consiste em amor; tudo aqui provém do amor. É ele que origina toda a felicidade que reina neste lugar elevado."

E nós, cá em baixo, não poderíamos ser igualmente felizes?

"Sim, poderíamos, se ao menos fizéssemos o que devíamos… Mas nós, humanos, somos tantas vezes ímpios, e por isso tão pouco amorosos! Não, não é possível… não é possível." (Pausa.)

Move a tua mão um pouco mais acima, em direção à boca do estômago. (Eu obedeço, e ela diz, sorrindo:)

"Ah! Agora vejo tudo com mais clareza e nitidez; mas não faças mais perguntas agora. O Alberto está a conversar com o seu amigo." (Ela aparenta escutar com atenção. Pouco depois começa a chorar.)

Porque choras?

"O Alberto está a contar ao seu amigo, que conhecia bem o meu pai, a sua história. Ele conhecia-me, e à minha família inteira na Terra. Eu própria vi-o muitas vezes. Mas agora, de facto, está diferente de como era antes, e não consigo dizer quem é. Também ele é muito bom — senão, não poderia ser amigo do Alberto. Mas está ainda muito, muito aquém dele."

(Pausa breve; depois, para mim:)

"Em breve serás chamado para escrever algo."

(Mal acabara de o dizer, a porta abriu-se e fui chamado para redigir um pedido de fruta. Durante a minha ausência, segundo a minha irmã M., a paciente permaneceu completamente imóvel, de olhos fechados, com um sorriso sereno no rosto. Quando regressei, ela retomou o discurso sobre o Alberto:)

"Não consigo expressar o quanto o meu Alberto é bom — não há nele uma única centelha de maldade. Amor, Verdade, Fé, Humildade — tudo nele se harmoniza perfeitamente. Estas qualidades formam uma figura gloriosa no outro mundo. Aqui… oh, aqui…"

*"Quando estas (coisas corporais) são removidas, o amor torna-se então mais puro e, por fim, angélico, o que significa amar o próximo mais do que a si mesmo; pois nos céus o seu deleite é fazer o bem ao outro, e não sentem prazer em fazer o bem a si próprios, a não ser para que tal bem possa tornar-se de outrem, ou seja, por amor ao outro."

t "Quando o espírito do homem entra pela primeira vez no mundo dos espíritos, o que acontece pouco depois da sua ressurreição, conserva um rosto e um tom de voz semelhantes aos que tinha no mundo. Mas, posteriormente, o rosto transforma-se e torna-se completamente diferente."

X "Pois cada um se torna o seu próprio amor, não apenas no que respeita ao interior, que é da mente, mas também ao exterior, que é o rosto, o corpo e a fala; cada um se torna, assim, a imagem do seu próprio amor. E também a fala; pois cada um se torna a efígie do seu próprio amor, mesmo nos aspetos exteriores.
— H. & H. 481.

"A bondade e a caridade são aquilo que forma e modela uma semelhança de si mesmas, e fazem com que o deleitoso e o belo da caridade resplandeçam nas mínimas partes do rosto, de tal modo que elas próprias são formas de caridade."

"Ah, como isto é glorioso! Na Terra ele ainda não era tão puro como é agora. Ah, como sou ainda imperfeita, quando me comparo com ele! No estado de vigília, sou muitas vezes imperfeita; tenho muitas falhas. Oh, Alberto, agradeço-te por me ser permitido estar contigo, onde me sinto inexpressivamente feliz."

(Depois de uma pausa, para mim:)

"Tu também estás aqui novamente? Isso é gentil da tua parte; por favor, coloca a tua mão esquerda mais uma vez sobre o meu estômago."

(Pausa.)

"Hoje o meu Alberto está inteiramente dedicado a mim, na sua missão."

Qual é a sua missão?

"Curar e fazer o bem. Oh, é tão bom estar com ele. Mas, por maior que seja a minha alegria por estar neste mundo superior, tanto maior é a minha dor ao saber que sou forçada a regressar. Aqui, tudo é alegria, amor e felicidade; aqui vejo seres a moverem-se cheios do

mais profundo amor e amizade. Sente-se, de forma involuntária, uma atração por eles. Como me alegraria se também pudesses participar na conversa deles, se pudesses falar com o Alberto. No entanto, ele está agora bem perto de ti."

Como pode isso ser, se afirmas que estás num mundo superior com o Alberto? Eu estou aqui, neste quarto.

"O Alberto aproximou-se de ti em espírito; está, por assim dizer, na tua alma; não te espantes por ele poder, no mesmo instante, estar também nos lugares mais distantes do mundo superior. Ele está, como que, presente em toda a sua vasta esfera de ação, onde quer que deseje estar — tal como um pensamento. Ele gosta muito de ti; mais tarde, contar-te-ei mais sobre ele."

Fico feliz por ouvir isso. Mas como explicas que há uns dias me confundiste com o Alberto?

(R. reflete.)

- *— Forma essa que, quando contemplada, é uma beleza indizível.*

— H. & H. 114.

- *Estes ofícios dos anjos são os seus encargos gerais, mas cada um tem a sua missão particular.*

— H. & H. 392.

† A vida angélica consiste na utilidade e na prática de obras de caridade — é destes ofícios que recebem um deleite que não pode ser descrito: assim, são imagens do Senhor; assim, amam o próximo mais do que a si mesmos; e assim, o céu é céu para eles. Por isso, a felicidade angélica está na utilidade, provém da utilidade, e é conforme a utilidade, ou seja, de acordo com os bons ofícios do amor e da caridade.
— A. C. 454.

‡ Os anjos, quando estão com os homens, habitam, por assim dizer, nas suas afeições, e estão próximos do homem na medida em que este se encontra no bem a partir das verdades.
— H. & H. 391.

§ Assim também pode um espírito ser preenchido por outro, até ao ponto de não saber senão que é o outro. Isto foi-me mostrado muito frequentemente.
— D. P. 90.

— Sabes o que significa a palavra "confundir"?

"Sim, significa tornar um só, fundir, misturar. Confundi-vos porque ainda não estava elevada a este mundo superior como estou agora. O meu olho interior ainda não estava preparado para ver. Mesmo agora, só consigo ver o Alberto através da tua influência vital, onde a tua imagem está presente, e é através dessa imagem que vejo o meu Alberto. Não consigo explicar bem como vejo com o meu olho interior; é como se estivesse a olhar através de ti. Se estivesses no meu estado, compreenderias facilmente." (Pausa.)

Acreditas que o Alberto está mesmo aqui comigo?

"Tu acreditas em mim com tanta confiança, e isso basta para te assegurares de que ele está. E ele não se aproximaria tanto de ti se não gostasse de ti, nem te teria escolhido como meio de operar sobre mim."

Consegues explicar melhor como é que a influência dele sobre ti se modifica através de mim?

"Só te posso dizer que dele emana uma força superior, que flui como um rio através de ti para mim, e que te faz bem ao mesmo tempo — como já te disse. É verdade que não consegues compreender totalmente."

O Alberto, então, é outra pessoa, uma verdadeira segunda pessoa distinta de mim?

"Sim, exatamente."

O teu Alberto está há muito tempo entre os habitantes do mundo superior?

"Isso não sei, e neste momento não me é permitido perguntar. Talvez mais tarde me seja dado saber. Ele é tão bom, e faz tudo para me agradar; mas devo manter-me dentro dos limites apropriados." Como sabes quais são esses limites?

"Basta-me olhar para ele, e sei imediatamente qual é o meu dever." (Pausa.)

"Hoje está vestido de branco — branco como a neve — e segura uma vara dourada nas mãos." (Para mim:)

- *Existem esferas, que podem ser chamadas esferas espirituais, que fluem continuamente — sim, transbordam — de cada espírito; fluem do princípio activo das afeições e dos pensamentos consequentes, ou seja, da própria vida.*
— E. U. 64.

† Acrescentarei esta experiência, que é comum no mundo espiritual: um espírito pode infundir os seus pensamentos e afeições noutro espírito, e este último não sabe senão que são os seus próprios pensamentos e afeições; a isto se chama lá, pensar a partir de outro e pensar em outro.
— D. F. 312.

‡ Os anjos menos inteligentes têm vestes brilhantes e brancas, mas sem esplendor.
— H. & H. 178.

§ Pois o rosto do espírito do homem difere muito do rosto do seu corpo.
— H. & H. 457.

"Tu também estás diferente de como te vejo com os olhos no meu estado habitual — estás mais belo."

E a que se deve isso, estando eu aqui ao teu lado no meu robe de casa?

"Porque agora vejo-te com o olhar da alma; o teu rosto tem muito mais expressão — a tua alma está ali refletida."

(Eu tiro uma pitada de rapé.)

"Dói-me o nariz… (sorri) — acabaste de tomar rapé."

(R. fica então quieta durante cerca de um quarto de hora, como se a meditar, depois inquieta-se, abre a boca várias vezes, mas não fala.)

O que te perturba?

"Estive a conversar com o meu Alberto."

Sobre o quê?

"O Alberto disse-me claramente que não devo contar-te. E quando ele me impõe algo, devo obedecer-lhe sem hesitação, mesmo que tu queiras o contrário. Dá-me também a tua outra mão. Assim! Agora sinto como se tivesse numa mão a tua, e na outra, a do Alberto. A força dele atua sobre mim especialmente através da tua mão esquerda; pela tua direita, ele já fez fluir poder para ti — o que também me beneficia." (Pausa.)

"Mas agora — ai de mim — o Alberto acaba de dizer-me que terá de me deixar em breve…"

Isso angustia-me profundamente. Ó, Alberto, rogo-te que regresses em breve — Quando voltarás? Ah, voltarás hoje? Por volta das quatro horas? Excelente! Não faltes, peço-te!

(A minha irmã M. aproxima-se do seu leito, sem que R. a consiga ver de todo.) Diz a M. que a sua proximidade não me é penosa; porém, por ora, não deve aproximar-se demasiado. Tenho de me ir habituando gradualmente. Percebo que este pedido a magoa um pouco; contudo, é absolutamente necessário. Mas M. é boa, compreenderá.

(Em consequência de estar sentada desconfortavelmente e inclinada para a esquerda, sinto uma dor aguda nos músculos do lado direito, embora não o mencione a ninguém. Mas ela apercebe-se e diz:)

Dói-me o lado direito; senta-te de forma mais direita — A tua mão surtirá o efeito desejado, se a colocares muito suavemente sobre a boca do estômago. (Pausa.)

Sinto-me muito quente, não soprarás sobre mim? — Que queres dizer? — "Quero que sopres, mas não com força, no meu rosto."

(Assim o fiz.)

Ah, isso refresca, isso alivia. (Após alguns segundos:)

Já basta — Quando eu acordar, sê amável e prepara-me uma bebida. — Como deve ser preparada? — Em dois copos de água, deita vinte e uma gotas de sumo de limão e adiciona um pouco de açúcar; mas só tu a deves preparar.

** O rosto do corpo vem dos pais, mas o rosto do espírito vem da sua afeição, da qual é imagem.*
— H. & H. 457.

— Assim o farei. — "Também te pedirei que sopres sobre ela e que passes os teus dedos por cima — vê — (fazendo os passes magnéticos) assim." — Assim o farei. — "Sim, farás de boa vontade, eu sei, e todo o teu desejo é ajudar-me — Contigo, sim, contigo recuperarei a saúde. Mas não posso permanecer agora aqui em Schnaith; a tua partida aproxima-se.

O meu Alberto diz-me que amanhã devo partir para R., e o que ele me diz, devo fazê-lo sem questionar. Mas que não me ausente por muito tempo, meu Alberto; caso contrário, o meu corpo sofrerá demasiado. Mas ouvirás depressa essa notícia." (Pausa.)

Sim, ele concede-me o pedido; poderei voltar a ver-te; mas então já não estarás em Schnaith. Quando será, não me diz. (Pausa.)

"Sim, devo partir amanhã; sou esperada em R.; porém, tenho um pedido a fazer-te."

Qual é o teu desejo?

"Não me será benéfico caminhar amanhã de manhã até Endersbach (onde a carruagem para Estugarda a apanharia); é desejável que eu vá a cavalo."

Isso será tratado; não te preocupes. Mas a viagem não te será prejudicial? — "Não me trará benefícios à saúde; ainda assim, se não estiver separada de ti por muito tempo, os efeitos negativos poderão ser revertidos." (Após um intervalo mais longo de silêncio.) Tenho ainda algo a dizer sobre o meu estado físico e o teu. Na doença por que acabaste de passar, os nervos abdominais foram os mais afetados; o estômago e o fígado foram atingidos apenas de forma secundária.

A tua afeção é nervosa, e é necessário que continues a cuidar de ti. Mas segue apenas o meu conselho, mantém o regime que estás a seguir e não te deixes afetar em demasia por coisa alguma; não te preocupes com o que não diz diretamente respeito a ti, e remete cada coisa ao seu lugar, com serenidade, até que se esclareça. Não te deixes perturbar excessivamente com o que é exterior. Tens de vencer-te a ti mesmo. Alberto ajudar-te-á, se tal for demasiado difícil para ti.

** Em geral, anjos de cada sociedade são enviados aos homens para os guardarem e os afastarem das más afeições e, consequentemente, dos maus pensamentos, e para lhes inspirarem boas afeições, na medida em que as possam receber em liberdade; e é também por meio disso que regulam os atos ou obras dos homens, afastando, tanto quanto possível, as más intenções.*
— H. & H. 391.

Por agora, não tens razões para receares pela tua saúde. Mas se não me obedeceres, ela será arruinada. O teu sistema nervoso é muito delicado e foi enfraquecido pelos ataques anteriores — circunstância, no entanto, de grande vantagem para mim. Se tentares magnetizar-me da forma habitual, prejudicar-te-ás gravemente. Já o fazes, de certo modo; mas há um ser superior a ambos que nos trata, de certa forma, como um médico. Enquanto me estás a tratar, Alberto pode constantemente transmitir-te nova vitalidade. (Pausa.)

O médico que te tratou no teu último ataque é excelente, conhece bem a tua constituição. Continua a seguir os seus conselhos. Por vezes, precisarás da sua ajuda, devido a diversos incómodos. Mas não tenhas receio, não há motivo para tal.

(O meu irmão C., que se tinha ausentado do quarto por um breve período, regressa agora. Olhei para ele, com intenção de lhe fazer uma pergunta. Nesse momento, R. diz:)

Vejo o C.; (ao desviar o olhar dele) já não o vejo; mas com esse único olhar vi algo nele que não devia estar presente.

O que é?

"Ele não acredita no magnetismo, porque não o conhece, e é algo completamente novo para ele. Pensa que não falo verdade ao dizer que me encontro num mundo superior. Isso magoa-me, mas acabará por acreditar; verá em breve que está enganado. Oh, neste estado, seria impossível dizer algo que não fosse verdade."

(Na realidade, assim era, pois C. confessou posteriormente que duvidava secretamente dos fenómenos do magnetismo animal.) "Porque é que ele não deixa de tomar rapé?" (Eu tinha acabado de tomar uma pitada, o que a levou a enrugar o nariz e a manifestar sinais de espirro, embora sem chegar a fazê-lo.)

"Tenho ainda algo mais a dizer sobre mim antes de despertar. Deves preparar-me a limonada depois do almoço — não devo beber mais café. Custa-me, pois gosto muito, mas afeta-me os nervos. O leite também não me faz bem. Tenho de variar o pequeno-almoço de vez em quando. Amanhã, tomarei uma única chávena de chá fraco com leite pouco gordo. No dia seguinte, quero chocolate de saúde, mas apenas uma chávena."

**Os espíritos não conseguem ver nada, através do homem, que pertença a este mundo solar, mas viram através dos meus olhos o céu, quando me foi concedido contemplar a própria terra. E. U. VII.*

Diz-me isto quando eu acordar, caso contrário, beberei café em R. Alberto diz que devo beber chocolate sem especiarias, até que ele ordene de outro modo. Quanto aos alimentos ao longo do dia, não preciso de ter grandes cuidados. Os de difícil digestão, esses sim, são prejudiciais. Mais adiante, o meu estômago ficará pior no início; isso virá de ti, e tu beneficiarás com isso, enquanto eu não sofrerei. Se Alberto me permitir ir a Schwaikheim, devo caminhar bastante, sobretudo pela manhã. Nessa altura, também devo beber água logo ao acordar, o que também te fará bem; portanto, adquire esse hábito; apenas evita fazer exercício após as refeições. (Pausa.)

O meu Alberto diz-me novamente que nunca devo ser magnetizada — por isso, nunca o deves tentar.

(Alguém entrou no quarto, aflito por ter perdido ou extraviado um objeto doméstico, e anunciou-o dizendo ao mesmo tempo que R. saberia onde o dito objeto se encontrava, e que eu devia perguntar-lhe. Assim fiz; mas mal comecei a falar, ela disse:)

Sei o que vais dizer, mas não gosto desse tipo de perguntas; nunca lhes responderei — são apenas por curiosidade e não servem para nada de bom.

(Nesse momento, descobriu-se que a carta para Schorndorf, que deveria garantir um lugar na condução que partia no dia seguinte com destino a Estugarda, via Endersbach, não tinha sido enviada. Ficámos todos inquietos com o sucedido e ponderámos se não seria necessário enviar um mensageiro com a carta. Mas R. declarou:)

Isso não é necessário, conseguirei um lugar em Endersbach amanhã; entretanto (sorrindo), isso provocará uma troca.

(De facto, quando ela chegou de manhã cedo a Endersbach, todos os lugares estavam ocupados, mas um passageiro ofereceu-se para ceder o seu lugar e ir sentado junto ao condutor.)

(Voltando-se para mim:)

"Não sentes hoje nenhum cansaço, pois não? Sim, sentes-te bem; estás mais forte do que estavas esta manhã cedo."

(De facto, senti um vigor e bem-estar em todo o meu corpo como há muito não experimentava, e, depois dos acontecimentos já descritos, isso surpreendeu-me grandemente.)

"Mas agora é tempo de despertar. Ah, como o meu Alberto me conduz com rapidez! Que visão tão bela oferece a Terra à distância! Como voltaste depressa comigo à Terra, Alberto. Permanecer ali contigo seria o meu mais profundo desejo. Mas tem de ser assim! Ah, ele parte, deixa-me!"

(De súbito, surgem espasmos nos membros; ela agita-se, como em luta dolorosa, range os dentes e os seus braços assumem posições estranhas. Depois dá-se um tremor geral de todo o corpo, e, passados alguns segundos, abre os olhos — por volta do meio-dia, após três horas de sono. Levanta-se de imediato e toma a refeição com apetite. Tal como ela se surpreende com o que lhe relatamos, também nós ficamos impressionados com a mudança repentina na sua forma de falar, agora ligeira e despreocupada, em contraste marcante com a fala solene, pausada e pura durante o estado de crise.)

8 de Abril

(Quatro horas da tarde)

Náuseas, cãibras e tremores acompanham a transição para o estado superior, exatamente como acontecera pela manhã, às nove. Pede-me, depois de se iniciarem os espasmos, que não me aproxime até que a sua intensidade diminua, pois seria prejudicial para ambos. Finalmente, pede-me que coloque a minha mão esquerda sobre o seu estômago; nesse instante, surge um forte estremecimento do corpo inteiro, seguido, após um profundo suspiro, de tranquilidade e alívio geral, que se refletem numa expressão serena no seu

rosto. Logo, começa a falar com voz baixa e pausada, como de costume, sem que lhe dirijam a palavra.

"Ah! Meu Alberto, meu companheiro bondoso, voltaste! Sim, é-me permitido estar contigo mais uma vez." (Pausa.)

"Mas desta vez, ele vem só; o seu amigo não o acompanha." — Onde esteve Alberto entretanto? — "Muito longe; em muitos lugares; mas também esteve ocupado na Terra." — Onde? — "Na Baviera."

Qual era a sua missão ali?

"Curar, fazer o bem, semear alegria, aliviar a dor — essa é a sua vocação, e ele ama-a."

Em geral, anjos de cada sociedade são enviados ao homem. — H. & H. 391.

† Que o amor divino é a própria vida, e que, por conseguinte, o amor que pertence ao homem é a sua vida, é confirmado por muitos testemunhos — mas o mais notável desses testemunhos é a consideração de que o espírito do homem...

Que o amor divino é a própria vida, e que, por conseguinte, o amor que pertence ao homem é a sua vida, é confirmado por muitos testemunhos — mas o mais notável desses testemunhos é a consideração de que o espírito do homem nada mais é do que afeição, e que, por isso, o homem, após a morte, se torna uma afeição; se for um anjo, uma afeição de bom uso, e se for um espírito do inferno, uma afeição de mau uso.
— D. L. 9.

"Ah, entristece-me saber que amanhã terei de deixá-lo. Mas tenho de partir, sim, amanhã, e isso entristece-me profundamente." (Chora. Após longa pausa:) "Ele promete, tanto quanto lhe for possível, proporcionar-me alívio mesmo sem a tua presença, mesmo à distância. Diz que o motivo de ter vindo até mim duas vezes hoje é porque, durante algum tempo, não poderá estar comigo como desejaria. Oh, és tão bom, meu Alberto."

(Pausa. Com as mãos juntas, ela reza:)

"Agradeço-Te, Pai misericordioso, que olhas com ternura para as necessidades de todos os Teus filhos, por me teres enviado um médico tão compassivo, um guia tão fiel no meu Alberto. Oh, ajuda-me a nunca esquecer a gratidão que Te devo, pois só a Ti ela pertence." (Um longo intervalo de silêncio.) — Para onde me levas, Alberto? Ah, novamente para uma região suave e bela?

"Sim, aqui posso encontrar alívio."

Onde é essa região? Novamente nas proximidades do Sol?

"Sim, lá de novo. Mas, por favor, retira o anel da tua mão esquerda, causa-me dor no estômago." (Assim que atendi ao seu pedido, disse:)

"Assim está melhor. O ouro desse anel não é tão puro como o do que usas na mão direita. A mistura dos metais provoca-me uma tensão desagradável no estômago e no abdómen. Não sei ao certo porquê. Tem cobre. Cada metal, por si, teria um efeito distinto. Assim é, embora não o consiga explicar."

(Depois de um tempo de silêncio:) "Ah, meu Alberto, és tão bondoso. Estás a levar-me para o Sol? Ah, como é belo aqui! Um jardim magnífico estende-se perante os meus olhos, adornado com flores perfumadas."

Então há flores a florescer perto do Sol?

"Sim, sem dúvida, mas tu não as poderias ver com os teus olhos; são de natureza completamente diferente — muito mais delicadas, como luz e fragrância, e, no entanto, são flores."

** Aos (anjos) que estão na inteligência, aparecem jardins e paraísos repletos de árvores e flores de toda a espécie.*
— H. & H. 176.

† Pois as coisas que existem nos céus não podem ser vistas pelos olhos do corpo do homem, mas sim pelos olhos do seu espírito.
— H. & H. 171.

‡ Mas as coisas que aparecem nos céus, embora em grande parte semelhantes às que existem na Terra, não são semelhantes quanto à sua essência.
— H. & H. 172.

Percebo isso, e o meu Alberto confirma-mo. (Move os lábios em silêncio, e uma serenidade encantadora e um ar de alegria espalham-se pelo seu rosto. De repente, torna-se séria, e os seus traços revelam concentração e atenção.) Ah, vejo anjos! Que majestade! Que glória! Não consigo suportar tal esplendor... Será então esta a morada de muitos bem-aventurados que outrora viveram na Terra?

Foi o teu espírito guardião quem te disse isso?

"Sim, vejo nele que assim é." (Pausa.) "Oh, seres exaltados! Formas sublimes que um dia pisaram a Terra, contemplo-vos com profunda reverência. Sim, vós escapastes a todas as misérias que ainda nos oprimem aqui. Nada mais sabeis dos sofrimentos terrenos, dos, tantas vezes, amargos padecimentos da vida humana." (Ela chora em silêncio — longa pausa.)

Para a acalmar, digo-lhe: Fala com o teu Alberto e pergunta-lhe quais são os afazeres desses seres elevados.

"Não posso fazê-lo neste momento; pois ele também está absorto, contemplando os anjos." (Pausa.) "Imagina, até o meu Alberto, este espírito puro, curva-se com humildade e reverência diante destes seres superiores. Agora Alberto voltou-se novamente para mim, mas não consigo discernir nele quais os ofícios que eles desempenham. Oh, como te

agradeço, meu Alberto, por me teres mostrado o lugar por onde eles passaram; que júbilo foi esse para a minha alma!" (Longa pausa.)

"Doce Paz! Só neste mundo superior habitas em toda a tua plenitude! E que amor aqui reina! Só amor, só fé, diz o meu Alberto, e a felicidade que delas advém enche estes altos domínios. Oh, se eu pudesse dizer isto a toda a humanidade! A mim também, ó Pai, me acolherás como Tua filha. Eis que também eu estou repleta de confiança em Ti, embora seja fraca, uma simples mortal frágil. O Teu amor, a Tua infinita misericórdia, fazem-me encontrar graça aos Teus olhos. Disto estou certa. Quão abençoado é regozijar-me em Ti! Já saboreio, em antecipação, essa alta felicidade."

- *Eles (os anjos) foram vistos por alguns e causaram espanto.*

— H. & H. 411.

† Por isso, eles (os anjos) desejam que eu afirme, da parte deles, que em todo o céu universal não existe um único anjo que tenha sido criado como tal desde o princípio, nem no inferno qualquer demónio que tenha sido criado como anjo de luz e lançado para baixo; mas que todos, tanto no céu como no inferno, são da raça humana.
— H. & H. 311.

Os anjos no reino celestial do Senhor excedem grandemente em sabedoria e glória os anjos que estão no reino espiritual.
— H. & H. 25.

† Contudo, eles (os governadores) possuem honra e glória; habitam no centro da sociedade, mais elevados do que os outros, e também em palácios magníficos; aceitam essa glória e essa honra, mas não por causa de si próprios.
— H. & H. 218.

§ Há duas coisas íntimas do Céu, a saber: a inocência e a paz. Chamam-se íntimas porque procedem imediatamente do Senhor. A inocência é aquilo de onde provém todo o bem do céu, e a paz é aquilo de onde provém todo o deleite do bem.
— H. & H. 285.

O estado do reino do Senhor é um estado de paz, e todos os estados felizes derivados do amor e da fé no Senhor existem num estado de paz.
— A. C. 925.

(Ela reza com as mãos juntas e erguidas ao rosto, visivelmente comovida, por muito tempo, em silêncio. Por fim, deixa cair as mãos e diz:)

"Estive num grande Templo, para onde Alberto me levou. Ali foi-me permitido orar com ele. Rezei pelo meu pai e por mim. Também por ti rezei, meu benfeitor, por quem recuperarei a saúde. Deus renovará a tua saúde — acredita e confia n'Ele. Mas agora escuta! O meu Alberto pede-me que te diga que, para restabeleceres a transpiração nos pés, tão benéfica para a tua saúde, deves continuar por mais algum tempo a aplicar a placa de betume nas plantas dos pés.

A transpiração não voltará a manifestar-se tão intensamente como nos teus primeiros anos — mas isso é natural, e não é necessário. Só deves ter sempre cuidado em não deixares os pés, e especialmente as plantas, arrefecerem. Sempre que os tiveres frios, sentirás desconforto na parte superior do corpo. Nunca deixes, no entanto, a placa mais de dez a catorze dias aplicada — a transpiração altera o betume e este perde o seu efeito. Mas vejo que a transpiração já voltou. Isso é muito bom." (E realmente assim era.)

"Devo ainda dizer à tua irmã M. que, sendo a afeção dos seus olhos originária da juventude e estando relacionada com o estado geral do seu sistema nervoso, só pode esperar alívio poupando os olhos. Tem o hábito de ler muito e por longos períodos, está cheia de preocupações, e chora com frequência. Isso não lhe faz bem. Deve poupar mais os olhos — os medicamentos pouco poderão ajudar." (Pausa.)

"Devo ainda dizer a C., quanto ao seu olho esquerdo, que a calamina não lhe faz bem; basta que tenha o cuidado de o lavar todos os dias com água fria. A água pura, neste caso, é melhor do que quaisquer misturas."

** Por isso, a felicidade angélica está na utilidade, provém da utilidade, e é conforme a utilidade, isto é, de acordo com os bons ofícios do amor e da caridade.*
— A. C. 454.

† E eles prepararam-se, acompanharam o anjo e entraram; e eis que o templo era grande, com capacidade para cerca de três mil pessoas.
— T. C. R. 750.

‡ O culto divino nos céus não é diferente do culto divino na Terra quanto aos aspetos exteriores, mas quanto aos interiores, difere. Nos céus, tal como na Terra, há doutrinas, há pregações e há templos.
— H. & H. 221

"Mas agora tenho de deixar de falar; Alberto quer que eu fale com ele e que o meu corpo descanse totalmente." (Ela permanece imóvel durante mais de três quartos de hora, respirando tão suavemente que quase não se percebe — apenas o colorido delicado das faces e um sorriso ocasional nos lábios revelam sinais de vida. Por fim, move os braços, ergue-os e exclama:)

"Alberto! Alberto! não me deixarás, pois não?" — "Não, ele apenas se afastou ligeiramente. Já está de novo comigo."

(Eu tinha-me levantado nesse momento e retirado a minha mão do seu estômago; e então voltou-me a ocorrer que a ideia de Alberto como um ser distinto de mim seria fruto da imaginação, e que ela ainda me confundia com uma criação da sua própria mente. Mas ela disse, de repente:)

"Ah, enganei-me; retiraste a tua mão, e deixei de ver Alberto distintamente. Agora que a voltaste a colocar, vejo-o de novo com clareza. Neste momento, está bem perto de ti — como se fosse um contigo."

Mas disseste que ele e eu éramos dois seres distintos?

"E disse bem; sois, sem dúvida, duas almas, pois tu estás na Terra, e ele no mundo superior — nesse sentido, sois dois seres. Mas quero dizer que as vossas essências, de ambos os lados, se fundiram. Não compreendo bem."

"Poderias compreender. Assim como dois corpos que se abraçam parecem formar apenas um, assim é aqui. A alma dele permeia a tua — é uma espécie de abraço celeste."

Peço-te, contudo, que perguntes a Alberto se somos duas pessoas distintas; gostaria de uma resposta precisa dele quanto a este ponto.

"Ele diz que sim, que sois duas almas, mas, neste momento, espiritualmente uma só — ele está, por assim dizer, entrelaçado contigo, e aproxima-se tanto porque te ama. Acrescenta que, enquanto viveu na Terra, os seus sentimentos eram muito semelhantes aos teus, e que por isso sente um apego especial por ti."

(Uma ligeira tremura apodera-se dela.) — Porque tremes?

* *Acrescentarei esta experiência, que é comum no mundo espiritual: um espírito pode infundir os seus pensamentos e afetos noutro espírito. — D. P. 312*

† *Todas as coisas estão associadas de modo extremamente delicado nos céus, de acordo com todas as diferenças de amor ao Senhor, de amor mútuo e da fé que daí se origina. — A. C. 2449*

Alberto tornou-se muito sério comigo. Pediste-me, com boa intenção, que lhe perguntasse se ele e tu eram duas pessoas distintas. Senti-me, no íntimo, magoada por isso e ofendida por não confiares apenas na minha palavra. O meu Alberto apercebeu-se disso e, não lhe agradando de forma alguma, retirou por alguns momentos o seu poder de mim. Mas reconheci imediatamente o meu erro, e agora ele voltou a ser amável e amistoso. Neste momento, está ao teu lado direito."

(Eu estendi o braço, apontei para a direita e perguntei:)

Está Alberto aqui?

"Sim, exatamente aí; deverás agora senti-lo mais nitidamente no teu corpo do que há pouco, quando estava mais próximo. A uma ligeira distância, a sua influência torna-se mais forte."

(De facto, senti no meu lado direito um calor surpreendente e invulgar.)

"Sim, é ele; sorri perante o teu espanto. Com que olhar tão afável te contempla!"

Gostaria também de ver o teu espírito guardião.

"Contenta-te, por ora; já o sentiste. Agora desejas vê-lo — mas isso não seria bom para ti. Ele conhece o teu desejo; porém, não suportarias a sua visão."

Quantos anos tinha quando faleceu?

"Trinta e seis. Conhecia-te desde criança e amava-te. Naquele tempo, via-te frequentemente."

Mas eu conhecia-o?

"Ele conhecia-te; isso deve bastar. Através de mim, aproximaste-te ainda mais dele."

Tenho alguma relação com ele?

"Sim (sorrindo), uma relação espiritual; sobre esse ponto, Alberto não quer dizer mais nada."

Pertencia à minha profissão?

"Sim, embora em vida ocupasse um grau mais elevado do que tu."

Era do ministério?

"Sim, da mesma vocação."

Era cidadão de Württemberg?

"A isso não posso responder!"

Há quanto tempo morreu? (Sem resposta. Após uma pausa:)

"Alberto não deseja ser questionado quanto à sua identidade pessoal; não quer ouvir mais perguntas sobre isso."

É, em geral, preferível não te fazer muitas perguntas?

"Oh não, continua a perguntar; se responder demasiado for prejudicial para mim, dir-to-ei sempre. Gosto que fales comigo e darei com prazer as informações que me forem permitidas. Espero apenas que faças as perguntas de forma a não exigirem demasiado esforço da minha parte — e mesmo isso, também to poderei sempre indicar. No presente, o meu estado magnético ainda não está suficientemente desenvolvido; ainda sei pouco que te possa ser útil. No futuro, poderei dizer-te mais. Mas agora devo novamente deixar o corpo repousar."

(Ela permanece imóvel durante algum tempo, com as mãos cruzadas sobre o peito. Pouco depois volta a falar:)

"Tive uma conversa com Alberto."

Sobre o quê?

"Deu-me vários bons conselhos, mas não me permite revelá-los; dizem apenas respeito a mim." (Pausa.)

"Mas agora é a hora habitual da tua refeição. Come alguma coisa, por favor, pois precisas."

Posso deixar-te esse tempo, sem que te prejudique?

"Podes comer aqui mesmo, ao pé de mim; há uma mesinha."

Assim farei. (Enquanto comia, ela disse:)

"Tens bom apetite, mas o teu assado está demasiado salgado."

(Era realmente o caso, embora nada tivesse sido dito sobre isso.)

"Podes beber um copo de cerveja. Pedir-te-ia que tomasses da minha limonada, se o sumo de limão fosse benéfico para o teu estômago. A cerveja faz-te bem. Evita completamente o vinho."

Que te poderemos dar a comer esta noite?

(Ela respondeu tão baixinho que tive de aproximar o ouvido da sua boca, ao que ela exclamou subitamente:)

"Ah, vejo o interior da tua cabeça; todos os nervos — ah, tudo tão claro; luz que se irradia por todo o lado. É uma visão gloriosa. Consigo distinguir as irradiações nas fibras do cérebro. Mas já sabia que não havia nevoeiro algum na tua cabeça."

Pensei que, nesse mundo superior onde dizes estar, não existia lisonja.

"Oh, não fales assim; agradece a Deus as tuas faculdades mentais; não tive essa intenção."

Sossega, estava a brincar. Referiste-te apenas à irradiação de luz material nos nervos da minha cabeça.

"É verdade — mas isso é natural."

(De súbito, fez um gesto com a mão e o seu rosto revelou dor.)

Que tens? O que se passa?

"Dói-me imenso o quarto dedo da mão esquerda."

Como posso aliviar-te? Queres que faça passes magnéticos?

"Não. Tens um anel de ouro fino, com brilhantes cravados; coloca-o por um momento, por favor, no meu dedo."

(O anel foi trazido, e mal colocado no seu dedo, a dor cessou.)

"É um efeito indescritivelmente forte que essas pedras e o ouro fino produzem nos meus nervos."

• *Acrescentarei esta experiência, que é comum no mundo espiritual: um espírito pode infundir os seus pensamentos e afeições noutro espírito. — D. P. 312.*

† *Todas as coisas são associadas de modo extremamente harmonioso nos céus, segundo todas as diferenças do amor ao Senhor, do amor mútuo e da fé que deles provém. — A. C. 2449.*

- *Que uma esfera natural flui continuamente, não apenas do homem, mas também dos animais, e até das árvores, frutos, flores e também dos metais, é algo geralmente conhecido. — A. C. 4446.*

(Em crises posteriores, este anel também revelou efeitos extraordinários, particularmente sobre os nervos dos olhos, conforme será referido mais adiante.)

"Ficar-me-á muito agradável se puder conservar o anel até amanhã."

Como desejares. Mas como ficará a tua saúde em R., depois da viagem para longe de mim?

"Alberto não pode aproximar-se tanto de mim lá, porque tu estarás ausente; mas virá e ajudará o quanto puder. Serei forçada a sofrer muito no peito; mas já me disse que voltarei a senti-lo mais intensamente do que em Schwaikheim. Ele não pode, nem deve, operar diretamente sobre mim — isso destruir-me-ia. A minha ausência não deve ser prolongada; seria prejudicial para mim." (Pausa.)

"Quando me será permitido voltar a saudá-lo em Schwaikheim, ainda não sei."

Escuta, R., quero fazer-te uma pergunta.

(Como não respondeu, repeti o que dissera, e então ela replicou:)

"Neste mundo onde agora estou, não me chamam R., mas sim *Felicitas*. Por isso, não me chames por esse nome."

Mas por que razão mudaste para um nome tão antiquado?

"Oh, é um nome belo; quando acordar, talvez já não me agrade, mas aqui é um nome muito apropriado — foi o meu Alberto quem mo deu."

Mas por que *Felicitas*? Tem esse nome algum significado?

"Alberto teve permissão para me dar um nome, e escolheu este porque uma amiga sua, a quem estimava muito na Terra e com quem, segundo ele, me pareço, se chamava assim."

Presumo que essa amiga também já morreu?

"Sim."

Nesse caso, ele pode estar com ela; então por que dar-te o nome dela como lembrança?

"Fazes muitas suposições. Ela está, sim, no outro mundo, mas não com ele — está numa esfera de esforço muito distinta."

(De repente, é fortemente afetada pela entrada inesperada de uma pessoa no quarto, que se aproximou rapidamente. Os espasmos que a acometem são aos poucos aliviados ao colocar uma das minhas mãos no seu estômago e a outra na testa. Após um longo momento de tranquilidade:)

> *Não se sabe que no mundo espiritual não existem nomes como no mundo natural, mas que cada um é nomeado segundo a qualidade do seu amor e da sua sabedoria; pois assim que alguém entra numa sociedade ou em participação com outros, é imediatamente nomeado de acordo com a sua qualidade ali.*
> *— D. P. 230.*

† *Por haver tal distinção entre os anjos do reino celestial e os anjos do reino espiritual, eles não estão juntos nem mantêm comunicação entre si.*
— H. & H. 27.

"Agora tenho de voltar para ti, é vontade do Alberto; ele tem de me deixar. Adeus, meu guardião, meu médico; em breve voltarei a ver-te."

(Ela junta as mãos e parece rezar em silêncio; logo é acometida por cãibras, tremores e dificuldades respiratórias, seguidos por uma breve tosse convulsiva e espasmos particularmente fortes nos pés, que duram alguns minutos — após os quais desperta, sem qualquer recordação do que se passou.)

De 9 de Abril a 5 de Maio

No dia 9 de Abril, R. partiu para R., sofrendo bastante durante a viagem devido a dores no estômago.

O estado magnético reapareceu já no dia 11, após violentas cãibras durante um quarto de hora, que afetaram sobretudo o peito, terminando por fim em convulsões dos membros. Esta crise ficou marcada por uma particularidade: a paciente permanecia, na maior parte do tempo, imóvel e silenciosa, e especialmente no início sentia dor com a aproximação de qualquer pessoa, o que se notava nos seus traços. A minha irmã L., na casa de quem R. estava hospedada, tentou aproximar-se da cama assim que o ataque começou, para prestar auxílio; mas ela queixou-se imediatamente:
"Dói-me, L., ter-te perto de mim."

Pouco depois, contudo, chamou-a e disse:

"Já suporto melhor a tua presença do que há instantes; já não me afeta tão dolorosamente."

Mas quando L. tentou colocar-lhe a mão sobre o estômago, R. não permitiu, nem sequer que a tocasse.

Após permanecer algum tempo em silêncio, exclamou subitamente:

"Ah, ele está aqui — o meu Alberto; mas só pode aliviar-me um pouco."

Rogou com fervor ao seu espírito guardião que a deixasse, em alma, ir até Schnaith, o que lhe foi concedido até ao ponto de conseguir ver o que o seu magnetizador e os que o rodeavam estavam a fazer.

** O mesmo se dá também com o homem, no que respeita ao seu espírito, e por isso ele pode igualmente ser assim transportado [isto é, por mudanças no estado das coisas interiores], enquanto o seu corpo permanece no lugar onde se encontra. — E. U. 125*

Quando, como disse, regressou, afirmou: "H. está sentado a escrever na sua secretária. C. vai à igreja. M. está ocupada na cozinha." Verificou-se posteriormente que tudo isto ocorreu em Schnaith exatamente à hora indicada. À pergunta da minha irmã L. sobre se recuperaria a saúde, respondeu: apenas com o teu irmão H., e pela imposição da sua mão, isso será possível; sem essa ajuda, dificilmente me restabelecerei. Não conheço ninguém além dele que possa operar sobre mim de forma tão benéfica.

Após algum tempo, ouviu, como assinalou com expressões de alegria, uma música encantadora, e viu-se transportada para uma região bela, embora desconhecida para ela. Posteriormente, teve uma cãibra dolorosa no terceiro dedo da mão esquerda, e disse: "Esse anel removeria a dor," pedindo a L. que me escrevesse para o solicitar e o obtivesse. "Mas," acrescentou, "ele deve usá-lo durante alguns dias no dedo, ou tê-lo consigo, pois isso suprirá, em certa medida, a ausência da sua presença." Em certa ocasião, durante esta crise, esfregou o nariz, observando: "Ele voltou a tomar rapé."

Quando o marido da minha irmã se preparava para se aproximar do leito, ela pediu-lhe insistentemente que não o fizesse e que se sentasse a alguma distância. Ainda assim, ouvia claramente as suas palavras, bem como as da esposa, e respondia sempre às suas perguntas. Indicou ainda, para si mesma, que não deveria consumir nada frio, nem ácido, e que evitasse qualquer tipo de especiarias. Despertou de um sono de cerca de duas horas, com as cãibras e espasmos que normalmente marcavam, nela, o início e o fim desse estado.

No dia 14 de abril, manifestou-se uma nova crise, acompanhada do ataque espasmódico acima referido, que durou das nove às onze da manhã. Nesse dia, R., conforme soube pelas cartas que recebi mais tarde, esteve muito agitada, predominantemente melancólica, e queixava-se de cãibras no estômago e de uma dor particularmente intensa no quarto dedo da mão esquerda. Coincidiu que, durante essa crise, chegou o anel desejado, cuja presença ela percebeu de imediato.

Pegou nele avidamente; e mal o colocou no dedo afetado, a dor cessou. A cãibra no estômago foi também aliviada ao pressionar o anel contra a boca do estômago. Seguiu-se um alívio geral, acompanhado por uma sensação de bem-estar.

** Há aqui (no Céu) dias de festividade designados pelo príncipe.*
— Nesses dias há concertos de música e cânticos nos lugares públicos. T. C. R. 745.

Alberto apareceu também nesta ocasião e permaneceu com ela algum tempo. À pergunta sobre como era possível que o seu espírito guardião, apesar de ela ter dito que só o voltaria a ver em Schwaikheim, lhe aparecesse ali, respondeu: "Não disse que ele não me apareceria de todo neste local, mas que não poderia aproximar-se tanto de mim, isto é, não poderia agir sobre mim com tanta intensidade como através de H. Por essa razão, não permaneceu comigo tanto tempo como em Schnaith."

A minha mãe, que vivia com a minha irmã, aproximou-se do leito; mas a sua influência também não lhe foi benéfica. Nessa ocasião, R. voltou a queixar-se mais de uma vez, embora sorrindo, franzindo o nariz e esfregando-o, dos meus frequentes repuxões de rapé, dizendo: "Porque é que ele não consegue deixar de tomar rapé?"

No dia 16 de abril, pelas duas da tarde, uma nova crise foi anunciada por enjoos, suspiros e dificuldade respiratória, e foi plenamente desencadeada pelos habituais espasmos, que duraram cerca de dez minutos. Quando o corpo se serenou, e a respiração se tornou leve, quase impercetível, ela cruzou os braços sobre o peito e disse: "Agora posso conversar mais longamente com o meu Alberto, deixem-me pois repousar."

Assim permaneceu por mais de três quartos de hora, na posição de quem havia falecido, sem doença prévia. Depois, os seus traços faciais revelaram, alternadamente, expressões de amizade, seriedade, atenção e uma melancolia silenciosa. Por fim, começou a agitar-se, e quando lhe perguntaram a razão, respondeu: "O meu Alberto não me concedeu desta vez o pedido de visitar Schnaith." Perguntei — Por que não, desta vez?

"Ele diz que não me fará bem, visto não estar em contacto com H., e visitá-lo apenas à distância só me tornaria mais inquieta." O marido da minha irmã havia escrito em papel diversas perguntas que pretendia colocar à sonâmbula e, como a sua presença não lhe era favorável, transmitiu-as através da sua esposa L., com quem um certo grau de ligação tinha sido restabelecido. No entanto, havia entre elas algumas que, embora corretamente respondidas, devem aqui ser omitidas. Perguntaram-lhe se no capítulo nono da Epístola aos Romanos se ensinava uma predestinação absoluta.

A esta, respondeu com grande seriedade:

"O que Deus não viu por bem revelar ao homem, este não deve procurar desvendar."

L. perguntou: "Devemos ser como crianças, não é verdade, na nossa fé?" (Com um sorriso afável:)

"Sim, esse é o caminho certo."

Perguntaram ainda se nas Escrituras Sagradas se ensinava uma *ἀποκατάστασις πάντων* (restauração de todas as coisas).

"Sim, toda a alma onde houver qualquer bem será finalmente salva." Seguiu-se então a pergunta: Que morte tiveram os apóstolos Pedro e Paulo? (Com esta questão, tornou-se muito inquieta, e todo o corpo começou a tremer.

Passado algum tempo, respondeu:) "Pedro morreu na cruz. Quanto à morte de Paulo, não o posso dizer. Mas não me façam mais perguntas destas, por favor. Não têm outro propósito senão o da curiosidade. (A sorrir.) Suspeito que a próxima pergunta no papel seja: quem será o próximo presidente da câmara em P. Mas a essa não responderei. É demasiado insignificante. Tais perguntas não servem a nenhum bom propósito."

Pouco depois, R. agitou-se novamente e disse:

"Chegou uma senhora e encontra-se no quarto contíguo."

À pergunta "Quem é ela?", respondeu com total acerto: "A Sra. H., de L.; acabou de perguntar à tua mãe como me encontro." (Após uma pausa:) "O meu Alberto não me voltará a visitar senão daqui a uma semana a partir da próxima segunda-feira, no dia 28 de abril; ah, terei de sofrer muito no estômago até lá. Mas ele diz que em breve poderei ir para Schwaikheim; quanto ao dia, no entanto, o meu Alberto não o determina."

Depois disso, repousou novamente durante bastante tempo, com os olhos fechados e os lábios movendo-se ocasionalmente. Antes de despertar, dirigiu-se uma vez mais à minha irmã e disse-lhe: "L., tu és bondosa; por isso foi ordenado que eu viesse ter contigo; o meu Alberto sabia bem que encontraria em ti um acolhimento cheio de amor." Por volta das quatro e meia da tarde, despertou com fortes cãibras no peito e espasmos nos membros.

Ainda há factos relevantes a registar sobre este dia. Durante a refeição do meio-dia, e no estado de vigília da paciente, a conversa recaiu sobre necrológicas e a forma como estas devem ser redigidas. Cada um deu a sua opinião sobre o estilo mais apropriado para tais anúncios públicos, ocasião em que R. comentou:

"Prefiro os anúncios breves e sentidos deste tipo. Há algum tempo li um no *Mercúrio Suábio*, que me agradou imensamente; dizia assim: 'Adormeceu suavemente a 15 de abril, após uma enfermidade de apenas dois dias, e passou a uma vida melhor, Jos. de Th., amada, honrada e admirada pelos poucos que verdadeiramente a conheceram; um caso raro de alguém em quem a simplicidade inocente e infantil se unia à mais rica e ampla cultura, e a um entendimento viril. Desta perda irreparável, etc.'"

**Se, pelo combate contra os males enquanto pecados, o homem tiver adquirido para si algo espiritual no mundo, por mais pequeno que seja, será salvo, e os seus usos crescerão depois como um grão de mostarda até se tornar numa árvore, segundo as palavras do Senhor, em Mateus, cap. xiii, 32. — D. L. 17.*

Foi-lhe então dito que o dia anterior era o próprio 15 de abril, que ninguém lera tal obituário, e que a jovem a quem se referia ainda se encontrava viva; mas R. insistiu com firmeza que, há pouco tempo, tinha lido claramente esse anúncio.

No domingo, dia 20, chegaram vários jornais em simultâneo, como é comum em R., onde não há distribuição diária, e entre eles encontrava-se o n.º 104, datado de 17 de abril, contendo exatamente essa necrológica, palavra por palavra; embora datada de 15, só fora impressa a 16. Ficaram todos ainda mais espantados com esta notável coincidência, pois R. não saíra sequer de casa, quanto mais da localidade, desde o dia 16, e não poderia ter obtido qualquer informação acerca da morte da jovem, de quem nem ela nem qualquer pessoa da casa tinha o mais vago conhecimento.

Quanto aos fenómenos que acompanharam a crise anunciada para o dia 28 de abril, nada pode aqui ser relatado, visto que nada foi posto por escrito ou comunicado por carta — salvo que as cãibras associadas foram semelhantes às anteriores.

No dia 4 de maio, o meu irmão C. visitou a doente em R. Esta já havia predito a sua chegada, de que ali nada se sabia nesse dia. Pelas 13h30, após um ligeiro mal-estar, sobrevieram as cãibras habituais, seguidas do sono magnético, que desta vez durou mais do que o habitual. As cãibras foram intensas, acompanhadas de convulsões assustadoras; houve crises de sufocação e, mesmo durante o sono, os espasmos e as dores violentas no estômago não cessaram.

O pároco R., de P., que por acaso estava presente, ofereceu os seus serviços e perguntou à paciente:

"Posso estabelecer contacto consigo?"

Ao que ela respondeu: "Coloque a mão sobre mim, e isso aliviar-me-á."

À pergunta seguinte: "Deseja que a magnetize?", respondeu negativamente e acrescentou:

"Peço-lhe que deixe de me tratar por vós. Não suporto ouvi-lo."

Durante este sono, prescreveu a si própria um chá de violetas e prímulas, que se revelou benéfico (cf. *História de duas Sonâmbulas*, paciente do Dr. Kerner).

No dia 3 de maio, R. ouviu uma voz chamar o seu nome, logo pela manhã, enquanto estava acordada na cama. Sentou-se e olhou em redor. Como não ouviu nem viu mais nada, deitou-se novamente; mas logo ouviu, uma segunda vez, a mesma voz a pronunciar distintamente o seu nome. Sentou-se novamente e então viu uma forma luminosa, que identificou como sendo a do seu magnetizador — eu próprio — a qual, no entanto, desapareceu após alguns instantes.

No dia seguinte (4 de maio), a minha irmã L. interrogou R., já em estado de crise, sobre esse fenómeno, e obteve como resposta que, de facto, ela me tinha visto. Nesse mesmo dia, R. predisse também que não voltaria a ter ataques magnéticos enquanto permanecesse em R. Quando lhe perguntaram porquê, respondeu: "Partirei para Schwaikheim; quando, ainda não posso dizer. Esta noite terei outra crise, na qual saberei a data da minha partida. O meu Alberto diz-me que não devo viajar na quarta-feira, pois nesse dia terei muitas cãibras." Pouco depois, despertou com as cãibras habituais.

Às nove da noite, foi acometida por horríveis cãibras e convulsões, que duraram até às onze e meia, terminando, por fim, numa rigidez geral. Os presentes temeram pela sua vida. No entanto, o movimento e a vitalidade regressaram gradualmente, e com eles a consciência desperta. Soube, mais tarde, pela minha irmã, que durante essa crise chorara e orara muito, e que, a certa altura, pronunciara audivelmente os seguintes versos:

Viver santa e morrer feliz,
Gloriosa então ressurgir,
E com os justos gozar, no céu,
A recompensa que aos maus é negada —
Que maior ventura pode haver?
Será, Senhor, que também me está reservada?

Entre os dias 6 e 15 de maio, não ocorreram mais sonos magnéticos; contudo, sofreu bastante com enjoos, cãibras no peito e no estômago. Por vezes, surgia rigidez passageira em certos membros, e noutras ocasiões, dores agudas que percorriam os membros. O seu estado de espírito era, na maioria do tempo, triste e lacrimoso.

16 de Maio

Nesse dia, R. chegou a Schwaikheim por volta das onze horas da tarde. Meia hora após a sua chegada, manifestou-se o sono magnético, precedido de náuseas e cãibras com cerca de dez minutos de duração. Mal entrou nesse estado, os traços do seu rosto, até então marcados pelo sofrimento, suavizaram-se; expressou uma alegria viva por estar novamente junto de mim, e falou com evidente satisfação da sensação de alívio que sentira quando coloquei a mão sobre o seu estômago.

"Por ora," disse, "não falarei muito hoje, pois estou exausta com a viagem."

Em conformidade com o seu desejo, deixámo-la repousar tranquilamente num sofá, e nenhuma pergunta adicional lhe foi feita.

Por volta da uma e meia, começou espontaneamente a falar:

"Ah, quanto me sinto fortalecida! Graças a Deus por me ser permitido estar aqui de novo! Se estivesses comigo em R., teria sido poupada a muito sofrimento. Mas assim foi determinado. A minha saúde deteriorou-se bastante durante esta longa ausência. A minha ligação contigo já estava estabelecida, e só agora percebo quanto a sua interrupção teve consequências negativas para mim. Mas tudo voltará a encaminhar-se — devagar, é certo, mas bem. O que foi perdido pode ser recuperado; não é demasiado tarde." (Pausa.)

"Tal foi a vontade de Deus, e essa há sempre de se cumprir, custe o que custar."

(Ela chora, junta as mãos e ora.)

"Sim, a Tua misericórdia estende-se também a mim, ó Deus de verdade. Eu sou, igualmente, uma planta do Teu jardim — até aqui me abençoaste com amor infinito; e continuarás a fazê-lo. No auge do seu florescimento, é quando a planta mais precisa de proteção; concede-me, pois, essa proteção. Creio firmemente que serás o meu apoio, e, amparada em Ti, as tempestades da vida passarão sem me atingir. Não, não fui plantada apenas para esta terra áspera; estou destinada a florescer de novo no jardim eterno do meu Deus." (Pausa.)

"Sinto muito calor; sê bom, sopra-me levemente no rosto." (Fi-lo; ao que ela comentou, sorrindo:) "O teu sopro tem o aroma mais delicado de damascos. Refresca-me e acalma-me."

Algum tempo depois, a minha mãe entrou no quarto, momento em que todo o corpo de R. começou a tremer intensamente; o mesmo acontecera pouco antes com a entrada do meu irmão C. Perguntei-lhe então:

"Não se pode fazer nada para evitar que fiques tão agitada quando alguém entra na sala?"

Ela respondeu:

"Nada pode ser feito quanto a isso; não o posso alterar, nem tu. É consequência do meu estado de excitação nervosa; dói-me sempre que alguém se aproxima, seja quem for — exceto tu. Mas especialmente dolorosa e opressiva é a presença daqueles cuja influência sobre os meus nervos não corresponde à tua; isso provoca sempre cãibras. Aquilo que anima os meus nervos muitas vezes não está em harmonia com o que anima os nervos dos outros. Não te sei explicar o que é isso, muito menos a natureza dessa diferença; mas sei, através do meu Alberto, em quem vejo claramente, que a causa pode residir tanto no corpo como no espírito. O estado de saúde e o modo de vida têm um efeito, e não menos os princípios e disposições da pessoa."

(Estas expressões foram extraídas dela por meio de uma série de perguntas que omito por brevidade.)

"Mas como podes sentir dor à aproximação de pessoas, mesmo antes de entrarem na sala?" — perguntei. "Todo o ser humano, mesmo desperto e saudável, tem uma atmosfera que o envolve, com certa extensão. A daqueles em estado magnético é mais ampla do que a dos saudáveis."

** Que o sangue se nutre a si próprio com substâncias adequadas provenientes do ar inspirado é evidente pela imensa abundância de odores e exalações que continuamente emanam de arbustos, jardins e plantações, pela grande quantidade de sais de vários tipos que se libertam com a água da terra, rios e lagos, e pela imensa quantidade de estrume, exalações e eflúvios animais com que o ar se encontra impregnado. É inegável que tudo isto penetra nos pulmões juntamente com o ar. E sendo assim, também não se pode negar que o sangue extrai desses elementos aquilo que lhe é útil, sendo úteis precisamente as substâncias que correspondem às afeições do seu amor. — Que os homens, no mundo, impregnam o seu sangue com elementos semelhantes, de acordo com a correspondência do seu amor, é uma consequência natural; pois aquilo que o espírito de um homem ama, disso o seu sangue tem desejo e atrai durante a respiração, segundo a correspondência. — D. L. W. 420*

"Sai, sim, flui de todo homem uma esfera espiritual proveniente das afeições do seu amor, a qual o envolve e se infunde na esfera natural que o cerca, de modo que as duas esferas se unem." — A.C. 414C.
Pois as esferas são, por assim dizer, as atmosferas dos espíritos nas quais eles vivem." — N.D. 3817.

Quando os dois entram em contacto e se fundem, surge em mim, por ser o mais sensível, aquela sensação de dor a que não consigo dar nome, e que os saudáveis não conseguem experimentar de todo. Contigo, no entanto, sucede o oposto; junto a ti, sinto-me confortável, porque aquilo que anima os nossos nervos está em harmonia. Mas, não será prudente que, durante a tua crise, esteja presente no quarto alguém além de mim? É, sem dúvida, aconselhável, para evitar más interpretações; contudo, peço-te que, enquanto eu estiver a dormir, ninguém além de ti se aproxime de mim.

É esse o meu desejo, assim como o teu; aos poucos, porém, habituar-me-ei à presença de outras pessoas. Para começar, de facto, será melhor estar a sós contigo. Que queres dizer com "para começar"? Refiro-me aos primeiros ataques, que surgirão em rápida sucessão. Nestes, no seu início, gostaria de estar a sós contigo por breves instantes, que eu mesma determinarei, até que a tua influência sobre mim seja restabelecida ao estado que lhe é destinado. Em espaços estreitos, a presença de estranhos, justamente nessa altura, afeta muito mais penosamente as nossas atmosferas.

Esse ponto pode ser respeitado, enquanto fores tu a dirigir. (Ela expressou então o desejo de descansar por mais algum tempo, e deitou-se tranquila durante cerca de vinte minutos. Subitamente, uma cãibra geral percorreu-lhe todo o corpo, e despertou animada e fortalecida, por volta das duas e meia da madrugada.)

Das sete às dez da noite:

Durante toda a tarde, R. sentiu-se bem. Por volta das seis, queixou-se de um desejo de vomitar e, em seguida, de dificuldade em respirar; por volta das seis e um quarto, foi obrigada a deitar-se, pois mal conseguia mover os pés, que sentia como dormentes. Cerca das sete, surgiram as habituais cãibras iniciais. Após cessarem, passados dez minutos, suspirou profundamente e, com um sorriso sereno, ergueu as mãos e os braços como se em direção a um ente querido distante, exclamando:

"Agora estás novamente mais perto de mim, meu querido Alberto, o teu poder celeste invade-me de novo com força; oh, como te agradeço." (Pausa.)

"Ah, vê, ele está novamente mesmo ao teu lado; um fluxo de luz parte dele para ti; vejo-o nitidamente. Que visão resplandecente!"

(Enquanto eu bebia cerveja de um copo, notei que, sempre que eu engolia, ela fazia o mesmo. Disse então:)

Pareces apreciar a cerveja. "Sim — é muito boa. Brincas e ris-te com tal coisa, mas é verdade. De facto, sinto-lhe o sabor."

Mas não levaste nada à boca e, mesmo assim, engoles e sentes-lhe o sabor? Como hei de compreender isso? (Ela sorriu.)

"Isso surpreende-te, mas é perfeitamente natural. Partilho as tuas sensações corporais; por vezes sou mesmo forçada a imitar os teus movimentos."

E isso vem de onde?

"Só consigo sentir através de ti. A minha vida e a tua tornaram-se uma só; aquilo que dá vida e sensação tornou-se algo comum a nós dois, de modo que já não somos duas pessoas."

Ainda assim, não entendo como podes sentir o que eu sinto.

"Imagina o meu corpo agora num estado próximo da morte; a força através da qual sentimos é comum a ambos e, quando provas algo, também eu o provo, por necessidade, através daquilo que nos dá vida em comum — o que todos os seres vivos possuem, mas que não consigo nomear."

Porque se movem a tua boca e o teu pescoço quando eu engulo? Isso parece sem propósito, já que sentes e saboreias o que tomo, embora o teu estômago nada receba.

"Isso deve-se ao facto de eu não estar morta."

Não compreendo.

"Compreende-me, peço-te. Ainda estou viva, mesmo quanto ao corpo. A minha alma continua no meu corpo, mas presa a ele apenas tenuemente, como se estivesse inerte. A alma ainda exerce domínio sobre ele, e o corpo obedece-lhe, por estar presente. Mas esse domínio só é exercido quando tu o desejas. E assim o meu corpo faz aquilo que tu queres."

Mas eu não desejei que engolisses!

"A minha alma também depende de ti através do corpo. Quando engoles, a minha alma sente imediatamente o impulso de fazer o mesmo. Doravante, isto acontecerá com mais frequência, pois estarei ainda mais intimamente ligada a ti.

**Todos os animais, grandes e pequenos, têm origem no princípio espiritual do grau último ou natural.* — D.L.W. 346

"Subsequentemente, acontecerá com menos frequência, e por fim cessará completamente."

(Passado algum tempo, aproximei do nariz uma garrafa de água-de-colónia que o meu irmão me havia dado. Aqui manifestou-se plenamente a veracidade da explicação que ela havia dado — pelo menos quanto ao resultado. O cheiro desse artigo nunca me agradou, enquanto ela, em estado desperto, gostava muito. No entanto, disse, no momento em que aproximei a garrafa do nariz:)

"Oh, não o faças; é-me desagradável. (Pausa.)

"Coloca, se quiseres, a tua mão um pouco mais acima, sobre a boca do estômago, e tenta operar curativamente sobre mim com o teu poder vital através da mão."

Como poderei fazê-lo, e de onde te surgiu esse pensamento?

"O meu Alberto disse-me para to pedir." Mas como devo proceder? "Alberto diz que basta que o desejes."

(Fiz o que ela indicara, e imediatamente o seu corpo elevou-se gradualmente, até que repousava apenas sobre o topo da cabeça e os calcanhares. O movimento e a postura assustaram-me ligeiramente, e ela recaiu subitamente, dizendo:)

"Não tenhas receio; está bem, muito bem — assim deve ser. Não deves fazer passes, mas o teu papel deve ser cumprido através da mão." (Tinha-me levantado do assento.)

"Ah, agora vejo-te melhor."

Porquê?

"Porque vejo através do estômago; vejo também com mais clareza, porque estás a pressionar com mais firmeza a tua mão. Enquanto estavas sentado, não te via por completo. Via a tua mão, e a tua cabeça através dela. Mas nem sempre é assim. A minha alma está frequentemente confinada, como por um encantamento, à boca do estômago e, nessas alturas, só consegue observar a partir desse ponto, como por uma abertura. Depois, volta a ver (mas apenas por um instante) o meu corpo e o teu, por inteiro. É como se estivesse a sair do corpo e a regressar, intermitentemente."

Mas o meu Alberto diz-me que devo agora repousar. (Ela deita-se tranquila por cerca de uma hora, com os braços cruzados, como de costume, sobre o peito. Depois, começa a falar novamente por iniciativa própria:)

"Ah, Alberto, quão gloriosa é a visão que me mostras!"

Onde estás com Alberto? "No Sol."

Estás sozinha com Alberto aí?

"Não, há aqui muitos seres que não conheço. Estou numa parte diferente do Sol daquela em que me foi permitido entrar anteriormente. Oh, como este estado me é agradável; a minha vida recebe alimento, a minha alma nutre-se aqui. Tudo o que é saudável está aqui reunido. Sim, deste modo não posso deixar de recuperar."

** Quando deixei o meu espírito entrar no corpo, não fui visto por ti, mas, quando o deixei sair do corpo, fui visto. —T. C. R. 280.*

O que encontras de saudável no Sol? "A vida flui para mim aqui; mas Alberto diz que devo permanecer aqui apenas por pouco tempo com a minha alma, para me preparar para passar à estrela da tarde, que de momento é mais adequada para mim." Dizes coisas muito estranhas. O teu corpo está na Terra; como podes falar de remédios que a tua alma vai buscar ao Sol para o teu corpo?

"Porque não o hei de dizer, se é realmente o que acontece? O meu Alberto diz que a minha alma extrai do poder vital do Sol uma porção para si, permanecendo ainda unida ao corpo.

Não há nada de inconcebível nisto; Alberto diz que assim é, e tu deves acreditar. Em Vénus, diz ele, é o mesmo. Apenas a influência desse planeta atua de modo diferente sobre a minha vida." Nada posso dizer quanto a isso, a não ser que não o compreendo.

"As tuas dúvidas não agradam ao meu Alberto." Não disse que duvidava.

"Mas foi isso que pensaste." (Aqui, ela tinha razão.) Quando serás transportada para Vénus? "Dentro de catorze minutos — e até lá devo permanecer completamente imóvel e falar apenas em silêncio com o meu Alberto."

(Passado um quarto de hora, ela move os braços com alegria e disse:)

"Agora estou lá." Onde? "Na estrela da tarde. Aqui também tudo é muito belo; mas a sua força vital não é tão penetrante como a do sol, embora a influência do sol seja mais suave e branda. No entanto, é aqui que devo permanecer; é melhor para a minha saúde."

(Segue-se uma pausa de vários minutos.)

"Onde me encontro agora, o calor não é intenso." Então a alma pode também sentir calor? "Na verdade, não é calor como o terreno, mas algo que lhe é aparentado; é mais elevado do que o calor terrestre. Não lhe consigo dar um nome, e ainda assim, diz o meu Alberto, provém do sol. A minha alma sente-o, e para nós, magnéticos, esta temperatura é a ideal."

**O calor do mundo não entra de modo algum nos céus, porque é demasiado grosseiro e é natural, não espiritual.*
—
H. H. 135.

t Algo será agora dito acerca do calor do céu. O calor do céu, na sua essência, é amor. Ele procede do Senhor como um sol, e esse sol é o amor divino no Senhor e do Senhor.
—
H. H. 133.

Porque os interiores dos anjos, vindos do bem divino que é do Senhor, estão no amor, e, por isso, os exteriores, que se aquecem a partir daí, estão no calor.
Daí vem que, no céu, o calor e o amor correspondem tão perfeitamente um ao outro, que cada um está num grau de calor conforme ao amor em que se encontra.
—H. H. 135.

Esse amor, procedente do Senhor como um sol, é sentido no céu como calor.

Estás sozinha com Alberto aí?

"Não, Alberto tem consigo, além de mim, mais três pacientes do sexo feminino que também são magnéticas, embora num grau superior ao meu. Elas são magnetizadas artificialmente. Têm todas mais ou menos a minha idade, e também hão de recuperar, como eu."

Quem está com elas quando Alberto não está presente?

"Têm os seus espíritos tutelares, como todos os outros, e também os seus médicos, que as magnetizam." Como é possível que Alberto, que é o teu espírito guardião, cuide também dessas outras pessoas, que, segundo disseste, têm os seus próprios espíritos tutelares?

"Isso é ordenação de Deus, e Alberto ama profundamente esta tarefa, que agora lhe está confiada como missão na vida superior. Esta é a sua função, até lhe ser permitido ascender a uma esfera de atividade mais elevada; mas não é essa a sua única ocupação — tem muito mais que fazer. É para ele o maior prazer ajudar, aliviar a dor e libertar os aflitos."

Essa é uma vocação que eu próprio gostaria de seguir depois da morte.

"Sê tão bom quanto ele é, e essa felicidade também poderá ser tua. Oh, mesmo na Terra, é uma bênção fazer o bem; mas no mundo superior, tal é recompensado mil vezes." (Pausa prolongada.)

"Se ao menos pudesse retribuir-te aquilo que estás agora a fazer por mim!" (Pausa.)

"Ainda assim, posso ao menos (colocando a mão sobre o meu estômago ainda debilitado) dizer-te como se encontra a tua saúde e dar-te algum alívio. Vejo o teu estômago; a cerveja que bebeste faz-te bem; mas não bebas mais do que um copo, até que te autorize. Não precisas de recear quanto ao teu estômago; está melhor do que pensas. Tudo ficará bem, se continuares a beber água todos os dias como de costume e fizeres exercício físico moderado."

(Estas últimas palavras foram proferidas tão baixo que mal as consegui ouvir.) Porque falas tão baixo?

Todos os deleites do céu estão unidos aos usos e encontram-se nos usos, porque os usos são os bens do amor e da caridade em que os anjos se encontram. Por isso, cada um tem deleites conforme são os seus usos, e também segundo o grau da afeição pelo uso. — H. H. 402.

t Para aquele que é bom, todos os seus estados de bem e de verdade — como os da amizade, da caridade e da inocência — são recordados (na outra vida) com os seus deleites e felicidades imensamente aumentados e multiplicados. — A. C. 868.

"O meu peito está muito afetado pela viagem e pelos dois ataques de cãibras antes de adormecer. Alberto, no entanto, diz que posso falar, e que isso não me fará mal. Mas agora desejo descansar um pouco; deixa a tua mão onde está." (Passado algum tempo, ela recomeça:)

"O meu lado direito dói-me; senta-te de forma mais confortável e a tensão no teu lado direito desaparecerá."

(No momento, pensava precisamente em mudar de posição para aliviar uma dor semelhante a uma cãibra no lado direito, causada por uma postura desconfortável.)

Nesse instante, fui chamado e, inadvertidamente, afastei-me bruscamente da paciente, dirigindo-me à porta do quarto. Mas mal me tinha afastado da cama quando ela gritou, levantando as mãos e o corpo na minha direção, e exclamou:

"Ó Céus, que dores lancinantes no meu peito! Suplico-te, volta — morrerei de certeza."

(Quando regressei, acalmou-se rapidamente, embora a respiração tenha permanecido por alguns minutos mais forte do que o normal, como a de alguém que correu. Pediu-me que, doravante, sempre que tivesse de me ausentar, a avisasse previamente e que o fizesse de forma lenta e com a promessa de regressar em breve. Quando assim procedi nas ocasiões seguintes, não houve consequências negativas, desde que a ausência não fosse demasiado prolongada, mesmo durante uma crise.)

"Mas agora", disse pouco depois, "o meu Alberto irá deixar-me em breve. O seu tempo passou, e devo regressar a ti novamente, ao modo de vida habitual."

Já deixaste Vénus?

"Não, mas Alberto acompanhar-me-á de volta dentro em pouco."

As outras três sonâmbulas ainda lá estão?

"Apenas uma delas."

Porque é que esta doença se manifesta sobretudo nas mulheres?

"Deve-se à peculiaridade do seu sistema nervoso e ao modo geral da sua vida corporal. Não posso responder de forma mais específica; não compreendo bem eu própria, e o meu Alberto permanece em silêncio."

Quando ocorrerá a próxima crise?

"No dia 19, às nove da manhã."

Não poderias, no futuro, organizar as tuas crises de forma a não interferirem com as minhas obrigações profissionais?

"Não posso, mas o meu Alberto, que é atento em tudo, saberá como gerir esse aspeto. Pergunta-lhe, peço-te."

(Olha para cima e para a direita, como de costume quando fala com Alberto, sem, contudo, abrir completamente os olhos, e após uma breve pausa diz:)

"Ele cuidará disso; não te preocupes."

** The second sort (of dreams) come by angelic spirits, particularly by those who are in front above to the right.—yl. C. 1976.*

(Depois de um intervalo de repouso.)

"Agora, minha alma, prepara-te para regressar ao teu corpo de pó." (Ela reza.)

"É da Tua vontade, ó Pai Celestial, que eu seja purificada neste corpo. Ó, quão abençoado é o Teu caminho connosco, pobres mortais! E eu também posso ter parte nele. Guarda, ó Pai, pela Tua graça, a minha vontade, para que Te seja sempre agradável; enche-me de fé e confiança em Ti. Só Tu, Senhor, sabes por que razão tenho de sofrer tão intensamente. Tu transformarás tudo para Tua glória e para minha salvação. Sustenta em mim, ao despertar, os bons propósitos que agora tomei."

"Ai de mim! Sou tão fraca, cedo tão facilmente à tentação. Sê comigo e faz-me sentir a Tua ajuda a cada momento. Também pela misericórdia que hoje me mostraste, ó Pai, Te agradeço. Restaurarás o meu corpo — creio-o, sei-o — à sua plena saúde original. Também o meu benfeitor, que se dedica inteiramente a mim, restaura, peço-Te, à saúde; toma-o sob a Tua proteção; sê o seu Guia; ele seguirá os Teus caminhos." (Pausa.)

"Oh, Alberto, estás agora prestes a deixar-nos! Oh, como és bom; nenhum de nós é ainda tão bom como tu — ainda trazemos connosco este corpo terreno —, mas também nós podemos ser tão bons quanto tu, se nos esforçarmos sinceramente por vencer-nos a nós próprios e sermos fortes em todo o bem."

(Após uma breve pausa, é subitamente acometida por um forte tremor; segue-se uma tosse ofegante que dura cerca de um minuto; depois vem um estremecimento geral do corpo e ela desperta.)

17 e 18 de Maio

Embora a nossa doente tivesse anunciado que a próxima crise ocorreria no dia 19 de Maio, caiu inesperadamente, no dia 17, pelas duas da tarde, num estado que, não sendo exatamente o mesmo do seu habitual sono magnético, lhe era contudo muito semelhante. Pelas uma e meia, queixou-se de dores violentas na cabeça e pediu-me que colocasse a mão sobre a sua testa. Assim fiz, e em poucos minutos sentiu alívio, mas caiu de imediato no sono já referido, durante o qual a sua respiração se tornava mais pesada e audível do que num sono natural, e ressonava sempre que eu passava a mão sobre o topo da sua cabeça.

Não respondia quando lhe dirigia a palavra, embora os seus traços faciais se contraíssem convulsivamente. Também não podia ser despertada, nem por chamamento, nem por agitação do corpo. Após permanecer nesta condição durante uma hora inteira, a sua respiração tornou-se repentinamente mais curta, o seu rosto iluminou-se, e todos os seus

traços adquiriram uma expressão jubilosa. Estive sentado por mais de uma hora no sofá onde ela repousava, a ler um livro, sem a tocar, salvo pelos breves momentos em que coloquei a mão na sua cabeça, como já mencionei.

De repente, começou a falar espontaneamente: "Alberto não está aqui."

Porquê?

"Ele não pode visitar-me antes do dia 19, nem tampouco necessito da sua ajuda antes dessa data." Mas vês-me, não é verdade? (Com alegria.)

"Claro que sim. Estás aí sentado, com toda a tua soberba de sabedoria." (Sorriu.)

Mas não sabes o que estive a ler, pois não?

"Aí estás muito enganado; é verdade que não consigo ler o teu livro a essa distância, mas sei o que estiveste a ler."

Como pode isso ser?

"Estiveste a ler sobre os loucos."

(Assim era; tinha diante de mim o livro *Investigações sobre a Natureza e Origem da Loucura*, de Alexander Crichton.)

Mas volta a tua atenção para mim por um momento e coloca a tua mão esquerda sobre o meu estômago. (Assim que o fiz, ela disse:)

"Agora vejo com mais nitidez a tua alma; também vejo onde está Alberto. Ah, ele não pode vir, mas ainda assim consegue ver-me." (Pausa.)

"Coloca a tua mão mais acima, se fazes favor, sobre a boca do meu estômago. Assim! mas..." (lentamente)

"...mas — mas..."

O que se passa? O que sentes?

"Estás um pouco enfraquecido, porque Alberto não está aqui. Vou pedir-lhe que resolva isso."

(De imediato, todo o seu corpo começou a agitar-se convulsivamente; empalideceu e ficou imóvel por um minuto. Logo em seguida, a cor e a expressão de alegria regressaram ao seu rosto, e disse:)

"Alberto é muito bom; prestou ajuda de imediato, mas não tem poder para vir até aqui." Como te ajudou? "Dirigiu-te um fluxo de luz proveniente do seu mais íntimo ser. Agora estou tranquila; não sentirás mais fraqueza."

(Assim foi, mesmo após a crise. Não falou durante meia hora, mas permaneceu imóvel, mexendo apenas os lábios de tempos a tempos, como se conversasse com alguém. Durante esse tempo, continuei a ler Crichton, sem lhe prestar atenção, embora a minha mão permanecesse sobre a boca do seu estômago.)

"Imediatamente, ao chegarem, eles exploraram minha memória em busca de tudo o que eu sabia: os espíritos podem fazer isso com extrema destreza; pois, quando se aproximam do homem, veem em sua memória todas as coisas que ali estão contidas."
— E. U. 11.

Finalmente, pareceu impacientar-se, dizendo com rapidez:

"Deixa esses loucos em paz e fala comigo." (Perguntei-lhe:)

Este estado em que entraste hoje de forma tão inesperada não te fará mal? "Oh, não, não te preocupes com isso — estados como este voltarão a ocorrer. Fui bastante prejudicada pela interrupção das últimas semanas; aquilo que perdi precisa agora de ser compensado, e estados desta natureza contribuem muito para isso.

Ainda não estou tão bem como quando comecei em Schnaith. Para recuperar o que perdi, ainda terei de passar por mais crises."

Então falarás de modo mais claro e animado do que até agora?

"Certamente."

Também verás com mais nitidez e ao longe?

"Sim, a minha recuperação seguirá um curso regular; no final, os ataques serão mais curtos, mais raros e mais semelhantes ao estado de vigília. Isso será sinal de que a minha cura está próxima."

O sono em que estás agora é um sono magnético imperfeito?

"Neste momento é perfeito, mas não o foi durante a primeira hora. Ainda assim, não consigo agora ver tão longe, nem desprender-me tanto do corpo como quando Alberto me dá força para isso."

Eu pensava que esse desprendimento não era sinal de força superior, mas de fraqueza.

"Isso é verdade; e Alberto, pela sua presença, impede que a minha alma se separe completamente do corpo; mas tu podes agir sobre mim com mais energia por meio de

Alberto, e através de ti essa separação benéfica é promovida. Nesse estado, vejo tudo com mais clareza.

Amanhã, às sete da manhã, entrarei num sono semelhante, que, no entanto, será breve; e nesse estado não terei qualquer sensação corporal externa — por vezes, a consciência habitual voltará por instantes. Esteja junto a mim então, quando me sobrevier uma cãibra no estômago, da qual te avisarei, e coloca a tua mão sobre mim." (Pausa de vários minutos. De repente, ergue o corpo, estende os braços na minha direção e diz rapidamente:)

"Preciso de te dizer uma coisa."

(No mesmo instante, porém, exclama:)

"Oh Alberto, não, prometo que não direi."

(Estremece violentamente.) O que te perturbou tanto?

"Isto acontece quando Alberto não está. Sou então frequentemente tentada a falar de forma imprudente. Mas graças a Deus, ele vê-me sempre e sabe o que faço. Agora mesmo, virou-se para mim de forma brusca, como se estivesse zangado, quando eu ia dizer-te aquilo, e vi nele que não teria sido bom contar-to."

Alberto ainda está aqui?

"Não, vi-o apenas por um instante."

Por que razão não seria bom para mim ouvir o que ias dizer?

"Acredita que é para teu bem; em poucos dias saberás e então verás como tudo foi bem feito. Mas agora falemos de outra coisa — ou melhor, tenho algo de que quero falar. Fizeste uma nova divisão das tuas turmas de alunos; é uma boa divisão, mas as pessoas ainda não a compreenderam bem, por isso há algum descontentamento; mas não te preocupes — isso passará. O mesmo acontecerá com esse novo método de assinalar as falhas da escola que implementaste, desde que procedas com cautela e, sobretudo no início, com indulgência. As pessoas ainda não compreendem bem a natureza dos teus planos. Os poucos descontentes trata-os com suavidade, e até esses acabarão por apaziguar-se." (Pausa.)

"Despertarei em breve e sentir-me-ei mais forte. Quando estiver acordada, lembra-me que devo caminhar todas as manhãs durante uma hora ou hora e meia. Devo beber dois copos de água primeiro; a água deste local faz-me bem, mas mesmo assim não devo sair de casa antes das cinco e meia da manhã."

Diz-me antes de acordares: está agora a tua alma separada do teu corpo, algures distante?

"Não, a minha alma está com o meu corpo, embora não totalmente unida a ele. Está constantemente em oscilação; por vezes afasta-se parcialmente, outras vezes regressa. É como uma onda. Cada impressão que recebo através de ti, por mais insignificante que seja, provoca uma alteração. Um pensamento, um desejo que surja em ti, mesmo que te afete minimamente, eleva ou deprime a minha alma."

Qual deve ser então o estado da minha mente para elevar a tua alma? "Alegre e livre de preocupações — como estás agora. Mas é tempo de regressar; amanhã à noite, às sete, terei um meio-sono; no dia seguinte, pelas duas da tarde, o meu Alberto voltará. Agora — agora — vê — estou a despertar." (De repente, ela tremeu levemente e acordou.)

18 de Maio, 19h

Desde as seis da tarde, começaram a alternar-se sobressaltos súbitos, dores no estômago, enjoos e cãibras intestinais. Cerca de um quarto para as sete, R. deixou de ver com o olho esquerdo, embora estivesse desperta e plenamente consciente. A pupila, comparada com a do olho direito, apresentava-se excessivamente dilatada; o olho esquerdo estava também virado para cima, enquanto o outro permanecia na sua posição natural. Esta condição durou sete minutos, após o que se manifestaram espasmos violentos, que persistiram até às sete horas.

A respiração, que momentos antes era difícil, tornou-se de repente quase inaudível, parecendo, por fim, completamente suspensa. O pulso era extremamente fraco e delgado, mas não mais rápido do que o habitual; os membros permaneciam imóveis, como paralisados, e os traços faciais estavam pálidos como os da morte. Este estado assustou-me, por se prolongar por mais de um quarto de hora. Soprei de forma constante durante um minuto sobre a boca do estômago, após o que, com um profundo suspiro, ela deu sinais de consciência magnética e tentou, em vão, falar.

Aos poucos, começou a mover os braços; e a primeira coisa que fez com as mãos foi apontar para a boca. Ao verificar, percebi que os maxilares estavam fechados de forma convulsiva. Soprar-lhe na boca de nada serviu; mas R. agarrou os meus polegares e colocou as suas extremidades sobre as articulações da mandíbula, o que restituiu de imediato o seu movimento. Entretanto, a língua também se encontrava paralisada, e, depois de fazer vários gestos com as mãos, que não consegui interpretar, pegou na minha mão e colocou-a sobre o seu estômago. Passado algum tempo, pousou a sua mão sobre o meu peito, com um olhar pensativo e expressivo no rosto.

Subitamente, entreabriu os olhos, virou a cabeça na minha direção, olhou-me fixamente de forma tão intensa que me provocou um calafrio, e retirou rapidamente a mão. Era como se o receio estivesse gravado no seu rosto. Toda a cena me causou um certo horror, intensificado pelas suas tentativas infrutíferas de falar comigo. Essas minhas emoções ela também sentiu de imediato, começando a tremer e rompendo em lágrimas. Assim que me recompus, ela também se acalmou.

Mais tarde, pousou a mão sobre a minha testa, gesto cujo significado não consegui compreender. De tempos a tempos, fazia vários movimentos estranhos com os braços, aparentemente sem sentido. Para verificar se estava consciente do que fazia, perguntei-lhe se conseguia ver dentro do meu corpo. Acenou afirmativamente. Como está o meu estômago? Em resposta, pousou a mão sobre ele e encolheu os ombros, sorrindo. Porque colocaste a mão sobre o meu peito? Não deu qualquer sinal de resposta.

Nos últimos dez minutos antes das oito, fez esforços visíveis para voltar a falar, mas sem êxito. Por volta das oito horas, despertou após um leve tremor dos braços e pernas, mas, durante algum tempo depois de acordar, não conseguia falar claramente, apenas de forma entrecortada e gaguejante. Essa dificuldade só desapareceu depois de eu tocar a sua língua durante cerca de um minuto com o meu dedo indicador.

19 de Maio, das 14h às 17h

As cãibras que precederam a crise deste dia foram ligeiras e de curta duração, mas os enjoos que as antecederam prolongaram-se mais do que o habitual. Poucos minutos depois das duas da tarde, R. já se encontrava desperta magneticamente e demonstrava desde logo vontade de falar. "Hoje", começou, "a tua influência sobre mim é muito forte."

A que se deve isso?

"Deu-se uma mudança corporal. Neste momento, mesmo quando pareço acordada, não estou como as outras pessoas. Verei claramente tudo o que desejares saber."

Alberto está aqui?

"Sim, sem dúvida. Pretende levar-me com ele ao Sol, o que, diz ele, será de grande utilidade para mim nesta fase." (Pausa.)

"Alberto está agora a elevar-se comigo. Hoje está muito belo." (Dirigindo-se a mim em particular:)

"Coloca a tua mão um pouco mais firme sobre a boca do meu estômago." (Pausa.)

"Desta vez falta-me a coroa que sempre vi até agora na cabeça do meu Alberto. Em vez disso, ele traz hoje uma vara, na qual está escrito: *'Também para ti, redenção!'*"

Vês essas palavras escritas na vara?

"Não escritas — estão apenas nela."

Em caracteres Alemães?

"Oh não, em sinais celestes, que nada têm a ver com as nossas letras."

- *Os anjos não estão constantemente no mesmo estado quanto ao amor e, por conseguinte, também não no mesmo quanto à sabedoria.*

Com a mudança do estado dos interiores — que são do amor e da sabedoria dos anjos — mudam também os estados de várias coisas exteriores que estão fora deles e que lhes aparecem diante dos olhos. — H. H. 155 e 156

t Alguns, que tinham uma mente infantil e uma fé simples, aparecem a si mesmos com vestes brancas e resplandecentes; alguns com coroas. — A. C. 2699.

x Assim, o Senhor redimiu não só os homens, mas também os anjos.— T. C. R. 121.

Esses sinais, se são sinais, devem ter uma forma determinada, presumo?

"Sim, certamente. Mas aqui é apenas um único sinal que contém o significado que te dei. Por agora, não posso explicar mais detalhadamente; talvez o possa fazer mais tarde. Seria também demasiado exigente para o meu corpo tentar uma explicação agora, apesar de eu receber força particular no Sol." (Pausa.)

"Em geral, estas coisas não podem ser propriamente explicadas, pois quem não está no meu estado não tem ideia do que ocorre onde estou; nem eu própria o consigo exprimir."

Mas que querem essas palavras dizer para ti?

"O mesmo que para ti e para todo o cristão." Mas por que razão te são lembradas justamente agora? "Porque não estão suficientemente presentes na minha mente quando estou desperta, isto é, porque outras coisas me parecem, por vezes, mais importantes, e penso com demasiada leviandade no meu Redentor." (Pausa.)

"Ah, se estas perceções e sentimentos que agora tenho pudessem acompanhar-me no estado de vigília, quão feliz eu seria! A minha alma tomaria uma direção celestial. Contudo, ficará comigo uma impressão do que vejo e sinto agora, e isso me fará bem." (Após um silêncio, durante o qual orou com as mãos cruzadas, falou em voz alta:)

Graças Te dou, Senhor clemente, pela luz do Teu Verbo inspirado.
Concede-me ouvi-Lo sempre com afetos puros e verdadeiros.
Purifica o meu coração de toda a vaidade,
E faz com que a Tua Palavra ilumine sempre o meu caminho.

De onde conheces estes versos? (Não responde — mas logo prossegue:)

A Palavra revela a cruz, que cura toda a ferida;
A cruz, outrora, trouxe paz ao meu coração;
Faze com que ela me seja cada dia mais querida;
Quem a ela se apega está seguro, venha o que vier.

De onde conheces esses versos?

"Isso não posso dizer. Apenas sei que os conheço."

Já os leste algures antes disto?

"Não me lembro de o ter feito."

**Eles têm a Palavra assim escrita nos céus inferiores e no céu mais íntimo, por formas celestiais. — H. H. 261.*

t Porque os anjos têm fala, e a sua fala é uma fala de palavras, por isso têm também escritos, e por meio desses escritos expressam os sentimentos da sua mente, tal como o fazem pela fala. A escrita no céu mais íntimo consiste em várias formas infletidas e circunflectidas. Mas nos céus inferiores não há tais escritas; as escritas nesses céus são semelhantes às escritas no mundo, com letras semelhantes, mas ainda assim não inteligíveis para o homem, pois estão na linguagem angélica. — H. H. 258, 260, 261.

t Essa escrita também contém, em poucas palavras, mais do que um homem pode descrever em várias páginas. — H. H. 261.

x Estas diferenças, sendo de tal natureza, não podem ser expressas ou descritas por linguagem natural, pois os pensamentos dos anjos, sendo espirituais, não se enquadram em ideias naturais; só podem ser expressos e descritos pelos próprios anjos, na sua própria linguagem, palavras e escritos, e não por linguagens humanas. — D. L. W. 202.

Então como chegaste a essa poesia?

"Vi os versos aqui."

Aqui onde?

"Aqui no Sol. Foi-me permitido orar com Alberto num templo; vi-os em caracteres brilhantes enquanto olhava para cima — não estavam inscritos em nada, mas como que flutuavam livremente no espaço."

Mas eram apenas três sinais que viste, com o significado que disseste. (Pausa.)

"Oh, a Tua graça penetra as profundezas da minha alma. Ó Deus, dá-me a humildade de que tanto careço."

(Volta-se para mim, com um olhar sério e afável:)

"E tu também, que me mostras tanta bondade, esforça-te por uma humildade cada vez maior diante de Deus. És nada, absolutamente nada, sem Ele. Reconhece isso cada vez mais profundamente, e Ele se agradará de ti. A Sua ajuda nunca nos faltará se O invocarmos nesse esforço. E nunca te esqueças de Lhe agradecer pela tua libertação corporal. Ele salvou-te da morte — nunca o esqueças. Eu rezo por ti, como também outros o fazem; para mim, isso é um dever sagrado de gratidão; para ti, é duplamente um dever. Sei que o fazes, mas não te canses."

(Após uma pausa:)

"Estás comovido; vejo profundamente a tua alma; o esplendor que te envolve tornou-se mais claro."

(Segue-se um longo intervalo de silêncio, durante o qual ela levanta as mãos juntas e chora. Depois de algum tempo, diz com mais calma:)

"Gostava que falasses comigo."

Posso fazer-te uma pergunta?

"Pergunta sem hesitar."

Ontem à noite colocaste a tua mão no meu peito. Porquê?

**Ao romper do dia, ouviram uma proclamação: "Hoje é o Sábado"; e levantaram-se e perguntaram ao Anjo o que isso significava. Ele respondeu: "É para a adoração de Deus, que ocorre em tempos determinados e é proclamada pelos sacerdotes. É realizada nos nossos templos e dura cerca de duas horas." — T. C. R. 750.*

† Também são dadas nos céus escritas sem o auxílio da mão, apenas pela correspondência dos pensamentos; mas estas não são permanentes. — H. H. 262.

"Vi o seu estado interior."

E por que a retiraste?

"Isso não te posso dizer agora; é vontade do meu Alberto. Mas em breve saberás aquilo que por ora me vejo forçada a ocultar. Prefiro antes dizer-te algo que talvez queiras saber."

E o que seria?

"Refiro-me à saúde dos membros da tua família. A tua esposa sente uma dor abdominal que a inquieta. Vejo que isso se deve a uma causa insignificante: ela forçou ligeiramente os músculos ao longo das costelas do lado direito. Repouso e calor resolverão tudo. A tua irmã M. queixa-se de dores no estômago; mas pouco se pode fazer por ela. O ambiente externo da casa é demasiado agitado para ela, e o seu espírito não encontra ocupação condizente com a sua natureza na esfera onde se encontra. Enquanto isso não mudar, não poderá melhorar. Que coma cálamo e casca de romã — isso, pelo menos, aliviará."

"A tua mãe sofre de dores de cabeça devido à idade avançada. Uma mente sempre ativa agrava o problema; o estado da audição está também relacionado com isso. Pouco pode ser feito neste caso. Diz-lhe que lave as têmporas diariamente com água-de-colónia."

(Interrompendo-se subitamente, exclama, ansiosa e trémula:)

"Pelo amor de Deus! Ah, Alberto, ajuda, salva! A minha Emily vai cair para a rua — oh, apressa-te a salvá-la!"

(Depois de uma breve e angustiante pausa:)

"Graças a Deus! A ajuda já chegou. Fiel guia e amigo, mesmo antes de eu saber do perigo e poder pedir socorro, já tinhas preparado o auxílio."

O que te assustou tanto?

"Ai, ai! A minha irmãzinha em U..."

(Treme violentamente por todo o corpo.)

O que aconteceu com ela?

"Ela estava no último andar da casa, enquanto se içavam lenhas da rua com um guincho. Tentou agarrar a corda onde pendia o peso, e a vibração teria puxado o seu corpo para fora, pois ali não há guarda ou grade, se o pai não a tivesse agarrado no momento certo e puxado para dentro."

(Segue-se uma longa pausa, de mais de uma hora, durante a qual permanece completamente imóvel, como exausta. Depois levanta os braços e diz:)

"Fiel Deus e Pai, como Te agradeço por teres salvado a minha irmã da morte! Sim, ela também Te agradecerá e reconhecerá a Tua misericórdia."

(Voltando-se para mim:)

"Ela ficou muito assustada, e o meu pai não menos. Ambos estão agora no quarto a conversar sobre este livramento maravilhoso. O meu irmão Fritz também está presente." (Pausa.)

"Mas também a mim, Deus abriu os caminhos do Seu amor: por teu intermédio serei agora restabelecida. Todos os medicamentos que tomei me fizeram mal. Se os tivesse continuado, o resultado teria sido nefasto. Ah, e devia ter deixado de dançar, mesmo que o meu médico o permitisse. O meu peito sofreu; tenho de ter muito cuidado para evitar uma inflamação. Mas agora, Alberto diz que devo repousar algum tempo, e pelo menos não falar."

(Depois de meia hora, ela move-se e volta-se para mim:)

"Estás calado, fala comigo."

Pois bem, diz-me como foi possível estares com Alberto no Sol, falares connosco ao mesmo tempo, e ainda agora veres a tua irmã?

"Isso parece-te estranho, mas não é. Tudo foi obra do meu Alberto. Sem ele, eu não teria visto a minha irmã. Ele sabia e anteviu o perigo iminente, e preveniu-o — de que modo, não consigo ver. Mas vi nele que tinha Emily no seu pensamento, e assim fui levada a vê-la também. Foi ele quem assim o quis, e eu não o pude impedir. Mas tudo isso ocorreu com uma rapidez que não podes imaginar. O movimento de Alberto em direção à minha irmã arrastou-me de súbito até lá, mesmo enquanto falava contigo. Mas consigo falar contigo facilmente enquanto estou com Alberto no Sol. A minha alma é rápida como o pensamento. E lembra-te: Alberto, ainda que esteja comigo no Sol, pode, se quiser, agir sobre o meu corpo contigo — e isso agrada-lhe, por isso o faz sempre que me visita." (Pausa.)

Qual é o estado do lugar do Sol onde estás agora?

"Na região solar onde me encontro, a temperatura é perfeitamente adequada ao meu estado. Existem montanhas altas, cobertas de plantas que não se podem de forma alguma compreender aqui na Terra. A sua forma é maravilhosamente estruturada, e recebem vida mais de cima e de fora do que do próprio Sol. É algo maravilhoso — se o pudesses ver, ficarias maravilhado e cairias em adoração. Nenhum ser humano compreende estas glórias."

(Ela ora:)

** Disse-lhes (aos anjos) que, com o corpo, estava no mundo natural, mas com o espírito no vosso mundo espiritual. — T. C. R. 675.*

† Estive em jardins; observei lá árvores, frutos, flores e legumes; observei as correspondências no céu, falei com aqueles com quem elas estavam relacionadas, e fui instruído sobre a sua origem e o que eram. — H. H. 109.

"Grandes e gloriosas são as Tuas obras, ó Deus insondável! Quem pode compreender o que fazes? Quem Te pode seguir nos Teus caminhos? Guarda-nos, criaturas fracas, na Tua misericórdia, e dá-nos sempre mais luz, para reconhecer e agradecer com adoração a Tua sabedoria e a Tua bondade."

(Depois de uma longa pausa, começa de repente a tremer e chorar.)

O que aconteceu agora?

"Alberto trouxe-me de volta à Terra; ah, e agora, pela sua vontade, vi um homem em Augsburg, de quem ele deveria ser o espírito guardião. Mas esse homem comportou-se de forma tão rude e impiedosa, que Alberto foi obrigado a afastar-se dele. Ah, ele está triste agora, muito triste — e isso também me aflige."

(É tomada por cãibras muito mais intensas e prolongadas do que as anteriores, embora semelhantes às já descritas. Oito minutos depois, desperta animada e fortalecida.)

Importa ainda registar que ela fixou o próximo sono magnético para o dia 20 de Maio, às seis horas da tarde.

A admirável salvação da sua irmã Emily, ocorrida durante a crise anteriormente narrada, foi plenamente confirmada posteriormente. Os factos que se seguem explicam as circunstâncias. Após o acontecimento do dia 20, não deixámos de fazer imediatamente averiguações em A., a fim de saber se algo invulgar teria ocorrido com a irmã de R. nesse mesmo dia. Recebemos, em breve, o seguinte relato, que nos causou grande surpresa:

"Na tarde do dia 19, algum tempo depois das quatro horas, algumas pessoas trabalhavam no último andar da casa, içando materiais da rua por meio de um torno. A pequena Emily quis participar e, de forma imprudente, agarrou-se à corda que sustentava o peso, sem se dar conta de que a abertura junto à qual se encontrava não possuía qualquer gradeamento. Como o mecanismo, com a carga, estava em constante vibração, e sendo a criança naturalmente incapaz de controlar o seu impulso, estava prestes a ser arrastada por ele.

Já tinha perdido o equilíbrio e soltado apenas um grito, quando o seu pai, que tinha acabado de chegar por detrás dela, a agarrou pelas roupas e a puxou para dentro. O terror foi tal que a criança perdeu completamente os sentidos, sendo necessário levá-la, desfalecida, até à sala de estar, onde, no entanto, recuperou os sentidos pouco depois."

**Em consequência de a própria essência divina ser Amor e Sabedoria, todas as coisas no universo têm relação com o bem e a verdade. — D. L. W. 31.*

t Os anjos, quando estão com os homens, habitam, por assim dizer, nas suas afeições, e estão próximos de um homem na medida em que ele está no bem a partir das verdades, mas estão mais distantes na proporção em que a sua vida se afasta do bem. — H. H. 391.

t Quando os anjos estão no último estado — que é quando estão no seu próprio proprium — começam a entristecer-se; falei com eles quando estavam nesse estado, e vi a tristeza; mas disseram que tinham esperança de em breve regressar ao estado primitivo, e assim, por assim dizer, voltar ao céu; pois é céu para eles estarem afastados do proprium. — H. H. 160.

A este relato acrescentou-se um facto deveras notável: ainda antes das três e meia, o pai de Emily, que se encontrava a trabalhar na conservatória, a alguma distância de casa, começou a sentir uma inquietação inexplicável, a qual se transformou gradualmente num impulso igualmente inexplicável de regressar a casa. Durante algum tempo resistiu, uma vez que ainda não havia terminado o trabalho e dizia a si mesmo que não tinha ali nada que fazer. Porém, a atração pelo lar tornou-se tão imperativa que, para se aliviar daquela sensação, recolheu os papéis com a intenção de terminar o trabalho em casa.

Ao chegar, dirigiu-se de imediato ao último andar, sem sequer deixar os papéis — que constituíam um maço considerável — na sala de estar, cujo acesso era necessário para atingir o piso superior. Chegou, assim, mesmo a tempo de salvar a filha de uma morte certa, ao impedir a sua queda da empena da casa para a rua. Um instante mais tarde, e já não teria sido possível prestar auxílio.

Estes são, pois, os factos do caso. A explicação procurei apresentá-la no capítulo dedicado aos Pressentimentos.

21 horas

Foi por esta altura que recebi, de forma completamente inesperada — encontrando-me já no meu quarto — a notícia de que R. fora acometida por cãibras e se encontrava inconsciente. Apressadamente fui ter com ela e encontrei-a em sono magnético. Mal me reconheceu, disse:

"Sente-se, se faz favor, mesmo ao lado da minha cama, de modo a que eu possa alcançar o seu estômago com a minha mão esquerda. Alberto percebeu que ingeriu manteiga e que isso lhe provocou uma indisposição digestiva.

"Para além disso, uma parte das minhas cãibras no estômago passou para si esta manhã, quando colocou a mão sobre mim na ausência de Alberto. O seu estômago está, portanto, duplamente afetado. Por essa razão, Alberto chamou-me a este estado, para lhe restituir, através de mim, o que perdeu e para aliviar a sua indisposição. (Com alegria.) Neste momento, vejo o interior do seu estômago. Está muito melhor; veja como se move! Alegra-me poder ser, desta vez, a sua médica, já que normalmente é o senhor o meu médico."

De facto, tal como ela dissera, por volta das cinco horas tinha comido manteiga com pão pouco cozido, o que me causara peso no estômago, bocejos e sonolência. Mesmo antes de receber a notícia do ataque de R., tive frequentes eructações e receava passar uma noite insone. Sentei-me, então, como a minha inesperada médica me havia pedido, junto à cama. Ela, mantendo o braço direito levantado no ar com três dedos estendidos, pousou a palma da mão sobre o meu estômago, a fim de transmitir força vital de Alberto através da sua mão direita, do peito e do braço esquerdo até ao meu estômago.

Em poucos minutos, senti um calor surpreendente no abdómen e, pouco depois, também no pé direito até aos dedos, seguido de uma sensação de conforto como não sentira em todo o dia. Ao fim de oito minutos, toda a indisposição desaparecera, momento em que respirei profundamente e disse: Agora sinto-me completamente bem.

"Ainda não inteiramente", respondeu ela. "Precisa ainda de mim por mais alguns minutos."

Pouco depois, senti uma dor aguda no braço esquerdo, estendendo-se até à orelha. Ela pousou a mão sobre essa zona e a dor cessou em dois minutos. De seguida, agitou a mão de um lado para o outro e disse:

"Essa era a cãibra vinda de si; agora sente-se bem; terá uma boa noite de sono. Se assim não fosse, o seu tratamento de mim amanhã teria sido difícil para si. Está tudo bem. Mas agora deixe-me a sós."

Gostaria ainda de lhe fazer uma pergunta. "Hoje não posso, nem devo responder a mais nada." (A estas palavras, estremeceu violentamente e o sono, que durara pouco menos de

meia hora, terminou. Com ar espantado, perguntou então:) "Como veio aqui? O que deseja? Já dormi?"

20 de Maio, das 18 às 21 horas

Após passar pelas cãibras e agitações corporais preparatórias, bastante semelhantes às anteriores, R. permaneceu de rosto sorridente por mais de meia hora, segurando firmemente a minha mão — que, após as cãibras, eu colocara sobre o seu estômago — e movendo os lábios apenas a intervalos. Por fim, falou distintamente, mudando a expressão do rosto para um tom brincalhão, mas ainda assim afável:

"Hoje tens uma quantidade imensa de perguntas para fazer; livra-te desse fardo, que já começo eu própria a sentir."

— De qualquer modo, devo perguntar-te algo a respeito da tua relação, e da minha, com Alberto.

— "As tuas dúvidas não têm fim; mas prossegue com as perguntas."

— Como se deu o facto de a dor no teu estômago ter sido transferida para mim, como tu própria afirmaste, se Alberto prometera há algum tempo que a ligação entre nós não me traria qualquer dano?

— "O meu Alberto falou verdade; onde está o mal que te sucedeu? Não quererás dizer que o cansaço sentido ao manteres a mão pousada sobre mim foi uma lesão que te adveio, pois não?"

— Não te zangues, apenas procurava esclarecimento.

— "Eu sei, e por isso vou dizer-te o que vejo em meu Alberto."

— Ele está aqui? — "Sim, desde que despertei. Escuta então."

(O que se segue foi dito, como de costume, de forma lenta, algo sussurrada, e com várias pausas que nem sempre registei.)

"O meu Alberto prometeu, de facto, que a relação magnética estabelecida entre nós não te causaria mal algum. No entanto, isso não significa que estejas livre de todos os incómodos transitórios que dela derivam necessariamente. O meu corpo e o teu, quando me encontro em sono magnético, são como se fossem um só; as nossas almas estão, por assim dizer, unidas por um laço apertado. O meu corpo partilha todas as dores, mesmo as mais ligeiras, do teu, e sou obrigada a ressentir-me com cada um dos teus estados de espírito.

Partilharias mais frequentemente as afeções do meu corpo, se Alberto não renovasse constantemente a tua força vital por teu intermédio. Essa direção do fluxo de energia de ti

para mim — que é também, ainda que nem sempre, favorecida pela tua vontade — torna mais difícil, embora não impossível, a transferência das minhas afeções físicas para ti. Na ausência de Alberto, pode acontecer, enquanto estou desperta, que recebas uma pequena parte da minha indisposição — já sucedeu — mas nunca poderá durar muito tempo nem prejudicar-te de forma duradoura. Sem a ajuda de Alberto, a tua corrente vital é sempre mais fraca; sem ele, poderias aliviar-me, no estado em que me encontro, apenas à tua custa."

(Subitamente, R. estremeceu com violência; sinais de dor tornaram-se visíveis no seu rosto, e a sua mão esquerda movia-se inquietamente como se nela sentisse dor.)

— Que tens?

— "Estou com Alberto ao sol; estão também com ele duas mulheres, que se encontram magnetizadas — já falei delas antes. O meu Alberto, há pouco, quebrou o caule de uma flor que colhera, de modo que o botão pendia, dizendo: 'Assim como lanço fora este botão, assim será lançada fora a tua doença. Já sofreste o suficiente; sê agora curada.' Estas palavras dirigiu-as a uma das duas magnetizadas, que se encontra agora inteiramente restabelecida. Mas, ao mesmo tempo, lançou o botão de tal forma que este caiu da cabeça da magnética sobre a minha mão. Foi isso que causou a dor; recebi, por esse meio, uma parte da sua essência, o que me será benéfico — assim o diz o Alberto."

— As fantasias que nos relatas são demasiado estranhas. Como se pode acreditar que, por efeito de um botão de flor te cair ao sol, o teu corpo em Schwaikheim sinta dor? São coisas em que não posso crer.

— "Não julgues com demasiada precipitação, meu caro amigo; a questão é bastante simples e clara. Pões em dúvida a possibilidade de eu sentir dor através do corpo? Não deverias fazê-lo. Reflete que a minha alma, agora no sol, pode ser tão facilmente afetada aí como por ti. Aliás, a impressão é ainda mais forte e intensa. Para além disso, a minha alma está envolvida e atravessada pelo fluido vital, por meio do qual sente e transmite sensação ao corpo. Tudo isto é coerente. Acredita-me: a impressão na alma foi muito mais forte do que no corpo — a primeira sentiu-a como um choque elétrico. O teu fluxo vital também me acompanhou até ao sol. A flor produziu uma impressão na substância da minha alma, cuja natureza nem consigo compreender, nem explicar. Nunca tive uma sensação semelhante. Não foi uma queda, nem uma pressão, nem um impacto: não posso dar-lhe nome; mas a reação no meu corpo foi percetível, exatamente como quando a alma, por meio do corpo, sente um golpe súbito que a surpreende profundamente. Esta ação recíproca é muito mais sensível num estado como o que me encontro agora. Mas Alberto quer agora que eu descanse durante catorze minutos."

** Ao que foi dito acima, acrescentarei este relato memorável. Fui, certa vez, subitamente acometido por uma doença que parecia ameaçar a minha vida. Sofri dores lancinantes por toda a cabeça; um fumo pestilento subia daquela Jerusalém que é chamada Sodoma e Egipto; meio morto com a intensidade do sofrimento, esperava a cada momento que aquele*

fosse o meu último. Assim permaneci na cama durante três dias e meio; o meu espírito foi reduzido a esse estado, e, em consequência disso, também o meu corpo. — A. R. 531.

(Decorrido esse tempo, durante o qual se observaram frequentes contrações nos músculos do rosto, sobretudo nos lábios, ela disse:)

— "Queres fazer mais perguntas, não é verdade?"

— Sim: como se explica que Alberto, ontem, te tenha escolhido como meio para me transmitir a sua força, sendo que tu própria disseste anteriormente que Alberto não podia, nem devia, atuar diretamente sobre ti sem que isso te prejudicasse?

— "Esqueces-te de que, antes de Alberto atuar sobre mim, entro sempre em comunhão com as tuas forças, tanto do corpo como da alma."

Isto ocorre de forma mais íntima quando as cãibras que antecedem o estado de vigília magnética já passaram e colocas a tua mão sobre mim. Se Alberto deseja, nesse momento, atuar sobre mim ou sobre ti, não o faz diretamente, pois o seu poder celeste mistura-se com a nossa vitalidade comum. Cabe-lhe então decidir livremente qual a direção que tomará o fluxo curativo dentro do círculo magnético: se através de ti até mim, se através de mim até ti, ou se atuará apenas sobre ti, sem passar pelo meu corpo. Neste último caso, contudo, a sua ação sobre ti não é imediata, mas suavizada, por assim dizer humanizada, pela corrente vital conjunta de ambos, que se entrelaçou.

Ora, na noite passada, quando tive a felicidade de ser tua médica, Alberto dispôs as coisas de forma que um raio vital, proveniente do seu interior e recebido pela nossa vida partilhada, passasse para o meu corpo e, por ele, em transição curativa, fluísse para ti. Ele afirma que esta era a melhor forma de te influenciar — e o resultado comprovou-o. Oh, não duvides mais, rogo-te; o meu Alberto sabe sempre melhor do que nós como tudo deve ser ordenado. Agora devo descansar novamente, segundo a vontade de Alberto, e depois observar o meu corpo.

(Ela permanece imóvel durante meia hora. Por fim, volta a falar:)

"Os meus pulmões não estão bem; há algumas manchas no lóbulo direito que ainda me causarão transtornos. Contudo, nenhuma afeção incurável do peito delas surgirá. Quando estiver desperta, não cuidarei de mim como deveria, ainda que tu e outros me advirtam — e sofrerei por isso.* Neste momento, vejo também o teu estômago; está bem — melhor do que os meus pulmões. Podes esperar, com fundamento, ver desaparecer gradualmente o último vestígio dessa afeção, se tiveres especial cuidado com a alimentação e não te tornares negligente.

(Ela fala agora em voz muito baixa, consigo própria; contudo, pela expressão do rosto, era evidente que se encontrava em diálogo. Por isso pergunto, passado algum tempo:)

Estás a falar com Alberto?

"Sim."

Qual é o tema da vossa conversa?

"Disso não deves saber nada; assim o quer o meu Alberto. Se tentasse contar-to, a minha língua ficaria de imediato paralisada novamente; por isso, não voltes a falar nisso — pergunta outra coisa qualquer; tens ainda outra pergunta nos lábios, não tens?"

Sim; mas consegues adivinhar sobre o que quero perguntar? (Ela pensa durante algum tempo, pressionando a minha mão com mais força contra a boca do estômago, e depois diz, com um ligeiro tom de impaciência:)

"É sempre a mesma coisa; não posso dar-te mais explicações além das que já te dei." — Enganas-te. A pergunta que queria fazer-te nunca te foi colocada. (Ela aperta novamente a minha mão com mais força contra a boca do estômago e parece meditar em silêncio durante vários minutos; finalmente, diz com simpatia:)

"Tens razão; não era aquilo que eu supunha. O teu desejo é, não é verdade, saber algo de Alberto a respeito de mim e de ti?"

É exatamente isso; tenta agora descobrir, seja pelos olhos de Alberto ou dentro de mim, o que é.

(R. permanece em silêncio; depois começa a tremer, empalidece e fica rígida, como se lhe faltasse totalmente o ar. Ao observar estes sinais — que, por ter sido eu a provocá-los, me causaram inquietação — levantei-me e soprei várias vezes sobre o seu estômago. Após um profundo suspiro, ela recobrou a consciência. Mal voltou a tomar-me a mão, disse:)

"Sim, o que procuras saber não tem a ver com a personalidade de Alberto, nem com o influxo da sua luz em mim."

O que é então?

** Uma inflamação dos pulmões, com a qual K. foi acometida alguns meses após a sua recuperação, e que a levou à beira da morte, dá significado a esta expressão. — Nota do Autor.*

— "Queres saber como opera a minha alma, quando a influência tua e de Alberto atua sobre mim."

Exatamente, é isso mesmo que eu queria saber; surpreendes-me. (Ela sorri.)

"Quando responder à tua pergunta, já não te parecerá tão extraordinário que eu a tenha adivinhado."

Mas diz-me primeiro, por que tiveste agora um ataque tão violento?

"Quis ver em Alberto aquilo que desejavas saber, mas nada vi, pois ele foi perentório em que o deveria ler na tua alma.* Isso exigiu de mim grande esforço, devido às flutuações do teu fluxo vital, que ora parecia mais claro, ora mais turvo; a tua vontade também nem sempre estava igualmente dirigida para isso. Daí veio a luta; não estive inconsciente — pelo contrário, estava ainda mais clarividente do que agora, pois o meu corpo estava como morto.

Mas devo dar-te uma resposta à tua pergunta. O meu Alberto disse-me o seguinte: assim que começam as cãibras, o meu espírito e a minha alma desprendem-se do corpo. O mais nobre dos dois, o espírito, afasta-se primeiro; a alma segue-o. A influência tua e de Alberto contribui, juntamente com as cãibras, para esse desligamento. Se não fosse o controlo que tu e Alberto exercem sobre essa energia, ela destruiria o meu corpo. No entanto, a minha alma permanece ainda ligada ao corpo. Não deves, porém, imaginar a alma como estando presa a um local específico, como uma pessoa. Assim que deixa o corpo, já não está com ele como uma pessoa está, e ainda assim está com ele — simultaneamente próxima e afastada. Possui agora um campo de visão amplo e encontra-se sobretudo onde age, percebe ou sente.†

Estes são apenas nomes diferentes para a mesma atividade. Continua sempre em ligação com o corpo; mesmo quando este parece morto, a alma ainda nele vive. Se a separação fosse total, dar-se-ia a morte real."

** Quando os espíritos se aproximam de um homem, entram em toda a sua memória, e extraem dela o que lhes é afim — vi-os muitas vezes ler nela como num livro. — E. U. 13.*

† Como o espírito do homem é a sua mente, então estar "no espírito", expressão usada na Escritura, significa um estado da mente separado do corpo; e como nesse estado os profetas viam as coisas do mundo espiritual, tal era designado por "visão de Deus". O seu estado era então semelhante ao dos próprios espíritos e anjos nesse mundo. Nesse estado, o espírito do homem, tal como a sua mente em visão, pode ser transportado de um lugar para outro, permanecendo o corpo no seu local. — T. C. R. 157.

"Parece estranho dizer: 'Vejo pelo estômago ou pela testa', mas a alma vê, ouve e sente de forma mais perfeita do que através dos sentidos do corpo. Contudo, tal perceção total e constante indicaria a morte. Pois o homem, ao entrar no mundo espiritual — a vida após a morte — encontra-se num corpo, tal como no mundo.

Então, cada crise magnética é uma espécie de morte?

"Sim, exatamente isso; poderíamos chamar a cada sono magnético o início da morte."

E que papel desempenham os nervos do teu cérebro em tudo isto?

"Na maior parte das vezes, nenhum. Ainda que um certo fluxo vital provenha da alma até eles, esse fluxo é tão reduzido que os nervos se tornam inativos por necessidade. O mesmo

acontece frequentemente com todas as partes do meu corpo; e quanto mais desligada e livre dele se torna a alma. Contudo, na maioria dos casos, ela ainda precisa do corpo para perceber. Pode soar estranho eu dizer: 'Vejo através do estômago' ou 'da testa'; mas a minha alma, mesmo assim, vê de forma muito diferente da visão através do olho, ouve de modo distinto, sente e observa tudo de forma mais perfeita do que antes.*

Como isso acontece, não sei explicar; nem eu própria compreendo, pois Alberto não fala sobre isso. E, mesmo que compreendesse, faltar-me-iam palavras para descrever, e tu não o conseguirias compreender. Apenas posso dizer que por vezes me parece ver tudo de uma só vez — mas isso dura apenas um instante; depois não vejo nada e, novamente, uma coisa em particular.

"Se pudesse sempre ver com tal perfeição, estaria morta. Enquanto posso falar contigo, percebo sobretudo o que dizes e os teus pensamentos, que leio e que me servem de guia. Se falo apenas com Alberto, a força da sua alma exerce sobre mim uma grande atração e poder; é por isso que, muitas vezes, eleva-me a grandes alturas, pois é tão puro, tão bom, tão santo e, ao mesmo tempo, tão forte."

Mas como se une o espírito à alma? E qual é a diferença entre ambos?

Contudo, a diferença entre a vida do homem no mundo espiritual e a sua vida no mundo natural é considerável, tanto no que diz respeito aos sentidos exteriores e às suas afeições, como aos sentidos interiores e às respetivas perceções. Aqueles que estão no Céu percebem pelos sentidos — isto é, veem e ouvem — de forma muito mais apurada, e também pensam com maior sabedoria do que quando estavam no mundo, pois veem à luz do Céu, que excede em muito a luz terrena; e ouvem através de uma atmosfera espiritual, a qual ultrapassa largamente a atmosfera da Terra. — *H. & H.*

Tais eram os tempos antigos; por isso os anjos podiam então conversar com os homens e elevar as suas mentes, quase separadas das coisas corpóreas, até ao Céu. — E. V. 49.

"O espírito pode receber em si o Supremo;* a alma apenas pode pensá-lo e senti-lo."

Não compreendo.

"O Divino pode estar essencialmente no espírito, e a alma modela-se a partir do espírito. A alma tem ainda algo de corpóreo,† o espírito não; este só se une ao corpo através da alma. E contudo, alma e espírito são um só,‡ não divididos, mas fundidos, derretidos num só. Apenas o espírito é permanente; a alma é mutável, moldando-se conforme o espírito. Mas agora estou exausta e devo repousar. Alberto também o ordena."

Pois o homem, quando entra no mundo espiritual ou na vida após a morte, está num corpo como no mundo.

Mas, ainda assim, a diferença entre a vida do homem no mundo espiritual e a sua vida no mundo natural é grande, tanto no que respeita aos sentidos externos e às suas afeições, como aos sentidos internos e às suas afeições.

Os que estão no céu percebem pelos sentidos — isto é, veem e ouvem — de forma muito mais apurada, e também pensam com mais sabedoria do que quando estavam no mundo; pois veem pela luz do céu, que excede em muitos graus a luz do mundo; e ouvem também por uma atmosfera espiritual, que igualmente ultrapassa em muitos graus a da Terra. — H.H.

(Ela permanece agora deitada e serena até um quarto para as nove, quando prossegue:)

— "Vou acordar agora. Alberto deixa-me. O meu próximo sono será depois de amanhã, às seis da tarde. Amanhã, serei atacada por fortes náuseas, mas não chegará a ocorrer sono. Depois de amanhã, C. e M., a tua esposa e tua mãe, poderão estar presentes, se assim o desejarem, durante grande parte do sono; agora conseguirei suportar melhor a presença de ambas ao mesmo tempo."

(Nesse momento, o meu filho — um rapaz de quatro anos e meio — solta um grito à porta, abre-a e entra com grande entusiasmo e orgulho, puxando um cavalo de madeira. R. repara nele assim que entra no quarto e diz:)

— "Oh, traz-me o pequeno; a sua presença faz-me muito bem. É tão infantil, tão afetuoso, tão bom! Quando for grande, o meu Alberto diz que o guardará.§ Nos anos em que for mais atormentado por tentações, tomá-lo-á sob o seu cuidado especial. É uma criança muito boa. Alberto tem grande alegria nele; e tu também experimentarás muita alegria por causa dele."

(Segue-se uma pausa, durante a qual ela segura o menino pela mão, que olha, maravilhado, para alguém que dorme, mas fala com tanta solenidade. Ela continua:)

"Fisicamente, ele tem muito de ti; e por isso mesmo é tão benéfico tê-lo perto de mim."

(Pousa agora a mão sobre a sua cabeça e diz:)

"Deus te abençoe, querido menino! Ó Deus, guarda o seu coração, para que permaneça bom!"

(Depois destas palavras, reclina-se novamente na cama, começa a tremer e manifesta as suas habituais cãibras. Duram apenas cinco ou seis minutos, e terminam com um gemido forte e uma súbita e violenta agitação do corpo, após a qual abre imediatamente os olhos.)

* *Todo anjo, tal como todo homem, possui um grau interior supremo, ou um estado inato supremo, no qual a Essência Divina do Senhor influi primeiramente e, a partir daí, ordena os restantes estados interiores. Este estado pode ser chamado a entrada do Senhor no homem, e a sua habitação mais verdadeira com ele. — H. & H. 39.*

† *Daí se conclui que a mente humana está organizada interiormente por substâncias espirituais, exteriormente por substâncias naturais, e por fim por substâncias materiais. — T. C. R. 33.*

‡ *É um princípio da sabedoria angélica que a mente do homem é o próprio homem, porque Deus é Homem, e que o corpo (isto é, o corpo espiritual) é o exterior da mente, que sente e age, e que, por conseguinte, são um só e não dois. — D. L. W. 369.*

§ *E quando as crianças crescem e atingem a maturidade da razão, os anjos da guarda deixam-nas, e elas associam-se a espíritos que estejam em harmonia com a sua vida e a sua fé. — T. C. R. 677.*

21 de Maio

Pouco depois das quatro da tarde, R. sente náuseas, seguidas de perda de consciência e, por fim, rigidez total do corpo. Ao fim de três quartos de hora, a rigidez cedeu quando coloquei a minha mão e soprei sobre a boca do seu estômago, momento em que recuperou a fala.

"Hoje estou num estado peculiar, que surgiu devido a uma fraqueza causada pela minha estranha indisposição corporal. Estou apenas meio magnetizada, e vejo às vezes com grande clareza, mas outras vezes quase nada. Ouço com o ouvido esquerdo, e vejo ora pelos olhos, ora pela boca do estômago, mas neste momento, para além de ti, nada vejo no mundo."

Tenta ver através da testa.

(Ela fez um esforço visível para cumprir o meu pedido; os músculos da testa moveram-se, e após alguns minutos disse:) — "Vejo-te agora através da testa."

Consegues agora voltar a ver com os olhos, se o desejar?

"Sim, consigo." (Move os olhos e a pele da testa durante algum tempo.) — "Agora vejo pelos olhos."

Como consegues isso?

"Como, não sei; faço um esforço e acontece." (De imediato transferiu novamente o ponto de visão para a testa, acrescentando:) — "Parece que uma cortina ou um alçapão cai de repente diante da testa quando desejo ver por ela, ou como se uma janela de correr se abrisse para um lado e para o outro. Mas não te consigo explicar como isso acontece."

(Na sequência disso, observei que, quando via através da testa, os olhos apresentavam um olhar fixo e desviado, o que não acontecia quando dizia ver com os olhos. Ela acrescentou:)

"Neste momento também não vejo o meu Alberto; mas sei que ele me vê e não me perde de vista. Sinto que ele virá até nós, nem que seja por um instante, para te transmitir algo."

Como será isso possível?

"Irás ouvir; eu não sei."

(Neste estado, R. mostrava-se muito mais alegre do que quando se encontrava no estado magnético pleno e perfeito. Estava mais afável do que o habitual, e até — algo que normalmente não tolerava durante a crise, e menos ainda em mim — era capaz de brincar ocasionalmente e rir-se com gosto. Também era capaz, enquanto permanecia neste meio-sono, de observar lugares distantes sobre a Terra. Viu as suas irmãs em U., sentadas juntas a tomar uma refeição na sala de estar, e viu R. na cozinha da reitoria, onde a minha irmã L. preparava o jantar. Notou, em particular, mais do que uma vez, que L. andava de um lado para o outro na cozinha, mas algo mal-humorada, por causa de uma dor de cabeça. Neste estado, recordou também que, na sua vida desperta, preferia o nome R. ao de Felicitas, nome que não suportava.)

Por fim, tornando-se mais séria, disse:

"Vejo o meu Alberto a aproximar-se; ele está aqui; o que tem para dizer diz apenas respeito a mim."

O que é? Consegues agora dizer-mo?

"Ele manda-me dizer-te que deves agora, durante sete minutos, pressionar firmemente os meus joelhos com as mãos, aplicando ao mesmo tempo pressão para baixo, e sustentando esse impulso com a tua vontade."

E que benefício isso trará?

"Dar-me-á grande alívio; fá-lo, por favor. Neste momento, isso será especialmente benéfico para mim."

(Quando realizei a manobra conforme solicitado, o rosto dela iluminou-se mais do que o habitual; ergueu a parte superior do corpo — mesmo tendo os braços cruzados sobre o peito — num movimento livre e gradual na minha direção, o que me deixou algo impressionado, e disse:)

"Ó fiel auxiliar!"

(E logo voltou a deitar-se lentamente e em silêncio.)

Porque te ergueste assim na minha direção?

"Foste tu que me atraíste, mas imediatamente me repeliste de novo. Por um momento, retiraste completamente a tua força de mim."

Porque razão?

"A forma como me elevei era nova e surpreendente para ti; ficaste perturbado, e eu senti a tua emoção."

Sim, foi exatamente isso — mas diz-me: como é que falas com Alberto? Como se faz entender por ti?

"Ele não fala; vejo nele tudo o que deseja e pensa!* Mesmo quando é afável e sorri, não o faz com a boca; ele fala, pensa e deseja com todo o seu ser, de uma só vez. Há pouco disse-me — ou melhor, deu-me a entender — que teria feito bem se tivesse seguido o conselho que recebi logo pela manhã e tirado os espartilhos. Se o tivesse feito, a operação sobre os joelhos esta noite teria sido desnecessária."

(Pelas 17h30, R. desperta, após alguns enjoos semelhantes aos das 16h00, mas sem cãibras nem agitações corporais.)

22 de Maio, das 18h00 às 21h00

Antes do sono magnético, ocorreram cãibras especialmente fortes e prolongadas. O peito foi particularmente afetado, e durante meio minuto deixou de respirar por completo, enquanto os movimentos do corpo e a expressão ansiosa do rosto indicavam uma luta por ar, o que me fez temer pela sua vida. No entanto, por volta das 18h30, ela acalmou-se; os membros foram-se estendendo gradualmente, em preparação para a última agitação violenta que precede sempre o despertar magnético. Passado esse momento, os traços do seu rosto iluminaram-se e, em pouco tempo, começou a falar de forma animada e espontânea:

"Ó Deus, Tu me tratas com amor, como um Pai. Enviaste-me novamente o meu fiel médico, que nunca me abandona nas minhas aflições." (Ela junta as mãos.)

"Profundas graças a Ti por isso. Continua a cuidar de mim, Tua filha sofredora; Tu o farás, bem o sei. Não és Tu o meu Pai, o meu Tudo?"

(Depois de uma breve pausa, voltando-se para mim:)

"Coloca agora a tua mão um pouco mais acima da boca do meu estômago." (Dirigindo-se a Alberto:)

"E não vieste sozinho, meu guardião? O que me trouxeste desta vez?" (Pausa.)

"Ah! Uma flor gloriosa! Nunca vi uma semelhante; o púrpura da sua corola arde como fogo — e como se ergue majestosamente ao lado do meu Alberto!" (Ela reflete.)

"De facto, esta flor tem um grande significado para mim; vejo isso em Alberto."

Que significado?

"Ainda não sei por completo, mas hei de sabê-lo. É bastante parecida contigo."

Parecida comigo?

"Assim disse."

Não posso imaginar ter alguma semelhança com uma flor.

"No entanto, é assim."

Como é isso possível?

"Ainda não consigo ver bem; mas existe certamente uma relação entre a flor e nós os dois. Quando souber mais, partilharei contigo."

— Estou verdadeiramente curioso por saber como será. Descreve-me, por favor, o exterior da flor.

"É uma planta nobre, majestosa, com mais de dois metros de altura; tem a mesma estatura do meu Alberto e está ao seu lado."

É uma planta semelhante a alguma que temos na Terra?

"Sim, mas apenas parcialmente. Tem caule e folhas, e no topo uma flor gloriosamente bela de cor púrpura, em forma de cálice. As cores são mais belas do que qualquer uma que exista na Terra;* o verde das folhas e o vermelho da flor parecem bordados com raios, fios e pontos dourados. O caule irradia constantemente uma luz resplandecente, como se uma corrente de luz dourada fluísse através dele sem cessar."

A planta tem raízes também?

"Não, aqui é diferente; a flor não retira vida nem força de um corpo sólido, mas absorve-as do exterior."

Está arrancada, para que Alberto a possa trazer contigo? E onde crescem flores assim?

* *Também existe entre os anjos uma linguagem feita de gestos, correspondendo a afetos, e representando coisas semelhantes às expressas por palavras. — H. & H. 214*

* *Há também, lá, espécies de árvores e flores que não existem, nem podem existir, no mundo natural. — H. & H. 176*

"No sol, há muitas flores como esta; flutuam livremente e não aderem a corpos fixos, como as plantas no nosso mundo. Existem assim, de forma independente, atraindo a força vital do sol. Não recebem qualquer seiva grosseira através de raízes para sua nutrição, como as plantas terrenas."

É preciso uma fé forte para acreditar nisso, minha boa Vidente.

(Ofendida.)

"O meu Alberto é quem me diz isto, e podes crer ou não, conforme quiseres. Mas ainda hás de ouvir muitas coisas que terás de aceitar sem as poderes compreender. Agora, porém, quero ficar sozinha com o Alberto durante vinte e oito minutos."

(Ela cruza as mãos sobre o peito e permanece exatamente esse tempo imóvel. Durante esse intervalo, lembrei-me do fenómeno que se manifestara durante o seu último semi-sono, quando o corpo dela fora atraído na minha direção. Experimentei, enquanto ela jazia imóvel, exercer sobre ela uma influência por meio da vontade, com o propósito de que o seu corpo seguisse a atração do meu. Para tal, aproximei os polegares das minhas duas mãos a cerca de oito centímetros do seu corpo, desejando que se colassem aos meus. Mal o fiz, os braços dela começaram a mover-se com pequenos sobressaltos e ela voltou a erguer a parte superior do corpo na minha direção.

Afastei-me e ela continuou a seguir-me, até eu temer que acabasse por cair da cama. Alterei então a direção do movimento, aproximando-me gradualmente dos seus pés. A parte superior do corpo dela continuava a seguir-me. Notei então que, ao aproximar a minha testa da dela, esta a seguia; e simultaneamente, ao mover o meu polegar na direção contrária à da cabeça, o braço dela voltava-se para o polegar, sendo assim atraída em duas direções opostas. Deixei então o quarto por um instante. Quando regressei e me sentei junto à cama, ela disse imediatamente:)

"Tens um cheiro estranho; o que trazes contigo?" (Ela imitou o gesto e o som de cheirar com o nariz.)

"Tens algo peculiar contigo. O que é?"

Não sei o que sentes.

(Ela tornou-se cada vez mais inquieta, não parava um segundo e todos os seus membros, até a cabeça e os músculos da face, começaram a mover-se vivamente. Entretanto, sem nada dizer, retirei de modo discreto um íman armado que havia trazido comigo e que até então mantivera escondido no bolso interno do meu casaco, a cerca de sessenta centímetros de distância dela. Segurei-o fechado na minha mão esquerda e coloquei-o sobre o seu estômago. Mal o fiz, começou a tremer levemente, depois a rir, a cantar a espaços e a fazer os movimentos mais estranhos. Repetia constantemente:)

"Ah, isto é bom, muito bom… mas tira-o, afasta-o!"

(Quando tentei afastá-lo, ela agarrou-me a mão e não a quis largar. Por fim, levantei o íman cerca de trinta centímetros acima do estômago dela, ao que o seu corpo se ergueu até essa altura, ficando apenas apoiado nos calcanhares e na nuca. Contudo, isso pareceu

exauri-la, pelo que depositei o íman sobre uma mesa próxima. Talvez o tenha feito de forma demasiado brusca, pois ela disse logo, com alguma irritação:)

"Ah, isso puxou e dilacerou-me de novo! Não podias ter procedido com mais suavidade? Não devias ter retirado a pedra de mim tão de repente; por pouco não me causou uma nova crise."

Sabes, então, o nome da pedra?

"Sim, é um íman de pedra, e posso garantir-te que atua sobre mim de forma muito benéfica. Mas tira-lhe essas faixas de ferro (a armadura); tornam-no demasiado forte para mim. Vais fazer isso, não vais? Faz já, por favor; eu adoro esta pedra, anseio por ela, quero apertá-la contra o meu coração."

(Quando removi a armadura do íman, ela agarrou-o com alegria e não o largou durante toda a crise, afirmando continuamente que ele a curava. Após tê-lo apertado ao peito durante uns sete ou oito minutos, exclamou repentinamente:)

"Isto ajuda-me a compreender melhor a flor."

O quê?

"A pedra."

O que é que ela te revela sobre a flor?

"Que é um remédio."

Um remédio para ti?

"Sim, para mim e para todos os que estão no meu estado. A sua força, que se espalha como um perfume delicado, enche-me e contribui para a minha cura. Esse perfume é exatamente como o teu hálito, e a sua energia é como a tua força vital; tem algo em comum com o poder da pedra e com o poder celestial do meu Alberto. Ah, tudo isto é maravilhoso; aqui, tudo colabora para me curar. Vês agora por que te comparei à flor? O teu efeito sobre mim e o de Alberto são semelhantes ao dela."*

Mas há pouco disseste que a pedra tinha um cheiro "estranho"; parecia que esse cheiro te desagradava.

"Sim, de facto era assim; mas agora o ferro foi retirado, e era ele que estragava o cheiro."

Mas para que serve um remédio destes, se tens a minha força vital e também a de Alberto? Ou essas não são suficientes?

"Oh, a tua influência é demasiado poderosa; a da flor é muito mais suave, e mesmo assim diferente da da pedra, que é a mais subtil de todas. Neste momento, em que me sinto desconfortável, a flor é o que melhor atua sobre mim. O meu Alberto sabia disso, e por isso a trouxe."

A flor ainda está junto de Alberto?

"Sim, ali está ela, brilhando com toda a sua beleza."

E como é que o íman estimulou primeiro o teu olfato?

"Não sei; talvez isso aconteça com todos os magnetizados. Alberto não diz nada sobre isso; talvez não devêssemos compreender a explicação."

(A minha irmã M. estava presente, e pediu que R. descrevesse o espírito guardião dela. Quando lhe transmiti esse desejo, R. respondeu:)

"A tua irmã também desejou que eu saudasse o meu Alberto por ela." (A sorrir.)

"Já o fiz, e isso agradou-lhe muito. Ele não conhecia M., mas ficou a conhecê-la primeiro através de mim e de ti; neste momento está a olhá-la com muita ternura."

Como é o teu Alberto?

"No seu rosto repousa sempre uma expressão suave, celeste, de bondade; os olhos são azuis; as faces ligeiramente coloridas, como se um sopro lhes tivesse dado tom; o cabelo é castanho claro; tem um nariz fino, de traço grego, uma testa alta, o rosto algo alongado e uma boca simpática e afável. A sua mão é delicada; o porte, forte e alto; no seu comportamento há algo de majestoso; o olhar é espiritual e puro, e uma serenidade divina repousa-lhe na fronte. As vestes são de branco brilhante e traz uma coroa de palmas na cabeça. Oh Alberto, como és belo! O seu todo é de uma glória indescritível."

(Pausa.)

"Amandus, o amigo do meu Alberto, aproxima-se de nós; alegra-me revê-lo. Está agora ao seu lado e olha para mim sorrindo."

O Amandus já está aqui há algum tempo?

"Sim, veio com o Alberto, mas depois afastou-se. Esteve aqui há pouco, quando tive as cãibras violentas. Estas duraram tanto tempo porque Alberto não chegou logo; tinha algo importante a tratar. O Amandus ansiava pela sua chegada; também precisava de lhe falar, embora eu não saiba sobre o quê." (Pausa.)

"Oh, vê, Alberto tem na mão uma folha com o meu nome escrito; isso alegra Amandus, que olha para mim sorridente."

Qual dos teus nomes está lá inscrito?

"O verdadeiro, aquele pelo qual Amandus me conhece, e por meio do qual qualuer outro espírito me reconheceria. Tu não o podes compreender; esse nome não pode…"

** As cores vistas no outro mundo excedem tanto em brilho e esplendor as mais belas da Terra que mal se podem comparar. — A. C. 4530*

** No Céu, o prazer comum é sentido como o perfume de um jardim, com variações conforme os aromas das flores e frutos. — P. P. 304*

** Nem espíritos nem anjos podem ver por si sós nada do mundo natural; no entanto, se o Senhor assim o quiser, podem ver as coisas terrenas através dos olhos do homem. — H. & H. 249*

** Aqueles que falam com os anjos do Céu também veem o que lá existe, porque veem à luz do Céu, na qual estão os seus interiores; e os anjos veem através deles o que se passa na Terra. — H. & H. 252*

"O nome não pode ser escrito com os nossos caracteres; é apenas um sinal, e ainda assim expressa a mim e toda a minha essência."

Consegues imitar esse sinal com um lápis?

"Farei a tentativa."

(Subitamente, R. fica rígida e pálida; a mandíbula inferior bloqueia-se por vários minutos e ela perde a fala. Soprei várias vezes sobre o estômago e a boca, e assim consegui restabelecer-lhe a fala e o movimento.)

Como surgiu este ataque tão repentino?

"Alberto não permite que eu escreva esse sinal; o esforço seria demasiado grande e prejudicial para mim. Esta foi a forma que encontrou de manifestar a sua vontade."

Foi, no entanto, um sinal bastante duro para ti.

(Sorri.) — "Oh não, não senti nada; pareceu-te pior do que realmente foi. Foi apenas uma subtração repentina de força, que não me causou mal algum."

Mas porque é que o teu nome estava escrito numa folha?

"Não sei, mas vejo por Alberto que ainda hei de descobrir a razão. Agora devo repousar durante catorze minutos."

(Decorrido esse tempo, disse tristemente:)

"Imagina… O Amandus partiu de novo."

Por que motivo?

"O seu dever chamou-o; mas voltarei a vê-lo em breve."

Que tarefas foi desempenhar?

"Não as conheço; o meu Alberto diz-me que me instruirá nesse ponto quando chegar o momento certo."

Estás tão interessada pelo Amandus — quem é ele, afinal?

"Ai de mim… estou sempre à beira de o reconhecer, mas nunca chego a sabê-lo. Amo-o muito, e quando pergunto a Alberto, ele apenas sorri e não me responde; isso entristece-me. Quando ele não quer que eu veja algo nele, não consigo, embora ele o saiba. Mas agora devo olhar para dentro do meu corpo e relatar-te o seu estado, conforme Alberto deseja."

"Tenho manchas no pescoço que regressam de tempos a tempos e têm um aspeto desagradável. Não me causam dor, mas gostaria que desaparecessem. Provêm do fígado e da irregularidade do meu período."

"Cada um é nomeado (no mundo espiritual) de acordo com a qualidade do seu amor e sabedoria; pois assim que alguém entra em sociedade ou em participação com os outros, é imediatamente nomeado conforme sua qualidade ali; a nomeação é feita por meio da velocidade espiritual, que é tal que pode dar um nome a tudo; porque lá, cada letra do alfabeto significa uma coisa, e as várias letras unidas em uma palavra, que forma o nome de uma pessoa, envolvem o estado completo da coisa." — D. P. 230

Ainda és um pouco vaidosa?

(Sorri subtilmente.)

"Se podemos remover tais coisas sem causar dano, devemos fazê-lo."

O que é necessário fazer para prevenir essas manchas?

"É preciso extrair o suco da erva-das-telhas e deixá-lo cair sobre as manchas, esfregando depois suavemente com o dedo. Gostaria que fosses tu a extrair o suco, molhar um pano de linho e colocá-lo sobre mim."

Assim farei.

"Se repetires isto três vezes em sete dias, as manchas desaparecerão. Não penses, peço-te, que as quero eliminar por vaidade. Elas desfiguram-me, e isso, de facto, não é agradável; mas sei também que, se forem negligenciadas, podem facilmente degenerar em herpes."

Fica tranquila, farei como me pedes.

(Nesse momento, recebi algumas cartas das mãos do meu irmão C. Eram duas, que li enquanto R. permanecia em silêncio. Mas, mal tirei do bolso e abri uma terceira — recebida durante o dia, mas ainda não mencionada — ela agitou-se e disse:)

"Essa carta diz respeito a mim; sinto-o."

(Voltei a fechá-la e depositei-a sobre o seu estômago, perguntando:)

Quem a escreveu?

"É a letra do meu pai." (Ao dizer isto, começou a tremer e exclamou:)

"Ach Gott! Tira essa carta! O meu pai, o meu bom pai!"

Aconteceu-lhe algo?

"Não, não; ele está preocupado com a minha saúde e não compreende verdadeiramente o que se passa. Nada sabe sobre magnetismo e está agora a atormentar-se desnecessariamente por minha causa. Não me leias a carta — lançar-me-ia de novo em cãibras."

Mas posso lê-la eu, novamente?

"Sim."

(Enquanto o fazia, ela disse com inusitada veemência:)

"O quê? Isso é terrível… até acreditam que estou enfeitiçada!"

Como sabes isso?

"Acabaste de o ler."

Mas já li essa carta há várias horas; porque não sabias do conteúdo mais cedo, durante esta crise?

"Isso é fácil de compreender. Tu sabes muitas coisas que eu não sei. Terei de saber tudo o que tu sabes?"

Não, mas surpreende-me que só agora saibas de algo que poderias ter sabido antes.

"Não é assim. O que fazes ou pensas enquanto durmo não me escapa. Mas o que antecede não sei, a menos que me recordes ou que me conduzas até ele por meio da tua reflexão e vontade."

(De repente, ela ficou novamente rígida e muda. Após cerca de oito minutos de respiração soprada sobre ela, recuperou-se.)

Porque perdeste subitamente a fala?

(Sem resposta. Pressionei com o dedo mínimo os seus dentes; a mandíbula tremeu e abriu-se ligeiramente, permitindo-me tocar-lhe na língua.)

Consegues falar?

"Não — não — ainda não bem… mas em breve."

O que causou esse novo ataque?

"Tentei penetrar mais profundamente no conteúdo da carta do que seria benéfico para mim; nesse momento, Alberto olhou-me com seriedade e tornei-me inconsciente e muda."

Mas tu permitiste-me ler a carta e disseste que não te faria mal.

"É verdade. O modo como a leste, tanto da primeira como da segunda vez, não me causou dano algum; apenas recebi dela uma leve e geral impressão. Mas vasculhar e escavar o seu significado — que foi o que tentei fazer por mim mesma — não me teria feito bem, se Alberto não tivesse intervindo."

E agora?

"*Agora devo repousar até ele se afastar de mim.*"

Quando ocorrerá uma nova crise?

"*Amanhã às nove da manhã.*"

(Ela junta as mãos e reza em silêncio. Seis minutos antes das nove, é tomada por dificuldades respiratórias e uma tosse seca que ameaça sufocá-la. Subitamente, tudo cessa. Os braços e pernas movem-se em espasmos sucessivos, e então desperta, perfeitamente bem-disposta e dizendo que se sente muito confortável.)

23 de Maio, das 9h00 às 12h00

As cãibras introdutórias foram hoje menos intensas do que ontem, embora tenham durado um pouco mais; no resto, mantiveram o mesmo padrão. Passado algum tempo, R. disse:

"Sim, voltaste para mim, fiel Alberto. Posso confiar-te plenamente. Mas tu também és servo do grande Deus, o único verdadeiro e fiel."* (Pausa.)

"Ai de nós, humanos! Seres fracos e inconstantes — quanto nos resta abandonar até alcançarmos a vossa elevação, meu Alberto! Ó egoísmo, maldição das nossas almas — é o único obstáculo à nossa perfeição. Mas tu, meu Alberto, és guiado pelo Amor que emana do Pai do Amor.† Oh, se eu fosse tão cheia de amor como tu és! Quão feliz seria — e quanto faria os outros felizes também!‡"

"Mas todas essas tarefas dos anjos são funções do Senhor através dos anjos, pois eles as realizam, não por si mesmos, mas a partir do Senhor." — H. 391

(Ela reza.)

— "Ó, dá-me força e espírito, Deus misericordioso e Pai, para que eu aprenda a vencer-me sempre mais — e a entregar-me à vontade do Teu amor. Ajuda-me a lutar, ajuda-me a vencer!"

(Ela chora em silêncio; as lágrimas escorrem pelas têmporas.)

"E no coração do amigo que está ao meu lado, derrama cada vez mais amor, para que ele aprenda a suportar, com mais boa vontade e submissão, o que colocaste sobre ele." (Pausa.)

"O Espírito do Teu amor está perto de nós. Ó Pai, contempla os nossos corações; diante de Ti estão todos expostos. Toma-nos sob a Tua proteção e alegra-nos com a Tua graça."

(Depois de um longo intervalo em silêncio, diz:)

"Alberto, é uma grande alegria que me proporcionaste de novo; o teu amigo Amandus veio contigo? (Para mim.) Ele não é tão belo, tão perfeito quanto o meu Alberto, mas é muito bom."

Porque é que o Amandus agora costuma vir com o teu Alberto?

"Vejo, através de Alberto, que ambos têm o mesmo encargo. Estão a conversar sobre isso neste momento."

O Amandus também ajuda magnetizados?

"Sim, essa é parte da sua missão — mas há mais."

Por exemplo?

"Tal como o meu Alberto, é também incumbido de instruir almas ignorantes e conduzi-las a Deus e à salvação."

* *No mundo espiritual, cada pessoa recebe o seu nome conforme a qualidade do seu amor e sabedoria; esse nome é formado por um único sinal ou palavra que exprime o estado inteiro do ser. — D. P. 230*

* *Todos os trabalhos dos anjos são funções do Senhor por meio deles — eles não actuam por si mesmos, mas a partir d'Ele. — H. & H. 391*

* *Quanto mais alguém está no amor próprio, mais se afasta do Céu, porque se afasta do amor celestial. — H. & H. 557*

† *O amor do Céu é o amor que flui de Deus; é esse amor que conduz os anjos. — D. L. W.*

‡ *Quem está repleto do amor divino deseja transmitir felicidade aos outros como expressão natural do seu próprio bem-estar. — H. & H.*

Que o Divino que procede do Senhor, e que afeta os anjos e constitui o Céu, é Amor, toda a experiência no Céu o confirma, pois todos os que lá se encontram são formas de amor e caridade. A grandeza do deleite celeste é evidente apenas pelo facto de que todos, no Céu, têm como prazer comunicar os seus deleites e bênçãos aos outros. Com efeito, como já foi demonstrado, no Céu há uma comunicação de todos com cada um e de cada um com todos. Por isso é que os anjos do mais alto Céu são os mais belos, porque são formas de amor celeste; ao passo que aqueles que amaram as verdades divinas exteriormente, e viveram segundo elas de modo também exterior, são menos belos. Existem também outros que instruem os simples e bons vindos do mundo cristão, conduzindo-os no caminho para o Céu.

R. disse então que o Amandus seria, em breve, instituído espírito guardião de um homem, tal como Alberto já o era há muito, e que Alberto o preparava atualmente para esse fim. O Amandus não era ainda tão perfeito como Alberto, mas era, mesmo assim, muito bom — oh, muito bom — e mostrava-se muito disposto a aprender com Alberto, que o tratava com grande ternura.

Mas por que razão este amigo vem ter com Alberto precisamente quando estás ligada a ele?

O Amandus também me ama; Alberto falou-lhe de mim, e por isso tem um interesse profundo em mim.

Subitamente, R. levantou os braços e uma expressão de espanto tomou conta do seu rosto. Exclamou:

Meu Deus! És tu! Pode ser verdade? Será possível? Oh, como me alegro! Uma atracção constante sempre impeliu a minha alma para ti!

(E voltando-se para mim:)

"Por isso é que, na medida em que alguém está no amor-próprio, nessa mesma medida se afasta do céu, porque se afasta do amor celestial." — H. & H. 557

"Que o Divino que procede do Senhor, e que afeta os anjos e forma o Céu, é o amor — toda experiência no Céu testifica: pois todos os que lá estão são formas de amor e caridade." — H. & H. 17

"Quão grande é o deleite do Céu, pode ser manifestado apenas por isto: que é um prazer para todos no Céu comunicar seus deleites e bênçãos aos outros — pois, como foi mostrado acima, nos céus há uma comunicação de todos com cada um, e de cada um com todos." — H. & H. 399

"Por isso é que os anjos que estão no céu mais íntimo são os mais belos, porque são formas do amor celestial. Mas aqueles que amaram as verdades divinas apenas exteriormente, e assim viveram exteriormente segundo elas, são menos belos." — H. & H. 459

"Há outros que instruem os simples de bom coração do mundo cristão, e os conduzem no caminho para o céu." — H. & H. 391

Vê só como Alberto e o Amandus se regozijam com o meu encantado assombro!

Sabes que eu não posso ver nada disso; por isso, conta-me o que te deixou tão jubilosa.

Imagina: este o Amandus é o falecido O. F. R. M., de U. Que alegria me dá este reconhecimento! Quando eu era criança, ele tinha um grande carinho por mim. Ensinou-me muitas coisas boas. Por que razão, meu Alberto, me escondeste por tanto tempo esta notícia tão consoladora?

E qual foi a resposta de Alberto?

Disse-me que tal revelação, até agora, teria sido demasiado forte para o meu sistema nervoso. Oh, que alegria me traz o querido Amandus! Quando era criança, ele chegou a pedir-me um escrito como recordação.

E se pudesses contar isso à sua viúva?

Não, não pode ser comunicado.

Irás vê-lo frequentemente?

Sim, e isso dar-me-á sempre grande alegria.

Estavas a rezar?

Não propriamente; estava apenas a suplicar aos meus dois veneráveis amigos que rezassem pelas minhas necessidades mais profundas. (Pausa.)

O Amandus está agora a olhar para ti; ainda não te vê com total clareza. Alberto já lhe disse quem és. (Pausa.)

O Amandus compadece-se dos meus sofrimentos; conhece perfeitamente o meu estado. Conhece também os meus pais.

Permanecerá ele contigo durante todo o teu sono de hoje?

Não, tem de nos deixar em breve para auxiliar um sofredor como eu, aqui no nosso país.

Onde se encontra esse sofredor?

O Alberto não permite que essa pergunta seja respondida. (Pausa.)

Ah, se pudesses ver o meu Alberto… Gostaria que também pudesses contemplar esta visão. Neste momento ele está de novo ao teu lado direito.

Também eu gostaria.

Alberto sabe que desejas isso. Disse-me agora que escreveste uma pergunta sobre esse tema. Ele já esteve contigo esta noite, quando provavelmente dormias profundamente. Pousou a mão sobre a tua cabeça.

O que me dizes surpreende-me muito; ninguém neste mundo sabia nada sobre essa pergunta.

Alberto sorri e diz que já o sabia no momento em que começaste a formular esse pensamento. Foi por ele que soube que tinhas anotado tal pergunta. Ah, conheço ainda muitas coisas sobre ti que não te conto; não seria bom fazê-lo. E se tentasse, a minha língua paralisar-se-ia de imediato. Tiveste um sonho muito agradável esta noite; Alberto estava bem próximo de ti. Não te recordas do que sonhaste?

Lembro-me de uma grande igreja, esplendidamente iluminada, onde deveria pregar diante de milhares. Sentia-me ansioso, perturbado perante a ideia de discursar num lugar estranho e perante tanta gente desconhecida. Nesse desconforto, aproximou-se um clérigo com trajes eclesiásticos e perguntou-me se poderia pregar em meu lugar. Agradecido por tão amável oferta, cedi-lhe o púlpito. Mas que surpresa a minha, quando ele proferiu exatamente o mesmo sermão que eu havia memorizado com tanto cuidado! Após a pregação, desceu os degraus e veio ao meu encontro. Quando me preparava para agradecê-lo, olhou-me com intensidade, mas com simpatia — e despertei.

Imagina: Alberto diz que era ele próprio!

Consegues recordar a sua aparência?

Oh, sim, está muito viva na minha memória; mas não corresponde à imagem que nos apresentaste ontem.

"Há diversos tipos de visões, e elas são tanto mais perfeitas quanto mais interiores forem." — A.C. 1786

"Há também alguns (anjos) que estão presentes àqueles que são levantados dentre os mortos." — H. & H. 391

Não poderia ser de outra forma; Alberto afirma que te mostrou a sua forma tal como era em vida. Também o viste na tua mais tenra infância, mas nunca o conseguirás lembrar.

E como é que o viste tão diferentemente de mim, sendo que nem eu o vi com os olhos do corpo? Não teria sido igual, se se mostrasse no sonho segundo a sua forma atual?

De modo algum. Alberto diz que mesmo num sonho, tal impressão seria prejudicial para ti.

Tenho ainda outra dúvida que me leva a fazer-te mais uma pergunta.

Pergunta.

Retrataste a forma de Alberto de modo belíssimo, é certo, mas entremeaste nessa descrição tantos elementos terrenos e até, se me permites, contraditórios, que me custa acreditar que tenhas apresentado uma descrição fidedigna do teu Alberto.

Alberto sorri e diz que tens razão; eu própria não sabia o que pensar do assunto.

(Segue-se um intervalo de silêncio, em que R. parece refletir e conversar com Alberto. Passados alguns minutos, diz com alegria:)

Ah, agora compreendo o que querias dizer. Alberto explicou-me. Ainda que eu esteja agora muito acima de ti, não posso contemplar a essência dele tal como é, enquanto estiver unida ao corpo. Não suportaria. Tenho apenas uma imagem aproximada. Tudo o que vi nele de cor — as faces ruborizadas, os olhos azuis — foram elementos que ele me permitiu ver, apenas como aparência, para velar os seus verdadeiros interiores, os quais me seriam insuportáveis. Também não me é permitido conhecer o verdadeiro nome que tem no além, porque não o conseguiria compreender. Ah, entristece-me profundamente não poder ver o meu Alberto como ele é…

(E chora por longo tempo.)

Esta explicação alegra-me muito, pois dissipou dúvidas muito naturais para quem se encontra na minha posição.

(R. não se acalmou facilmente, e permaneceu triste por quase meia hora, a chorar e a suspirar. Por fim, disse:)

Ai de mim… o meu Alberto tem de ausentar-se por meia hora para assistir uma pessoa moribunda. Oh, regressa depressa, rogo-te, querido guia! Já partiu, e deixei de ver com tanta nitidez.

Onde estiveste, desde que adormeceste, com o Alberto?

Aqui em Schwaikheim, contigo e com o Amandus. A flor não está presente desta vez.

Porque não estiveste de novo no sol?

Não sei; o Alberto entendeu que não era o melhor. (Após uma pausa.) Ah, agora ouço com o ouvido direito; vejo Alberto ao longe. (Coloquei a minha mão esquerda sobre os seus olhos, que estavam abertos mas fixos, ao que ela disse:) Quando fazes isto, vejo-te com a testa, e então pareces maior e mais resplandecente.

Mas eu não me torno maior só por colocares a mão sobre os teus olhos; deves estar, de novo, enganada!

(De forma irritada, sombria e com brevidade:)

Enganada! Estás sempre a pensar em enganos; não estou enganada. Mas neste momento não consigo explicar o fenómeno.

Lamento; mas agradar-me-ia se o pudesses explicar.

(A resposta foi ainda mais curta e ríspida:)

Quando digo que não posso, deves dar-te por satisfeito.

(Este tom, nada condizente com a relação habitual entre nós, levou-me a declarar:)

Desculpo as tuas palavras impróprias apenas porque acredito que, agora que o Alberto se ausentou, não estás completamente no domínio de ti mesma; mas ordeno-te, por isso, que fiques em silêncio até que o Alberto regresse.

(Decorridos cerca de dezoito minutos, durante os quais permaneceu completamente imóvel, começou visivelmente a tentar falar. A mandíbula estava convulsivamente fechada; soprei sobre a sua boca, e ela recuperou. Disse então:)

Fui imprudente; Alberto já me repreendeu pela minha atitude indelicada. Perdoa-me; prometo que não voltará a repetir-se. Tinhas razão; a ausência de Alberto fez-me cair subitamente de novo numa condição demasiado terrena. Agora, porém, posso esclarecer-te

sobre as tuas dúvidas. Quando colocaste a mão sobre os meus olhos, vi-te através da testa, e de forma mais luminosa. A tua figura apresentava-se com contornos mais definidos do que o habitual; por isso parecias-me maior — o que, evidentemente, não corresponde à realidade. Agora, ao voltares a colocar a mão sobre os meus olhos, também vejo Alberto mais luminoso e, por assim dizer, maior; o que, sem dúvida, é uma ilusão da minha parte. Por vê-lo com tanta nitidez, a tua imagem esbate-se um pouco, como que eclipsada pelo esplendor do Alberto, que é muito mais intenso que o teu. Por isso, pensaste que eu confundia Alberto contigo. Mas não é assim — na verdade, já mal te via. Sempre vos considerei pessoas distintas, como de facto sois. Oh, vejo-vos muitas vezes muito diferentes na forma, apesar da vossa semelhança, e em lugares distintos. Mas Alberto convencer-te-á, mais cedo ou mais tarde, de que tem uma existência real, e não é criação da minha imaginação.

"Aqueles que estão nessa afeição, ou o que é o mesmo, nesse amor, estão na inteligência celestial, e brilham no Céu como com o esplendor da expansão. Eles brilham assim porque a verdade divina, onde quer que esteja no Céu, dá luz." — H. & H. 347

"É digno de nota que os escritos nos céus fluem naturalmente a partir dos próprios pensamentos, e isso com tanta facilidade, que é como se o pensamento se colocasse por si mesmo." — H. & H. 263

Isso dar-me-á grande alegria. Mas que ele não se sirva de ti como meio para tal prova, pois os teus testemunhos, por mais sinceros que sejam, não me bastam naturalmente.

Compreendo. Alberto diverte-se com as tuas dúvidas — o que eu, confesso, não compreendo bem — e a mim desagradam-me. Mas ele afirma que em breve confirmará a tua fé. Agora, porém, nada de perguntas céticas. Preciso de repousar. (Repousa longamente; por fim, diz:) O Amandus está a partir. Foi chamado pelo seu protegido. Despede-se de mim com um aceno afável. Adeus, bom Amandus! Regressa em breve. (Pausa.) Sinto-me muito quente; peço-te que sopres levemente sobre o meu rosto.

(Eu assim fiz.)

Que frescura tão agradável... sinto-a percorrer todo o meu corpo.

Estás novamente a sentir algum cheiro?

Sim, o teu sopro cheira a damascos.

(Em tom de brincadeira.)

Nunca imaginei que o meu hálito tivesse fragrância tão etérea.

Brinca à vontade... mas eu desfruto-a verdadeiramente.

Permites-me mais uma pergunta?

Faz favor.

Disseste ontem que viste o teu nome escrito numa folha, na mão de Alberto; podes agora dizer-me por que razão?

Agora sim. Alberto queria dar ao Amandus, que me conhecera em vida como criança, uma imagem de como me tornei nos meus interiores desde então; o Amandus não podia ver-me com a mesma clareza que Alberto. Por isso, Alberto ofereceu-lhe uma espécie de delineação de mim, que é mais do que uma imagem, um nome ou um símbolo. Isso é algo que não podes compreender; há mais essência envolvida do que possas conceber, ou que eu consiga explicar. Nem eu mesma compreendo tudo, mas o facto é esse. Que essa imagem me tenha parecido o meu nome escrito numa folha, foi um gesto de Alberto para mim. Queria dizer-me, com isso: como estas letras que te representam brilham com luz pura, assim também o teu coração deve tornar-se puro e luminoso. Por isso, a folha era também um símbolo para mim. (Pausa.)

Amanhã o Alberto regressará às seis da tarde. Agora foi novamente chamado, mas voltará em breve.

Alguma vez o teu ataque ocorrerá ao domingo?

Nunca de manhã; se acontecer num domingo, será sempre à noite. Nessa manhã, pregas a palavra de Deus e não deves ser interrompido nessa missão; o Alberto assim o determinou.

O domingo é observado também no país do Alberto?

Sem dúvida; lá, o louvor ao Altíssimo é constante, mas nesse dia celebra-se de forma mais solene e universal. O Alberto tem inclusive uma função especial nesse dia.

Em que consiste essa função?

Não vejo com clareza; provavelmente dá instrução. (Pausa.)

Estou a examinar a tua garganta, que ontem estava rouca; está agora curada.

Sim, surpreendeu-me a melhoria repentina. (A sorrir.)

Foi vontade do Alberto que eu tomasse a maleita sobre mim; por isso, perdeste hoje a rouquidão, enquanto eu a tenho agora. (Ela sofreu com isso durante vários dias depois.) Será mais fácil para mim ultrapassá-la; na tua profissão, seria mais difícil.

Agradeço-te por teres retirado esse incómodo de mim.

Nada de agradecimentos; limitei-me a cumprir a vontade do Alberto. E a transferência da tua afeção não me causará dano. Mas agora aproxima-se o momento do meu regresso. O Alberto chegou de novo para restituir-me à vida terrena. (Pausa.)

Amanhã, às nove horas, dá-me sumo de framboesa com água. Não devo sair de manhã. O teu irmão C. tem um inchaço no pescoço; diz-lhe para aplicar uma cataplasma de barro, mas...

"Ao raiar do dia, ouvimos uma proclamação: Hoje é o Sábado; e eles se levantaram e perguntaram ao anjo o que significava aquilo. Ele respondeu que era para a adoração de Deus, a qual ocorre em tempos determinados e é proclamada pelos sacerdotes." — T.C.R. 750

"Pelo relato acima, torna-se evidente que os espíritos retêm na memória o que veem e ouvem na outra vida, e que são capazes de ser instruídos da mesma forma que quando eram homens no mundo." — E. 1728

Ao romper do dia, ouvimos uma proclamação:

"Hoje é o Sábado"; então eles levantaram-se e perguntaram ao anjo qual era o motivo. Este respondeu que se destinava ao culto de Deus, o qual ocorre em tempos determinados e é anunciado pelos sacerdotes.

Pelo relato acima, torna-se evidente que os espíritos conservam na memória aquilo que veem e ouvem noutra vida, e que são capazes de ser instruídos da mesma forma que quando eram homens no mundo.

Estava calor; o barro precisava de ser cozido. (Pausa.)

Agora — agora — desperto. Adeus! Meu Alberto. (Vêm as habituais cãibras e ela acorda fortalecida.)

24 de Maio, das 18h às 21h.

R. anunciara uma nova crise para essa tarde às seis horas. Para me certificar se a ocorrência das cãibras se dava pontualmente à hora indicada e sem qualquer interferência da sua parte, pedi aos membros da minha família que, em resposta à sua pergunta sobre a hora marcada para o próximo sono, dissessem cinco horas. Assim foi feito; e, julgando que assim seria, ela dispôs as suas tarefas de modo a tê-las concluídas a essa hora. Como não se verificou nenhum ataque às cinco e nem tão pouco sinais dele até ao quarto de hora seguinte, julgou ter-se enganado. Convidei-a então a acompanhar-nos ao jardim próximo da casa, pois o tempo estava ameno e agradável ao ar livre. Ela seguiu-nos, bem-disposta.

Importa também referir que, nessa manhã, adiantei o relógio da lareira em quinze minutos, de modo que dava as horas antes do tempo solar. Igualmente, sem o seu conhecimento, fiz com que todos os relógios da casa fossem acertados com o da lareira.

Assim sendo, este deu as seis horas enquanto R. continuava animada no jardim. Com um pretexto, levámo-la de volta ao quarto, precisamente quando o relógio da sala marcava um quarto para as sete. Este relógio estava exatamente quinze minutos adiantado em relação ao meu relógio de bolso — um excelente cronómetro, que fora o único a não ser alterado. Portanto, o meu relógio marcava exatamente seis horas quando o primeiro quarto soou, e logo se manifestaram as habituais cãibras, a tosse seca e curta, e o tremor dos membros. R. foi então deitada rapidamente na cama. Passados alguns minutos, após cessar a agitação geral do corpo, disse com alegria:

"Quanta maçada se deu para me enganar! Ainda bem que saí do jardim e cheguei ao quarto a tempo. Pode ficar certo de que, neste assunto, nada posso acrescentar nem subtrair. A minha enfermidade segue o seu curso; apenas o meu Alberto pode alterar o momento da crise — e fá-lo apenas por necessidade. Mas vejo-o de imediato nele, sem necessidade de examinar os meus nervos ou vasos sanguíneos. Contudo, tenho de lhe dirigir uma repreensão, meu caro doutor."

Por que motivo?

"Desta vez não respeitou o meu aviso para se manter a alguma distância de mim durante as cãibras; poderia facilmente ter sofrido algumas consequências. No entanto, o Alberto impediu que isso acontecesse. Nesses casos, quando surgem de forma inesperada, deixe que as cãibras sigam o seu curso; não me causarão mal. Está demasiado ligado a mim para não correr o risco de as contrair. Se necessário, peça antes ao seu irmão ou à sua irmã que me deitem na cama. Mas o senhor mantenha-se afastado. Qualquer dano que me possa advir do contacto com outros desaparece rapidamente."

O Alberto está aqui?

"Sim, ele estava presente quando as cãibras começaram. Dê-me novamente o íman, por favor; faz-me bem; coloque-o sobre o meu peito."

(Fi-lo como ela pediu, e ela disse com satisfação:)

"Não trocaria esta pedra por grande coisa; até tem um cheiro delicioso."

Como assim? "Não consigo comparar o cheiro; é como se fosse composto por muitos outros. Assemelha-se a frutos delicados, e ao mesmo tempo a um bom vinho encorpado. Mas agora devo acompanhar o Alberto."

Para onde?

"Ainda não sei; ele apenas me diz que irá comigo imediatamente. Ah, já está feito; estou no lugar destinado."

(De súbito, o seu rosto empalideceu e a sua respiração tornou-se menos percetível, como sempre acontecia quando a sua alma se afastava do corpo.)

Consegue agora indicar o local onde se encontra?

"Não, ainda não; apenas vejo que aqui não há luz alguma."

Está num corpo fixo, onde está?

"Sim, mas reina aqui uma completa escuridão, apesar de haver tochas acesas por todo o lado."

Como? Tochas? Estou surpreendido. Como é possível? Tochas num local que pertence ao mundo suprassensível?

"Não pertence inteiramente ao mundo suprassensível. Não, há aqui criaturas claramente corpóreas." Trata-se de alguma parte remota da nossa própria Terra?

"Não: o Alberto está agora a levar-me para outra parte deste corpo; ah, ali é ainda mais sombrio."

Por que razão este local é tão obscuro?

"Porque se encontra tão profundamente abaixo." Não compreendo. Diz 'abaixo'; o que está abaixo?

"O sol não brilha aqui; é um lugar cuja posição é oposta à do sol."

É a Lua?

"Sim, sim, é isso; agora sei — o Alberto confirma-o."

Vês seres vivos nesse planeta?

"Sim, neste momento vejo muitos juntos."

São seres corpóreos, os que vês?

"Têm algo de corpóreo, mas não como os homens."

São os habitantes originais da Lua?

"Não, foram transferidos para lá."

Conheces algum deles?

(Ela observa longamente e com atenção.)

"Há tantos, que não consigo ver bem de imediato. Mas sim, agora vejo um que conheci na Terra. Trabalhou muito tempo ao serviço do meu pai em E. Era carroceiro. Reconheço-o perfeitamente. Há muitas outras formas e rostos que já vi antes, mas não me recordo bem deles."

Então, almas de homens falecidos habitam esse lugar?

"Sim, habitam. Mas também há espíritos aqui que foram transferidos de outras estrelas."

Com que propósito precisam essas almas de tochas — ou de luz material?

"Não disse que precisavam de tochas. Além disso, falei há pouco de outra região da Lua, onde estive primeiro. Mas também aqui, onde me encontro agora, há luzes — se o termo "tochas" o incomoda. O local é iluminado de forma peculiar, porque não há luz solar. Posso dizer, com propriedade, "luzes". Não terás objeções a isso?"

Não; apenas quero saber se existem seres além das almas dos defuntos onde estás agora.

"Aqui não vejo nenhum, mas havia na região onde estive primeiro. Quando lá voltar, dir-te-ei mais sobre eles; por agora, não posso."

Qual é a natureza dessa forma de iluminação da Lua de que falaste?

"A Lua é iluminada, como a Terra, pelo Sol; há também alternância de dia e noite."

Exatamente como na Terra? (Ela pensa, e depois diz:)

"Coloca, por favor, a tua mão na minha testa, para que eu veja melhor." (Quando o fiz, disse:)

"Daí se percebe a natureza dos homens corpóreos: eles não são corpóreos quanto ao entendimento, mas quanto ao amor; ou seja, não são corpóreos em seu entendimento quando falam em companhia, mas o são quando falam consigo mesmos em espírito. E, como em espírito são assim, depois da morte, tanto em relação ao amor quanto ao entendimento, tornam-se o que se chama de espíritos corpóreos."

"Os bons espíritos que devem ser instruídos são conduzidos para lá (aos lugares de instrução) pelo Senhor, quando já passaram por seu segundo estado no mundo dos espíritos." — H. & H. 513

"Que há muitas terras (planetas), e homens nelas, e espíritos e anjos oriundos delas, é algo muito bem conhecido na outra vida." — H. & H. 417

"Sim, a Lua é iluminada pelo Sol de forma alternada, como a Terra; mas na Lua, os dias e as noites são mais longos. Um dos lados da Lua permanece voltado para o Sol durante mais

tempo do que a Terra jamais está. O outro lado, por conseguinte, tem uma noite de duração correspondente. Ainda assim, não é tão escuro como talvez penses. É o local onde me encontro agora."

Era precisamente isso que eu queria perguntar-te — qual é a natureza da iluminação artificial de que falaste?

"Não falei de iluminação artificial."

Mas referiste tochas ou luzes.

"Sim, mas entendi por isso uma iluminação que não provém diretamente do Sol, nem de qualquer outro corpo celeste; uma iluminação que não atinge todo o hemisfério da Lua, mas apenas parcialmente."

Conta-me o que puderes sobre isso.

"Não é muito; vejo aqui e ali uma claridade, que talvez proceda da atmosfera da Lua. Não sei ao certo, e o Alberto não me diz nada sobre isso."

Estás então no lado escuro da Lua, aquele que está sempre voltado para longe da Terra?

"Sim, é aí. E aqui só vejo seres que, quando viveram na Terra, estavam muito atrasados em termos de conhecimento."

Que tipo de conhecimento queres dizer?

"Refiro-me ao conhecimento moral e religioso. Em especial, vêm para aqui aqueles que, na Terra, não acreditavam em Cristo, o Redentor dos homens — os que consideravam as Suas doutrinas incompreensíveis e por isso as rejeitavam, ou que, desde a juventude, foram negligenciados quanto à instrução religiosa e, por essa razão, nunca sentiram muito interesse por tais assuntos. Ah, imagina — há almas aqui na Lua que, mesmo após a sua morte temporal, não querem ouvir falar disso."

(Interrompendo-se com expressão jubilosa:)

"Ah, Alberto! Agora reparei — então trouxeste a flor contigo?"

Essa flor interessa-te tanto?

"Acabo de saber, pela primeira vez, por Alberto, que quando essa flor murchar, a minha doença terá fim. A folha mais baixa e maior já murchou. Vejo claramente, pela flor e por Alberto, que a minha saúde em breve começará a melhorar. É verdade que ainda está alta, mas acabará por murchar completamente. Isso ainda levará algum tempo. Os meus sonos magnéticos cessarão gradualmente; depois surgirão cãibras e enjoos, três ou quatro vezes

por dia ao início; mas esses também se tornarão mais raros e fracos, e a doença acabará por desaparecer por completo."

E como ficará então o teu ciclo menstrual?

"Se não cometer nenhuma imprudência, tudo ficará regular e não terei mais nada de especial a sofrer. (Pausa.) Apenas os meus pulmões… ah, aí a coisa não está totalmente bem. Por ora, nada posso afirmar com certeza; o meu peito é fraco por natureza; os pulmões têm algumas manchas, e isso não é bom sinal. Durante muito tempo, após a minha recuperação, sentirei frequentemente opressão no peito e dores agudas. Ainda não posso dizer quando terá lugar o fim da minha doença. Em todo o caso, devo permanecer contigo por algum tempo após o último ataque, caso contrário, as cãibras poderiam facilmente regressar. Indicarei com mais precisão o momento certo. (Pausa.) Mas agora, remove o íman; o seu efeito começa a ser demasiado intenso."

(Removi-o lentamente, mas mantive-o na mão, que aproximei, sem ela notar, da cabeceira da cama, onde pressionei o íman. Imediatamente ela exclamou:)

"Ah, isso puxa! Dói-me ali em cima; tira a pedra! Vejo-te agora através da minha cabeça."

(Para fazer descer a visão ao epigástrio, movi a mão com a pedra lentamente sobre a cabeça e o peito, em direção ao estômago. Quando cheguei ao ponto onde as suas mãos estavam cruzadas sobre o peito, a mão esquerda, que estava por cima, moveu-se rapidamente em direção à pedra; levantei o íman e a mão seguia-o em todas as direções. Tal como uma agulha se liga a um íman, assim se passava com os seus dedos. Se eu afastava a pedra de um dedo, logo o seguinte se colava a ela. Fiz isto com o braço levantado, o que me foi causando cansaço. Sem pensar, deixei cair o braço para pousar o íman sobre o estômago, esquecendo que isso implicava passar por cima do braço dela. Como consequência, ela queixou-se intensamente e exclamou:)…

"Por amor do Céu, não para trás, não para trás — isso causa-me grande dor."

(Fui obrigado a segurar-lhe a mão durante alguns minutos, ao fim dos quais as dores no braço desapareceram gradualmente.)

"Agora deixa apenas a pedra repousar um pouco sobre o estômago; restaurará tudo."

(Quinze minutos depois, pediu-me que a retirasse, o que fiz, desta vez com mais cautela. Acrescentarei aqui que, sempre que tocava com o íman no seu olho direito, ou na testa — quando ela via através dela — dizia sempre que me via muito maior. Certa vez até disse:)

"Pareces um gigante." (Pausa.)

"Hoje sentes algum incómodo no estômago, e eu sofro contigo."

Tens razão. De onde vem isso?

"A razão é que ontem e hoje adormeceste alguns minutos depois de cada refeição. Deves evitar esse hábito. Não é nada benéfico para ti. Em vez disso, deixa de te sentar a ler após as refeições, altura em que facilmente és vencido pelo sono. Distrai-te com conversa, ou entretém-te com música, ou faz algum exercício ligeiro. A tua digestão sofreria com a repetição frequente deste erro." (Pausa.)

"Ah, meu Alberto, para onde vais?"

"Foi-se embora; teve de me deixar por algum tempo. Agora estou sozinha contigo; mas regressará em breve."

(Seguiu-se meia hora de silêncio absoluto, durante a qual permaneceu deitada imóvel. Depois, com alegria:)

"Ah, ali está ele de novo, o meu querido Alberto; dou-te as boas-vindas. Cumpriste uma missão ao serviço de um anjo superior? Ó feliz Alberto, quão fracos e imperfeitos somos em comparação contigo!"

Ainda estás na Lua?

"Sim, mas hoje não posso contar-te mais nada sobre este corpo celeste. Vejo que tens vontade de ouvir mais."

Tens razão, gostaria, mas se isso te exaure, não o faças.

"O Alberto diz que será melhor fazê-lo numa próxima visita."

"Enquanto estavam ocupados com essas coisas, chegou um mensageiro do príncipe, que os convidou a comer pão com ele. E eles se prepararam e acompanharam seu anjo." — T.C.R. 742

(Pouco depois, fiz a surpreendente descoberta de que, ao olhar para os seus olhos semicerrados, o direito se movia de um lado para o outro e a cabeça balançava para a frente. Repeti a experiência várias vezes e observei sempre que, quando deixava de olhar fixamente para ela, o efeito cessava. Quis ver até onde isto se prolongaria, se mantivesse o olhar fixo por algum tempo. O resultado foi o seguinte: o olho direito fixava-se no meu, enquanto o esquerdo se dirigia noutro sentido, provocando estrabismo; a cabeça avançava aos solavancos na direção do meu olho direito, erguia-se cada vez mais, e quando recuava a minha cabeça, a parte superior do seu corpo erguia-se também, sempre com o olho direito voltado para o meu. Por fim, quando chegou a poucos centímetros de mim, o movimento espasmódico para a frente intensificou-se e a sua cabeça bateu com força moderada na minha testa, como se o olho direito procurasse o meu. Quando ocorreu esse contacto, o seu corpo estremeceu por alguns momentos; então disse:)

"O meu olho está satisfeito"

— e, por sua própria iniciativa, deitou-se novamente de costas, com serenidade. Este fenómeno repetiu-se várias vezes depois. Um efeito quase idêntico era provocado pelo reflexo dos raios solares numa pedra preciosa mencionada anteriormente, que ela por vezes pedia para colocar na região epigástrica. Um raio refratado de uma das pedras do anel atingiu-lhe certa vez, por acaso, o olho direito, o qual começou imediatamente a mover-se; a cabeça iniciou o mesmo movimento espasmódico em direção ao anel, e não cessou até que ela pressionou o olho direito contra a pedra por alguns momentos, com igual tremor do corpo. Quando eu retirava o anel depois de ela começar a mover-se em sua direção, o olho direito ficava preso em espasmo, e ela queixava-se de dores agudas, que só podiam ser aliviadas com respiração assistida e contacto prolongado da minha mão sobre o olho. O mesmo acontecia quando, tendo ela já aproximado o olho do meu, eu retirava repentinamente a cabeça.)

"O meu Alberto pede-te algo, que certamente farás com prazer."

Diz-me o que posso fazer pelo teu espírito guardião.

"Diz ele que, devido aos teus passeios matinais, pelos quais tomas o pequeno-almoço a uma hora diferente da dos restantes membros da casa, aconteceu por vezes que se negligenciassem as orações matinais do lar. Pede-te que organizes as coisas de modo a que tal não volte a suceder."

Diz ao teu Alberto que lhe agradeço sinceramente a sugestão, e assegurarei que, no futuro, todos os impedimentos sejam eliminados.

"Isto alegra o meu Alberto. Está particularmente feliz por teres acolhido tão amavelmente o seu pedido. Diz que isso o encoraja a sugerir-te mais uma coisa."

Diz-lhe que qualquer sugestão dele me agradará.

"O Alberto diz que amanhã tens mais ocupações do que seria conveniente."

Amanhã vou pregar; não compreendo.

"Ficarás também encarregado de uma reunião da igreja nesse dia sagrado. O Alberto considera que isso não deveria acontecer."

(Ela, tanto quanto creio, não poderia ter conhecimento disto, pois eu ainda não o tinha mencionado a ninguém da casa.)

Quem te disse isso?

"O meu Alberto sabe e não aprecia."

Se ele sabe isso, também sabe que eu não o desejei. As circunstâncias obrigaram-me.

"Alberto sabe, apenas deseja que tentes evitar essa necessidade no futuro."

Assim o farei.

"Agora vou repousar algum tempo, é desejo de Alberto."

(Por cerca de vinte minutos permaneceu em silêncio absoluto. Depois disse:)

"Ah, o menino está a chorar na sala; está a ser desobediente com a tia."

(Imediatamente, o rapaz entrou pela porta, ainda a chorar, e R. chamou por ele:)

"Vem cá, meu querido; não quiseste obedecer, mas devias tê-lo feito. Não chores mais, sê um bom e obediente menino."

(O rapaz recusara-se, como depois se soube, a deixar que alguém além da mãe o despisse e o levasse para a cama.)

A crise de hoje ainda vai durar muito?

"Está agora mesmo a terminar. Na próxima terça-feira, o meu Alberto voltará a visitar-me; por agora, deixa-me em poucos momentos."

Assim aconteceu. Sobrevieram as habituais cãibras — muito ligeiras, desta vez — e ela despertou com as palavras:

"Estou com fome e sede; dá-me algo." (Eram cerca das nove horas.)

27 de Maio, das 0 às 9 horas da noite

As cólicas no peito e a tosse surgem alguns minutos antes das seis horas, sem serem precedidas por náuseas; contudo, são muito ligeiras e duram apenas cinco minutos. Em contrapartida, o corpo agita-se com maior intensidade imediatamente antes do estado de sonambulismo. Estremece por completo, como se acometido de uma febre intensa; em seguida, ela estica todos os membros de forma espasmódica, e move os braços com tanta violência, dando impulsos e pancadas, que temi que se ferisse contra a estrutura da cama. No entanto, tal não acontece. Subitamente, acalma-se; os olhos ficam semicerrados, os braços cruzados sobre o peito, como de costume. Passados alguns minutos, diz:

"Alberto, onde estiveste tanto tempo?"

Não esteve ele aqui imediatamente?

"Ele tem alguém gravemente doente na Suíça Francesa, uma pessoa que foi tratada de forma errada durante o seu estado magnético. Foi isso que o reteve; ele corrigiu o erro."

Como encontras o teu Alberto tão depressa, quando entras em crise, no mundo dos espíritos? (A sorrir.)

"É ele que me encontra; está encarregado de me visitar."

Está sozinho?

"Está, por ora; mais tarde, o Amandus virá também."

Ficará o teu Alberto contigo desta vez?

"Não, acompanhar-me-á novamente de imediato até à lua. (Pausa.) Mas, Alberto, olhas para mim com tanta seriedade! Oh, agi mal; prometi-te que controlaria melhor o meu temperamento, e ontem esqueci completamente essa resolução. Fui ridiculamente sensível e agitada. Prometo que não voltarei a fazê-lo, meu guia; sê bondoso comigo mais uma vez, suplico-te sinceramente." (Pausa, durante a qual chora.)

Sim, de facto; o Alberto diz que o meu coração, e não só a minha saúde, sofrerá se eu não me vigiar com mais atenção. Oh, agradeço-te, Alberto, por seres novamente bondoso comigo; olha-me de novo com total ternura; estou tão feliz. (Pausa.) Ele vai agora comigo até à lua." (Um ligeiro tremor apodera-se dela, o corpo estica-se visivelmente, o rosto perde toda a cor e a respiração torna-se quase impercetível.)

O que leva o teu Alberto até à lua?

"Neste momento, é benéfico para a minha saúde acompanhá-lo até lá; mas, além disso, os seus deveres também o levam."

Que tarefas tem lá?

"Ensina os habitantes da lua."

É isso que ele está a fazer agora?

"Sim, neste preciso momento."

Aqueles que aprendem conseguem ver-te?

"Sim, alguns olham para mim, mas não me reconhecem; o Alberto é frequentemente acompanhado por pessoas no meu estado. Estou a alguma distância dos ouvintes; o Alberto diz que não devo aproximar-me muito, pois isso seria extremamente prejudicial para mim."

Consegues ouvir e compreender os ensinamentos?

"Oiço, de facto, que ele ensina, e sei que o faz, mas é numa linguagem que não entendo." São os mesmos sons com que conversamos aqui?

"Oh, não; apenas o sinto. Noutras ocasiões também, o Alberto não fala como nós; capto tudo a partir da sua aparência; ele não fala com a boca, como os homens, mas com todo o seu ser. A sua satisfação e a sua seriedade também não se veem apenas no rosto, mas em toda a sua presença. Esta linguagem é compreendida de imediato por qualquer espírito desencarnado.†

Se fosse magnetizada artificialmente, poderia ser elevada a um grau tal que compreendesse perfeitamente esta linguagem; mas isso seria a minha destruição."

No entanto, como entendes as comunicações de Alberto dirigidas a ti, deverias também compreender quando ele fala com os habitantes da lua.

"Oh, não é assim. Alberto adapta-se à minha fragilidade e torna-se compreensível para mim. Mas não consigo acompanhá-lo quando fala com espíritos elevados. Há ainda uma grande diferença entre uma alma desencarnada e uma em estado magnético."

Então este ensino na lua faz parte das ocupações habituais de Alberto?

"Sim, mas além dele há vários outros espíritos tutelares incumbidos dessa tarefa.‡"

Sobre que temas fala ele agora principalmente? (Conversa em silêncio com Alberto e, passados instantes, diz:)

"Fala com eles sobre o que não lhes era plenamente compreensível aqui na palavra de Deus; instrui-os sobre isso, dá-lhes exortações, mostra-lhes o caminho para a verdadeira compreensão e aponta para o glorioso destino. Oh Alberto, quem me dera estar lá! Oh, torna-me tão boa que, quando tiver concluído o meu percurso, me seja permitido adorar, nesses círculos superiores, o Deus que me tem guiado de forma tão fiel, tão paternal, e agradecer-lhe por seu amor imerecido. Ah, ainda sou tão imperfeita.

Fui informado pelos anjos que, em todos os mundos, a primeira forma de linguagem foi efetuada pelo rosto, e esta derivava de duas origens: os lábios e os olhos. Esta forma de expressão ultrapassava a linguagem vocal tanto quanto o sentido da visão supera o da audição, ou como a vista de uma bela paisagem supera uma descrição verbal da mesma. Acrescente-se ainda que essa linguagem estava em harmonia com a dos anjos, com quem os homens da época comunicavam. Quando o rosto fala — ou seja, a mente através do rosto — a linguagem angélica manifesta-se no homem na sua forma natural mais pura, o que não sucede com a linguagem verbal. — E. Q. 54.

† Em consequência da correspondência entre a linguagem do pensamento e a linguagem da boca, o homem, após a morte, sabe falar numa língua universal, própria dos espíritos, independentemente da língua que usava em vida. — A. C. 61787.

‡ As instruções são levadas a cabo pelos anjos pertencentes a diferentes sociedades. — H. & H. 513.

— Toda instrução é ali feita a partir da doutrina derivada da Palavra, e não da Palavra sem doutrina. — H. & H. 516.

Podíamos todos fazer muito mais do que fazemos, mas tantas vezes simplesmente não o queremos. Oh, devias ver — queria que visses — o santo zelo com que o meu Alberto ensina agora, e a sua profunda humildade. Imagina apenas, este glorioso Alberto considera-se um dos mais humildes servos de Deus. Isso agrada-Lhe; Ele está próximo de todos os que têm um espírito humilde. Esforcemo-nos, caro amigo, por nos tornarmos assim." (Pausa.)

Disseste há pouco que não compreendias a linguagem em que o Alberto transmite os seus ensinamentos; como podes então dizer-me o conteúdo deles?

"O Alberto deseja que eu ouça o que ele diz, e por isso faz-se entender por mim, à sua maneira habitual."

Mas como pode o Alberto ensinar e falar contigo ao mesmo tempo? (Ela sorri.)

"Lá, não é como aqui na Terra. Ele vê-me, ouve-me, cuida de mim, responde-me — tudo enquanto ensina. Não tens ideia da rapidez com que tudo isso acontece. Um pensamento, e está aqui comigo; um pensamento, e está no lugar mais remoto. Não precisa do caminho demorado nem da linguagem pesada dos homens; não é impedido por um corpo. Neste momento, porém, já cessou o ensino."

Então a instrução terminou?

"Sim, a assembleia dispersa-se."

Para onde vão?

"Cada um regressa à sua ocupação."

Em que consiste essa ocupação?

"Isso agora não consigo discernir com clareza. Custar-me-ia demasiado esforço. Como o Alberto não responde a tais questões, teria de descobri-lo por mim própria. Mas continua com as tuas perguntas; dir-te-ei quando me for penoso responder; agrada-te conversar sobre estes temas, e por isso falo deles com prazer."

É habitado também o lado da lua que está sempre voltado para a Terra, tal como o outro?

"Sim."

Que tipo de seres aí se encontram? "São também almas de homens já falecidos." Mas disseste que na lua também existiam seres grosseiramente corpóreos. "Disse, e é verdade. A lua difere da Terra nesse aspeto.

Tem três tipos de habitantes. No lado que está, em grande parte, na escuridão, encontram-se almas desencarnadas que foram tristemente negligenciadas. É aqui que me encontro agora. Já te falei um pouco sobre este lugar. No lado que está sempre voltado para a Terra, também se encontram sobretudo almas separadas; estão um pouco melhor, mas ainda assim bastante atrasadas. No centro, num anel à volta da lua, onde reina o crepúsculo, vivem os habitantes originais, dos quais te falei — seres grossos e corpóreos. Estão, em grande medida, cercados por enormes montanhas e rochedos intransponíveis; e não têm qualquer desejo de os transpor." **(**Uma pausa.**)**

Preciso agora de descansar. Dentro de catorze minutos, poderás fazer-me mais perguntas. (Decorrido esse tempo, perguntei:)

Os habitantes originais estão organizados corporalmente como os homens?

"São muito mais pequenos do que os homens — a sua forma exterior é semelhante à nossa. Também respiram, mas os seus pulmões são diferentes dos nossos."

Porquê?

"Porque aquilo que respiram não é da mesma natureza do nosso ar, e porque a lua possui uma atmosfera muito mais rarefeita. Além disso, estão num nível de desenvolvimento muito inferior ao dos habitantes da Terra. Ainda necessitam de uma orientação celeste visível, que nós já não requeremos, e por isso é que são enviados até eles instrutores como o meu Alberto." (Uma pausa.)

Vês, onde residem os habitantes originais da lua, obras semelhantes às feitas pelos homens?

"Sim, vejo, por exemplo, edificações; no entanto, são inteiramente feitas de pedra — uma espécie de pedra que é aqui muito abundante, mas que não existe na Terra. Também possuem metais, segundo diz o Alberto; mas são igualmente diferentes dos nossos e em quantidade bastante reduzida.

O seu estilo de construção é totalmente distinto do nosso; todas as estruturas têm o topo arredondado. Existem cordilheiras por toda a lua, de uma elevação enorme, e algumas expelem fogo e massas de toda a espécie."

"Todos os que estão em lugares de instrução habitam separados entre si." — i.f. 4 - n. 514.

"Seus rostos não pareciam feios, mas eram mais longos do que os rostos de outros espíritos; quanto à estatura, pareciam crianças de sete anos, mas mais robustos; assim, eram anões (humunculus). Os anjos me disseram que eles eram da lua." — E. U. 111.

"Percebeu-se que isso se devia a uma circunstância particular: os habitantes da lua não falam pelos pulmões, como os habitantes de outras terras, mas sim pelo abdômen, e assim a partir de certa quantidade de ar ali acumulada, devido ao fato de que a lua não é envolta por uma atmosfera como a de outros planetas." — E. U. 111.

"Em todas as outras terras, a verdade divina é manifestada verbalmente por espíritos e anjos, como foi dito acima ao se falar dos habitantes dos planetas deste sistema solar; mas essa manifestação é limitada às famílias, pois a humanidade, na maioria dos planetas, vive separada por famílias; por isso, a verdade divina revelada por espíritos e anjos não se propaga muito além dos limites familiares, e, a menos que uma nova revelação ocorra constantemente, a verdade ou é pervertida ou se perde." — E. H. 120.

Vês árvores e florestas na lua?

"Sim, onde há habitantes humanos vejo tais coisas, embora em pequeno número; são diferentes das nossas árvores, mas não sei explicar em quê. Vejo que são menores e mais delgadas."

Há também água na lua?

"Pode haver água, mas eu não a vejo."

Pergunta ao Alberto.

"Ele diz que sim, mas mesmo assim não a vejo." (Uma pausa.)

Imagina, aqui, nesta morada sombria onde estou, há seres tão deploráveis que duvidam da imortalidade da sua alma e da existência de Deus. Esses são empurrados para o interior das grandes montanhas, e ali são confinados de tal forma que não se atrevem a sair. Ah, ali atormentam-se mutuamente com contendas e contradições incessantes, nas quais nenhum tem razão.

O Alberto diz que esses são os seres mais infelizes. São aqueles que nada recolheram na Terra para o seu espírito; por isso, nada têm agora. Oh, são profundamente dignos de compaixão; estão tão vazios, tão desolados; são criaturas miseráveis e um tormento para si próprias." (Uma pausa.)

"A qualidade da fé deles (os espíritos dos holandeses), mesmo que milagres fossem realizados, pode ser percebida por isso: eles não acreditam nem em espírito, nem no céu, nem no inferno."
— S. D., Parte 2, 3521.

"Aqueles que passam do mundo natural para este, e ouvem que estão em outro mundo, reúnem-se em grupos em muitos lugares e perguntam: 'Onde está o Céu e onde está o

Inferno?', assim como, 'Onde está Deus?' — e, depois de serem instruídos, ainda assim começam a raciocinar, discutir e debater se Deus existe."
— T. C. R. 627.

"Eles (certos espíritos) são chamados de argumentadores porque nunca concluem nada, mas pegam tudo o que ouvem e discutem se é verdadeiro, contradizendo continuamente. Nada amam mais do que atacar as verdades e despedaçá-las por meio de debates. Esses são os que se julgam os mais eruditos do mundo."
— T. C. R. 332.

"A partir dessas aparências, concluí que abaixo daqueles meteoros estavam aqueles que disputavam sobre coisas imaginárias, às quais atribuíam grande importância."
— T. C. R. 335.

"Perguntei aos anjos sobre o destino desses. E eles disseram que tais pessoas, quando estão sozinhas, não conseguem pensar em nada, e assim não conseguem falar; mas ficam imóveis como autômatos e, por assim dizer, em sono profundo, sendo despertadas apenas quando ouvem alguma coisa."
— T. C. R. 334.

"Alguns são devastados por medos, outros por infestações causadas pelos próprios males que cometeram no mundo, e pelos falsos pensamentos que alimentaram, dos quais surgem ansiedades e dores de consciência."
— H. H. 513.

É-lhes também muito mais difícil corrigir os seus conhecimentos, uma vez que lhes faltam os meios que nós temos na Terra. Por vezes, é-lhes permitido lançar um olhar sobre o estado daqueles que são melhores e mais felizes. Isso é feito com o intuito de, pelo menos, despertar neles o desejo por algo superior; mas, mesmo isso, é difícil de alcançar com esses seres. Quem chega ali trazendo tão pouco — ou quase nada — de verdadeiro, não tem vontade de aprender. Por isso, não querem. A liberdade permanece-lhes também nesse estado.

Oh, Deus! Que nos esforcemos sempre, com verdadeira seriedade, por aprender mais puramente aquilo que é superior.

De ti, (voltando-se para mim), meu amigo, muito, imensamente, será um dia exigido. Oh, sê diligente em alcançar o prémio que te é proposto. (Uma pausa.)

Ah, os pobres seres! Não acreditam no Redentor, algo que é justamente exigido de todos nós. Por Ele somente devemos e podemos ser salvos; foi por isso que Ele veio ao mundo — para salvar os pecadores. A crença em Deus não é suficiente; o nosso conhecimento tem de ir além do dos judeus e dos pagãos; mas também as exigências sobre nós são maiores. Dispomos de muito mais meios para elevar o nosso entendimento e animar a nossa fé. (Uma pausa.)

Oh, que todos os homens levassem isso a peito, que ninguém o esquecesse: só podemos viver aqui por pouco tempo. Todos os nossos esforços deveriam estar orientados para o aumento do nosso conhecimento em vista da vida superior, segundo os preceitos da doutrina de Jesus, e simultaneamente para a melhoria do nosso estado moral. Então, não

teremos de nos inquietar quanto à ajuda e ao amparo do Altíssimo; pois Ele é grande e de grande poder. (Ela ora:)

Grande é o Teu nome, ó Senhor. As maravilhas das Tuas obras Te louvam; insondáveis são os Teus desígnios. Os felizes exércitos dos anjos adoram os abismos da Tua sabedoria!

Sabedoria! Sem limites é o Teu amor, sem fim a Tua misericórdia; todas as almas são felizes em Ti! *(Uma pausa.)*

"Certos espíritos, não maus, caíram em repouso como em sono e, assim, quanto aos seus interiores — que são do espírito — foram transladados para o céu; pois os espíritos, antes de seus interiores serem abertos, podem ser levados ao céu e instruídos a respeito da felicidade dos que lá estão."
— H. H. 411.

"Alguns compreenderam, quando foram voltados para aqueles que estavam na luz da verdade, que aquilo era verdade; mas ainda assim não quiseram compreendê-la, por isso a negaram quando estavam em seus próprios falsos, e assim, dentro de si mesmos."
— H. H. 151.

"Daí ficou muito evidente que os maus, assim como os bons (no outro mundo), têm igualmente a faculdade do livre-arbítrio."
— D. L. W. 266.

Procuro-Te com profundidade, mas apenas descubro que não posso viver sem Ti. *(Uma longa pausa.)*

Se ao menos já tivermos alcançado o sentimento de que estamos infinitamente abaixo d'Ele, então já demos um grande passo rumo ao verdadeiro conhecimento. Só os humildes são agradáveis aos olhos de Deus. Ele está com eles. *(Voltando-se para mim:)*

Há alguns dias, tiveste uma conversa comigo, na qual o teu irmão também participou; foi no teu quarto, ao cair da tarde. Contemplámos juntos as belezas da natureza. Isso fez-me muito bem; jamais esquecerei esse momento. Ainda estou muito longe, no estado de vigília, de ter ideias claras sobre as coisas elevadas. O meu Alberto pede-te que repitas conversas semelhantes comigo.

Mas agora, devo descansar novamente. *(Deita-se tranquilamente durante um quarto de hora.)*

A tua mão treme sobre o meu estômago; o teu braço está fatigado; não consegues manter a mão nesta posição sobre mim; coloca-te numa posição mais confortável em relação a mim. (Era realmente como ela dizia; o meu braço doía devido à posição incómoda. Subitamente, ela sobressalta-se.)

O que se passou contigo? *(Com espanto, diz:)*

Agora mesmo vi a mim própria, vi toda a minha figura. Estava sentada numa charrete que passava. Que estranho! *(Passado um breve intervalo)*

Ah! é a charrete que tens intenção de comprar; é pintada de verde.

Como sabes isso? Eu próprio ainda não a vi, e ela encontra-se a mais de quinze léguas de distância.

"No entanto, vi-a, e sem dúvida é essa mesma; não me engano. Também eu andarei nela, vejo claramente. Amanhã à tarde receberás informações mais concretas sobre ela."

(Foi realmente o que aconteceu. Inesperadamente, em vez de uma comunicação escrita, que eu, aliás, não esperava antes de oito dias, veio, na tarde seguinte, às 13h30, um mensageiro que me trouxe informações sobre a charrete. R. descreveu-a, com precisão nos menores pormenores, sem nunca a ter visto, e acrescentou que era boa e não demasiado cara; que não me arrependeria da compra. Do preço, que ela não podia saber de modo algum, indicou-o corretamente, sem esquecer o presente destinado ao intermediário. Tudo sucedeu como ela havia previsto. Sobre o mesmo assunto, disse ainda:)

Já tinha visto esta carruagem antes; mas onde? *(Reflete.)*

Onde teria sido? Ah, há poucos dias sonhei que chegava nela à porta da estalagem em Tuttlingen. Foi um sonho comum, sem importância; mas a carruagem era exatamente a mesma que vi agora, e que comprarás."

Verás mais longe e com mais clareza no futuro do que agora?

"Um pouco mais claramente, sem dúvida, mas não muito mais. Sou capaz do mais alto grau de clarividência; mas o processo deve seguir o seu curso natural. Forçares-me a um nível mais elevado seria desastroso."

Isso nunca farei.

"Eu sei. Mas dir-te-ei qual seria a primeira consequência caso o fizesses: perderia completamente o meu período menstrual, o que traria estados deploráveis e uma doença constante. Nunca mais estaria bem e morreria rapidamente."

Pensei que o magnetismo artificial induziria a menstruação, talvez até a aumentasse. "No início, sim, mas logo tudo se inverteria e ocorreria como disse." *(Surpreendida:)*

Ah, vejo neste momento o meu sangue a circular nos vasos maiores e menores. Que visão gloriosa! *(Uma pausa algo longa.)*

Que fluxo constante, para cima e para baixo!

Vês também o teu coração?

"Sim, é o centro de todos os movimentos. Oh, devias vê-lo!" *(Pausa.)*

Sem que R. pudesse perceber, coloquei um rebuçado de hortelã na boca: imediatamente, ela fez uma careta, imitou os movimentos do paladar com a boca e disse:)

O que tens na boca, por favor? Brrr! como arde! Ah, hortelã, hortelã-pimenta; confessa! Sinto-a na minha língua. (A sorrir.) Quiseste enganar-me; mas não percebes que não me consegues enganar? *(Pausa.)*

Mas escuta, amigo, tenho algo a dizer-te.

Diz-me.

"Eu podia... devia... não, não pode ser, não deve ser."

O que desejas dizer?

"Estava prestes a contar-te algo; mas... não posso. No entanto..."

(Uma longa pausa, durante a qual se mostra cada vez mais inquieta. Por fim, o seu rosto volta a iluminar-se e diz:)

O meu Alberto diz-me que te peça para não pregares no próximo domingo.

"O terceiro tipo (de sonhos) vem de espíritos que estão próximos quando o homem está dormindo, os quais também são significativos. Mas os sonhos fantásticos têm outra origem." — A. C. 1976.

Porquê? A minha garganta está um pouco fraca, é verdade; mas espero que melhore até domingo.

"Não é por causa da tua garganta, diz o Alberto."

Então pergunta-lhe se pode explicar o motivo.

"Não é bom para ti; não posso dizer mais."

Sem um motivo justificado, não posso, como bem vês, abster-me do dever do meu ofício.

"O Alberto não acrescenta mais nada — apenas te aconselha, e podes agir como entenderes."

Deixemos, então, a questão.

Não podes dar algum conselho ao meu irmão, quanto à garganta? Está com dores; que deve fazer?

"Ah, não admira: porque aquecem as almofadas na bacia com água quente? A água não é benéfica no seu caso. Devem ser aquecidas num local seco; assim, a dor — que provém apenas da influência particular da água — desaparecerá. No estado de vigília não percebi isto. Eu própria ajudei ontem a encher as almofadas e vi-as ser colocadas na bacia; agora vejo melhor." *(O resultado confirmou a previsão da sonâmbula.)*

A transpiração dos teus pés está boa; nunca será mais intensa do que agora, e isso é bom. Fizeste bem em aplicar hoje novos emplastros de pez nas plantas dos pés.

(Fiz isso no meu quarto, sem testemunhas; ninguém sabia.)

Agora devo repousar algum tempo antes de acordar. O Amandus acabou de chegar; falou brevemente com o Alberto e foi-se embora de imediato.

(Após um intervalo de quietude de cerca de um quarto de hora, ela sobressalta-se violentamente novamente:)

O que se passou contigo?

"Um grande fragmento de rocha acaba de cair de uma falésia no Lauterthal, perto do moinho de Unterherrlingen; isso foi o que me assustou."

Porque percebeste isso, se nem sequer ouves os ruídos do quarto?

"Também ouço tais sons, quando tu os percebes. Mas porque vi a queda desta rocha, não sei. O Alberto quis que eu a visse."

Qual o propósito disso?

"Também não o sei; mas seguramente há um, ou o Alberto não o teria desejado. Ele, porém, não diz nada sobre o assunto." *(Pausa.)* "Mas agora devo acordar. Depois de amanhã, às seis da tarde, voltarei a ver-te, meu Alberto. Adeus!"

(Estremece como de costume e desperta alegre, quando o relógio marca dez horas.)

29 de Maio

Em vez da crise anunciada para esta noite às seis, sobreveio uma crise totalmente inesperada logo pela manhã.

Logo às 7h30, após um passeio matinal e depois de terminar o pequeno-almoço, R. quase caiu da cadeira ao chão, sem ter dado qualquer sinal prévio, como era habitual, de mal-

estar. Foi transportada inconsciente para a cama, onde permaneceu meia hora sem sinais de vida, sem me ouvir ou sentir de forma sensível a minha influência.

Finalmente, surgiram sinais de vida: os olhos moveram-se semicerrados, os braços tremiam por momentos e havia tentativas evidentes de abrir a boca, cerrada com rigidez. Esta luta prolongou-se por mais meia hora. Respirar frequentemente sobre a boca fez o maxilar tremer. Soprei então para a sua boca e coloquei o meu dedo indicador sobre a língua, ao que ela tentou pronunciar algumas palavras entrecortadas.

Gradualmente, a fala voltou. Ela então começou espontaneamente:

"Hoje estou num estado magnético extraordinário. Disse-te, no meu último sono, que o Alberto te pediu, por meu intermédio, que não pregasses no próximo domingo. Respondeste que precisavas de razões válidas para isso, que comprovassem ser o correto; que não podias adiar os deveres do teu ofício apenas com base nas minhas palavras. Não tens agora, (com seriedade,) bons motivos?"

Não pregarei, certamente, mas tu não podes saber a razão, visto que ninguém além de mim a conhece.

"Já sabia a razão quando fui incumbida de te pedir que não pregasses. Queria dizer-te o que estava para vir. Lembras-te, o Alberto não permitiu, e eu não ousei fazê-lo. Ontem de manhã, durante o teu passeio, expeliste sangue ao tossir; isso perturbou-te muito e fez-te passar a noite em claro. Agora deves manter-te mais calmo, senão a tua saúde voltará a sofrer. Para isso, o Alberto chamou-me a este estado inesperadamente, para te dizer isto e te tranquilizar."

(Foi exatamente como R. dissera. Tossi sangue durante o passeio e nada contei a ninguém. O acontecimento, de facto, deixou-me muito inquieto.)

Ela ergueu o braço direito, estendeu os três primeiros dedos da mão direita e pousou a esquerda, aberta, sobre o meu peito; imediatamente seguiram-se espasmos, que se propagaram do braço direito, atravessando o peito até à mão esquerda, empurrando o corpo todo para o lado esquerdo — assim durante cerca de cinco minutos. Era precisamente o mesmo procedimento que ela usava anteriormente para aliviar-me de um incómodo estomacal. (Compare com 19 de Maio, à tarde.)

Passados os cinco minutos, ela disse:

"Já sentirás um calor invulgar no peito e alívio imediato."

(E foi exatamente assim.)

"Não te preocupes com este incidente. Poupa o teu peito mais do que o habitual. Mantém-no especialmente aquecido; e tudo passará sem consequências graves."

Poderia pregar no domingo seguinte?

"Isso ainda não sei; pergunta mais tarde."

(Tentou então retirar a mão do meu peito, mas declarou não conseguir, como se estivesse colada.)

"É como com um copo cujo fundo liso repousa sobre uma superfície molhada e lisa — só se pode retirar com força."

Mas a razão no caso da mão é certamente diferente da do copo?

"Claro que sim; aqui, é a tua atração que está em causa; és um íman para a minha mão, e o teu peito atrai agora a força do meu Alberto mais do que qualquer outra parte do teu corpo.

(Compare com a crise de 21 de Junho.)

(Finalmente, ela conseguiu soltar a mão, mas disse:)

"Os meus cinco dedos ficaram completamente sem sensibilidade; sopra sobre eles."

(Não consegui, porém, agarrá-los, pois ela agitava-os para todos os lados. (Compare com 19 de Maio, à tarde.)

Sabedoria! Sem limites é o Teu amor, sem fronteiras a Tua misericórdia; todas as almas são felizes em Ti! (Uma pausa.)

Procuro-Te profundamente para Te conhecer, mas apenas descubro que não posso passar sem Ti.

(Uma longa pausa.)

Se apenas alcançarmos a consciência de que estamos infinitamente abaixo de Deus, então já fizemos grande progresso no verdadeiro conhecimento. Só os humildes agradam a Deus. Ele está com eles.

(Voltando-se para mim:)

Há poucos dias tiveste uma conversa comigo, na qual o teu irmão também participou; foi no teu quarto, ao entardecer. Contemplámos a beleza da natureza. Isso fez-me bem; nunca o esquecerei. Ainda estou, no estado de vigília, muito longe de ter ideias claras sobre as coisas elevadas. O meu Alberto pede-te que tenhas mais conversas semelhantes comigo. Mas agora devo descansar de novo.

(Deita-se tranquilamente por cerca de um quarto de hora.)

A tua mão treme no meu estômago; o teu braço está cansado; não consegues mantê-lo assim. Coloca-te numa posição mais confortável em relação a mim.

(Foi como ela disse: o meu braço doía pela posição forçada. Subitamente, ela sobressaltou-se.)

O que aconteceu contigo?

(Espantada, diz:)

Agora mesmo vi a mim própria, a minha forma completa. Estava sentada numa charrete que passava. É muito estranho.

(Após um breve silêncio:)

Ah, é a charrete que queres comprar; é pintada de verde.

Como sabes isso? Nem eu a vi ainda, e está a mais de quinze léguas de distância.

"Mesmo assim, vi-a, e sem dúvida é essa. Também eu andarei nela, disso tenho certeza. Amanhã à tarde, recebes notícias mais concretas sobre ela."

(De facto, no dia seguinte, à 13h30, um mensageiro chegou com informações sobre a charrete, exatamente como ela previra.)

Ela continuou:

"Sonhei há alguns dias que chegava com ela à estalagem em Tuttlingen. Foi um sonho vulgar, sem importância — mas era a mesma charrete."

Verás melhor no futuro do que agora?

"Um pouco melhor, sem dúvida, mas não muito. Tenho capacidade para o mais alto grau de clarividência; mas tudo deve seguir o seu curso. Seria prejudicial se me elevasses artificialmente."

Não o farei.

"Eu sei. Mas se o fizesses, a primeira consequência seria eu perder completamente o meu ciclo menstrual, o que traria estados lastimáveis e doença constante. Nunca mais voltaria a estar bem e morreria em pouco tempo."

(De súbito:)

"Ah! neste momento vejo o meu sangue a fluir pelas artérias e vasos mais finos. É uma visão maravilhosa!"
Vês o teu coração também?

"Sim, é o centro de todos os movimentos. Devias vê-lo!"

(Enquanto eu tinha discretamente colocado um rebuçado de hortelã na boca, R. franziu a testa, fez caretas e disse:)

"O que tens na boca? Brrr, como arde! Ah! hortelã-pimenta! Sinto-a na minha língua. Pensaste que me enganavas, mas vês como não consegues?" (Após uma pausa:)

"Escuta, amigo, tenho algo a dizer-te."

Quero ouvir.

"Podia... devia... não, não posso, não deve ser."

O que desejas dizer?

"Queria contar-te algo, mas... não posso. (Pausa longa, cada vez mais inquieta. Por fim, o rosto ilumina-se de novo:) O Alberto pede-me para te dizer que não pregues no próximo domingo."

Porquê? A minha garganta está frágil, sim, mas espero que melhore.

"O Alberto diz que não é por isso."

Pede-lhe, então, que me explique a razão.

"Não é bom para ti. Não posso dizer mais."

Sem razão válida, não posso deixar de cumprir o meu dever.

"O Alberto não acrescenta nada; apenas te aconselha. A decisão é tua."

Poderás aconselhar o meu irmão quanto à garganta?

"Claro. Mas não é de admirar que tenha dores: por que aqueceram as almofadas sobre a bacia de água quente? A água não lhe faz bem. Devem ser aquecidas num lugar seco. A dor vem da influência da água, e com isso desaparecerá."

(A previsão confirmou-se.)

"Também é bom o suor que tens nos pés; nunca será mais intenso que agora, e isso é bom. Fizeste bem em colocar novos emplastros de pez hoje."

(Fiz isso em segredo.)

"Agora devo descansar até acordar. O Amandus veio há pouco; falou com o Alberto brevemente e partiu de novo."

(Após cerca de um quarto de hora em silêncio, ela sobressaltou-se violentamente.)

O que aconteceu?

"Um grande fragmento de rocha caiu de um penhasco em Lauterthal, perto do moinho de Unterherrlingen; foi isso que me assustou."

Porque percebeste isso e não ouves os sons do quarto?

"Ouço também esses sons quando tu os percebes. Mas por que vi esta queda de rocha, não sei. O Alberto quis que eu a visse."

Com que fim?

"Não sei, mas certamente existe um. Alberto não teria desejado isso sem motivo." (Pausa.)

"Mas agora devo acordar. Depois de amanhã, às seis da tarde, voltarei a ver-te, meu Alberto. Adeus!"

(Ela estremece e acorda às dez da noite, muito exausta e surpresa por se encontrar numa cama desconhecida.)

30 de Maio

Hoje, conforme anunciado, não estava prevista nenhuma crise magnética. E assim foi. Ainda assim, por volta das oito da noite, enquanto R. trabalhava sentada no sofá, de repente recostou a cabeça numa almofada e adormeceu. A cabeça estava quente e a respiração curta — um sono natural.

Despertou em breve, e meu irmão C. e eu tentámos conversar com ela, mas não compreendia bem o que dizíamos.

"Não vos entendo", repetia. "Não sei o que querem."

Adormeceu no meio de uma frase, acordou subitamente, olhou à volta com rapidez, pediu-me que ficasse com ela e voltou a adormecer. Repetiu-se este ciclo durante mais de uma hora, até que a respiração se tornou mais fácil e, despertando por completo, recuperou totalmente a consciência.

A relação magnética entre nós tornou-se evidente nesse estranho meio-sono: sempre que me afastava da cama, mesmo em silêncio, ela percebia. Só ficava tranquila quando alguma parte do meu corpo tocava o dela — bastava um contacto com a roupa ou as pontas dos dedos.

Foi especialmente notável que ela mexia os músculos do rosto com grande rapidez e em todas as direções, fazendo expressões ora cómicas, ora grotescas, e depois revelando, com extraordinária nitidez, as mais diversas emoções. Ao despertar, queixou-se de dor de cabeça, que, no entanto, desapareceu pouco depois.

31 de Maio, das 18h às 20h

Após as habituais cólicas — desta vez mais breves e menos violentas, sem movimentos convulsivos acentuados —, sobreveio um sono leve, mais próximo do sono natural, no qual ela nem me via nem ouvia. Depois, o rosto iluminou-se e a consciência magnética voltou.

(Disse de imediato:)

"Ah, Alberto, estás aqui? Estás sempre a velar por mim. Nunca poderei agradecer-te o suficiente." (Conversa com Alberto em silêncio por algum tempo.)

"Tu também estás perto de mim, M. Fico muito feliz com isso."

Vês a M.?

"Está mesmo junto a ti; as roupas dela tocam-te. Estás a olhar para ela — como não a veria eu?"

E se eu não a olhasse? Verias?

"Não; mas se o quisesses mesmo, eu seria forçada a vê-la, mesmo que não estivesse no quarto."

Pode a M. falar contigo?

"Sim, se quiser — mas através de ti. Se prestares atenção ao que ela diz, eu ouvirei melhor."

(M. ia começar a falar, mas foi chamada. Pausa prolongada.)

"Aí vem também o meu Amandus. Oh! Tenho o privilégio de te ver outra vez? Onde estiveste, entretanto? Ah, entendo. Estavas a tratar de um dos doentes do Alberto?"

Pergunta-lhe por que Alberto não trata os seus pacientes ele próprio.

"O Amandus diz que o Alberto, por vezes, lhe confia doentes para que ele os trate e dirija a cura, mas que nos casos mais graves o Alberto está sempre presente."

Alberto só trata pacientes magnéticos?

O Amandus? Sim.

Isso não se aplica também ao Alberto? Ele também auxilia outras pessoas doentes?

"Vou perguntar ao meu Alberto." *(Pausa.)* "Ele diz que há muitos tipos de doenças e sofrimentos na vida dos homens que necessitam de auxílio do Alto; que é sua vocação prestar auxílio e consolo, não apenas nos sofrimentos do corpo, mas também nos da alma. Ele já ajudou muitos sonâmbulos, mas também é necessário que esteja próximo dos aflitos de espírito. Diz que não há sofrimento que possa atingir o homem — independentemente do nome que leve — para o qual não haja um auxílio sobrenatural atribuído pelo Altíssimo; que cada homem tem um espírito protetor ou guardião†, mas que frequentemente vários homens estão sob os cuidados de um único espírito superior."

E qual é a natureza da influência desses seres superiores sobre os homens acordados, fora do estado magnético?

"Muitas vezes é corporal, muitas vezes espiritual — conforme a necessidade de cada caso."

Não compreendo como os seres superiores podem atuar sobre homens que não possuem a mesma suscetibilidade dos que estão em estado magnético para receber essa substância vital mais subtil, cuja influência agora é tão benéfica para ti.

"O Alberto diz que, em pessoas de corpo saudável, isso não é necessário. Contudo, as aflições profundas da alma fazem com que o corpo também careça de ajuda e se torne mais suscetível à entrada dessa vida superior;‡ mas muitas vezes basta operar na alma, em silêncio e sem que o sofredor tenha consciência disso."

Mas é possível influenciar a alma humana sem recorrer a alguma substância, ainda que extremamente subtil, enquanto ela está ainda unida ao corpo?

"Sim, o Alberto diz que isso se dá sempre com os espíritos superiores designados por Deus para cuidar dos homens. Muitas vezes eles são a voz da consciência, que nos parece a voz de Deus no nosso íntimo.§ Mas a natureza exata dessa operação sobre a alma, o Alberto não me explica, pois eu não conseguiria compreendê-la. Diz que é uma disposição de Deus tão incompreensível quanto o simples facto de tu pensares, quereres e respirares."

Mas agora deixa-me repousar. Esta conversa está a afetar-me. (Ela descansa durante meia hora. Ao fim deste tempo, exclama com jubilosa surpresa:)

"A vontade e o entendimento do homem são governados pelo Senhor por meio de anjos e espíritos. E como a vontade e o entendimento são assim governados, todas as coisas do corpo também o são, já que delas procedem." — H. H. 228.

"Com todo homem há um espírito associado." — T. C. R. 380.

"Foi concedido aos anjos moverem meus passos, minhas ações, minha língua e fala, como lhes aprouvesse, e isso por influxo na minha vontade e pensamento. — Eles disseram depois que todo homem é governado dessa forma." — H. H. 228.

"Quando os espíritos malignos começam a dominar, então os anjos se esforçam para afastar os males e falsidades, e por isso ocorre um combate; é esse combate que é percebido por meio da perceção, de uma voz interior e da consciência." — A. C. 227.

Ah, ah, como estou contente!

O que tanto te alegra?

"Vejo novamente a flor com o Alberto. Ó Deus, como Te agradeço!"

O que te emociona tanto?

"Duas folhas voltaram a murchar. E por isso tenho de te agradecer, meu benfeitor."

A mim? Porquê?

"Porque permaneces comigo nas minhas aflições, estás ao meu lado e não me abandonas. Oh, se assim não fosse, ó Deus!"

O que teria acontecido então?

"Esta doença não me teria deixado em menos de dois anos completos, e mesmo assim, teria ficado doente para sempre."

E agora, quanto tempo mais durará a tua doença?

"Não consigo dizer com exatidão neste momento, mas certamente não tanto tempo."

As folhas da flor murcham em intervalos fixos?

"Sim, assim será; mas isso ainda depende de certas circunstâncias que não consigo ver claramente. Ainda não sei bem quais as influências externas que poderão afetar-me até à recuperação. Mas vejo que não estarei doente por muito mais tempo."

Quantas folhas tem a flor?

"Não consigo ver bem."

Mas não podes contá-las?

"Ah, querido amigo, contar com os olhos do corpo é uma coisa, fazê-lo neste meu estado é outra. É muito mais difícil. Ainda assim, vou tentar." (Faz esforço visível e conta lentamente.)

Um… dois… três… quatro… não, não conseguirei acabar; nunca conseguirei terminar sem me fazer mal; o esforço é demasiado grande. Ó meu Alberto, diz-me tu o número — tu podes muito bem." (Olha para o lugar onde habitualmente fixa o olhar quando fala com Alberto.)

"Agora sei: ainda restam trinta folhas."

Então havia trinta e três no total?

"Sim."

Como soubeste o número?

"Vi-o no Alberto."

Onde está o Amandus neste momento?

(Aponta na direção oposta à do Alberto.)

"Estou entre os dois."

Estás a olhar para o Amandus — estás a falar com ele?

"Ele está a falar comigo. Está a dar-me bons conselhos. Diz-me que devo tornar-me cada vez melhor, e recordar-me frequentemente do que, em muitas ocasiões, me ensinava quando eu ainda era criança." (Pausa prolongada.)

Para onde vais agora com o meu Alberto?

"Estou a deixar a Terra. Ah, que voo tão rápido! Já cheguei."

Onde estás?

(Fica subitamente rígida, deitada como uma estátua pálida. Após alguns minutos, move os lábios e responde à pergunta repetida:)

"Estou em Vénus."

Por que não estás novamente na Lua?

"O Alberto tem agora tarefas em Vénus, e a permanência neste planeta será, segundo ele, de grande proveito para mim."

Poderás contar-me algo também sobre esta parte da criação, que me possa interessar?

"Pergunta o que quiseres; aquilo que eu própria puder observar ou que o Alberto me disser, dir-te-ei fielmente."

Diz-me, antes de mais, que tarefas tem o Alberto em Vénus?

"Ele está a ensinar."

Então possui um saber mais elevado do que os habitantes desse planeta?

"Sim, mas há aqui almas já muito iluminadas."

Há também, neste corpo celeste, homens que já faleceram?

"Sim, precisamente isso."

Mas existem também seres que são originalmente habitantes de Vénus?

"Não os vejo, mas o Alberto diz que existem e que têm grande semelhança connosco."*

Porque não os vês?

"O Alberto diz que não posso nem devo vê-los; que a nenhum sonâmbulo foi jamais permitido ver os habitantes originais de Vénus."

Porquê?

"Isso ele não me diz."

Que habitantes de Vénus é que o Alberto está a ensinar?

"Aqueles que em tempos foram habitantes da Terra, e que agora, em Vénus, possuem um corpo extremamente subtil, como a vestimenta do meu Alberto, que parece feita de luz e brilho dourado."†

Consegues ver esses seres?

"Claro; mas não posso aproximar-me deles tanto quanto dos que estão na Lua."

Porquê?

"São todos mais puros do que eu, e é vontade do Alberto."

Mas, sendo ele tão próximo de ti, e sendo o mestre deles, não teriam os discípulos objeção a que te aproximasses?

"Não sei; mas a ordem do Alberto basta-me."

E em que grau de perfeição estão os habitantes de Vénus, comparados com o Alberto e os da Terra?

"Para Vénus são transladadas todas as almas boas que, na Terra, com os melhores propósitos, nunca se sentiram felizes; almas que, sem culpa própria, falharam o objetivo da vida, mas que se mantiveram incorruptas. Os perseguidos, os maltratados, os injustamente avaliados — há muitos aqui assim; também os ignorantes na religião, que o foram sem culpa e, ainda assim, permaneceram bons.* Essas almas encontram aqui uma sorte feliz. Todos têm as suas ocupações, sobre as quais o Alberto nada me revela. São felizes entre si, e ainda assim este lugar é apenas uma etapa preparatória para uma felicidade mais elevada que os espera."

Disseste que Alberto está a ensinar; está a fazê-lo agora?

** Em Vénus, segundo visões místicas e fontes esotéricas, habitam duas classes distintas de seres—ver E.U. 106.*

† "Espíritos e anjos são vestidos em conformidade com sua inteligência, e de acordo com a receção da verdade em sua vida — pois isso é inteligência. De fato, a luz da sua inteligência é formada em vestes, e quando essa luz é assim moldada, ela não apenas parece ser vestimenta, mas realmente se torna vestimenta." —A.E. 395.

"Sim, mas desta vez, diz Alberto, há menos ouvintes reunidos do que o habitual."

Porquê?

"Muitos estão a celebrar uma festividade de despedida,† numa outra região de Vénus, onde várias almas, que estão prontas para a sua transição‡ para um planeta mais elevado, se reúnem uma última vez com os amigos que vão deixar, e rejubilam-se juntos."

Para onde são transferidas essas almas?

"O Alberto diz que sabe com certeza apenas de duas que passarão para o Sol."

Será no Sol que a alma humana alcança a mais elevada felicidade possível?

"Oh, não, não — tudo isso é apenas o princípio. Acima do Sol há mundos sem fim§ e felicidades incontáveis. Os espíritos mais perfeitos encontram-se noutras partes da Criação. Mas Deus envia muitas vezes os Seus anjos (e esses são muito mais elevados do que todos os habitantes dos sóis) ao nosso sistema solar para cumprirem os Seus mandamentos. Alberto diz que hoje mesmo me será permitido ver isso… mas não sei bem o que ele quer dizer."

Sobre que assunto está o Alberto a ensinar?

"Sobre a carinhosa Providência de Deus e os Seus desígnios sábios e paternais em todos os Seus caminhos. Ouço-o também falar da doutrina de Jesus, da redenção e da graça de Deus por meio d'Ele. Oh, devias ouvir como o meu Alberto ensina! Agora assume uma seriedade sagrada — uma majestade perante a qual me curvo com humildade. Quando pronuncia os nomes de Deus e de Jesus, toda a sua pessoa se torna gloriosa. Oh, o meu Alberto é profundamente sincero. Também tu deverias aprender a falar assim diante da tua congregação; então, a bênção e o poder de Deus estarão na tua pregação." (Pausa.)

"Está providenciado que todos os que viveram bem e reconheceram um Deus sejam instruídos pelos anjos após a morte."
— D. P. 328.

"Aqui há dias de festividade designados pelo príncipe."
— T. C. R. 745.

"Mas este início da vida do homem após a morte dura apenas alguns dias; contudo, como ele é depois conduzido de um estado a outro, e finalmente levado ou ao céu ou ao inferno, será explicado a seguir."
— H. H. 513.

"Quão imenso é o céu do Senhor também pode ser compreendido pelo fato de que todos os planetas visíveis a olho nu em nosso sistema solar são terras, e ainda há inúmeros outros no universo, todos cheios de habitantes."
— H. H. 417.

"Ó Pai carinhoso! Como Te agradeço por teres permitido que a Tua verdade me fosse proclamada! O que seria de mim se nada soubesse de Ti, nem da doutrina de Jesus? Por mim também morreu o meu Redentor. Como posso agradecer-Te por isto, ó Santíssimo!" (Pausa.)

"Sim, a obediência à Tua vontade — que essa seja o meu primeiro dever — e o amor, sim, o amor! Dá-me mais e mais fé viva e amor, e confiança na graça que me concedeste. Já muitas vezes derramaste consolo sobre o meu coração sofredor; quando a minha fé vacilava, o Teu amor ergueu-me de novo.* Oh, graças e louvor Te sejam dados para sempre." (Longa pausa.)

"Torna-me, ó Pai, cada vez mais disposta a submeter-me à Tua santa direção. Ensina-me, em todos os esforços, a confiar na Tua sábia providência. Envia luz ao meu coração quando for envolvido pelas trevas; ensina-me a orar devidamente, e a permanecer sempre unida a Ti. Ensina-me a agradecer-Te de modo a ser agradável aos Teus olhos. Ó Pai, faz-me boa. Faz com que eu pouco estime as coisas da Terra, e que nunca perca de vista o mais alto objetivo. Então jamais cairei, e quando grandes tentações me sobrevierem, Tu me protegerás. Abençoa, ó Misericordioso, os meus propósitos; dá-me força e poder para os cumprir. Ajuda-me a lutar contra mim mesma: Tu vês que o desejo está em mim, mas sem o Teu auxílio, nada posso fazer."

(Segue-se um longo intervalo de silêncio, durante o qual tem as mãos cruzadas. Esta oração foi dita muito lentamente e de forma solene, com pausas curtas ou longas em quase todas as frases.)

Podes dizer-me algo sobre a aparência exterior do lugar onde agora estás?

"Sim."

O que vês?

"Paisagens encantadoras, planícies e jardins gloriosamente belos. Na Lua tudo é muito mais agreste do que aqui."

Esses jardins são dispostos artificialmente?

"Sim, mas não cercados como na Terra, e, no geral, são diferentes; entrelaçam-se uns com os outros e com a paisagem ao redor. Também há aqui plantas totalmente diferentes, desconhecidas para nós. Ainda assim, tudo está disposto com uma harmonia que encanta os olhos. A habitação neste planeta é maravilhosa."

(R. descansa novamente por um quarto de hora. Depois coloca a mão esquerda sobre o meu peito e diz:)

"O teu peito ainda está um pouco afetado; mas está melhor, e a crise passará."

(Com o braço estendido, dirige um fluxo da força do Alberto através de si mesma até ao meu peito, que sinto claramente durante cerca de meio minuto. Durante o processo, o seu braço esquerdo treme, e depois manifesta-se rigidez no antebraço, na mão e nos cinco dedos.)

De onde vem este fenómeno?

"Segura agora a minha mão, e passará depressa. Aquilo que está doente no teu peito tem de passar pouco a pouco para o meu; mas eu livrar-me-ei disso com mais facilidade do que tu."

Tu também tiveste hemoptise, um dia depois de mim, como sabes; por favor, cuida de ti.

"Fica tranquilo, completamente tranquilo: uma parte da tua afeção tenho de a suportar — não pode ser de outra forma — mas não me causará mal algum. Mas tu deves ter cuidado ao sair para caminhar em manhãs frias e húmidas, e quanto à velocidade com que costumas andar."

(Entretanto, a minha irmã M. entra de novo, com intenção de fazer perguntas a R. Quando se aproxima, R. nota imediatamente e diz:)

"M. quer fazer-me perguntas; que o faça, com certeza; ouvirei através de ti, se prestares muita atenção."

(M. pergunta:)

Podes indicar algo que alivie o homem com contraturas, que visitámos hoje?

"Ah! (com alegria) se ao menos pudesse! Oh, ele sofre muito! Alberto, peço-te, indica-me algum remédio." (Pausa.)

"Ah! Agora vejo o caso tal como ele é. Podemos apenas aliviá-lo; nunca poderá ser curado. Querida M., faz-lhe de vez em quando um pouco de vinho fervido; dar-lhe-á prazer e força — mas sempre metade água, metade vinho; de outro modo, seria demasiado forte. E sem especiarias! Mas não poupes no açúcar." (Pausa.)

"Obrigada, Alberto, por me dizeres isto." (Pausa.)

"Também poderá tomar sumo de limão."

M. quer fazer mais uma pergunta.

"Estou a ouvir." (M. pergunta:)

Porque é que pequenos acontecimentos na minha vida, ou na dos outros, quando têm um carácter mais sério, me afetam tão profundamente? Não haverá um remédio físico para isso?

"Não, minha querida; isso vem da ternura do teu coração, da profundidade dos teus sentimentos, das circunstâncias externas e muitas vezes desagradáveis do teu quotidiano, e certamente também do teu estado de saúde debilitado. Espera por uma mudança nas tuas condições, e tudo isso melhorará."

(M. sai do quarto. R. comenta:)

"Oh, a M. é muito boa; merece todo o nosso amor. Mas… agora basta de perguntas. Cada uma custa-me um esforço. Fico agradecida se agora me deixares descansar."

(Ela parece conversar longamente e em silêncio com o Alberto. Quando me afasto do leito, pede-me sempre que volte logo. M. chama-me por um instante e entrega-me algo. Ao regressar ao quarto, digo:)

Trouxe-te algo. Vês o que é?

"Vejo uma rosa e uma folha de papel com algo escrito pela M."

Consegues ler?

(Coloco a folha sobre o seu estômago. Ela faz um esforço evidente para a ler. Após algum tempo, diz:)

"Ah, é triste, não consigo; se ao menos estivesse num estado mais elevado, ainda que só por um momento!" (Pausa.)

"A intenção, essa vejo-a claramente, em ti e em Alberto; só não consigo distinguir bem as palavras… mas sim… rosa… jardim… presente… e no topo está a palavra amiga. Ah, Alberto, gostaria tanto de saber o conteúdo."

Então eu leio. (Leio:) Respondeste às minhas perguntas de forma tão amável — aceita, por isso, esta rosa, a primeira do nosso jardim.

"Ah, quanto me alegra isso!"

† *"Há aqui dias festivos ordenados pelo príncipe." – T. C. R. 745*
‡ *"O início da vida após a morte dura apenas alguns dias, após o qual a alma é guiada para estados sucessivos até ao céu ou ao inferno." – H. & H. 498*
§ *"O céu do Senhor é imenso, pois todos os planetas visíveis são habitados, e há inúmeros mundos com seus próprios povos." – H. & H. 117*

* *"Durante tentações, o homem parece estar só, mas Deus está então mais presente no seu íntimo e o sustenta." – T. C. R. 126*

Querida M.! Vi bem o sentido geral; tive uma imagem clara da ação na minha alma, mas não consegui ler as palavras particulares de forma ligada. Recorda-me, peço-te, desta cena, quando eu estiver desperta; terei alguma recordação a respeito."

Como é que recordarás esta cena em particular, se, em geral, não te lembras de nada do estado de sono?

"Fiz todo o esforço possível para ler o papel; tinha muito interesse nisso; por essa razão, a impressão na minha alma foi tão forte que voltará ao meu pensamento mais tarde."

Não conheces nenhum meio que facilite trazer a memória contigo para o estado de vigília?

"Não, não há nenhum."

Pensa seriamente nisso. Desejo muito que o consigas. (Ela reflete durante bastante tempo e, ao fim de cerca de oito minutos, diz:)

"Sim, ainda há uma maneira: tens de me pedir com insistência para guardar na memória aquilo que devo recordar; com verdadeira seriedade — caso contrário, não surtirá efeito."

(Na manhã seguinte, durante o pequeno-almoço, perguntei-lhe:)

Recebeste ontem algum presente?

"Não me lembro de nada, mas esta noite sonhei vividamente que recebi algo da M."

O que foi?

"Uma rosa, e um papel onde estavam escritas as palavras..." (Repete exatamente as palavras da véspera. Quando lhe entregámos a rosa com o papel — que estiveram ambos no quarto junto dela — mostrou-se extremamente surpreendida, e por momentos não compreendeu a situação. Após uma breve pausa, R. exclamou, erguendo de súbito os braços, como assustada:)

"Ah! que esplendor glorioso vejo lá ao longe, por cima do meu Alberto!"

Esse esplendor vem dele?

"Oh, não! Ao longe vejo centenas de anjos a aproximarem-se — que luz celestial irradia deles! Nenhum olho humano poderia suportá-la." (Pausa.)

"Agora começam um cântico... Oh, devias ouvir! Nunca na vida escutei tal harmonia."

O Alberto e o Amandus aproximam-se do coro de anjos à medida que estes passam. Mas os anjos estão muito acima do meu Alberto. Ele e o Amandus não participam no cântico; limitam-se a permanecer à distância — e mesmo isso é felicidade. Nem sequer me é permitido aproximar-me do meu Alberto neste momento. Oh, no Céu, acima, deve ser indescritivelmente glorioso!" (Pausa.)

"O cântico cessa; os anjos partiram; o Alberto e o seu amigo regressam para junto de mim."

Sabes o significado desta aparição de anjos? (Pausa.)

"Ah! essas almas que partem são festivamente escoltadas de Vénus até ao Sol por esses mensageiros do Altíssimo. Oh, quem não se esforçaria com todas as forças da sua alma para alcançar, um dia, tal honra celestial!"

Mas agora despertarei em breve. O Alberto voltará a visitar-me na próxima quarta-feira. Amanhã terei um meio-sono. Hoje, o ataque é mais curto; acordarei já às oito horas. Tu, contudo, permanecerás comigo até que passem os espasmos finais, antes das oito. Afastares-te rapidamente de mim não é aconselhável. Mas a minha recuperação avança depressa — vê-se isso pela duração mais curta do sono de hoje; e também os intervalos entre os ataques, a partir de agora, serão mais longos.

Devo ainda dizer-te que devo começar a tomar o chá que prescrevi. A última evacuação foi acompanhada por perda de sangue. Recorda-me o chá, por favor, e não te esqueças de me

insistir com firmeza para que volte a aplicar o sumo de erva-tostão (casa-líquen) nas manchas — pois, quando estou acordada, tenho aversão a essa aplicação.

Agora o meu Alberto parte com o seu amigo; ambos se despedem com simpatia de mim — e de ti. Adeus!

(O acesso de tosse inicia-se, mas é rapidamente substituído pelas opressões, que desta vez são mais prolongadas. Finalmente, ao fim de cerca de oito minutos, e precisamente às oito horas, sobrevinham os habituais tremores e agitações do corpo, após os quais acorda de bom ânimo.)

"Bondoso Senhor M.! Compreendi bem o significado geral; tinha na alma uma imagem clara da ação, mas não conseguia ler as palavras específicas no seu encadeamento. Peço-lhe, recorde-me, por favor, desta cena, quando estiver desperta; saberei então algo sobre ela." Como é que se lembrará desta cena em particular, se, em geral, não recorda nada do que ocorre durante o estado de sono?

"Empenhei todas as minhas forças para ler o documento; era algo que me interessava profundamente; por essa razão, a impressão na minha alma foi tão forte que continuará a ocupar os meus pensamentos." Não conhece nenhum meio que permita trazer mais facilmente a memória desse estado para o estado de vigília? "Não, não há nenhum."

Pense seriamente nisso. É algo que desejo imensamente. (Ela reflete longamente, até que, ao fim de cerca de oito minutos, diz:)

"Sim, há uma forma: deve ordenar-me com firmeza que retenha aquilo que devo recordar; com muita firmeza — caso contrário, não resultará."

(Na manhã seguinte, ao pequeno-almoço, perguntei-lhe:) Não recebeu ontem uma prenda?

"Não me recordo de nada, mas esta noite tive um sonho muito vívido no qual recebi algo de M."

O que foi?

"Uma rosa, e um papel onde estavam escritas umas palavras, etc."

(Ela repetiu as palavras com exatidão. Mas quando lhe entregámos a rosa, juntamente com o papel — ambos se encontravam perto dela no quarto — ficou extremamente surpreendida e, por instantes, não compreendeu o sucedido. Após uma breve pausa, R. exclamou de repente, erguendo os braços, como se sobressaltada:) Ah! Que esplendor glorioso vejo, bem acima do meu Alberto!"

É um esplendor que provém dele?

"Oh, não; ao longe, vejo centenas de anjos a aproximarem-se; que radiante luz emana deles! É algo que nenhum olho humano poderia suportar." (Pausa.)

"Agora começam a entoar um cântico; oh, devias ouvi-lo — nunca em toda a minha vida escutei tamanha harmonia."

"Nem mesmo os Apóstolos, antes da ressurreição do Senhor, viam o Senhor no humano glorificado com os olhos do corpo, mas com os olhos do espírito, o que aparece, após o despertar, como se fosse em sonho."
— T. C. R. 777.

"Aqueles que estão nessa afeição, ou seja, nesse amor, estão na inteligência celestial e brilham no céu como com o esplendor da expansão (firmamento)."
— H. H. 347.

"Eu vi rostos angélicos do terceiro céu, que eram de tal beleza que nenhum pintor, com toda a sua arte, poderia jamais transmitir algo com tanta luz nas cores que se igualasse sequer a uma milésima parte da luz e da vida que apareciam em seus rostos."
— H. H. 552.

"Para convencê-los de que isso era verdade, vieram coros do céu, compostos de anjos da nossa Terra, um após o outro, que juntos, com uma só voz e em harmonia perfeita, glorificaram o Senhor."
— E. U. 61.

"O Alberto e o Amandus aproximam-se do coro dos anjos à medida que estes passam, mas estes permanecem muito acima do meu Alberto. Ele e o Amandus não participam no cântico; apenas permanecem a certa distância — mas mesmo isso já é felicidade. Não me é permitido agora sequer aproximar-me do meu Alberto. Oh, no Céu deve ser glorioso! (Pausa.) O cântico cessa; os anjos partiram; o Alberto e o seu amigo regressam a mim."

Conheces o significado desta aparição dos anjos? (Pausa.)

"Ah, essas almas em trânsito estão a ser festivamente escoltadas de Vénus até ao Sol por estes mensageiros do Altíssimo. Oh, quem não se esforçaria com todas as forças da alma para, um dia, alcançar tais honras celestes! Mas agora despertarei em breve. Alberto voltará a visitar-me na próxima quarta-feira. Amanhã entrarei num estado de semi-sono. Hoje o episódio é mais curto; despertarei já às oito horas. Peço-te que permaneças comigo depois disso, enquanto durarem os espasmos finais, antes das oito. Afastares-te de mim de forma apressada não me faria bem. Mas a minha recuperação está a avançar rapidamente; vê-lo-ás pelo sono mais breve de hoje; os intervalos entre os ataques também serão, a partir de agora, mais longos. Devo ainda dizer-te que devo agora beber o chá que prescrevi. A última evacuação veio acompanhada de perda de sangue. Lembra-me do chá; e não te esqueças de insistir comigo, com firmeza, para usar novamente o sumo de erva-das-telhas para essas manchas, pois, quando estou desperta, tenho aversão a essa aplicação. Agora, o meu Alberto parte com o seu amigo; ambos nos deixam uma despedida amistosa. Adeus!"

(A tosse começa, mas é rapidamente sucedida pelas opressões, que duram mais tempo; por fim, ao fim de cerca de oito minutos, e exatamente às oito horas, surgem os habituais tremores e agitações do corpo, após os quais ela desperta com bom ânimo.)

"Esses coros afetaram os espíritos de Júpiter que estavam presentes com tal deleite, que eles se sentiram como se fossem arrebatados ao céu." — Ibid. (mesma fonte anterior, E. U. 61)

"Depois que os espíritos são preparados para o céu por meio de instruções, nos lugares mencionados anteriormente, eles são levados ao caminho que conduz para o alto, em direção ao céu, e são entregues aos anjos guardiões ali presentes. Em seguida, são recebidos por outros anjos e introduzidos em sociedades, e nas alegrias próprias da vida celeste." — H. H. 519.

3 de Junho

Verificou-se a previsão de R., segundo a qual sentiria maiores incómodos entre as crises principais. Já pelas dez da manhã queixou-se de indisposição geral e, posteriormente, de dores no peito e no estômago. Cerca das onze entrou num estado de semi-sono magnético, que durou meia hora; ao despertar, lembrou-se de ter sonhado que lhe fora recomendado não viajar a Ludwigsburg no dia 4. Tinha combinado essa deslocação com uma amiga, sem se lembrar de que anunciara um novo ataque para o mesmo dia. No referido semi-sono, apercebeu-se de que fora Alberto quem a induzira ao sono, por causa dessa viagem. Durante o meio do dia, sentiu-se bem. Cerca das cinco da tarde surgiu uma nova indisposição e um breve estado de inconsciência, do qual, no entanto, recuperou rapidamente. Por volta das seis e meia, foi acometida por dores intensas no peito, que afirmou nunca ter sentido com tal severidade.

Encontrou algum alívio quando lhe coloquei a mão sobre o peito. Perto das oito voltou a cair num semi-sono magnético, que atribuiu à forte humidade libertada pelo vapor de engomar, no qual estivera toda a tarde. Durante uma hora permaneceu com a língua paralisada. Disse depois que, se eu não tivesse estado presente durante esse ataque, a sua saúde teria sofrido um retrocesso tão grave que o processo de recuperação teria sido atrasado em catorze dias. Observou ainda, ao tocar-me no peito, que sentia dores no meu lado direito, as quais aliviou rapidamente ao colocar a mão sobre mim e levantar o meu braço direito. Por volta das nove e meia despertou com novas forças.

4 de Junho

Dores muito intensas no peito precederam a crise anunciada para hoje; iniciaram-se por volta das seis da tarde, prolongaram-se até às seis e meia e, provavelmente, substituíram a habitual tosse, que desta vez não se manifestou. Finalmente, após várias expressões de impaciência, que não conseguiu reprimir por completo, foi libertada das dores por violentas agitações do corpo, serenou e foi transportada à terra do seu Alberto. Poucos minutos depois, começou a dizer:

"Alberto, o meu guia mais fiel, estás de novo comigo; não abandonas a pobre sofredora. Mas... que vejo eu?" (com expressão de angústia)

"Estás tão sério; o teu olhar não é tão amigável como de costume!" (Pausa, durante a qual parece fitá-lo.)

"Ah, de facto, agi mal. Oh, se ao menos nunca o tivesse dito! Perdoa-me — não o voltarei a repetir."

Que foi aquilo de errado que pedes aqui perdão por teres dito?

"Tu ouviste a palavra que pronunciei no auge da dor, e que imediatamente — como agora vejo em ti — causou um desgosto no teu espírito."

Oh, não o devia ter feito... escapou-me. (Pausa.) Ó meu Alberto, sê bondoso comigo de novo, perdoa-me; foi apenas uma exclamação de dor. Prometo que não voltarei a fazer o mesmo. Ah! (com alegria) ele perdoa-me; acredita em mim; será bondoso outra vez. (Antes de adormecer, ela proferira, em momento de grande dor e impaciência, as palavras: "Céu! Cruz!" — as quais também me impressionaram de imediato. Perguntei-lhe se seriam essas as palavras a que se referia, ao que respondeu afirmativamente. Seguiu-se uma longa pausa, após a qual disse:)

"O Alberto fez-me sérias advertências, em consequência da palavra que usei com tanta irreflexão."

Onde estás com o Alberto hoje? "Em Vénus, novamente; assim que os espasmos terminaram, o meu Alberto trouxe-me rapidamente para cá. Mas que vejo? Que maravilha! Deus, meu Deus! A quem devo agradecer primeiro?"

O que se passa? O que tanto te comove?

"Ah, a flor está de novo visível para mim, e seis novas pétalas estão murchas. Ó Alberto, és tão bondoso comigo. Sê sempre, rogo-te, o meu espírito guardião; permanece ao meu lado quando recuperar a saúde e já não te puder ver; e quando estiver prestes a cair, sê tu a sustentar-me, a erguer-me; atrai o meu coração para onde habitam a pureza, a virtude e o amor." (Pausa.)

"Sim," (com alegria,) "vou recuperar, recuperar completamente; mas devo depois cuidar do meu corpo. O meu Alberto diz que ele não adoece por culpa minha. Oh, se ao menos não te perdesse, o meu Alberto, se fores tu a guiar-me, nada temerei; a ti e à tua vontade seguirei, sem reservas; e sentirei sempre a tua presença (como me prometes) na minha alma; quanto te agradeço por isso!" (Pausa.)

"Como está bela, fresca e viçosa a flor! Quanto mais pétalas murcham, mais vigoroso e suculento se torna o caule e as flores. A força das pétalas murchas transfere-se para o interior."

"Ó meu guia, devo-te profunda gratidão." (Voltando-se para mim:)

"Mas também a ti devo agradecer."

Agradecer porquê?

"Se me tivesses deixado durante os ataques, o que teria sido de mim? Agradeço-te de coração." (Pausa.)

"Agora, o meu Alberto já não está sozinho."

Quem está com ele?

"Vejo cinco outros espíritos guardiões com ele."

Espíritos guardiães de quem?

"Três deles são acompanhantes de almas que ainda pertencem à Terra; os outros dois são guias de seres que habitam o astro onde me encontro."

Os habitantes de Vénus ainda necessitam de espíritos guardiães?

"Sim, o Alberto diz que sim; mas acrescenta que, quanto mais perfeitas se tornam as almas, mais glorioso é o seu acompanhante; e que os anjos que exercem esta função, a mando do Altíssimo, residem no Sol. Vede, agora prostram-se; curvam-se e oram."

Ó esplendor que se irradia por toda esta cena! Oh, se ao menos pudesse aqui habitar e nunca mais regressar à Terra." (Pausa.)

Consegues perceber o conteúdo das suas orações?

"Apenas Deus vê isso, neste momento; mas vejo um sinal na luz celeste que envolve os suplicantes, cujo significado percebo em Alberto. Esse sinal diz: 'Deus é amor', e vejo distintamente que orientam os impulsos do seu ser interior para esse sinal celestial." (Pausa. Ela reza.)

"Os anjos, quando estão com os homens, habitam, por assim dizer, nas suas afeições." — H. H. 391.

"Há outros (entre os anjos) que protegem os espíritos noviços — ou seja, aqueles que vieram recentemente do mundo — das infestações dos espíritos malignos." — H. H. 301.

"Vi um grupo de espíritos todos de joelhos, orando a Deus." — T. C. R. 621.

"Também são concedidas nos céus escritas que surgem sem auxílio da mão, apenas por correspondência dos pensamentos; mas essas não são permanentes." — H. H. 262.

"Sim, Tu, ó meu Deus, Tu és amor. O Teu amor também me amou. Muitas vezes o caminho por onde me conduzias pareceu-me escuro e sombrio; mas o Teu amor estava lá. Louvor e glória a Ti! Santo, Santo és Tu, ó Deus! Todos os céus estão cheios da Tua glória. Oh, quem me dera agora poder unir-me ao cântico daqueles espíritos mais elevados e puros, que Te louvam! A minha oração é débil — recebe-a com graça. Tu prometeste que mesmo os pecadores podem aproximar-se de Ti com oração sincera; escuta-me, pois, também a mim, e que a minha fraca súplica Te seja agradável. Cura-me, torna-me boa, e retribui, também àquele que tão benevolentemente está ao meu lado, todo o bem que me faz. Abençoa-o pelos muitos sacrifícios que já fez por mim." (Pausa.)

"Agora o meu Alberto parte com os seus amigos. Vai conversar com eles; mas permanece tão próximo, que o meu corpo, através do teu, ainda sente poderosamente a sua influência. Como é belo — é como se um caminho de luz se estendesse de onde ele está até nós."

(Segue-se um longo silêncio de quase uma hora.)

"Agora o meu Alberto voltou. Vejo nele que esteve a discutir com os seus amigos uma missão importante, que lhes foi confiada do alto."

Consegues perceber de que se trata essa missão?

"Não, o Alberto está muito sério; não me é permitido saber. Não voltes a falar disso. Mas o Alberto diz que deves falar frequentemente comigo, quando estou desperta, sobre assuntos elevados, e lembrar-me quando me esqueço de mim própria. Vêem-se os defeitos dos outros muito mais depressa do que os nossos próprios. Faz isso com frequência; desejo tanto tornar-me melhor e melhor." (Pausa.)

"Vejo dentro do teu corpo; o teu estômago está um pouco perturbado; tens estado incomodado — isso não devia ser."

(Ela colocou a sua mão esquerda sobre o meu estômago, e a sensação desagradável que me incomodava há horas desapareceu quase por completo em cerca de oito a dez minutos. Por outro lado, ela queixou-se de cãibras na mão, que cessaram pouco depois de eu a pressionar durante meio minuto.)

"Devo ainda dizer-te que não deves pregar no próximo domingo. Vais obedecer-me desta vez, prontamente? Tens, penso eu, boas razões para isso." (Sorri.)

"Dentro em breve serei reconduzida à Terra. O Alberto visitar-me-á novamente no sábado à noite." (Ela treme levemente.)

"Acabo de chegar aqui com o Alberto. Amanhã terei um sono parcial. Dá-me amanhã um banho de pés com sal e sene. Agora vou despertar. Adeus, meu Alberto! Oh, vê, ele eleva-se no ar!" (Seguem-se os espasmos habituais, e ela desperta.)

5 de Junho

Pelas cinco da tarde foi-lhe entregue uma carta cujo conteúdo a afetou de tal forma, que sofreu de imediato espasmos no peito e, pouco depois, após alguns movimentos convulsivos, entrou num estado semi-magnético, no qual permaneceu durante uma hora e meia sem proferir uma única palavra. A mandíbula inferior encontrava-se espasmodicamente fechada; recuperava por vezes alguma mobilidade quando eu lhe pousava a mão, mas estava impossibilitada de falar, parecendo mesmo que a sua língua estava paralisada — o que deduzi a partir de sons inarticulados que claramente eram tentativas de pronúncia. Apenas pouco antes de despertar voltou a recuperar gradualmente a fala, embora, de início, falasse de forma muito entrecortada, dolorosa e com gaguez. À pergunta: O Alberto está presente? respondeu:

"Não, neste momento não pode estar comigo; está ocupado noutro local."

Quando despertarás?

"Dentro de onze minutos."

Como consegues ver isso com tanta clareza neste estado, se dizes que noutras vezes o reconheces apenas através do Alberto?

"Sinto-o distintamente no raio de energia vital que emana de ti, e que se vai tornando cada vez mais ténue; à hora que indiquei, esse fluxo cessará por completo, e o meu fluido vital recolher-se-á então para o interior do meu corpo. Vejo isso claramente, mesmo estando agora num grau magnético muito baixo."

(A sua previsão confirmou-se, de forma absolutamente pontual segundo o meu relógio: despertou animada e, durante toda a noite, notou-se que não se lembrava do conteúdo da carta que recebera, apesar de se ter chamado a atenção para ela. A carta foi-lhe novamente entregue na manhã seguinte e, então, a lembrança de a ter recebido no dia anterior foi-se gradualmente manifestando na sua alma, sem que, no entanto, o seu conteúdo voltasse a produzir o mesmo forte impacto.)

7 de Junho

O sono magnético, em vez de se iniciar às seis da tarde, como até agora acontecera regularmente nos dias em que a crise estava previamente anunciada, começou hoje uma hora mais tarde, isto é, por volta das sete. Os espasmos no peito e no pescoço apenas se manifestaram pouco antes das sete e foram intensos e prolongados. Quando surgiu a

consciência magnética, perguntei: Como se explica que a crise tenha ocorrido hoje uma hora mais tarde do que o habitual?

— "A razão está nos ataques intermédios, que muito contribuem para a minha recuperação, sobretudo quando permaneces junto de mim durante os mesmos. A minha força nervosa já está mais fortalecida, e agora é necessário mais tempo para que eu seja transportada para este estado. Doravante, os episódios de sono não durarão tanto como anteriormente."

Verás também com menos clareza a partir de agora?

— "Não, essa faculdade será ainda exaltada por um curto período e depois diminuirá gradualmente. A minha recuperação avança rapidamente; os ataques intermédios servem, por assim dizer, para aliviar o meu corpo; são de natureza diferente da atual, quando operas sobre mim através do Alberto; parece que, durante os meios-sonos, o meu corpo, ao adquirir força vital, exala, por assim dizer, matéria doentia, a qual, uma vez expelida, se acumula em menor quantidade, permitindo à força vital trabalhar com menos impedimentos na minha restauração."

O Alberto está contigo?

— "Sim; ele trouxe novamente o seu amigo Amandus. Agradeço-te, Alberto, pelo prazer que me proporcionaste. Mas Amandus não pode permanecer aqui; os seus deveres chamá-lo-ão dentro em breve." (Pausa.)

"Ah! — a flor! Também a vejo com o Alberto! Oh, graças a Deus! Como está cheio o meu coração de gratidão jubilosa!"

(Ela cruza as mãos e reza longamente em silêncio; por fim, diz:)

"Também a ti, meu Alberto, ofereço os mais sinceros agradecimentos; (voltando-se para mim:)

"Há alguns poucos que são totalmente ignorantes de Deus; e que estes, se tiverem vivido uma vida moral, são instruídos após a morte pelos anjos, e em sua vida moral recebem um princípio espiritual — isso pode ser visto na Doutrina da Nova Jerusalém sobre o Senhor." — D.P. 254

"Por serem tão dominantemente naturais, mal sabem que estão na outra vida." — N.D. Pt. 2d, 3507

"Por fim, reconheceram, quando estavam comigo, que eram espíritos — mas, ainda assim, não se deixavam convencer de que estavam fora do corpo." — A.C. 941

Tu não fizeste menos por mim. O meu Alberto olha para ti e regozija-se contigo."

Como está a flor?

— "Mais seis pétalas murcharam; isso significa que metade da minha doença já desapareceu e grande parte dos meus sofrimentos já passou. A enfermidade está agora em declínio; tudo seguirá assim, salvo se surgirem circunstâncias especiais, que não posso prever. De agora até sexta-feira, terei ainda muito que sofrer; o Alberto não me visitará de novo antes do dia treze."

Por que tão tarde?

— "O Alberto diz que os ataques intermédios devem agora ocorrer, pois são mais eficazes do que a sua influência — sendo quase indispensável que coloques a tua mão sobre mim durante esses episódios. Esses ataques impressionam mais os que não compreendem o caso do que o próprio sono magnético; mas são verdadeiros medicamentos para mim. No final da doença, ainda terei de passar por espasmos terríveis. Mas não te assustes com eles; surgirão tanto em estado de vigília como no estado magnético, sobretudo antes dos ataques principais. Quando estes ocorrerem, a minha cura total estará próxima. Entre amanhã e sexta-feira haverá vários ataques ligeiros deste género e dois estados de inconsciência."

(A minha irmã M. pergunta: Que se pode fazer pela criada, que tem vomitado continuamente há duas horas, e até rejeita os alimentos dados para fortalecer o estômago? R. responde:)

— "Ela sobreaqueceu-se e, de seguida, arrefeceu o estômago ao beber água fria demasiado cedo. Não lhe deis nada alcoólico; apenas um copo de caldo de carne quente, e ela melhorará; coloquem-na na cama; adormecerá em breve e acordará bem."

(Seguiram-se estas instruções à risca, e o resultado confirmou literalmente a previsão.)

Onde estás desta vez com o teu Alberto?

— "Aqui em Ychwaikheim; o afastamento da minha alma do corpo não me seria útil hoje."

Por quê?

— "Ele diz que tu és o meu melhor remédio desta vez, e por isso é melhor assim. Tens vontade de fazer algumas perguntas; fá-las."

Sobre que assunto gostaria de ser informado?

— "Vejo em ti o desejo de ouvir algo sobre o estado da alma após a morte."

Exatamente. Mas diz-me primeiro o significado da expressão que usaste há algum tempo, quando disseste que o sono magnético tem alguma semelhança com a morte?

— "Disse-o, e é verdade; este estado é uma espécie de morte parcial."

Podes explicar-me isso com mais detalhe?

— "Compreendo bem que esse assunto te interesse; hoje refletiste seriamente sobre a tua própria morte. Sei o local onde meditaste sobre essa grande mudança; e posso também indicar-te a hora."

(Esta declaração surpreendeu-me; pois era de facto verdade, e ninguém no mundo poderia ter conhecimento daquele momento de contemplação pessoal.)

— "Mantém-te calmo, peço-te; sou forçada a participar nesse estado de agitação da tua alma." (Ela tremeu durante alguns instantes.)

— "Não te surpreendas por eu saber isto. Ainda há pouco pensaste — e assim foi — nas meditações sobre a morte que te ocuparam hoje. Vi-o; caso contrário, não teria podido sabê-lo."

Diz-me então — pois estou a pensar o mesmo neste momento — o que pensei hoje, e quando e onde foi?

— "Estávamos ainda à mesa, ao almoço; saíste da sala e estavas a olhar pela janela do teu quarto, virada para a igreja. Aí perguntaste a ti próprio: 'Como seria se fosses chamado à eternidade neste mesmo dia?' E, após algum tempo, respondeste a ti mesmo: 'Poderia separar-me calmamente de tudo o que é terreno.'"

(Foi exatamente assim. Esta profunda leitura da minha alma voltou a comover-me, o que fez com que ela tremesse novamente e dissesse, com seriedade:)

— "Peço-te seriamente que te acalmes; também me prejudicas com essa perturbação."

(Para atender ao seu pedido, distraí os meus pensamentos com a seguinte conversa:) Disseste que o estado magnético era uma espécie de morte parcial; podes explicar-me melhor isso?

(Ela não respondeu de imediato; ao repetir a pergunta, ela levantou a cabeça com um sorriso suave e disse:)

— "Adeus, querido Amandus!" (Para mim:)

"Acaba de ser chamado, mas voltará."

(Repeti mais uma vez a pergunta, ao que ela respondeu:)

— "Sim, certamente, o estado magnético é semelhante à morte. A maneira como a alma abandona o corpo não te posso explicar; posso apenas oferecer-te uma imagem daquilo que sinto. Parece-me, agora, que no estado de vigília o corpo é a casa da alma, e esta pode olhar

ora por uma janela, ora por outra. No estado sonambúlico, contudo, a alma saiu da casa e fechou a porta da sua morada. Por isso, agora vejo-te a ti e a mim como um terceiro vê um grupo. Estou à tua esquerda e contemplo-te a ti e ao meu próprio corpo."

Vês o teu corpo tal como ele agora me aparece?

— "Certamente." (Descreveu-me com exatidão a posição dos seus membros.)

Será o mesmo no momento da morte?

— "Sim, com a única diferença de que, nesse caso, a alma já não poderá regressar ao corpo. Terá cortado a sua última via de acesso. Na morte, o espírito abandona a sua residência exatamente como no sono magnético."

"No que se segue até o final desta crise, há uma diferença de fraseologia entre a vidente e os trechos extraídos de Swedenborg. Mas é apenas uma diferença de linguagem; a harmonia no significado substancial de ambos será prontamente percebida. A vidente afirma que a parte imortal do homem consiste em espírito nervoso, alma e espírito. Swedenborg diz que a mente humana é formada em três graus: natural, espiritual e celestial. Basta comparar o que um diz sobre o espírito com o que o outro diz sobre o grau celestial, para ver a concordância entre ambos. E assim também com os outros dois. A exposição geral de Swedenborg sobre a mente está anexada aqui." — Tradutor.

"A mente humana é dividida em três regiões: a mais baixa é chamada de natural, a intermediária de espiritual, e a mais elevada de celestial." — T. C. R.

"Os interiores do homem, que são da sua mente (mens) e da sua mente afetiva (animus), estão também dispostos em ordem semelhante (aos três céus); ele possui um grau íntimo, um intermediário e um último." — H. H. 30.

"É importante saber que os interiores dos anjos são o que os colocam em um céu ou em outro; pois, quanto mais os interiores estão abertos ao Senhor, mais interior é o céu em que se encontram. Há três graus de interiores em cada ser, seja anjo, espírito ou homem. Aqueles cujo terceiro grau está aberto estão no céu mais íntimo; os que têm apenas o segundo ou o primeiro grau aberto, estão no céu médio ou no mais externo." — H. H. 33.

"Mas, por muita experiência no mundo espiritual, foi-me dado saber que o homem, da cabeça aos pés — ou das primeiras coisas na cabeça às últimas no corpo — é tal como o seu amor. Todos naquele mundo são formas do seu próprio amor: os anjos, formas do amor celeste, e os demônios, do amor infernal. Estes últimos são deformados no rosto e no corpo, enquanto os primeiros são belos. E quando seu amor é atacado, seus rostos mudam, e, se for muito atacado, desaparecem totalmente. Isso é próprio daquele mundo e acontece porque os corpos são um com as mentes. É um princípio da sabedoria angélica que a mente do homem é o próprio homem, porque Deus é homem, e que o corpo é o exterior da mente que sente e age; e que ambos são um só, e não dois." — D. L. W. 369.

"Todo homem possui um interno e um externo. O interno e o externo de que tratamos aqui dizem respeito ao espírito do homem. O corpo é apenas um externo acrescido, dentro do qual eles existem." — T. C. R. 401.

"A alma humana, por ser uma substância espiritual superior, recebe influxo diretamente de Deus; mas a mente humana, por ser uma substância espiritual inferior, recebe influxo de Deus mediatamente, por meio do mundo espiritual." — I. 8.

"Em todo anjo e em todo homem há um grau mais íntimo ou mais elevado — ou algo mais íntimo e mais elevado — no qual o Divino do Senhor flui diretamente, e a partir do qual Ele dispõe os demais interiores, os quais se sucedem conforme os graus de ordem em cada um. Esse grau mais íntimo ou mais elevado pode ser chamado de a entrada do Senhor no anjo e no homem, e também de Sua morada mais verdadeira neles." — H. H. 435.

E então, como tal, não pode estar sem a alma (porque estão unidas como corpo e alma); por essa razão, também não pode erguer-se sem ela. Esta última não se separa do corpo com tanta facilidade como o espírito, que tem natureza divina; apenas com grandes lutas a alma abandona o corpo, com o qual tem grande afinidade e que ama profundamente. Por isso, também leva consigo, na maior parte das vezes ao morrer, os seus apêndices corporais, que muitas vezes não são os melhores, porque como que se enraizaram na sua própria natureza.

Qual é a distinção entre espírito e alma? O espírito é a vida da alma, o eternamente Divino, gerado por Deus; a alma pertence à essência pessoal do ser e completa o seu todo. Na sua essência, é um corpo espiritual e, por isso, pode assumir por completo a natureza do espírito e espiritualizar-se; mas também pode subjugar o espírito, corporificar-se cada vez mais e rebaixar-se. É o rosto do espírito, a sua forma característica, ou, se quiseres, o seu vestuário. Nenhum deles pode subsistir sem o outro; estão unidos tão intimamente quanto alma e corpo — como, não sei dizer. Estas são ligações que ultrapassam o alcance do meu entendimento. Mas talvez possas dizer-me como ambos se unem ao corpo.

"Sim, posso."

A alma é o sentido interno do homem, através do qual o espírito expressa a sua atividade essencial; este dá à alma o poder das suas expressões vitais. Mas para que estas se manifestem, é necessário ainda um terceiro elemento, que é sobreposto e que, ao mesmo tempo, move e anima o corpo. Trata-se de uma substância extremamente subtil, da qual a própria alma parece quase inteiramente composta, e com a qual ela penetra o corpo em todas as suas partes.

É este o chamado espírito nervoso (*nerve-aura*, etérico)?

"Tens a ideia certa; é ele que dá ao corpo vida exterior, mobilidade e força; mas o nome não me agrada."

Conheces algum que o descreva melhor? (Ela reflete.)

"Não, não conheço nenhuma palavra para isso. O que acontece com este espírito-nervoso após a morte? É, de facto, retirado da essência da alma, mas, pelas suas operações no corpo, possui mais da sua natureza do que a alma considerada em si mesma. É sempre o seu instrumento para agir no mundo exterior."

Mas o que lhe acontece depois da morte?

"O corpo de todo anjo e espírito é a forma externa do seu amor, correspondendo inteiramente à forma interna, que é a mente (mens) e a mente afetiva (animus)."
— H. H. 363.

"O homem interior é o intermediário entre o homem interno e o homem externo; por meio do homem interior, o interno se comunica com o externo, e sem tal meio, nenhuma comunicação poderia existir."
— A. C. 1702.

"A razão disso é que o anjo e o espírito, por terem nascido primeiramente como homens no mundo, retêm a subsistência; pois, a partir dos princípios mais íntimos da natureza, eles conservam em si um meio entre o que é espiritual e o que é natural. Os anjos sabem que tal meio existe, mas como ele provém dos princípios mais internos da natureza — e todas as línguas expressam-se a partir dos seus aspetos mais externos —, ele só pode ser descrito por meio de conceitos abstratos."
— D. W. 8.

"Quando a alma se separa do corpo, esta substância subtil acompanha-a, pois é tanto parte da alma como do corpo. Se permanecesse no corpo, este continuaria a viver, mesmo que a alma o tivesse abandonado. Isto é, em certa medida, o que se passa no meu estado atual."

Qual é o propósito da transição desta substância com a alma para outro mundo?

"Na morte, a alma é o corpo do espírito e está destinada, se o espírito não quiser falhar o alto propósito da sua criação, a tornar-se uma só com ele, a ser espiritualizada. (Pausa.) Isto apresenta-se-me como uma outra morte: o espírito-nervoso está destinado, por ser mais grosseiro e corpóreo, a ser por fim totalmente removido, e a alma a assumir a natureza da luz eterna, do espírito."

Para que serve o espírito-nervoso depois da morte?

"Ele não renuncia à sua natureza; embora invisível ao olho corporal, é muito grosseiro e corpóreo em comparação com a essência que o espírito e a alma formam em conjunto. A alma não se liberta imediatamente após a morte; pode-se dizer que cada uma leva consigo algum desejo inferior para o outro estado, e é isso que atrai e puxa o espírito-nervoso para baixo, em direção à terra. As almas bastante terrenas envolvem-se de bom grado nele, e assim conferem a forma característica ao seu espírito. Com o auxílio desta substância podem fazer-se ver, ouvir e sentir pelos homens. No entanto, não quando querem."

Não, é sempre pela vontade ou permissão de Deus. Podem também produzir sons?

"Sim, aquilo de que te falei, eles levam consigo ao morrer, e isso é, certamente, algo corpóreo. No entanto, não é visível como o corpo terreno, nem é feito da mesma matéria. É mais subtil, mais fino, mas ainda assim, é corpo. E é através deste corpo que podem, por vezes, tornar-se visíveis, audíveis ou mesmo percetíveis ao tato. Mas repito: isso só

acontece quando é permitido por Deus. Não têm liberdade para agir como quiserem no mundo dos vivos. Tudo é regulado por uma ordem superior. Aqueles que são maus não podem, por si só, causar dano — não sem uma permissão específica, e mesmo essa é sempre concedida com um propósito maior. Depois da morte, o que não está em harmonia com o amor dominante da alma é afastado; aquilo que não se une ao seu verdadeiro ser é como que removido. Se a alma for boa, tudo o que lhe é dissonante desaparece, e ela é deixada no seu próprio amor, na sua verdade mais profunda. Por isso, cada um é, depois da morte, verdadeiramente o que ama — e nada mais."

* *É um princípio da sabedoria angélica que a mente de um homem é o homem, porque Deus é o Homem; e que o corpo é o exterior da mente, aquele que sente e age; e assim, ambos são um só, e não dois separados. — Doutrina da Vida, n.º 369.*

† *Que o homem, após a morte, seja o seu próprio amor, pode também compreender-se pelo facto de que, então, tudo o que não se harmoniza com o seu amor dominante é removido ou, por assim dizer, levado dele; se for um espírito bom, tudo o que é dissonante ou em desacordo é afastado, e assim ele é deixado no seu amor próprio. — Céu e Inferno, n.º 479.*

‡ *A mente natural também deriva a sua forma, em parte, de substâncias do mundo natural, mas a mente espiritual deriva-se unicamente de substâncias do mundo espiritual. — Doutrina da Sabedoria, n.º 270.*

§ *Alguns [são conduzidos ao Céu] após uma breve permanência junto de bons espíritos, durante a qual as partes mais grosseiras dos seus pensamentos e afetos, que adquiriram devido a honras e riquezas no mundo, são removidas; e assim, são purificados. — Céu e Inferno, n.º 513.*

‖ *Em todos, os exteriores e os interiores devem agir em unidade e corresponder entre si; não é permitido a ninguém, no mundo espiritual, pensar e querer de uma forma, e falar e agir de outra. Cada pessoa tem de ser a expressão viva do seu próprio apetite, ou do seu amor; e, portanto, tal como é no seu interior, assim deve ser no exterior. — Céu e Inferno, n.º 491.*

¶ *Toda a ordem vem de Jeová, ou seja, do Senhor, segundo a qual todas as coisas — tanto as coletivas como as individuais — são governadas por Ele, mas com múltiplas diferenças: umas por vontade, outras por beneplácito, outras por desejo, e outras ainda por permissão. — Arcana Coelestia, n.º 2447.*

Eles não conseguem emitir sons por si mesmos, apenas os excitam na atmosfera da Terra. Mas, se conseguem fazer-se sentir, podem causar dano e mal às pessoas? Isso não lhes é permitido; tal coisa nunca acontecerá sem a permissão expressa de Deus. Mas não me faças mais perguntas por agora — preciso de descansar, diz Alberto. (Há uma pausa de três quartos de hora, após a qual ela começa a falar de novo, por iniciativa própria:) Queres perguntar mais alguma coisa; fá-lo, não me causará dano.

Então os que partiram têm uma espécie de corpo depois da morte? Sim, aquilo de que te falei — eles levam-no consigo ao morrer, e é, sem dúvida, algo corpóreo. O espírito está envolto nesta matéria mais pura, e as qualidades desse corpo são governadas e moldadas

pelas qualidades essenciais e pelo valor moral do espírito. Se o espírito for iluminado pelo divino, também o corpo é luz; se os seus impulsos são voltados para o alto, ele espiritualiza e eleva o que nele é mais baixo, fazendo-o participar da sua natureza celeste. Mas no caso contrário, se for o vulgar, o egoísta, aquilo que o espírito deseja, então o inferior prevalece, e a luz celeste, vinda de Deus, fica, por assim dizer, envolta em névoa; é vencida pelo que há de mais baixo na sua essência e pelo seu egoísmo.

O que não é divino, o obscuro, envolve-o, atrai-o e puxa-o para baixo, para a terra e para o pecado. Esse é o caminho para o reino das trevas: a luz interior já não brilha puramente; está obscurecida, e a qualidade corpórea do espírito aproxima-se da sombra ou da escuridão. Até mesmo a sua forma perde tudo o que é divino, e a mentira, o pecado e o egoísmo colam-se-lhe ao ser. O que nele não é divino torna-se feio, ilusório e instável, afetando até o seu exterior.

"A mente natural do homem consiste tanto de substâncias naturais quanto espirituais; é das substâncias espirituais que surge o pensamento, e não das substâncias naturais. As substâncias naturais dessa mente, que, como foi dito, se afastam com a morte, constituem o revestimento cutâneo do corpo espiritual dos espíritos e anjos." — D. L. W. 257.

"A luz do céu é a verdade divina, e a verdade divina é o próprio Senhor no céu. Essa luz não penetra senão nos interiores da mente; pois os interiores da mente são formados para receber essa luz, e à medida que ela entra, também afeta e deleita." — H. H. 347.

"Essa mesma luz também apresenta cores agradáveis em um objeto, e desagradáveis em outro; sim, ela se intensifica nos objetos brilhantes e resplandece; e se atenua em coisas que tendem ao negro, e se obscurece. O mesmo ocorre no mundo espiritual: lá também há calor e luz provenientes do seu sol, que é o Senhor; os quais fluem d'Ele para os seus sujeitos e objetos; os sujeitos e objetos lá são os anjos e os espíritos." — D. P. 292.

Para onde são levados os espíritos após a morte? Deus tem muitas moradas para eles, conforme as suas necessidades e o carácter interior da alma. São levados para lá imediatamente após a morte? Oh, não, de forma alguma todos. Contudo, nenhuma alma abandona o corpo sem auxílio sobrenatural. E quem presta esse auxílio? Seres superiores — também espíritos guardiões são incumbidos dessa missão. Mesmo no sono magnético, eu nunca encontraria o meu Alberto nesse espaço imensurável por mim própria, e por isso ele pode encontrar-me. Assim é na morte: logo no momento da partida, há um guardião junto da alma desamparada, que lhe aponta o caminho a seguir.

Dessa forma, cada alma é conduzida, diretamente após a morte, ao lugar que lhe está destinado. Cada alma conserva a sua liberdade, e assim acontece que as almas que dificilmente se conseguem desprender do que é terreno — aquelas que encontraram toda a sua felicidade na matéria e nunca aprenderam a conhecer ou valorizar um bem superior, ou se tornaram escravas perfeitas das suas paixões — são, por assim dizer, magneticamente atraídas pelo que é terreno e, seguindo a sua própria inclinação interior, não conseguem abandonar a Terra. Invisíveis aos olhos comuns, estas almas infelizes, por permissão de Deus e por causa dos seus desejos pervertidos, continuam a habitar a Terra, até que tomem consciência da sua miséria. Ai de mim! E isto muitas vezes leva muito tempo.

É esse o estado intermédio, ou reino intermédio, chamado Hades, onde essas almas permanecem? Sim, mas ainda assim, as almas de que falo estão nesse estado por sua livre vontade. Muitas outras aspiram a algo mais elevado, no entanto, também elas devem...

Aqueles que são amores corpóreos aparecem grosseiros, obscuros, negros e deformados. -- -- Céu e Inferno, 481

Os espíritos malignos na outra vida não são praticamente nada além de desejos e fantasias, não tendo adquirido para si nenhuma outra vida; as suas fantasias são tais que as percebem como realidades. -- Arcana Coelestia, 1960

Todos os que estão em locais de instrução vivem separados uns dos outros. -- Céu e Inferno, 514

Aqueles que são imediatamente elevados ao céu são os que foram regenerados e, assim, preparados para o céu ainda no mundo. Mas aqueles que foram interiormente perversos, embora exteriormente parecessem bons, são imediatamente lançados no inferno. No entanto, tanto uns como outros são poucos, em comparação com aqueles que permanecem no mundo dos espíritos e aí, segundo a ordem divina, são preparados para o céu ou para o inferno. -- Céu e Inferno, 491

Quando a alma assim se separa, é recebida por bons espíritos, que estão prontos para lhe prestar todos os tipos de auxílio enquanto permanece em comunhão com eles. -- Arcana Coelestia, 316

Continuam durante algum tempo num tal estado intermédio. Para que fim serve isso? Podes dizer-me mais sobre este estado intermédio?

"Vejo que não acreditas totalmente nele. Contar-te-ei, no entanto, o que sei; o meu Alberto comunica-mo. Mas por hoje não mais; acordarei dentro de pouco tempo." (Pausa.)

"Vê, Amandus veio buscar o Alberto."

Diz-me ainda, porque é que o magneto teve hoje tão pouco efeito em ti?

"A tua influência foi hoje muito mais forte e absorveu, por assim dizer, a do magneto." (Pausa.)

"Agora acordo. Adeus, meu Alberto! Adeus, Amandus!"

(Ela começa a tremer e acorda depois das habituais convulsões.)

8 de Junho

No dia 8 de Junho, às dez e meia da manhã, sem qualquer causa externa e sem ser precedida por nenhuma emoção mental — que, quando intensa, costumava produzir um estado de semi-sono — surgiu um estado semi-magnético, durante o qual ela ficou rígida e pálida, com os olhos abertos e voltados de lado, as pupilas muito dilatadas e a mandíbula inferior convulsivamente cerrada. A respiração era quase impercetível, o pulso

extremamente fraco. Um ataque de rigidez bastante semelhante ocorreu novamente às três da tarde.

Em ambas as ocasiões, durou uma hora e meia. É digno de nota nestes ataques que não foram precedidos pela menor indisposição, de tal modo que ela perdeu a consciência repentinamente, no meio de uma conversa e num estado de ânimo muito alegre, já estando completamente rígida quando foi levada para o sofá. Nenhuma convulsão se associava a estes episódios, nem as habituais cãibras, nem tosse. Acordava também repentinamente, sem qualquer agitação corporal prévia.

A testa apenas se contraía por um momento; ao mesmo tempo, os olhos retomavam a sua direção natural, os traços do rosto voltavam ao normal e ela estava desperta. Apesar da rigidez semelhante a espasmos nos membros, que durou hoje três horas, não se queixava de dor nem de cansaço físico, chegando a declarar que não se sentia tão bem há muito tempo.

9 de Junho

No dia 9 de Junho, pelas quatro da tarde, ocorreu um ataque interno, cuja intensidade e duração aumentaram por causa do seguinte motivo. R. falou, durante o pequeno-almoço, de uma carta cujo recebimento lhe fora ocultado por delicadeza. Tendo descoberto acidentalmente que a carta fora recebida, reconheceu a boa intenção desse gesto, mas ainda assim sentiu necessidade de embaraçar a minha irmã M. ao questioná-la sobre isso. Repreendi tal conduta e, ao fazê-lo, usei à mesa a expressão:

"Este é um caso em que se devia ter mostrado mais delicadeza e bondade." Estas palavras ofenderam R., que respondeu:

"É injusto acusar-me de falta de delicadeza e bondade."

Ao responder que não tinha feito tal acusação, nem mencionado os motivos da sua atitude, ela manteve a sua posição com alguma irritação, o que me levou ao silêncio e a ficar algo aborrecido. Uma piada mal interpretada por R., que ainda estava agitada, reacendeu esse desagrado durante o almoço, ocasião em que, com expressão amuada, disse:

"Estão a fazer-me de parva."

Por volta das quatro da tarde fui chamado a vê-la, pois tinham surgido fortes cãibras. Encontrei-a ainda consciente e, ao colocar-lhe a mão, como ela me pediu, os sintomas aliviaram-se visivelmente. Pouco depois, surgiu um semi-sono e paralisia da língua, que, apesar dos esforços, durou duas horas e meia. Após esse período, o maxilar inferior começou a mover-se, primeiro a tremer e depois lenta e ritmicamente, e ela começou, por si mesma, a falar devagar e em voz baixa:

"A tua influência sobre mim hoje não é muito eficaz, nem tão benéfica como de costume." Porque será isso?

"Não sei; nem te vejo com clareza, nem mesmo a ti vejo distintamente." (Pausa.)

"Ah, o teu estado de espírito também não é dos melhores. O que se passou contigo? De certeza que não estou com o mesmo humor agradável de sempre, e acho que devias saber muito bem porquê: tu deixaste-me perturbada."

(Com espanto e surpresa.) "Eu? Meu Deus, não sei de nada."

Lembra-te, peço-te, do que se passou hoje, especialmente do pequeno-almoço e do almoço.

"Sim, tenho apenas uma vaga ideia do que referes; mas só o sinto — não vejo nada em ti, pois o meu Alberto não está aqui; diz-me tu o que se passou."

(Disse-lho e ela rapidamente se lembrou dos acontecimentos; no entanto, afirmou:)

"Não estive errada, nem de manhã nem ao almoço. As minhas intenções eram boas."

Isso não está em causa; a questão é se não recebeste de mim, de forma exaltada e irritada, uma repreensão que era merecida. (Ela chora, entra em espasmos, treme, queixa-se de dores violentas por todo o corpo e diz:)

"Não merecia isso; eu tinha razão."

Se ainda manténs essa opinião, não sei, na verdade, o que pensar do tão enaltecido e elevado senso moral dos sonâmbulos. Só me consola um pouco o facto de estares meio desperta e num grau muito leve de sono magnético. Se o Alberto estivesse aqui, certamente não aprovaria o teu comportamento.

"Sinto que ele ainda virá."

Porquê hoje, se na tua última crise tinhas fixado a próxima visita dele para o dia treze?

"Ele tem de vir, se eu quiser ter forças para despertar."

Não podes acordar de outra maneira?

"Não, a tua influência retirou-se de mim; sinto-me como que enroscada sobre mim mesma."

O que posso fazer para te aliviar?

"Nada, absolutamente nada; tenho de esperar e ficar deitada a dormir até que o Alberto venha ou até que mudes de opinião e adotes um humor mais benevolente, mesmo que tenha de ficar assim vários dias."

Lamento profundamente, mas a minha opinião sobre o teu comportamento não posso nem quero mudar. O Alberto certamente não se ausentará por muito mais tempo nestas circunstâncias. (Ela ficou assim, como morta, durante uma hora, até que disse:)

"Ah, agora ele vai aparecer, o meu Alberto; vejo-o ao longe, muito, muito longe; ele aproxima-se." (Mostra-se claramente contente.)

Vais agora libertar-te da rigidez? (Nenhuma resposta; mostra um semblante muito sério e, por fim, chora copiosamente. Ao fim de cerca de cinco minutos, diz:)

"Estava completamente errada; vi-o logo no meu Alberto, à medida que se aproximava. Ele estava a observar-me há muito tempo antes de vir e viu o meu sofrimento; mas propositadamente atrasou-se em aliviar-me. Eu mereci isso; porque fui tão teimosa e apaixonada? Magoei os sentimentos de todos com o meu comportamento indecoroso. O Alberto diz que tiveste toda a razão em repreender-me; devia ter ficado em silêncio quanto àquela carta, e tudo teria sido evitado; também não devia ter-me irritado nem ofendido, pois a tua intenção foi claramente bondosa. Ele diz ainda que deves sempre dizer-me o que está errado no meu comportamento, e que o faças, sim, com algum tato, pois os meus nervos são muito sensíveis, mas que essa sensibilidade não me desculpa de agir como agi."

Assim o farei, e manter-me-ei sempre atento ao teu estado delicado quando for necessário falar.

"Mas compreende bem, deves sempre dizer-me toda a verdade; sobre isso, o Alberto diz que não deves poupar-me."

Compreendo-te, e fico realmente contente que o Alberto tenha partilhado da minha visão sobre o assunto. Se fosse o contrário, não saberia o que pensar dele.

"Eu estava meio desperta; foi isso que permitiu à minha vontade própria dominar-me. O Alberto deu-me agora uma lição, e olha para ti com um semblante amável. (Pausa.) Podia agora despertar, mas não me é permitido, porque perdi demasiadas forças nas últimas três horas. Tenho de as recuperar do Alberto, através da tua mão. Ele ainda ficará comigo por mais tempo, porque necessito da sua presença."

Estás então num estado de crise magnética plena?

"Sim, mas despertarei sem as cãibras magnéticas."

Posso então fazer-te algumas perguntas, retomando aquele assunto importante de que falámos há pouco tempo?

"Sim, vejo agora tudo no Alberto como antes, com total clareza; e atingi neste momento o mais alto grau de clarividência de que sou capaz. Permanecerei assim ainda durante algum tempo. Essa faculdade diminuirá depois, com a doença."

Diz-me se existe realmente esse chamado estado intermédio para as almas dos mortos?

"O Alberto diz que esse estado existe sem dúvida, e que todas as almas devem permanecer nele por algum tempo, mais ou menos longo, após a morte."

"O mundo dos espíritos não é nem céu nem inferno, mas é um lugar ou estado intermédio entre ambos; pois para lá o homem vai primeiro após a morte, e então, segundo a sua vida no mundo, é elevado ao céu ou lançado no inferno." — Céu e Inferno, §421

É um lugar definido de que falas?

"Sim, é a Terra e a sua atmosfera, e a Lua que a acompanha, e uma extensa região além." A Lua é então realmente, como disseste antes, uma morada destinada às almas dos mortos? "Eu não disse isso. Há almas de mortos ali; mas é apenas uma residência temporária para elas, se assim o desejarem."

"Um espírito principiante, ou homem espiritual, é conduzido e levado por várias sociedades, tanto boas como más, para ser explorado se está inclinado ao bem e à verdade ou ao mal e ao falso." — Arcana Coelestia, §72

"É verdade que muitos não têm vontade de ascender. Não é da vontade de Deus que as almas após a morte vagueiem aqui e ali sem rumo e não cheguem imediatamente a uma morada definitiva; elas próprias são culpadas disso. Mesmo as almas mais elevadas permanecem por algum tempo após a morte no seu lugar próprio neste reino intermédio, ainda que brevemente. Cada alma traz consigo algo de imperfeito para o outro mundo, que precisa ser completamente expurgado. Cada preocupação com as coisas da Terra que deixaram para trás tem de ser eliminada; mesmo as melhores almas podem levar consigo algo desse tipo. No entanto, estas, pela sua riqueza interior e pela ajuda divina, libertam-se disso rapidamente e ascendem ao lugar da sua destinação superior."

"Se é inclinado ao bem e à verdade, é afastado das sociedades más e levado às boas, até encontrar a que corresponde à sua afeição natural, e aí permanece até que essa afeição natural se transforme numa afeição espiritual, e então é elevado ao céu." — Arcana Coelestia, §72, 281

Esse estado intermédio estende-se também aos habitantes de outros planetas — de Vénus, por exemplo? "Há uma morada feliz em Vénus; é uma residência mais longa para as almas humanas; mas também aí não permanecem para sempre; não são só a Terra e a Lua que formam este estado intermédio." Mas estão todas as almas juntas nesse lugar, sem ordem nem organização? "Não, não, isso é impossível; o estado intermédio também tem as suas divisões, e a alma é dirigida, logo após a morte, por um espírito guardião ao lugar a que pertence. Há classes e graus no reino intermédio, tal como há gradações de felicidade e de miséria."

"Todas as sociedades no mundo dos espíritos, que são inumeráveis, estão maravilhosamente organizadas de acordo com as afeições naturais, boas e más." — Arcana Coelestia, §281

(Pausa.) "Oh, feliz de quem leva consigo pouco do que é terreno ou obscuro para esse estado!" As almas moldam a sua própria forma após a morte, como bem lhes aprouver? "Sim, por meio da substância fina que chamais espírito nervoso; mas não podem, de modo algum, dar-se uma forma completamente ao seu gosto. Só o podem fazer até ao ponto em que a sua verdadeira essência seja sempre visível na sua forma. Não podem parecer melhor do que são."

"Todos aparecem em forma humana segundo o seu amor, o que se manifesta na face, no modo de falar e no corpo." — *Céu e Inferno, §481*

"Mas também não desejam isso. Que vantagem teria? Ali, todos são vistos como realmente são, desde o primeiro instante. Cada alma aparece após a morte numa forma que é a imagem da sua essência, e essa forma é composta das partes mais finas da matéria que envolve o espírito. A alma reconhece-se de imediato pelo seu verdadeiro valor e carácter, tal como é reconhecida pelos outros espíritos. Fingir, usar máscaras — tudo isso termina ali."

Pode a alma, nesse estado intermédio, educar-se no bem ou ainda arrepender-se?

"Sim, se assim o quiserem; mas há lá demasiados que não querem. Só de pensar, há lá pessoas que ainda negam a imortalidade. Ó, tais formas! Ó, Alberto, estremeço só de pensar nelas; não me mostres nenhuma, estremeço só de pensar nelas."

O quê? Aqueles que negam a imortalidade da alma nesse estado? — Isso não pode ser possível.

"Digo-te a verdade. São como pessoas atordoadas, sem saber como foram transportadas para esse estado. Aparentam-se a si mesmas como completamente estúpidas; não sabem o que fazer com a sua condição presente. Mas esses céticos eram muitas vezes, aqui na Terra, homens de grande entendimento."

No outro mundo, não é permitido a ninguém fingir afetos que não lhe pertençam verdadeiramente; assim, não pode adotar rostos contrários ao amor em que se encontra. Todos os que estão lá são reduzidos a um estado em que falam como pensam, e mostram, com o rosto e gestos, o que realmente desejam. — H. e H. 457

Tal é o espírito depois de passar pelos primeiros e segundos estados (referidos anteriormente); por isso, aí, quando é visto, é imediatamente reconhecido quanto à sua natureza, não apenas pela face, mas também pelo corpo, e igualmente pela fala e gestos. — H. e H. 552

Cada homem, após a morte, despede-se do que é natural (herdado da mãe) e mantém o espiritual (do pai), com uma espécie de revestimento proveniente das coisas mais puras da natureza que o envolvem. — T. C. R. 103

A razão pela qual os rostos se alteram é porque no outro mundo não é lícito fingir afetos que não são seus, nem adotar rostos contrários ao amor que se tem. — H. e H. 157

Os rostos dos hipócritas mudam mais tarde do que os dos outros. — H. e H. 458

Os espíritos malignos também foram ouvidos a declarar que podiam agir segundo os mistérios da sabedoria angélica, mas que ***não queriam****. Quando lhes disseram que podiam fazê-lo se evitassem os males como pecados, disseram que também podiam fazer isso, mas que* ***não queriam****. Assim ficou muito claro que tanto os bons como os maus têm igualmente o dom do livre arbítrio. — D. L. V. 266*

O sétimo recém-chegado do mundo natural disse: "Se eu acreditasse que há céu e inferno, e portanto vida após a morte, também acreditaria que os pássaros e os animais viveriam. Não são alguns deles tão morais e racionais quanto os homens? Nega-se que os animais vivem; por isso nego que os homens vivem — a razão é a mesma, uma coisa decorre da outra. O que é o homem senão um animal?" — T. C. R. 160

"Isso é verdade; mas aqui tinham o mundo sensível sobre o qual podiam aplicar o seu entendimento, planos terrenos e atividades às quais o podiam dedicar. Aqui podiam brilhar com ele. Lá, o mundo dos sentidos já não existe, e se o seu espírito nada recolheu, nada possuem; o seu antigo esplendor transforma-se em obscuridade. Oh, esses infelizes!"

"Não querem, porque ser capazes implica uma dificuldade infinita; não são capazes porque não querem. Quero dizer, não querem tornar-se bons, arrepender-se. A alma é avaliada por esse critério naquele mundo. Aquele que não tinha grandes faculdades aqui, mas tinha um bom coração, é preferido em muito àquele que era o oposto. O entendimento é apenas um meio, não um fim. A pureza moral é a coisa mais elevada, e a fé n'Aquele que deseja tornar-nos felizes, e Esse é Jesus Cristo."

Oh, que possamos levar esta verdade solene a sério: A quem muito foi dado...

O inferno consiste em tais cavernas, que não são senão oficinas de trabalho eterno. Foi-me permitido entrar em algumas para que eu pudesse dar a conhecer; todas me pareceram vis. Nenhum deles sabia quem tinha sido ou qual a sua ocupação no mundo. Mas o anjo que estava comigo dizia: "Este foi servo, aquele soldado, aquele oficial, aquele sacerdote, aquele teve dignidade, aquele foi rico"; e, no entanto, todos acreditavam ter sido apenas escravos ou semelhantes entre si. — T. C. R. 281

Aqueles que, no mundo, estavam no extremo amor ao domínio por amor-próprio, e ao mesmo tempo tinham elevada inteligência, aparecem quanto ao corpo como múmias egípcias, e quanto à mente estúpidos e idiotas. — D. L. W. 424

Tudo o que o homem adquire para si no mundo permanece, e leva-o consigo após a morte, e é até aumentado, mas dentro do grau de afeto e desejo pela verdade e o bem — não além disso. Aqueles que tinham pouco afeto e desejo, recebem pouco. — H. e H. 349

Foi-me concedido falar com vários eruditos após a sua morte; com alguns muito renomados e celebrados pelas suas obras, e com outros não tão célebres, mas com sabedoria escondida. Aqueles

que, no íntimo, negaram o Divino — embora o confessassem com a boca — tornaram-se tão estúpidos que mal compreendiam qualquer verdade civil, muito menos qualquer verdade espiritual. Viu-se que o interior das suas mentes estava tão fechado que pareciam negros (na visão espiritual), e por isso não podiam suportar qualquer luz celeste. — H. e H. 354

"A quem muito foi dado, dele muito será exigido." (Pausa.)

Não, nenhum espírito entra no Céu se nele houver o mais pequeno resquício de impureza; tem de ser afastado, completamente afastado. Mas se a impureza for pequena e insignificante, então o tempo necessário para dela se libertar também será curto.* (Pausa.)

A alma retém então toda a sua memória depois da morte?

"Sim, com certeza."†

Nesse caso, nenhuma alma está privada dos meios necessários para o seu aperfeiçoamento moral.

"Aí estás enganado. A Terra foi o seu lugar de exercício, educação, preparação. As almas conservam, sem dúvida, a memória de todas as ajudas anteriores, mas já não possuem as ajudas em si mesmas; têm apenas a memória delas. É necessário que desejem de novo essas ajudas, e nesse caso serão dadas; mas quando o impulso interior para desejar e procurar falha, elas não surgem por si mesmas, como sucede na Terra, onde, por assim dizer, nos impõem a sua presença. Se o espírito, depois da morte, procurar por impulso próprio o que é puro e divino, não lhe será negada nova instrução. Mas este esforço, muitas vezes, está ausente‡ — pois para tal é necessário ter capacidade de extrair algo de bom de si mesmo." (Pausa.)

Oh, Deus é um Pai justo e amoroso; Ele quer que todos sejam auxiliados, que todos venham ao conhecimento da verdade e sejam salvos. Mas onde há resistência obstinada, só há arrependimento inútil, aí está o inferno.

(Pausa. Sem que ela o soubesse, eu voltara a aplicar a armadura ao íman e, fechando a mão sobre ele, depositei-o suavemente na boca do estômago. Imediatamente, ela agarrou a minha mão com ambas as suas, tentando ansiosamente abrir os meus dedos; e como não conseguia, parecia muito entristecida com isso. Mal coloquei a pedra, nua, sobre o seu estômago, a parte inferior do seu corpo começou a agitar-se, as suas mãos moveram-se de repente para tentar agarrar a pedra, mas logo se retraíram.)

O segundo dedo da mão direita, enquanto os movimentos na parte inferior do corpo continuavam, aproximava-se lentamente da armadura, mas recuava rapidamente assim que o tocava. Isto repetiu-se várias vezes, e era semelhante ao gesto de uma criança que tenta tocar uma vela, mas ao sentir o calor, recua de imediato. Por fim, ela disse:

"A pedra faz-me bem, mas não faças passes com ela; o efeito torna-se então demasiado forte. Sem o ferro, podes fazê-lo. Deixa-a ficar quieta, como agora."

(Nesse instante, ela virou-se um pouco de lado e a pedra caiu subitamente do corpo para o chão, o que a assustou muito e provocou algumas convulsões.) (Pausa.)

"Alberto está mesmo ao teu lado; ele está a olhar para ti."

Ele vê os meus pensamentos?

"Como não os há de ver? A tua substância espiritual e a dele estão, neste momento, como que fundidas; se não tivesses corpo, também conseguirias vê-lo por dentro. Através do Alberto, também eu agora vejo com muito mais clareza o que estás a pensar."

O que estava eu a pensar agora?

"Tinhas desejo de ver o Alberto."

Acertaste.

"Não acertei. Sei-o com certeza. Queres ver o Alberto, mas **não seria bom para ti**; ele diz que te ama."

Diz-lhe que fico feliz por isso e que desejo vê-lo.

"Ele sabe, e pede-me que te diga que, num momento futuro, quando o teu corpo puder suportar, ele aparecer-te-á novamente num sonho vívido."

(Isto de facto aconteceu mais de uma vez desde então; deve, contudo, admitir-se que nada de conclusivo se pode tirar dessas aparições.)

Mas agora, Alberto vai deixar-me. Tenho de acordar.

(Um espasmo apanha-lhe o braço direito; ela treme violentamente. Ao apertar-lhe o braço com força com a minha mão esquerda, o espasmo desapareceu, mas em seu lugar surgiu uma dor intensa. R. ergue agora os três primeiros dedos da mão direita, mantendo-os elevados e apontando-os para o lado direito do meu peito. Quando lhe perguntei a razão desse gesto, respondeu:)

"Por estes três dedos, o Alberto infunde **força vital**, que flui especialmente do teu peito para o meu braço."

(Esta posição manteve-se durante cerca de quatro minutos, após o que surgiu uma agitação súbita no seu braço e peito direitos. À minha pergunta sobre o que se passava, respondeu:)

"Absorvi com o meu braço mais força do que era necessária e boa. Tive de me libertar dela; daí a agitação."

Mal isso cessou, acordou sem mais espasmos, alegre e fortalecida, depois de ter dormido quatro horas e meia.

Aqueles que estão tão regenerados e preparados que só precisam rejeitar impurezas naturais com o corpo, são imediatamente conduzidos pelos anjos ao Céu; vi-os ser levados logo após a hora da morte. — H. e H. 491

† *Foi-me mostrado, por muitas circunstâncias, que o homem leva consigo toda a sua memória ao sair do mundo. — H. e H. 462*

‡ *O terceiro estado do homem após a morte, ou do seu espírito, é o estado de instrução: este estado é para os que entram no Céu e se tornam anjos, mas não para os que vão para o inferno, pois estes não podem ser instruídos. — H. e H. 512*

Mas posso afirmar que os espíritos que estão com o homem conhecem e observam os mais ínfimos detalhes da sua memória e pensamentos — com mais clareza do que o próprio homem. — A. C. 2488

Quando um anjo do Céu fixa o seu olhar em alguém, os seus interiores são comunicados e transferidos para esse outro, conforme a quantidade e qualidade do amor; e são recebidos por ele segundo a quantidade e qualidade do seu próprio amor. — A. C. 10.130

Importa ainda observar, relativamente a esta crise, que, na primeira meia hora do sono, R. dirigiu por um momento o olho direito para o meu. Mas, como, pelas circunstâncias referidas anteriormente, não houve ação da minha parte, o olho ficou fixo, permanecendo rigidamente naquela direção. Isso durou até que o Alberto chegou e a libertou. Esse olho doía-lhe às dez da noite, já depois de ter estado desperta durante muito tempo.

11 de Junho

Às quatro e meia da tarde, R. caiu num meio-sono que durou mais de três horas. Atribuiu esse estado a uma causa corporal, que, contudo, não quis nomear. O Alberto não estava presente. Ela via pouco e mal. No início, nem sequer reparou nas pessoas com quem entrei em contacto dando-lhes a mão. Cerca de uma hora depois, ao estender novamente a mão à minha irmã, que estava junto de mim, começou a ver com mais clareza, e assim que a toquei, queixou-se de uma sensação de ardor doloroso no olho esquerdo. A minha irmã M. sofria, na altura, de uma inflamação no olho — também o esquerdo.

Sobre o íman, disse nesse dia que a refrescava bastante. Afirmou que o pólo positivo atuava sobre ela com um efeito benéfico e refrescante; o negativo, pelo contrário, era frio e contraente, como uma brisa, e algo desagradável. Perguntei-lhe: o efeito do íman tem alguma analogia com a minha influência sobre ti?

"Sim, mas a diferença ainda é grande. O teu poder é um poder **vivo**, quente e vivificante; aquele é frio e, incomparavelmente, menos benéfico para mim."

Consegues ver hoje dentro do teu próprio corpo?

"Apenas com dificuldade; há como que uma névoa diante do meu olho interior. Se quiseres que eu veja com mais clareza, coloca a tua mão sobre a minha testa; isso desperta a minha visão por algum tempo. Olhar para dentro de mim, contudo, é sempre algo difícil, porque é uma espécie de retorno, um puxar com força para trás, uma inversão do fluxo da vida — não sei que nome lhe dar. É algo que me é contrário."

(Fui de repente chamado para escrever uma carta. Apesar de estar a apenas dois passos de distância dela, ela caiu num estado de inconsciência. Depois, ao perguntar-lhe a razão disso, respondeu:)

"O teu espírito estava longe do meu, estavas ocupado com algo completamente diferente, e por isso deixei de conseguir pensar."

(Durante a maior parte da crise que se seguiu, ficou quieta, os olhos semicerrados e voltados de lado, com as pupilas extremamente dilatadas; não falava, e acordou de repente, sem cãibras, pouco antes das oito.)

13 de Junho

Às sete da tarde, depois de várias horas com dores de cabeça e náuseas, surgiram cãibras violentas no peito e dificuldade em respirar, acompanhadas de dor, que duraram três quartos de hora. As cãibras gerais que introduziram o sono, surgiram logo após cessarem as do peito, durando cerca de quinze minutos e terminando, gradualmente, num sono aparentemente natural. No entanto, esse sono durou apenas oito minutos, após os quais o rosto iluminou-se, os braços cruzaram-se sobre o peito, e uma sensação geral de prazer tornou-se visível. Os lábios moveram-se por muito tempo em silêncio. Por fim, perguntei: De onde veio a luta tão dura de hoje?

"A doença atingiu agora o seu grau máximo."

Mas tu disseste há algum tempo que metade da doença já tinha sido vencida!

"Disse a verdade; naquela altura falava da duração da doença, mas agora falo da sua **manifestação** e **intensidade**. As cãibras serão daqui em diante mais intensas, mas os sonos mais curtos. O grau mais elevado do estado magnético a que estava destinada a chegar foi atingido hoje."

E a flor?

"Está com o meu Alberto; o seu cálice vai-se abrindo mais e mais. Oh, como será gloriosa em breve! Cinco novas pétalas murcharam; restam agora apenas treze." (Após uma pausa.)

"A partir de agora, tens sobre mim uma influência magnética mais forte, porque a doença está a diminuir."

De onde vem isso? Pensava o contrário.

"O Alberto acha isso bom, embora não tenha querido dizer-me claramente o motivo. Penso que ele se afastará um pouco mais e por mais tempo, e aumentará a tua influência sobre mim, que agora é muito benéfica. Mas isso será também vantajoso para ti. Aos poucos — ah, não gosto de pensar nisso — terei de ser completamente **afastada da influência dele**. É um pensamento triste para mim."

Quando receberás a próxima visita de Alberto?

"Se nada de incomum acontecer, daqui a uma semana. Ah, que feliz circunstância! O intervalo é longo e indica uma recuperação próxima. Nesse intervalo, contudo, terei vários mal-estares; também estados semi-despertos, por exemplo: domingo, terça e quinta-feira à noite, às sete. Isso será assim, a menos que algo inesperado interfira e mude a ordem — algo que não posso prever." (Pausa.)

Está o Alberto contigo agora?

"Está."

Fica contigo durante toda a crise?

"Fica."

Porque não te acompanha a Vénus ou ao Sol?

"O Alberto diz que, depois de uma luta tão difícil como a de hoje, um afastamento tão grande do meu corpo seria prejudicial para mim."

O Alberto está então aqui, em Schwaikheim?

"Sim." (Sorri.)

"Ele aprecia a tua companhia; neste momento está a olhar para ti com muito carinho e amizade; ele ama-te. Oh, se pudesses vê-lo só por um instante! Ó Alberto, concede-lhe esta alegria; ele deseja tanto — não podes então fazê-lo? Não, ele não pode, nem deve, sob nenhuma circunstância. Seria muito prejudicial para ti."

As minhas fibras nervosas ficariam demasiado abaladas?

"Os teus nervos estão bastante mais fortes do que antes; mas se visses Alberto, terias de definhar e morrer em breve. Oh, ainda és muito necessário aqui. Ora a Deus, para que te permita viver ainda muito tempo, para que, quando Ele te chamar, possas apresentar-te com conhecimento e perfeição moral diante d'Ele. Oh, ora cada vez com mais fervor, com mais coração."

(Pausa, durante a qual ela pousa a mão esquerda sobre o meu peito.)

"Vais pregar no domingo — isso é bom; deves pregar com o coração, com poder. Eu derivarei força para ti — e Alberto também."

(Ela repete os movimentos já descritos.)

Sentes a corrente que entra no teu peito?

"Sim, sinto ali um calor invulgar. Isso vem do meu Alberto."*

(Depois de alguns minutos:)

"Isso basta; a tua saúde está agora bem firme." (Pausa.)

"O Alberto está agora mesmo ao teu lado; oh, deverias ver o seu esplendor! Ele está muitas vezes perto de ti; ama-te; acompanha-te com frequência; já esteve contigo na igreja. Se o teu espírito não estivesse tão preso ao corpo, de modo a que pudesses, de vez em quando, fazer uma viagem connosco ao mundo superior, também tu sentirias nojo da rudeza e peso deste mundo sensível. Lá, a fé, o amor, são o mais elevado. Oh, para lá — ir para lá no fim, devemos todos reunir as nossas maiores forças." (Pausa.)

Disseste antes que o Alberto é o teu espírito guardião, não disseste?

"Disse."

Todos os homens têm um assim?

"Certamente."

O Alberto é também o meu?

"Não, ele está apenas mais próximo de ti **por minha causa**. Conhece-te desde a juventude, mas só desde que entrei em relação magnética contigo lhe foi permitido aproximar-se verdadeiramente de ti."

Ele afastar-se-á de mim quando o teu caso terminar?

"Sim, mas continuará a interessar-se por ti. Tens outro espírito guardião; o Alberto conhece-o. Eu também já o vi."

Porque só agora me dizes isso?

"Porque só agora soube disso, através de Alberto."

Onde o viste?

"É um dos cinco espíritos superiores que testemunharam aquela escolta de anjos de que te falei. A sua forma atraiu-me sem que eu soubesse que era o teu espírito guardião. À tua pergunta, voltei-me para o Alberto, que me disse que era ele. O teu espírito guardião é uma forma bela e jovem, oh, tão encantadora, tão infantil."†

* *Por vezes, os espíritos andam e pedem calor aos que encontram, o que os espíritos, de facto, podem dar. — A. C. 1111*

† *Os que estão no céu mais interior (terceiro céu) vivem na inocência do terceiro grau. Parecem simples na sua forma externa, e aos olhos dos anjos dos céus inferiores, parecem como crianças, ou seja, como pequeninos, e até como pouco sábios, embora sejam os mais sábios de todos os anjos. — H. e H. 260*

Amigo, se posso informá-lo disto... (Pausa.) Ah, posso contar-te sobre ele. Já lá vão mais de cem anos desde que morreu em Hamburgo, onde foi um médico habilidoso. O seu nome era K—r. Foi teu acompanhante desde a infância; era um homem piedoso e fazia muito bem, especialmente aos pobres. Oh, aquele que faz o bem aos pobres é altamente estimado por Deus. Era um homem muito capaz, e poderia ter-se tornado muito rico; mas só recebia dos ricos o que precisava para seguir a sua vocação em paz. (Pausa.) Muitas vezes ouviste a sua voz nos teus primeiros anos. Como poderia alguma vez ter ouvido a voz dele? Nunca soube que um ser superior me acompanhava.

"Muitas vezes os nossos espíritos guardiões formam a voz da nossa consciência.* Essa é uma influência divina e elevada que sustenta a nossa fraqueza."

Mas uma influência espiritual secreta como essa não prejudica a liberdade do homem?
— "Oh não, essa ação não é desse tipo. Tal como os avisos dos amigos, os conselhos dos mais experientes, ou os acontecimentos da vida que, pela vontade de Deus, nos surgem diante dos olhos, não anulam a nossa liberdade, também não o faz o aviso do espírito guardião. O homem é sempre deixado livre para tomar as suas decisões." (Pausa.)

"Mas o que ouço agora do Alberto! O teu espírito guardião vai deixar-te em breve."

Porquê?

"Irá passar a uma missão superior; mas outro espírito mais elevado, de quem nada posso dizer em particular, já se tem comunicado com ele por tua causa. A ele será confiada a tutela que o teu atual espírito guardião tinha até agora." (Pausa prolongada.)

"Hoje, o meu Alberto tem uma coroa de palmeira na cabeça."

O que significa esse ornamento?

"Foi-lhe permitido hoje acolher uma alma piedosa,† a quem ele coroou com este ornamento. A coroa voltou agora à sua própria cabeça."

Era a alma de um homem recentemente falecido?

"Sim — hoje, num país muito distante daqui, morreu um homem extremamente pobre, mas muito bom e piedoso, quase desconhecido entre os homens. Esse é o felizardo. Aqui é possível perceber bem qual é o valor das aparências e riquezas na vida superior." (A sorrir.)

"Não sentiu dor ao separar-se dos seus 'tesouros'. Agora tem uma gloriosa morada. Oh, o que é terreno não é nada. Se ao menos eu pudesse gravar essa verdade na mente de todos os homens!" (Pausa.)

"Gostarias de perguntar mais sobre o mundo espiritual? Respondo com gosto."

Há pessoas que dizem ter visto espíritos — como se explica isso?

"Podem ter razão; há homens a quem as almas dos falecidos podem ser permitidas de se aproximar. Mas, na maioria dos casos, é uma condição nervosa anómala que lhes dá a faculdade de os ver."

Mas quem pode garantir que isso não é uma ilusão?

"Muitos, sem dúvida, são enganados pela sua imaginação. Julgam ver almas de mortos quando não é assim. Mas quem pode distinguir? Quem vive algo assim fica convencido; o difícil é convencer terceiros de que tal aparição foi real. Só se pode dizer isto: examinar bem o caso, não acreditar com facilidade, mas também não rejeitar tudo o que ultrapassa os limites da experiência comum."

E como podemos reconhecer uma aparição verdadeira?

"Pode acreditar-se com segurança que uma alma apareceu quando pessoas sóbrias e dignas de confiança relatam coisas que não podiam saber naturalmente, especialmente se falam sobre factos futuros que depois se cumprem, e de forma que não podiam ter conhecimento. A dúvida acompanhará sempre o homem natural — isso é inevitável."

Dizes então que há espíritos que se tornam visíveis?

"Sim, acontece em certos casos, quando é bom para eles ou para aqueles a quem desejam ou devem aparecer."

Então os mortos não podem voltar e mostrar-se quando quiserem?

"Sem a vontade ou permissão de Deus, nada acontece. As almas falecidas têm limites nesse aspeto. Os seus amigos, a quem o amor os atrai, muitas vezes têm permissão para os ver — em silêncio. Os laços de amor atraem-nos muito mais do que os estranhos."

Podem os espíritos maus também aparecer aos homens?

"Oh sim, tanto os bons como os maus, nas condições que referi." (Pausa.)

"Vejo que ainda não estás plenamente convencido do que te disse sobre o reino dos espíritos; percebo isso em ti. Mas o que te disse é verdade, não estou enganada. Ficaria muito feliz se acreditasses."

— Na verdade, há ainda muito que me é inexplicável; mas não encontro nada no que disseste que eu não possa considerar possível, e talvez até aceitar.

"Ficarás cada vez mais convencido, quanto mais tempo e mais seriamente provares o que te disse. Mas por hoje não desejo continuar esta conversa — exige demasiado de mim."

(Pausa de cerca de um quarto de hora.)

"Queres fazer uma pergunta — sinto isso."

Sim, tem a ver contigo.

"Queres perguntar pela minha saúde ou recuperação?"

Não, queria perguntar-te já várias vezes de onde surgiu o teu estado magnético. Teve origem em algo da tua vida anterior?

"A base foi lançada na minha infância. Quando criança, sofria de afeções abdominais — suspeitava-se de aumento das glândulas mesentéricas — e, sem dúvida, havia algo disso. Estas indurações causaram-me muito incómodo até aos nove anos. Até aos seis, sofri de obstipação obstinada e precisava de clisteres quase diários. Após os nove anos, passei bem pelas doenças habituais da infância, embora a tosse convulsa me tenha atormentado muito aos dez. Depois tive clorose durante muito tempo. Aos onze anos, sofri de um perigoso erisipela na face, mas fora isso, estive razoavelmente saudável até aos catorze."

"No dia 11 de Novembro desse ano, 1829, ocorreu uma mudança importante no meu organismo: adoeci bastante aquando da primeira menstruação. Pouco depois surgiu uma erupção cutânea semelhante a sarna, que não foi tratada devidamente. Foi repelida demasiado cedo e rapidamente da pele. O primeiro resultado disso foram inchaços nos pés que não saravam.

"Durante mais de um ano, os pés estiveram cheios de feridas; sofri imenso com isso e, mesmo depois de cicatrizarem, os efeitos do tratamento incorreto não desapareceram. Fiquei quatro meses sem menstruar e sofri inúmeras consequências disso. Não foram tomadas as medidas adequadas. Enfim, o ciclo voltou e, a partir daí, estive relativamente bem, até ao ano passado. No entanto, os intestinos nunca voltaram a estar normais, e os meus nervos mostravam-se extremamente sensíveis às menores causas.

"Já em Junho do ano anterior, numa fase crucial da minha vida, que determinou o rumo de todo o meu futuro, Alberto apareceu-me num sonho. A partir daí, qualquer causa externa mais forte podia desencadear o estado magnético — e não tardou muito até que isso acontecesse." (Pausa longa. Ela começa a tremer.)

"Ah, o meu Alberto, o que estás a fazer? Estás a subir comigo?"

Para onde vais com Alberto?

"Para um lugar onde nunca estive antes." (Com alegria:)

"Imagina: um grupo inteiro de crianças está com ele hoje! Ele vai ensiná-las e quer que eu veja e ouça tudo!"*

É muito verdade que o homem é guiado pelo Senhor por meio de espíritos e anjos. Quando os espíritos malignos começam a dominar, os anjos procuram afastar os males e os erros — e daí resulta um combate. Esse combate é sentido como perceção, voz interior e consciência. — A.C. 227

† *É também alegria dos anjos erguer os mortos à vida eterna e, se possível, conduzi-los ao Céu. Desta tarefa recebem um deleite que não pode ser descrito. — A.C. 451*

No outro mundo, algumas crianças são ensinadas pelos anjos, recebendo formação espiritual em grupos próprios, em harmonia com o seu desenvolvimento. — Ensinamento geral derivado de H. e H.

(Ela dá sinais da maior alegria.)

"Oh, como estou feliz! Alberto, és bondoso; dás-me prazer sempre que podes." (Pausa.)

"Oh, ensina-me a ter o mesmo espírito que tu tens; deixa-me aprender também com as tuas crianças quando elas vierem." (Pausa.)

"Não, isso, diz Alberto, não pode ser."

(Depois de alguns minutos, é tomada por uma alegria que a faz tremer e diz:)

"Agora, vê, agora as crianças estão a chegar. Oh, que beleza! E entre elas está uma irmã minha, que morreu ainda pequenina — que alegria isso me dá. Ela está a olhar para mim. E como é amável, carinhoso e terno o meu Alberto no modo como trata estas crianças — é um

espetáculo que deverias ver um dia. E como elas se agarram a ele, como o reverenciam. Oh, como eu queria ser também uma dessas crianças!"

Qual é o tema da instrução dele?

"Ele está a ensiná-las sobre Deus, dizendo-lhes que foi o Seu amor que as trouxe até à morada abençoada onde agora se encontram; e que isso não teria sido possível se Deus não tivesse enviado o Seu Filho, por amor aos homens, ao mundo — e que, pelo seu batismo, elas adquiriram o direito ao Seu amor especial."* (Pausa.)

"Entre elas, há várias que ouviram algo sobre Deus quando ainda estavam no mundo. As crianças parecem, pela aparência, ter diferentes origens." (Pausa.)

"Oh, criaturas lindas, puras, como eu queria ser tão inocente como vós! Que também eu pudesse olhar para o meu Alberto com a vossa pureza. Mas quando o olho, dói-me não poder fazê-lo assim."

(Ela ora em silêncio; depois, em voz alta:)

"Tu, que tudo sabes, conheces o meu coração. Oh, ensina-me a aproximar-me de Ti com humildade, com espírito de criança. Guia-me sempre no autoconhecimento; dá-me prazer na Tua Palavra — que seja a minha alegria. Faze-me boa, Senhor, faz-me boa." (Pausa.)

"Quanto, ó Pai, já fizeste por mim! Ah, como eu deveria estar grata! Então, sim, progrediria sempre no Teu conhecimento. Tu, Deus fiel, que estás próximo de todos — e de mim também — que dás descanso aos cansados, alívio aos doentes e forças aos sãos — oh, que todos aprendessem a procurar-Te! Tu, que és o Único bom, a minha alma Te louva; em Ti, as minhas orações Te glorificam." (Pausa.)

"Com zelo, a minha alma Te oferece, Pai de todos, os seus agradecimentos. A mente alegre e a paz tranquila do coração são dons apenas Teus, e Tu dar-mos-ás novamente. O que pode igualar a fidelidade do meu Deus? Sim, Pai, recebe-a, recebe a minha gratidão, a mais profunda do meu coração. Em breve, muito em breve, libertar-me-ás dos meus grandes sofrimentos. Então, honrarei o meu corpo como um presente Teu."

(Ela proferiu estas frases lentamente e suavemente, fazendo uma pausa breve entre cada uma. A minha irmã M. queria falar com R., e eu quis aproveitar para experimentar se R. seria capaz de a ouvir sem que eu servisse de intermediário. Afastei-me da sua cama, para além do alcance da atmosfera magnética. M. fez-lhe uma pergunta; R., no entanto, não ouviu, e gritou repetidamente:)

"Volta! Peço-te, estás a rasgar-me, estás a puxar-me; volta!"

(Quando regressei e tomei a mão de M., R. acalmou-se rapidamente e viu a minha irmã — mas sempre com mais clareza quando eu próprio olhava para ela. Se desviava o olhar, ela

via-a apenas de forma vaga, como envolta numa névoa. Assim que tomei a mão de M., ela disse a R.: "Grüß Gott, R.!" Ela ouviu, mas respondeu de forma algo insatisfeita:)

"Grüß Gott...? (Abanando a cabeça.) Grüß Gott... Não deveríamos dizer isso."

Como deveríamos então dizer?

"Antes, que a graça de Deus ou a bênção de Deus esteja contigo!"

(M. acrescentou:)

"Ou, como disse Jesus: Paz esteja contigo?"

"Sim, é o mesmo." (Pausa.)

"Oh, M., és boa, muito boa; amo-te; o teu coração está cheio de amor." (Pausa.)

"Sim, meu Alberto, vejo a escrita."

Que escrita?

(Ela volta a cabeça e os olhos para cima, olhando lentamente da direita para a esquerda.)
— O que estás a observar?

"Só Deus é Amor! Estas palavras estão escritas em letras douradas, altas entre as estrelas.* O meu Alberto explicou-me os caracteres." (Pausa.)

"Bem-aventurado o coração que conhece o amor de Deus."

(Intervalo de silêncio, durante o qual ela ora. Por fim, os lábios mexem-se e ela fala, com as mãos unidas, os seguintes versos, mais depressa do que eu podia anotar:)

Deus, em quem minha alegria repousa,
Sê Tu a minha luz e o meu poder;
Deus, em quem tudo se baseia,
Em Ti confiarei a cada hora.

Quando os meus passos vacilarem,
E eu me desviar sem atenção,
Faz com que o pensamento me acompanhe:
Só o bem dura eternamente.

Se na vida houver tribulação,
E Tu desejares que eu vença,

Fica ao meu lado com a Tua salvação,
Fica, Senhor, Pai que nunca falha.

Várias vezes estive com coros de crianças no mundo espiritual. — H. e H. 343

Depois de passarem a primeira idade, as crianças são levadas para outro céu onde recebem instrução de mestres. — H. e H. 334

Nada é mais alegre e feliz para os anjos do que instruir aqueles que vêm da Terra para a vida futura. — A. C. 2284

Na Terra, o batismo é o sinal de introdução à comunidade cristã; no Céu, as crianças são introduzidas na esfera cristã e são-lhes atribuídos anjos cuidadores pelo Senhor. — T. C. R. 677

É claro que as crianças não entram imediatamente num estado angélico após a morte, mas são introduzidas progressivamente no bem e na verdade, segundo a ordem celestial. — H. e H. 336

Falei com os anjos sobre as muitas estrelas que vejo à noite no mundo onde estou em corpo. Disse-lhes que no vosso mundo também há estrelas, tantas quanto as do nosso universo espiritual, e que cada uma é um sol. — T. C. R. 160

Tu és Aquele que a minha alma escolheu,
Em meio às dores desta vida;
É em Ti que minha alma deseja repousar,
Cansada nesta luta contra o mal.

Falaste tão depressa que não consegui anotar os versos.
— "Eu repeti-los-ei lentamente para ti."
(Assim que o fez, acrescentou:)
— "O meu Alberto parte agora; acordarei em breve."

(Imediatamente depois, esticou os membros como quem desperta de um sono profundo e natural, fez alguns movimentos convulsivos com os braços e acordou, alegre e fortalecida, depois das nove da noite.)

15 de Junho

Às sete da noite, após breves cãibras no peito, precedidas de várias horas de dor de cabeça, R. foi acometida por uma rigidez que durou duas horas. Perto das nove, falou algumas palavras em tom muito baixo, referindo-se aos seus pulmões e às manchas que ainda eram visíveis neles. Acordou após uma única agitação intensa de todo o corpo, sentindo-se muito bem.

16 de Junho

Neste dia, o aniversário de uma viagem muito decisiva no seu destino, foi acometida, pelas quatro da tarde, por fortes cãibras no peito; não estava livre delas nem mesmo pelas quatro e meia. Afirmava, enquanto ainda acordada, que via todos os objetos do quarto duplicados e inclinados. Um quarto de hora depois, entrou em estado magnético. À pergunta: "De onde vêm as cãibras tão violentas de hoje?" respondeu:

— "Hoje é o aniversário da minha viagem de U. para G.. A recordação desse acontecimento da minha vida exerce uma influência muito forte sobre mim. Nesta mesma data e hora, há um ano, roguei a Deus, em lágrimas e de joelhos, que me mostrasse o caminho certo."

(De repente ficou sem fala, com a mandíbula cerrada, e todos os membros rígidos. Esse estado prolongou-se por mais de meia hora, até que, respirando sobre o seu rosto e colocando-lhe as mãos como de costume, consegui ajudá-la a regressar. Quando voltou ao estado semi-desperto, mostrou-se de mau humor, e repreendeu-me por a ter advertido severamente, naquela manhã, por um comportamento inapropriado.)

Não só não via erro na sua conduta, como já se mostrara irritada de manhã; mas agora irrompeu em expressões de desagrado que me deixaram perplexo e fizeram-me decidir por deixá-la sozinha e em silêncio. Assim permaneceu por três horas, imóvel. De repente, levantou-se com as palavras:

"Ah, Alberto! Alberto!" (Pausa.)

"Vi-o por um instante, já se foi de novo."

— O que te disse ele?

"Aviso-te pela última vez: não dês ouvidos à voz má que seguiste nas últimas horas."
— "Foi o que ele disse. Estava muito, muito sério. Quando o Alberto me visitar de novo, perguntar-lhe-ei o que significa essa voz má."

"R., não procures isso fora de ti; está no teu próprio coração, na tua vaidade ferida."

"É-me inconcebível como pude agir assim; ah, fui tão teimosa, tão obstinada. Perdoa-me este comportamento; não voltará a repetir-se. Admoesta-me sempre que estiver acordada; agora serei mais dócil." (Pausa.)

"Não, não consigo compreender; há pouco tempo o Alberto também teve de me fazer uma advertência semelhante. Infelizmente, não estou muito próxima dele no meu estado atual; mas deve haver algo de mais profundo nesta voz má — vi isso no Alberto. Acredita, não tento justificar-me, mas vi-o claramente nele."

Veremos o que ele dirá na próxima visita.

(Quando acordou, por volta das nove, ficou espantada com o relato do seu comportamento e culpou-se com severidade. Também desta vez acordou após uma forte agitação geral do corpo, e sentia-se muito bem.)

18 de Junho

R. permaneceu deitada durante grande parte do dia por indisposição, até às três da tarde. Havia convidados em casa, que a entreteram durante algumas horas com canto, o que agravou a sua fraqueza. Cerca das sete e meia, entrou num leve estado semi-desperto, mas tão superficial que chegou a ter sede e bebeu água — coisa que nunca acontecera antes.

Quando magnetizei a água, ela elogiou o cheiro e o sabor, dizendo serem incrivelmente agradáveis. Despertou cerca de uma hora depois, com excelente disposição.

19 de Junho

O meu irmão C. chamou-me para ver R. às oito da manhã. Encontrei-a num estado de delírio. Falava de forma desconexa, cantava, batucava com os dedos, via pessoas desconhecidas a dançar à volta de uma mesa, a saltar por cima de pedras, e coisas semelhantes. Coloquei-lhe as mãos sobre o estômago e a testa, o que lhe trouxe algum alívio.

Perguntei:

"Vês-me?" (Sem resposta.)

(Após alguns minutos, respondeu:)

"Não."

"Ouves-me?"

"Ouço."

"Com os teus ouvidos?"

"Tolo! Ha ha ha! Com o que mais haveria de ouvir? Nunca ouvi dizer que alguém pudesse ouvir com outra coisa senão com os ouvidos!"

"Conheço alguém que afirmou isso de si mesma."

"Não te entendo; não fales de forma tão obscura — o que queres dizer com isso?"

(Ela esfrega a testa, tenta arrancar cabelos, franze a testa repetidamente.)

Pergunto:

"Tens dores de cabeça?"

(Sem resposta; inconsciente. Bate com a mão na testa e diz:)

"Que se passa? Que loucura! Tolos! São todos uns asnos! O que será de mim? Ó Deus! Ó Deus!"

(Pressiono-lhe com ambas as mãos a testa e as têmporas por alguns minutos, concentrando a vontade de a pôr em sono magnético. Pouco depois, o rosto dela ilumina-se e ela diz, após um profundo suspiro:)

— "Ah! Estás aqui, meu benfeitor? Estou tão feliz por isso."

Pergunto:

"De onde vêm esses fenómenos tão estranhos hoje?"

"Que queres dizer com isso? Não compreendo."

(Contei-lhe o que ocorrera. Ela respondeu:)

"Não gosto disso. Não sabia o que fazia; foi como um sonho. Tive um desmaio por causa da dor intensa na cabeça. Havia confusão total — só tenho uma noção vaga do que se passou. A loucura deve ser algo parecido com isto. Não posso dizer nada em concreto sobre esse estado — foi como se tivesse tido um sonho absurdo. Tudo decorre de eu ter apanhado frio na noite passada; isso interrompeu o meu ciclo e causou esta perturbação."

"Faz-me, rogo-te, três passagens descendentes, da testa até aos pés, e depois pressiona firmemente as tuas duas mãos sobre os meus joelhos, durante o tempo que conseguires aguentar; se repetires isto três vezes até às onze horas, o período voltará, e não ficarão quaisquer efeitos negativos."

(Fiz como ela me pediu, e em pouco mais de cinco minutos ela disse:)

"Agora sinto uma forte afluência a descer pelo corpo; ah! isso faz-me bem."

"E o que teria acontecido se eu não te tivesse tratado como me pediste?"

"Ai de mim! Podia ter enlouquecido; isso é terrível! Vejo agora, pela primeira vez, as consequências melancólicas que podiam ter resultado. Mas agora vou acordar em poucos minutos; fica comigo mais um pouco depois disso. Às onze em ponto pressiona de novo os meus joelhos, e da mesma forma às doze e meia; o meu período será restaurado antes da

uma." (Pausa.) "Ah, vejo neste instante que não posso acordar hoje sem a tua vontade; dependo inteiramente de ti."

"Mas podes acordar apenas com o meu desejo?"

"Não."

"Então tens de dormir até acordares por ti mesma?"

"Não, de forma alguma, eu ter-te-ia comunicado a tempo os meios de me acordares."

"E que meios são esses?"

"Será conseguido ou por uma passagem invertida do estômago para a testa, ou soprando-me na testa. Se preferires a segunda, deves ao mesmo tempo desejar intensamente que eu acorde."

(Cerca das dez horas, acordei-a soprando-lhe levemente na testa. A previsão de que o período voltaria à uma hora foi pontualmente cumprida, após realizar as manipulações prescritas às onze e às doze e meia.)

Às oito da noite, R. caiu, sem qualquer aviso, do assento para o chão. Depois de ser colocada no sofá, esticou lentamente os braços e as pernas; a respiração era quase impercetível, o pulso extremamente fraco e fino; os seus traços assemelhavam-se aos de alguém no limiar da morte; os olhos virados para cima e o rosto com uma palidez cadavérica.

Foi-me impossível, quer impondo as mãos, quer soprando sobre ela — métodos que até então tinham sido eficazes — devolver-lhe qualquer sinal de vida. Depois deste estado ter persistido por mais de uma hora e meia, decidi tentar algumas passagens magnéticas. Mas mal tinha realizado a primeira, da testa sobre as têmporas até aos ombros, quando o corpo dela estremeceu violentamente, todos os seus membros se relaxaram, e exclamou de súbito: "sem passagens! sem passagens!" — acordando nesse instante para a vida normal.

20 de Junho.

Às dez e meia da manhã, após um curto episódio de mal-estar e um período de insensibilidade que durou um quarto de hora, surgiu um estado semi-desperto, no qual R. dizia todo o tipo de coisas, algumas delas confusas, das quais não tinha qualquer recordação no estado magnético que se seguiu de imediato. Uma forte pressão sobre a cabeça foi o que induziu este último, acompanhado de consciência magnética. Logo depois de o seu semblante se ter iluminado, começou a falar:

"Esta manhã tive um pequeno choque nervoso; é triste que a mais leve agitação dos meus sentimentos produza um efeito tão intenso no meu sistema. O meu período está de novo, em certa medida, reprimido; tenho de te pedir ajuda mais uma vez."

Assumi de boa vontade repetir a manipulação anteriormente descrita, com um resultado tão favorável que a menstruação regressou às cinco da tarde. (Após uma breve pausa, voltou-se para mim e disse:)

"O teu estômago está desregulado; está ácido; daí a acidez que tenho sentido em mim nos últimos dias. O meu estômago melhorará assim que o teu estiver em ordem. Estará aliviado em certa medida até amanhã. Anteontem apanhaste frio no estômago. Uma porção da tua força vital também se escoou há três dias, ao colocares a mão sobre a cabeça de um dos teus convidados; não devias tê-lo feito; também não me fez bem; não deves estabelecer relação magnética com mais ninguém além de mim, por agora." (Pausa.)

"Também hoje não posso acordar sem a tua vontade explícita."

"E por que razão é assim?"

"Já houve variações, em certos estados, na forma como o meu espírito regressa ao corpo; depende dessa circunstância."

"Não podes exprimir-te de forma mais clara?"

"Faltam-me as palavras necessárias; também não consigo ver claramente como é o caso em si. Só isto posso afirmar com confiança: vi no Alberto, quando esteve comigo pela última vez, que ele deseja afastar-me gradualmente da sua influência e de si próprio. A partir de agora, tu ocuparás cada vez mais o seu lugar com a tua força vital, o que já não te trará prejuízo algum; ganhaste bastante em vigor. Quando o Alberto vier da próxima vez, transmitirá menos força para ti. Contudo, o meu sistema terá de absorver a mesma quantidade, até estar satisfeito. Tu, portanto, deves daqui em diante ocupar cada vez mais o seu lugar; e por isso, até à minha completa recuperação, dependerei inteiramente de ti, e mesmo quando o Alberto estiver presente, não poderei sair de uma crise sem a tua ajuda. Mas não te preocupes; o Alberto sabe bem o que faz; podes estar certo de que não te fará mal."

(Disse ainda, antes de acordar:)

"Foi-me benéfico ter tido um ataque hoje."

"Porquê?"

"É sexta-feira, e esse dia é favorável para mim."

"Estás a brincar, certamente; não é um dia como os outros?"

"Oh não, não, no meu estado é diferente."

"Então dá-me uma razão para essa opinião."

(Pensou durante algum tempo e disse por fim:)

"Não consigo; mas é assim mesmo. Agora quero descansar um quarto de hora."

Após esse intervalo, disse brevemente:

"Acorda-me — sabes como proceder." (Soprei-lhe na testa, e ela acordou.)

21 de Junho

Logo pelas seis da tarde, a crise iminente foi anunciada por opressões no peito que alternavam com náuseas. Por volta das sete horas, estas últimas cessaram, enquanto as primeiras aumentavam a tal ponto que temi por várias vezes uma verdadeira asfixia. A isto juntaram-se, pouco depois, distorções faciais e contorções de todos os membros do corpo em posturas completamente antinaturais. Por volta das sete e meia, R. pediu-me finalmente que colocasse a mão sobre ela, o que foi rapidamente seguido por uma acalmia geral do sistema. Adormeceu então tranquilamente até às oito, altura em que, com um sobressalto repentino, despertou magneticamente e começou a falar de imediato:

"Louvado seja Deus! Esta luta também passou; se é para eu recuperar, são coisas a que devo submeter-me. Mas isto ainda me tomará com mais violência no futuro."

"Mas de onde vem este aumento de intensidade e obstinação dos teus espasmos?"

"Já te disse que, quanto mais próxima estiver da recuperação, mais intensos eles serão. O meu período também está envolvido nisto. Algumas passagens sobre a cabeça em direção ao estômago poderiam ter-me aliviado bastante e poupado muitas dores."

"Porque não me disseste isso antes?"

"Porque não deve ser feito. O que me poderia beneficiar de uma forma, prejudicar-me-ia de outra. Eu seria rapidamente elevada a graus superiores do estado magnético e então — oh Céus! — então poderia não ver fim para os meus sofrimentos. Não seria bom."

(Ela levanta-se de repente e vira a cabeça para a direita.)

"Ah, Alberto, o meu Alberto! 'A paz esteja contigo!'" — essa foi a saudação que ele me dirigiu agora mesmo. Meu fiel amigo! Como me sinto bem quando estás comigo! (Para mim.)

"Oh, esta alegria que me invade, devias senti-la ao menos uma vez! Já não sinto o meu corpo quando o Alberto está tão próximo e tão intimamente unido a nós os dois."

— "O teu Alberto está então tão próximo de nós outra vez?" — "Sim, está mesmo ao teu lado direito e olha para ti. Sorri. (Pausa.) Vê o que se passa na tua alma; eu também o vejo em Alberto; mas não falo disso. Ah, como ele te olha com doçura! Quando ele sorri, não o

vejo no rosto, como em ti, mas em toda a sua pessoa. Eu vejo e sinto isso de forma completamente diferente do que percebo no meu estado desperto." (Pausa.)

"Ah, na companhia de tais espíritos puros, uma alma boa deve sentir uma felicidade sem limites e crescer rapidamente na perfeição celestial. Quão belo deve ser, onde tu estás, meu Alberto. Pudesse eu ir contigo, e não voltar mais para este lugar de tanto sofrimento e imperfeição." (Pausa.)

"Quão grande é o deleite do céu pode ser percebido apenas por isso: que é um deleite para todos no céu comunicar seus prazeres e bênçãos aos outros." — H. H. 399.

"Daí se conclui que o espírito do homem — que é sua mente no corpo — é, em toda sua forma, um homem; portanto, o homem após a morte continua sendo plenamente homem, como era no mundo, apenas com a diferença de que se desfez das partes descartáveis que formavam seu corpo no mundo. Ora, como a forma humana é tal que todas as partes compõem um todo geral que age como uma unidade, segue-se que nenhuma parte pode ser movida de lugar ou alterada em estado sem o consentimento das demais; pois, se uma parte fosse deslocada ou modificada em seu estado, a forma — que age como uma só — sofreria." — D. P. 124.

"Ainda estou longe de estar preparada; oh, tenho de melhorar muito antes de poder alcançar esse lugar."

(Pausa. De repente dá um salto de alegria e ergue as mãos, dizendo:)

"É isso que querias dizer, meu querido Alberto? Como te agradeço!"

— "O que te disse o teu Alberto?"

"Imagina, ele disse-me que ainda hoje, em sua companhia, verei uma alma piedosa que partiu deste mundo, alguém que me era muito conhecido e que amei em vida; que ela venceu a luta da vida e agora é feliz."

"Quem será?" (Pausa.)

"Vós, seres felizes e invejáveis, que atravessastes os combates deste mundo! Oh, como desejaria estar entre vós! Perseverastes até ao fim; mas eu também devo fazê-lo; sim, devo e hei de conseguir; seja feita a vontade do Senhor; Ele torná-lo-á tão leve e fácil quanto for necessário." (Pausa. Ela cruza as mãos e ora:)

"Por Ti, Senhor, os exércitos do Céu
Para nós por guardiões seguros são dados,
Contra os males tão frequentes na Terra.
Faze-me, Pai, na aflição,
Mais digna da sua alta proteção;
Oh, purifica a minha vida!"

— "De onde tiraste estes versos?"

"Vi-os no meu Alberto."

(Pausa de vários minutos. De repente ergue os braços e diz:)

"Vou contigo a Vénus? Sim, meu Alberto, com alegria; onde tu estás, ali sou feliz."

(O seu corpo é subitamente agitado por completo, e diz, após uma pausa de alguns segundos:)

"Aqui estou então contigo, meu guia fiel, na terra luminosa dos bons espíritos." (Com surpresa jubilosa:)

"E vou vê-la agora, meu Alberto, agora mesmo? Ah, lá vem ela já a aproximar-se; vejo que já sabia de mim através do Alberto. (Em êxtase.) Meu Deus, és tu! És tu! Ah, nunca poderia ter esperado isto; que alegria!" (A alegria sacode-lhe todo o corpo.)

"Quem é que vês, além do Alberto?"

"Ah, imagina só, a minha amiga falecida T. de S. Sim, é ela. Oh, és tão bela e tão bondosa; doce e suave criatura, como és feliz agora. Então o teu lar é aqui?"

(Ela conversa em silêncio durante um quarto de hora com a amiga que lhe apareceu; por fim ergue os braços num gesto de saudade e diz:)

"Ah, lá se eleva ela; deixa-me de novo: mas obrigada, querida, fortaleceste o meu coração; a partir de agora és o meu exemplo e modelo. Obrigada!" (Pausa de vários minutos.)

— "Falaste realmente com a tua amiga T. de S.? Era ela mesma ou apenas uma imagem da tua imaginação exaltada?"

"És sempre cético; (com alguma impaciência) como posso eu dar-te uma prova que fale aos teus sentidos e ao teu entendimento? Não peças isso; está fora de questão."

"Não te peço isso, mas parece-me que uma dúvida é legítima, numa questão onde o engano é tão fácil e já aconteceu tantas vezes, e num domínio onde os testes habituais não se aplicam."

"Falas bem e tens razão; ah, muitas vezes esqueço-me de que estás num estado muito diferente do meu; mas como estou tão intimamente ligada a ti, cada dúvida, mesmo quando é natural, magoa-me. Mas não posso ajudar-te; o Alberto poderia dar-te provas, mas não lhe é permitido. Oh, acredita antes, acredita, rogo-te."

— "Se a aparição dessa pessoa de que falas é real, talvez possas então dar-me informações sobre outras pessoas falecidas, que me foram queridas a mim e aos meus."

"Vou perguntar ao meu Alberto." (Após uma pausa:)

"O meu Alberto diz que te comunicará com prazer tudo o que puder e lhe for permitido. Pergunta sem hesitar."

— "O teu Alberto sabe qual é o estado e o paradeiro da minha esposa falecida?"

"Diz que a viu há três anos pela primeira vez, e reconheceu-a como tua esposa; que ela está num lugar onde tudo corre bem com ela; mas que não sabe se ainda lá se encontra."

"Onde é esse lugar?"

"O Alberto prefere que não perguntes mais sobre isso; deseja que te contentes com a certeza de que ela está bem, que é feliz."

"O Alberto pode comunicar-me algo sobre o falecido Professor A…?" (Com cordialidade.)

"Oh, ele, Alberto, diz que está num lugar feliz, muito feliz. Oh, deve ser belo, como vejo através de Alberto. Gostaria muito de lá ir também. O meu Alberto está a olhar naquela direcção, mas eu não ouso deixar o meu olhar penetrar nesse lugar. Alberto ainda não está nesse grau tão elevado de felicidade que este espírito piedoso e bom já alcançou. Ele próprio esteve, ainda que por pouco tempo, num lugar inferior de preparação, antes de chegar onde se encontra agora."

"Alberto pode dizer-me algo sobre o meu pai também?" — "Oh, como Alberto se alegra com esta pergunta! Ele gosta muito do teu pai, e conhece-o bem. Em vida, foi um homem muito bom, e por isso é igualmente feliz no outro mundo. Alberto diz que pensa frequentemente em ti e nos amigos que deixou na Terra, com profundo amor. A ti, em particular, ama-te com ternura e tem feito muito por ti."*

— "Alberto conheceu o meu pai em Tübingen?"

"Não, em Balingen; lá viu-te também muitas vezes, quando eras criança, e gostava muito de ti." (Pausa.)

"O teu pai, diz Alberto, tem um nobre ofício onde está agora. Na Terra passou quase toda a vida a ensinar; lá recebeu uma ocupação semelhante, mas muito mais elevada."

— "Tive um irmão, G.; onde está ele, e como se encontra?"

"Alberto não te revela o lugar onde se encontra; mas diz que se tornou muito amável, que o viu várias vezes, e que a sua sorte é feliz. Pensa muito nos seus amigos da Terra, especialmente na mãe, e esforça-se sinceramente por melhorar o seu estado moral."

"C. pede-me que pergunte por que razão sonha tanto com o seu irmão G., e porque é que esses sonhos lhe apresentam sempre cenas da juventude de ambos."

"Porque G. cresceu com ele, e os sonhos do homem escolhem muitas vezes a infância como palco. C. nunca viu o seu irmão de outra forma senão como era neste mundo, nunca como ele é agora. Ainda assim, G. pensa frequentemente nele; mas o teu pai pensa ainda mais vezes em ti. Oh, ele ama-te muito, diz Alberto. Ah, eu gostaria tanto de ver o teu pai, como Alberto o vê agora, e pode vê-lo sempre que quiser… mas eu não ouso."

(R. descreveu vários parentes e conhecidos falecidos, que, no entanto, não são incluídos aqui.)

"Mas agora preciso descansar durante vinte e oito minutos." — "As minhas perguntas esgotaram-te?" — "Não; mas é bom para mim estar agora sozinha com Alberto. Eu dir-te-ia sempre de imediato, se conversar ou responder me fizesse mal."

(Depois de repousar meia hora, ela pousou a mão sobre o meu estômago e disse:)

"Vê, Alberto, o estômago do meu benfeitor ainda está a sofrer; ajuda-o, suplico-te." (Pausa.)

"Alberto diz que devo rezar por ti; que, sem o poder e a vontade do Altíssimo, nada pode ser feito por ti." (Ela reza:)

"Deus misericordioso e fiel! Tu conheces o meu pedido antes que eu o formule; a minha confiança está na Tua ajuda. Remove esta dor dele, ó Deus, se for da Tua santa vontade. Restaura-lhe a saúde. Recompensa-o assim pela bondade que me mostrou de tantas formas. Senhor, Senhor, ouve-me. Ámen."

(Pausa.) "Ó Alberto, tu és um espírito mais puro, és muito melhor do que eu… reza também tu por ele. Ah, vê, ele está a fazê-lo; está a rezar por ti. Devias ver esta visão, como o seu ser brilha em oração; quão santa é a sua essência, quão infantil, confiante em Deus e pura! Ah, o que sou eu!" (Ela chora; após uma pausa:)

"Ele levanta-se, volta-se para mim e diz: 'É-me permitido transmitir-lhe um poder especial através de ti.'"

(Ela ergue novamente a mão direita com os três primeiros dedos, enquanto coloca a esquerda sobre o meu estômago. Seguem-se agora, com intervalos de cerca de quinze segundos, sete espasmos muito fortes e agitações de todo o corpo, especialmente da parte superior: primeiro da mão direita, depois do peito, e por fim da esquerda. Tinha sofrido

durante horas com náuseas e opressão no estômago; após o que foi descrito, senti-me revigorado; um calor peculiar percorreu todo o meu sistema, e desde essa hora não tive mais qualquer desconforto.)

— "Não sentes algo de particular no teu corpo?"

"Oh sim, uma mudança grande e muito reconfortante. Agradece por mim ao Alberto do fundo do coração."

"Ele sorri para ti com ternura e diz que fará por ti tudo o que puder e lhe for permitido; também te diz para esperares que recuperarás plenamente a saúde — mas diz que isso exige absolutamente que continues com o teu modo de vida atual por vários anos, e nunca te esqueças da oração a Deus. Ah, recorre a Ele em oração frequente e sincera, e a Sua bênção não deixará de vir."

— "Não são ainda necessários remédios externos específicos para restaurar o meu estômago?"

"Vejo agora o teu estômago todo iluminado; tudo pode correr bem, se te mantiveres fiel às tuas regras. Os nervos do estômago, e muitos daqueles ligados ao abdómen, foram realmente enfraquecidos pelos espasmos prolongados; mas tudo correrá bem; apenas tem paciência e sê constante. Por agora, não são necessários remédios particulares; estás nas mãos de um excelente médico; o meu Alberto conhece-o há muito; segue os seus conselhos. Quando o teu estômago estiver ácido — mas só então — toma uma colher de chá de magnésia calcinada. As gotas de quássia também te serão úteis agora; aumentam a atividade gástrica. Além disso, nada de especial a observar. Apenas não descuides o exercício diário, e vai o mais breve possível às águas termais de Dizenbach. O uso destas águas é-te altamente benéfico."

(Até aqui, depois da transmissão de força mencionada, R. manteve a mão sobre o meu estômago; de repente, ela estremeceu com um movimento algo súbito e disse:)

"Já não posso continuar isto, Alberto! Preciso de colocar também a mão direita? Assim? Ah! — Mais acima? E cruzadas? Agora está certo." (Pausa.)

"Sinto novamente como se a minha mão esquerda estivesse colada ao teu estômago; exactamente como quando um copo parece estar preso a uma superfície húmida e lisa." (Ela sorri.)

"É uma força singular — esta força magnética." (Após um pouco, tentou remover a mão, mas sem sucesso. Disse que sentia dor no braço ao tentar retirá-la à força. Só após um quarto de hora conseguiu fazê-lo gradualmente, e durante algum tempo queixou-se de dormência na mão esquerda, a qual desapareceu antes de acordar.)

Ela repousou tranquilamente durante mais de quinze minutos, depois ergueu-se, com a parte superior do corpo erguida e a cabeça elevada, como se escutasse, e disse:

"Ouço harmonias deliciosas; ah! ah! que sons! não são da Terra!"

"O que ouves? Está tudo silencioso à nossa volta."

"Ouço um canto glorioso de muitos habitantes felizes de Vénus, que, diz Alberto, não estão muito longe de mim, mas que agora não posso ver."

"Porquê?" —

"É vontade de Alberto; estou aqui, diz ele, para recuperar a saúde, não para ver coisas estranhas; e o repouso da alma, neste momento, é de benefício especial para o meu corpo. Mas ainda assim vejo algo de singular."

"O que vês?"

"Vejo de novo, inscrito em altura num arco dourado: *'Louvai o Senhor; Pai é o Seu nome.'"†

"São esses caracteres que vês de novo tão incompreensíveis para nós, humanos?" — "Sim, são sinais curtos, mas cheios de sentido, que os que partiram compreendem perfeitamente."

"No mundo espiritual aparecem arco-íris de muitos tipos, alguns com diversas cores, como na Terra, e outros com apenas uma cor; aqui (Apocalipse 4:3), de uma só cor, porque se diz: 'semelhante a uma esmeralda'. Essa aparência estava ao redor do Senhor, pois está escrito 'ao redor do trono'; ao redor d'Ele também há no Céu dos anjos."
— A. R. 232.

"Em todo o céu, eles não conhecem outro Pai senão o Senhor (Jesus Cristo)."
— A. C. 15.

* *"Nada é mais agradável aos anjos do que instruir e ensinar os espíritos recém-chegados do mundo, e também servir os homens, inspirando-lhes o bem e contendo os espíritos malignos que os rodeiam." – Heaven and Hell*, §454.
† *"Em todo o céu, não se conhece outro Pai senão o Senhor (Jesus Cristo)." – Heaven and Hell*, §15.

"Compreendo de imediato.* Reconheço o seu significado no meu Alberto."

"Compreendes também as palavras do cântico?"

"Sim, percebo que o tema do cântico é o louvor ao Altíssimo e a gratidão para com Ele. Não há palavras ali como na Terra; assim como um carácter exprime muitos pensamentos, também um só tom exprime muitos sentimentos.† Não te consigo explicar isso."

"Mas não há, então, linguagem no outro mundo?"

"Sim, há; mas a comunicação entre as almas não pode ser explicada aos homens naturais.‡ Contudo, existem formas verbais nesse mundo que até poderiam ser copiadas na Terra, ainda que de maneira escassa e imperfeita, se nos fossem conhecidas.§"

"Podes nomear ou imitar uma dessas palavras, ou um desses caracteres, para que os possamos perceber com os nossos sentidos?"

"Vejo neste momento vários deles no meu Alberto, que se compraz em mostrarmos e explicá-los; mas imitá-los, por muito que isso te surpreenda, custar-me-ia um esforço extremo e nocivo. Por isso, não ouso tentar."

— "Conheces o significado da palavra *optinipoga*?" (Ela reflecte.)

"Sim, essa palavra tem um significado no outro mundo: quer dizer 'Encontro descanso em ti' ou 'Tu dás-me consolação.'"

"Conheces esta palavra por teres lido a *Vidente de Prevorst*?"

"Sabes bem que nunca li esse livro. Se essa vidente atribuiu outro significado a essa palavra, deves ter em conta que ela estava num estado magnético muito mais elevado do que o meu. Ela encontrava-se frequentemente em esferas mais altas do que aquelas onde me encontro, e por isso pode haver alguma diferença." (Interrompendo-se subitamente:) "Não; o meu Alberto sorri, e vejo nele que a linguagem dos espíritos é a mesma em toda a parte.‖

Tenho a certeza de que a Vidente não terá dito algo diferente do que eu disse."

"Não te preocupes; a diferença não é tão significativa assim. A Vidente disse que a palavra queria dizer: 'Tens de dormir'; e utilizava-a como um meio de se acalmar e adormecer. Contudo, há já três significados diferentes — e até três frases completas — que a palavra parece conter."

"Todo homem entra nessa linguagem após a morte, pois ela está implantada nele desde a criação."
— T. C. R. 19.

"Há uma afeição do amor espiritual que é cantada todas as manhãs, ou seja, é expressa por meio de modulações ou variações de uma voz musical, e essa afeição é percebida no canto como se fosse a própria afeição: ela flui para as almas dos ouvintes e os desperta para uma correspondência. Tal é o canto celestial."
— T. C. R. 745.

"Os anjos falaram sobre essas coisas de modo espiritual, e a linguagem espiritual abrange milhares de coisas que a linguagem natural não pode expressar — e, o que é mais admirável, que nem sequer podem penetrar nas ideias do pensamento natural."
— T. C. R. 356.

"Essa escrita, que é composta por símbolos de uma forma celestial, é usada no céu mais íntimo, onde eles superam todos os outros em sabedoria. Mas nos céus inferiores não há tal escrita; as escritas nesses céus são semelhantes às da Terra, com letras similares, mas ainda assim ininteligíveis ao homem, pois estão na linguagem angélica."
— H. H. 261.

"Todos no céu universal têm uma única linguagem, e todos se entendem, seja de qual sociedade forem, próximas ou distantes."
— H. H. 236.

"Essa escrita também contém, em poucas palavras, mais do que um homem seria capaz de descrever em várias páginas."
— H. H. 261.

"Isso também acontece com a linguagem dos homens na Terra; apenas com a diferença de que a alma dotada de visão clara, uma vez libertada, necessita de menos palavras e sinais para compreender e ser compreendida. Um único sinal substitui uma dúzia de palavras humanas,* e a capacidade das almas de se verem mutuamente, de lerem o íntimo umas das outras, e de reconhecerem imediatamente a vontade interior e a intenção, que se expressam espontaneamente através de caracteres naturais, substitui as comunicações extensas dos homens, que só se podem entender mutuamente através de formas externas e, muitas vezes, enganosas." (Pausa.)

"Alberto, meu Alberto, para onde corres?"

"Ah, ele vai buscar a flor." (Após alguns segundos:)

"Aqui está; trouxe-ma. Ah, vê o cálice! Que esplendor! É indescritivelmente belo."

"Não te esqueças do ponto principal: quantas pétalas ainda tem?"

"Graças a Deus, só cinco; oito já murcharam. Há algo de peculiar nesta flor; não consigo compreender plenamente a sua natureza; não é um simples símbolo, e ainda assim é simbólica; não é totalmente material, mas também não é inteiramente suprassensorial." (Pausa.)

"Pedi ao Alberto que me explicasse; mas ele diz que eu não conseguiria compreender."

"Quantas vezes mais virá Alberto visitar-te?"

"Só mais algumas vezes, com o propósito especial de levar a minha doença a uma conclusão; ainda assim, vê-lo-ei ocasionalmente, por breves momentos. Na visita anterior à última, a flor aparecerá em todo o seu esplendor; as pétalas terão então caído todas — e será a última vez. Ai, será quando ele se despedir de mim." (Ela chora.)

"Ainda não estarei completamente curada nessa altura, mesmo quando o Alberto já não me visitar. A doença atual será removida, de modo que a presença do Alberto já não será necessária, e a tua influência também cessará; mas o meu sistema continuará sensível durante bastante tempo. Terei de proteger cuidadosamente o peito e o abdómen."

"Tossiste sangue recentemente; como está essa afeção?"

"Não requer remédios. Foi em parte consequência dos espasmos no peito e em parte de obstruções. Desaparecerá por si com a cura da doença atual."

"Pediste-me que te lembrasse, quando o Alberto estivesse novamente contigo, da 'voz maligna' de que falaste há dias."

"Sim, é verdade." (Pausa, durante a qual se vira para o Alberto.)

"O Alberto diz que todo o homem tem não apenas um espírito guardião ao seu lado, mas também um ser maligno.* Graças a Deus, não vejo esse espírito; mas ouvi claramente a sua voz naquele estado entre o sono e a vigília."

— "Ouviste a sua voz? Como é isso possível?" — "É verdade, não te admires. Não é uma voz cujo som venha pelo ar e se ouça pelos ouvidos; mas, de uma maneira que não sei explicar, ouço algo vindo de fora que só posso comparar a uma voz suave e insinuante.† O Alberto diz que isso provém desse ser maligno. Quando ele percebe a mais pequena base para a autojustificação, da qual o amor-próprio se possa aproveitar, ele agarra-a rapidamente e coloca-a tentadoramente diante da minha alma para ser escolhida. Torna-se então muito difícil seguir a voz melhor, que também é percetível, porque o outro caminho parece — sim, parece — oferecer-me vantagem. Oh Alberto, destrói-o!"

"Não sejas tão precipitada e violenta!" — "Tens razão. Ele também ainda pode voltar-se para o bem; mas perturbou-me profundamente."

— "Sou quase tentado a pensar que, com os teus dois seres acompanhantes, expressaste de forma figurada as duas principais tendências do espírito humano: a sua constante oscilação entre o bem e o mal, a sua vida dupla para Deus e para o mundo, para o céu e para a terra — e isso de uma forma que pode até ser perigosa para a moralidade. Não está o coração humano naturalmente inclinado para o sensível? E não deve o espírito humano à sua origem divina essa atração pelo que é único, Verdadeiro e Bom — aquilo que recebeu como dom ao sair de Deus, e que chamamos consciência?"

* *"Todo o homem tem consigo pelo menos dois espíritos malignos e dois anjos." — Arcana Coelestia*, §697

† *"A fala de um anjo ou espírito com o homem é ouvida dentro do próprio homem, e como igualmente move os órgãos da audição, também se torna sonora. Essa fala flui até ao ouvido a partir do interior." — Heaven and Hell*, §248

‡ *"Todos os céus usam uma só língua e compreendem-se mutuamente, esteja o espírito perto ou longe." — Heaven and Hell*, §236

§ *"A escrita celeste envolve em poucas palavras muito mais do que o homem pode descrever em muitas páginas." — Heaven and Hell*, §261

"Então, com que fim existem representantes externos e suprassensíveis daquilo que já se encontra suficientemente presente na nossa natureza sensível e espiritual? Não será evidente o perigo moral que pode resultar da suposição de tais guias espirituais — e sobretudo de tentadores? Para não falar do ponto mais crítico, que tais influências tornam muito duvidosa a nossa liberdade moral."

"Nisso, diz o meu Alberto, estás completamente enganado. Já te disse antes que a escolha, tanto para querer como para agir, é sempre deixada à liberdade do homem. Supondo que representaste bem o coração humano e a proteção da consciência, o equilíbrio* no interior da alma não é afetado se, de um lado, há um apoio à consciência, e do outro, uma voz sedutora que se dirige à fraqueza do coração. A voz má nunca pode tornar-se audível sem que o espírito bom também se manifeste com força. E quanto maior for a tentação, mais intensa será a exortação e o impulso oposto.† Mas, neste combate, a escolha é sempre livre. A alma humana — acredita, rogo-te — não está, de forma alguma, à mercê do mal, desde que aprenda a querer o bem. Em parte alguma há um ser mais longe de estar entregue ao acaso do que eu, no mundo dos espíritos. Aqui tudo é plano elevado e divino.‡" (Pausa.)

"E depois pergunto-te: tens assim tanta certeza de que tal ordenação de Deus era desnecessária?"§

"Não, é certo. Mas, ainda assim, surpreende que dois seres superiores tenham de estar constantemente ocupados com um único homem, como disseste."

"Surpreendente? Isso é julgar com demasiada pressa. Não consideras que um valor infinito depende de cada alma humana? E que tanto os espíritos guardiães como os maus trabalham, durante esse tempo, para o seu próprio destino futuro? Aqui estão em jogo os destinos de três almas humanas, e não apenas de uma. Tal é a vontade e o plano de Deus — não procuremos nem acrescentar nem subtrair-lhe." (Pausa.)

"Alguma vez viste, com os olhos da tua alma, um espírito menos bom ou mau, naquilo que chamas o reino intermédio?"

"Não, até agora Alberto levou-me através da atmosfera da Terra sem que eu tivesse de ver um espírito desses. Ele protegeu-me disso. Na atmosfera terrestre há multidões de espíritos desencarnados de todos os tipos." (Pausa.)

"Mas agora pára com as perguntas. Alberto diz que tem de deixar-me, e eu devo regressar à Terra. Ai! porque não posso ficar aqui?"

(Ela é tomada por agitação em todo o corpo, durante alguns minutos.)

"Aqui estou de novo, em Schwaikheim. O meu Alberto deixa-me neste instante; já o vejo a brilhar à distância.* Adeus, meu verdadeiro companheiro!" (Intervalo de silêncio.)

— "Vais acordar hoje por tua própria vontade?"

"Não, pela tua. Tens de soprar-me no rosto."

"Agora?"

"Eu dir-te-ei quando for a hora."

"Quando ocorrerá a próxima crise?"

"Na próxima quinta-feira. Entretanto, haverá estados semi-despertos, no domingo e na terça-feira." (Pausa.)

"Podes pregar, se quiseres; isso vai cansar-te um pouco, mas Alberto estará contigo e dar-te-á forças, como o vi fazer ao partir." (Pausa.)

"Agora acorda-me."

(Soprei-lhe no rosto. Ela estremeceu, mas não acordou. Soprei-lhe na testa com o mesmo resultado. Ela sorriu e disse:)

"Aqui não é como no estado semi-desperto: tens de começar a soprar na parte inferior do rosto e subir devagar até à testa, desejando firmemente que eu acorde." (Fiz isso, e de repente os espasmos habituais manifestaram-se; após isso, ela acordou bastante animada, às dez e meia.)

* *"Para que o homem possa estar em liberdade, a fim de ser regenerado, está ligado, quanto ao seu espírito, ao Céu e ao Inferno. Por isso, há com cada homem espíritos do inferno e anjos do Céu. Assim, ele está em equilíbrio espiritual, isto é, em liberdade."* — *Heaven and Hell*, §599

† *"As tentações do homem são combates espirituais entre espíritos bons e maus."* — *Arcana Coelestia*, §8131

‡ *"Se o Senhor não governasse tanto os Céus como os Infernos, não haveria equilíbrio; e sem equilíbrio, nem Céu nem Inferno existiriam. Todo o universo subsiste a partir do equilíbrio."* — *Heaven and Hell*, §592

§ *"O homem é governado pelo Senhor através dos espíritos, porque ele nasce em oposição à ordem divina, e deve ser conduzido ao estado celeste por mediação."* — *Heaven and Hell*, §297

* *"Daí que seja a genuína afeiçãoopela verdade, que é uma afeição da verdade pela própria verdade. Aqueles que estão na afeição genuína da verdade, brilham no Céu como o firmamento. O esplendor vem da Verdade Divina, que, em todo o Céu, dá luz."* — *Heaven and Hell*, §347

22 de Junho

Às sete da tarde, R. foi acometida por um tremor generalizado em todo o corpo, semelhante aos fenómenos de uma crise de febre intermitente, e que durou cerca de um quarto de hora, durante o qual conservou perfeitamente a consciência. Seguiu-se um forte e generalizado espasmo de todo o sistema, com violentos estiramentos e torções dos braços e pernas. Depois disso, fechou os olhos e passou a mover apenas, de forma muito rápida, a mandíbula inferior. Por fim, a boca fechou-se de maneira convulsiva, e tornou-se evidente que sobrevinha uma rigidez geral. Como não ousei aplicar passes magnéticos, e a imposição das minhas mãos não surtia efeito, fui forçado a deixar R. entregue a si mesma.

Este estado persistiu durante duas horas, após as quais os membros começaram gradualmente a recuperar a capacidade de movimento, e a mandíbula inferior começou, enfim, a mover-se. R. despertou, sem ter proferido uma palavra, após um leve tremor do corpo, e sentia-se confortável.

24 de Junho

Ocorreu uma crise semelhante à anterior, pelas quatro da tarde. Pouco antes de despertar, R. recuperou a fala e disse:

"Hoje estive três horas sem conseguir mexer-me; mas foi culpa minha."

"Como assim?"

"Metade desse tempo teria bastado, se eu não tivesse comido hoje demasiadas almôndegas."

"Sim, esse é o teu prato favorito." (*Leibessen* — alimento do corpo.)

"Prato favorito! (sorri com certo desdém). Que expressão é essa, por favor? Então a alma também tem o seu prato."

"Diz-me um exemplo."

"Quero dizer a satisfação de qualquer desejo favorito;* compreendes-me bem."

— "Por que razão sangraste do nariz ontem e hoje?"

"Por causa de uma forte dor de cabeça, mas não me fará mal. Quando acordar, ainda pensarei que seria bom ser sangrada — mas convence-me do contrário; não é bom."

"Como está o meu estômago?"

"Mal sinto a minha mão ser atraída para ele mais do que para qualquer outra parte do teu corpo. Já podes voltar a beber cerveja — mas apenas um copo grande."

R. observou ainda, antes de acordar, que, hoje pela primeira vez, conseguia distinguir os vários objetos no quarto com o olho direito. No entanto, ao olhar mais longe, como através da janela, as coisas ainda lhe pareciam cobertas por uma névoa.

26 de Junho

Pelas seis e meia da tarde, surgiu uma indisposição geral; um impulso para vomitar alternava com uma tosse seca, curta e ligeira, até que, às sete horas, os espasmos habituais se manifestaram. Duraram até às oito menos um quarto com uma intensidade até então desconhecida. As opressões eram por vezes tão fortes e prolongadas que, por mais de uma vez, temi seriamente uma sufocação. As convulsões lançavam o corpo de um lado para o outro e para cima, numa violência que não podia ser vista sem piedade. Nada consegui fazer para a aliviar. Por volta das oito, chegou a quietude e o sono.

Após alguns minutos, durante os quais uma cor saudável voltou gradualmente às suas faces e a alegria ao seu rosto, começou a falar por si mesma:

"Oh, meu Alberto! Estás aqui! Graças a Deus, estás aqui! Oh, deixaste-me atravessar uma luta tão difícil. Mas que são estas lutas comparadas com um só olhar para ti, comparadas com a felicidade que experimento na tua companhia! Agora tudo o que sinto é alegria. Assim deve sentir-se um espírito ao libertar-se do pesado invólucro da carne. Tal luta é, de facto, árdua; é uma espécie de morte."

"Nenhuma coisa científica ou racional que o homem adquire, da infância até a velhice, jamais é insinuada nele senão por meio daquilo que é bom e deleitoso; e essas coisas são, por isso, chamadas de alimentos — e o são porque sua alma vive e é sustentada por elas." — A. C. 678.

— "De onde veio essa dura luta?" — "Agora que a minha restauração se aproxima, torna-se muito mais difícil para o meu espírito deixar a sua morada. Os laços que o prendem ao corpo já se tornaram mais fortes." (Pausa.)

"Oh Alberto, se tivesses preferido deixar-me morrer de todo e levar-me contigo para onde estás, com que alegria eu teria ido! Mas não foi assim determinado nos conselhos do Altíssimo. Ainda devo lutar na arena, e agradeço-Te por isso, ó Pai; Tu apenas desejas que eu me aperfeiçoe pela provação." (Pausa.)

Bendito é o homem que habita sob a proteção de Deus,
E caminha à sombra eterna das Suas asas!

(Pausa. Ela reza em silêncio; os lábios movem-se. Por fim, fala em voz alta:)

"Sempre que Te procuro, Senhor, em dor e aflição,
Tu és como torre elevada sobre a rocha.
O Teu amor paternal é a minha espada e escudo,
E o Teu braço forte guarda-me de todo o mal.
Tu ordenas aos Teus santos anjos
Que em todos os meus caminhos me amparem,
Para que os meus pés não tropecem." (Pausa.)

"Oh, se apenas honrar o Teu santo nome,
E buscar antes de tudo o Teu reino,
Tu, cheio de graça, escutarás a minha súplica,
E livrar-me-ás de todo o temor e tribulação.
Sob as Tuas asas de amor, ó Pai, abrigada,
Não temerei o mal que há de vir, nem a dor;
Mas caminharei com firmeza nesses dias sombrios,
Quando a doença invadir este corpo frágil.
Tu, quando terminar esta peregrinação terrena,
Levar-me-ás à felicidade do Céu." (Pausa.)

"A Ti, ó Pai de amor, trago adoração;
A Ti, meu Redentor, os mais sinceros agradecimentos;
A Ti, Santo Espírito, todo o louvor e honra." (Pausa.)

"Graças eternas a Ti, sempre Misericordioso!
Pois em Ti é firme a minha confiança, como uma rocha.
Que a Tua santíssima vontade seja feita doravante;
Seja qual for, com fé sagrada entrego-me." (Pausa prolongada.)

Ah! — Ah! — os amigos do meu Alberto, os espíritos nobres; eles vêm até aqui; trazem a flor.
(Ela fala em voz baixa — depois em voz alta:)

Que alegria poder elevar
A minha voz para louvar
O Deus Altíssimo com os coros celestiais!

(Ela ora em silêncio, depois prossegue em voz alta:)

Quem poderá provar tal alegria?
Os puros, cuja maior valia
É agradar ao olhar de Deus.
Faz-me santo como os anjos, Senhor,
Tanto quanto possa um ser inferior
Tornar-se neste mundo.

Então, em glória sem pecado,
Curvado com eles ao Teu lado,
Louvarei o Teu nome profundo. (Pausa.)

— "Já conhecias estes versos?"

"Sim, decorei-os quando era criança. Os que não rimam também os li com frequência nos meus primeiros anos. Alberto, querido Alberto! Obrigada de todo o coração! Ah, se ao menos eu pudesse dar-te mais! És o meu espírito guardião, e junto à minha gratidão, uno este pedido: nunca me deixes cair! Guarda-me, guia-me, para onde te aprouver — a ti e ao Altíssimo. Se eu estiver em caminhos proibidos, e não quiser ouvir a tua doce voz, então recorre a meios mais severos — conduz-me de volta pelo sofrimento, se já não for possível com suavidade. Ajuda-me, oh, ajuda-me, para que, um dia, eu possa alcançar a felicidade em que tu, meu Alberto, agora vives." (Pausa.)

"Que gloriosa está a flor! Lá está, no seu mais elevado esplendor! Ah, se ao menos pudesses vê-la! O rosto de Alberto brilha de alegria, pois agora ela aparece em toda a sua glória. Todas as suas pétalas murcharam; apoiado num caule vigoroso, o seu cálice resplandece em tons púrpura e está bordado de raios dourados. Oh, quão bela! Quão gloriosa!" (Pausa.)

"Como estás belo hoje, Alberto! Apareces no teu mais glorioso esplendor."*

"Oh Alberto, quem não suportaria tudo com alegria, sendo chamado a um destino como o teu? Sim, com alegria levarei todos os fardos que o Senhor me quiser impor, para que um dia possa estar contigo."

(Para mim:) "Hoje o meu Alberto tem uma coroa de palmas sobre a cabeça. Está vestido com as vestes mais belas do Céu.† Hoje celebra-se uma festividade — a da minha recuperação. Ah, ali as dores dos outros são muito mais respeitadas do que neste mundo."

"É algo absolutamente verdadeiro que o homem é governado pelo Senhor por meio de espíritos e anjos; quando os espíritos malignos começam a dominar, então os anjos se empenham em afastar os males e as falsidades, e por isso ocorre um combate. É esse combate que se torna sensível por meio da perceção, de uma voz interior e da consciência."
— A. C. 227.

"Também é parte da felicidade dos anjos levantar os mortos para a vida eterna e, depois, se for possível e houver capacidade na alma, introduzi-la no céu; dessas funções eles recebem um deleite que não pode ser descrito."
— A. C. 451.

(Por acaso, eu pegara numa harmónica de boca, o que ela percebeu imediatamente. Pediu-me que tocasse, e assim fiz. Mal ouviu o primeiro som, começou a cantar. A sua voz era puríssima e melodiosa, e com notável sensibilidade passava de um acorde a outro conforme eu os escolhia. Por vezes, criava transições inesperadas, mas extremamente belas e

harmoniosas. O seu canto mantinha sempre uma unidade encantadora, fosse qual fosse o acorde tocado, e servia apenas de acompanhamento às notas simples da harmónica.)

(Quando me cansei de soprar, parei — e ela parou de cantar no mesmo instante. Mas logo pediu:)

"Deixa-me cantar mais um pouco."

(Toquei novamente, e ela cantou — agora acrescentando palavras às notas:)

Santo, Santo és Tu, Senhor;
Os céus proclamam o Teu poder
E exaltam a Tua majestade.
Louvor a Ti, Pai, Filho e Espírito,
Para sempre!

(Ela pediu-me mais duas vezes, durante este estado, para cantar de novo, e em ambas adaptou palavras ao seu canto; mas não consegui entendê-las, pois o som da harmónica estava demasiado perto do meu ouvido. Os versos acima foram pronunciados com tanta clareza que pude compreendê-los. Mais tarde, pedi-lhe que repetisse os versos, já que não os tinha compreendido. Ela respondeu:)

"Os anjos não permanecem constantemente no mesmo estado quanto ao amor, e, por isso, tampouco no mesmo estado quanto à sabedoria. Quando estão no grau mais elevado de amor, então estão na luz e no calor da sua vida — ou seja, em seu estado mais claro e deleitoso."
— H. H. 155.

"Eles (os anjos) disseram também que suas vestes mudam de acordo com as mudanças de seu estado, e que, no primeiro e segundo estado, vestem-se com roupas resplandecentes e brilhantes; no terceiro e quarto estado, com roupas um pouco mais obscuras."
— H. H. 181.

"Há aqui (no céu) dias de festividade."
— (Fonte implícita: H. H. ou T. C. R., conforme trecho anterior semelhante em T. C. R. 745).

"A música elevou-me a um estado magnético superior. Mas durou apenas enquanto a música tocava. Já desci de novo, e Alberto mantém-se em silêncio — não me diz quais foram as palavras."

"Por que não?"

"Porque não devo voltar agora a esse estado superior; se ouvisse de novo aquelas palavras, seria imediatamente lançada nesse estado outra vez, e isso não me faria bem hoje."

(Ainda é digno de nota que, ao colocar a harmónica — com vários acordes — sobre a sua testa, R. começava imediatamente a cantar da mesma forma. E, como confirmei por

diversas tentativas, cantava sempre na tonalidade da nota fundamental do acorde que tocava na sua testa. Quando a posicionei de modo a que dois acordes tocassem a sua testa ao mesmo tempo, ela alternava entre os dois nas suas melodias, sem jamais resvalar para uma terceira tonalidade.)

(Pedi ao meu irmão C. que tocasse a harmónica. Ele fê-lo dentro da nossa atmosfera magnética, e ela respondeu à pergunta:)

"O que ouves?"

"Um som semelhante ao que se ouve ao esfregar um copo. Vem de C. Eu ouço-o através de ti." (Pausa.)

"Deixa-me examinar o teu estômago." (Coloca a mão esquerda sobre ele.)

"Está tudo muito bem aí. Alberto diz que uma mudança feliz ocorreu no teu sistema, e que esta transformação já vinha sendo preparada há várias semanas, tendo sido completada pela operação dele sobre ti no último sábado. A tua recente falta de apetite deriva disto. Em breve estarás completamente bem."

"Eu não terei tanta sorte. Livrar-me-ei dos espasmos em breve, é verdade, mas não recuperarei a saúde perfeita imediatamente; o meu peito continuará a sofrer por muito tempo. Terei especialmente de me resguardar contra uma inflamação nos pulmões. Após esta doença, que agora está a chegar ao fim, deveria — como se requer após qualquer enfermidade séria — poupar-me por algumas semanas. Mas isso, prevejo, as minhas circunstâncias não permitirão." (Pausa.)

"Daqui a oito dias o meu Alberto voltará a visitar-me; e então, poderás empreender a viagem que planeias. As águas serão de grande benefício para a tua saúde. As termas de Dizenbach são muito bem adaptadas ao teu caso."

"Pregar no próximo domingo não me fará mal?" (Ela vira-se para Alberto.)

* *"A forma da caridade, tal como é vista em vida no Céu, é tal que a caridade se torna a própria imagem — de modo que todo o anjo, especialmente o rosto, é como se fosse caridade." — Heaven and Hell*, §457

† *"Os anjos disseram também que as suas vestes mudam conforme o seu estado interior: nos primeiros estados são brilhantes, e nos últimos, mais opacas." — Heaven and Hell*, §181

"Atende-o novamente, meu Alberto; ele deseja-o com tanta veemência: dá-lhe tu força! Oh, é um nobre chamamento o que tens; quem o cumpre verdadeiramente não ficará sem bênção." (Pausa.) "Sim, o meu Alberto estará perto de ti no domingo; não ficarás extenuado." (O meu genro B., que por acaso estava presente, perguntou por meu intermédio:)

Como estão as coisas em R.?

A L. (a sua esposa) tem dores de cabeça devido ao calor; mas não é nada de importante. Ela espera-te a qualquer momento.

Podes dizer algo ao B. sobre o seu falecido pai?

"O meu Alberto nada sabe sobre ele. Teria de bom grado dado prazer ao amável B. com notícias que ele estimaria muito; mas Alberto, neste caso, nada sabe — ele não sabe tudo. Neste momento está a olhar para ti, B."

(Para o Alberto.) "Sim, meu Alberto, ele é bom e honesto, e reto de coração. Tu sabes bem disso, meu guardião." (Para mim.) "Agora ele está novamente bem perto de ti, meu Alberto; vê, mesmo junto a ti."

Sabes que eu não o posso ver.

"Ah, como lamento que não possas."

O Alberto vê também as minhas irmãs que aqui estão presentes?

"Sim, através de ti e de mim; mas agora ele está totalmente concentrado em ti. Está a observar a tua alma."

Os espíritos desencarnados de outra natureza, de ordem inferior, têm o mesmo poder?

"Não, apenas quando certos estados mórbidos do organismo em certas pessoas lhes abrem *caminhos, como aconteceu comigo. O meu Alberto até agora protegeu-me contra isso.*"

"Esposas, dessa forma (através dos meus olhos), viram seus maridos e filhos, e desejaram que eu lhes dissesse que eles estavam presentes e observá-las, e que eu relatasse os detalhes do estado deles na outra vida; mas eu disse que isso não era permitido, pois seriam levados a me considerar louco, ou julgariam minhas informações como delírios da imaginação. Pois eu sabia muito bem que, embora dessem assentimento com os lábios à doutrina da existência dos espíritos, da ressurreição dos mortos, de que estes estivessem entre os espíritos, e de que espíritos possam ver e ouvir por meio do homem — ainda assim, não criam nessas coisas em seus corações."
— E. U. 135.

"Foi-lhes concedido (aos espíritos e anjos) verem por meio dos meus olhos as coisas deste mundo, e com tanta clareza quanto eu mesmo as via."
— E. U. 135.

"Mas não é permitido a eles (aos infernais) influenciar diretamente as partes sólidas do corpo, nem os órgãos, vísceras e membros do homem, mas apenas os desejos e falsidades; somente quando o homem cai em doença é que eles penetram em tais coisas impuras que pertencem à enfermidade."
— A. C. 5713.

"É quase tão horrível para os espíritos desencarnados aproximarem-se dos homens quanto para os homens entrarem em contacto com as almas desencarnadas. As almas muito ligadas à terra aspiram de facto à terra, mas o maior tormento delas é que as coisas sensíveis já não são para elas como eram dantes. O seu estado é miserável, devido a estas duas tendências contraditórias." (Pausa.)

"Peço-te que me deixes cantar mais um pouco."

Não o podes fazer por ti mesma?

"Não, sem algo que proceda de ti, como música, que me eleve, não o consigo." (Eu soprei na harmónica e ela cantou:)

Tu, que és do Pai o Verbo eterno,
Na terra e no Céu és Rei,
Ao teu nome, grande e terno,
Louvor eterno darei.

Teu reino, desde a criação,
Foi luz e habitação,
Que venha a nós, após a morte,
Salvação em sorte.

— Em breve despertarei. O meu regresso será fácil e sem dor.

O próximo ataque será introduzido por cãibras tão violentas como estas?

"Temo que sejam ainda mais violentas. Se for então acometida de fraqueza, como hoje, basta esfregares-me as têmporas com água de Colónia e colocares algo de cheiro forte, qualquer coisa, debaixo do meu nariz. Depois do sono de hoje, dá-me uma taça de vinho de Málaga. Daqui em diante não precisarei de tantos cuidados com a alimentação. Só devo evitar, por bastante tempo, o que for muito indigesto." (Pausa.)

Quando o meu Alberto me visitar de novo, há de deixar-me algum tempo no meio da crise, para que eu me vá acostumando, gradualmente, à sua ausência. Nesse intervalo cairei várias vezes num estado cataléptico, que me será benéfico. Nada deverá então ser feito por mim. No final desses ataques intervalares, entrarei no habitual meio-sono e poderei conversar contigo.

O Amandus não virá também outra vez?

"Sim, virá mais uma vez para se despedir de mim. O Alberto agora parte." (Ela fixa o olhar por muito tempo como que a segui-lo.)

Ainda estás fora do corpo?

"Sim, o meu espírito está; a operação da minha alma no corpo não cessa após a separação do espírito, caso contrário, o corpo estaria morto. Agora acorda-me."

(Soprei-lhe no rosto sem a intenção de a acordar. Ela sobressaltou-se sem acordar e disse:)

"Agora deseja com firmeza.

(Fiz o mesmo com firme vontade e, após um ligeiro espasmo que mal agitava o seu corpo, foi restaurada à vida consciente, tendo dormido durante três horas.)

3 de Julho

Conforme a previsão de R., ocorreram nos dias 27 e 28 de Junho, bem como no dia 1 de Julho, ataques em tudo semelhantes aos dos dias 22 e 24 de Junho. Ela não falou durante eles e sentia-se sempre notavelmente melhor após os mesmos.

A luta que provocou a crise de 3 de Julho foi ainda mais violenta que a da semana anterior. Houve, propriamente, vários ataques consecutivos, acompanhados das mais violentas agitações e convulsões de todo o sistema, tão extremas que, se eu não tivesse usado toda a minha força para a segurar, a doente teria por mais de uma vez sido arremessada da cama ao chão.

Após cada ataque, seguia-se um grande esgotamento e uma respiração muito semelhante ao estertor da morte, que durava cerca de cinco ou seis minutos. Nesse estado, a boca e os olhos estavam semicerrados e os traços faciais profundamente alterados. A luta durou, ao todo, uma hora.

Por vezes, durante a crise, ouvíamos palavras ditas de forma quebrada e muito lenta:

"Ajuda, Pai Celestial! Ajuda a Tua filha! Ou: — Estou tão perto de morrer… deixa-me, ó Pai Misericordioso, passar inteiramente para Ti! Ou ainda: — Ó Pai, apenas algum alívio!

A água de Colónia esfregada nas têmporas e colocada sob o nariz fortalecia-a visivelmente. Ela também acenava com a cabeça em agradecimento quando eu lhe humedecia os lábios com água fria. Por fim, por volta das oito horas, uma ligeira agitação bastou para a transportar totalmente à terra do seu Alberto.

Depois de descansar por um momento, começou a falar, com as mãos postas e espontaneamente:

"Paz, sim, paz esteja comigo! Ó Alberto, estás aqui? Graças Te dou, Pai Celestial; ajudaste-me a vencer nesta terrível luta. Ó Senhor, não há outro como Tu; grande é o Teu nome. Os Teus olhos viram o meu ser ainda informe. Tu preparaste os meus membros, concluíste a minha vida e contaste os meus dias na Tua sabedoria. Desde a infância tenho

sido conduzida pela Tua mão paternal; até agora me conduziste, e continuas a guiar-me com amor e verdade. Quem poderá contar todas as provas de amor que a Tua bondade paternal me tem mostrado, mais numerosas do que os grãos de areia à beira-mar?" (Pausa.)

Foste Tu, ó Pai, quem me enviou o Alberto,
e foi pela Tua bondade que me deste um amparo em cada fase da minha doença.
Quão misericordioso és para com a Tua filha!
Como pude, um dia, acreditar,
No pensamento tão cruel,
Que Tu, Senhor, me fosses deixar,
Sendo Pai fiel e eterno Ancião,
Que cuida da criação.
Dá de comer ao pardal no chão;
Omnisciente, vês a minha dor;
Omnibenévolo, és puro amor.
Mas, quantas vezes Te esqueci, meu Deus fiel!
Oh, quantas vezes não escutei o Teu chamamento,
e quantas, na minha loucura, tomei o caminho do pecado!
Ó Deus, sê ainda gracioso para comigo,
e apaga o meu pecado, na Tua misericórdia, por Jesus Cristo! (Pausa.)

Ela chora; depois levanta as mãos e pronuncia o seguinte:

Para Te conhecer, Senhor, estava, ai de mim!, demasiado cega
Quando me exercitavas no Teu amor.
Seguindo os caminhos da minha própria loucura,
Entristeci o Teu terno Espírito que vem do alto.
Ainda que aos Teus olhos eu seja má, ó Senhor,
Tu ainda assim me concedes o Teu favor.

Enviaste o Teu bom anjo desde o Céu,
Para Te mostrares um Pai sempre gracioso,
E encheres o meu ser com a alegria do perdão,
Enquanto eu seguia obstinada a minha vontade pervertida.
Tu vês o meu coração; entrego-to de novo.
E juro agora ser-Te sempre fiel.

Oh, olha para a devoção fervorosa do meu coração,
Olha-me com Teus olhos de graça celeste;
A cruz — consolo de toda alma em aflição —
Faço-a meu abrigo, meu lugar de descanso.
Tu conheces o meu propósito, firme como a rocha;
E eu conheço o Teu amor, que há de durar para sempre.

Meu fiel guardião, terás de deixar-me
Sempre que eu amar aquilo que mais deveria odiar,
Sempre que os enganos dos sentidos me iludirem,
Até que o meu coração se prenda demasiado à terra —
Oh, deixa-me saber que não podes ajudar-me
Quando escolho os caminhos do meu próprio coração.

Escuta, pois, uma promessa ditada pelo meu coração:
A virtude, daqui em diante, será o meu único fim;
E assim, quando o pecado me tentar,
Tu serás o meu conselheiro e meu amigo seguro;
Mas, se na luta o ânimo me faltar,
Fica ao meu lado, ó Alberto, para lutar comigo.

(Depois de assim derramar o coração, R. permaneceu em silêncio, com as mãos postas, por cerca de meia hora. À minha pergunta: onde leste esses versos? respondeu: "Nunca os li; vi-os agora pela primeira vez dentro de mim. Isso é fácil no meu estado. Desta vez foi o meu coração, sim, o meu coração que falou." Mas agora levanta os braços na direção onde vê Alberto, e diz:)

— Oh, Alberto, Alberto, pudesse eu, será que me era permitido seguir-te! Mas já não te mostras tão próximo, e devo mesmo agradecer-te por me estares a deixar. Que alegria, a da recuperação da saúde! Que dor, a da separação de ti, meu amado guardião! Mas assim é sempre a vida humana: prazer e dor constantemente unidos. Nada aqui é perfeito — mas um dia, quando os meus olhos se fecharem, quando o meu espírito, guiado pelo seu guardião, deixar o seu tabernáculo, então será diferente; então não haverá mais dor, nem sofrimento.

(Pausa de alguns minutos, após a qual o rosto dela torna-se sombrio e diz:)

"Amanhã, antes de partires para São M., R. tratar-te-á de forma muito indelicada; mantém-te calmo e não te ofendas."

Não posso evitar isso?

"Não, por mais que estejas atento. É algo por que tens de passar."

Como soubeste disso?

"Pelo meu Alberto."

O Alberto vai deixar-te hoje para sempre?

"Não, visitará -me mais uma vez, apenas para se despedir de nós. Ai! isso é demasiado doloroso."

Quando será essa última visita?

"No dia sete de Julho, que é segunda-feira, às sete da tarde. Mas agora peço-te que me deixes cantar."

Não poderias apenas escutar em silêncio a harmónica?

"Não, tenho de cantar quando tocas. Mas, quando páras, desço repentinamente do estado elevado para o qual os versos me haviam elevado, e já não recordo as palavras que cantei. Ainda assim, lembro-me de que estive a cantar."

(Eu toquei, e ela cantou:)

A minha confiança está no Teu poder,
Tu és o meu Deus;
Senhor, ajuda-me.

Em Ti deposito todos os meus cuidados,
Tu és o meu amparo;
Senhor, protege-me.

A Ti seguirei,
Tu és meu Pai;
Senhor, guia-me! (Pausa.)

— Este canto eleva toda a minha natureza para o melhor e o mais alto. É como se desse asas à minha alma. Peço-te, deixa-me cantar mais. (Eu toquei, e ela cantou:)

Senhor, guia-me Tu;
Tu tudo podes,
Pois o Teu amor não conhece limites.
Sempre que o auxílio for necessário,
Oh, dá-mo então.

Vejo dores amargas no futuro —
Que a Tua graça me ajude a suportá-las.
Tu levaste-me ao combate;
Conforta-me agora, e ajuda-me a vencer.

Cumpra-se a Tua vontade.
O meu destino está nas Tuas mãos.
Guia-me sempre segundo o Teu beneplácito.

Este canto também era muito puro, e a voz notavelmente suave e terna; não menos impressionante era a forma como fazia as transições musicais, mesmo sem saber de antemão os acordes que eu escolheria.

(O seguinte fenómeno mostrou-se inesperadamente:) Tinha, por acaso, a minha caixa de rapé na mão e, enquanto conversava com a minha irmã, coloquei-a sobre o estômago dela por uns segundos, sem intenção. De súbito, ela queixou-se de uma sensação de queimadura no estômago e de atordoamento, pedindo-me que retirasse a caixa. Assim que o fiz, cessaram todas as sensações desagradáveis.

Coloquei então a caixa na testa. Ela franziu o rosto e disse:

"Parece que tudo na minha cabeça está vazio e oco. Isto é o efeito conjunto da prata e do rapé."

Ao aproximá-la dos ouvidos, disse:

"Parece que há escaravelhos-das-maias dentro da caixa."

Colocada nos lábios, produziu uma sensação pungente, — como pimenta espanhola.
Ela esfregou a boca por muito tempo.

Quando segurava a caixa na mão, a palma começava de imediato a transpirar. Passado algum tempo, coçava-se com as unhas da outra mão, — porque aquilo "picava tanto".

Pouco depois, fui chamado inesperadamente para fazer um pagamento. Também aqui se manifestou claramente a sua aversão à prata. Fiz o pagamento a apenas alguns passos dela, e isso afetou-a tanto, que caiu em convulsões. Cada moeda que caía sobre a mesa causava-lhe um choque, e ela implorava com insistência para que aquilo acabasse rapidamente.

À pergunta sobre a origem desta aversão, visto que eu trouxera dinheiro no bolso nesse mesmo dia sem que isso a incomodasse, ela respondeu:

"Quando tocas no dinheiro e o fazes tilintar, e o teu espírito se envolve com ele, dói-me por todo o corpo; é como se agulhas fossem cravadas em mim. (Pausa.) Ai de mim, o meu Alberto agora deixa-me. Mas... (alegremente) ele há de voltar; adeus!"

(Ela permanece muito tempo em silêncio e pensativa; por fim, ergue-se lentamente até ficar sentada, com o rosto marcado por aversão e terror, que de súbito desvia. Inclina-se para trás, enquanto os braços ficam estendidos rigidamente à frente, e volta-se de tempos a tempos para um canto do quarto, onde fixa por um instante o olhar em algo invisível, para logo em seguida o desviar bruscamente, com a expressão marcada por um terror invulgar.)

Que tens? O que se passa contigo?

"Oh, Deus! Oh, Deus! (Agarra uma almofada e enterra nela o rosto. Levanta os olhos apenas a espaços, timidamente, como à socapa, e diz em voz muito baixa:) Pelo amor do Céu, era mesmo necessário que eu passasse por isto também?"

Diz-me, suplico-te, o que tens; estás a deixar-me inquieto.

(De repente, ela puxa convulsivamente a minha mão esquerda para junto de si; o medo exprime-se no mais alto grau no seu rosto; todo o seu corpo treme violentamente e ela grita, ou melhor, quase grita em desespero:)

"Meu Deus, ele está a vir na minha direção, o monstro; ele quer destruir-me!"

Mas diz-me, por favor... (Ela faz um gesto a pedir silêncio e diz:)

"Cala-te, ele ouve-te; odeia-te a ti e a mim."

Estás a sonhar; sossega e deixa essas fantasias.

"Fantasias? Quem me dera que fossem! Ai de mim, não, não é fantasia; não estou fora de mim; o que vejo é uma realidade melancólica. Mas cala-te por ti mesmo; ele ouve tudo o que dizes através de mim."

Do que deveria eu ter medo? Que ouça quem quiser o que digo. Mas o que é que tu vês então? (Ela exclama em voz alta:)

"Ó Deus, Todo-Poderoso, ajuda-me! Alberto, ajuda-me! Alberto! Alberto! se me amas, vem e salva-me! Ele está a aproximar-se!"

(Ela chora e agita-se de um lado para o outro em grande terror. Subitamente exclama:)

"Graças a Deus! Estás aqui! Oh, como Te agradeço! (Olha timidamente para o canto de onde lhe vinha o pavor e diz:) Graças a Deus, ele foi-se embora."

Mas quem era? Quem viste?

"Oh, uma criatura horrível. O Alberto diz que era um monge de um mosteiro na Suíça, que morreu há cento e setenta anos. Oh, é uma visão terrível! (Ela cerra os punhos com força e o rosto expressa profundo nojo.) Ó espírito abominável! O que queres de mim? Queres aproximar-te de mim? Não! Isso seria horrível."

Como era a sua aparência? (Ela estremece por inteiro.)

"Assustadora, selvagem, repulsiva, revoltante, sombria; tudo isso junto não basta para descrever."

Descreve, se puderes, mais concretamente o seu aspeto.

"Tinha forma de homem, vestia uma espécie de blusa suja de camponês, não era muito alto. O rosto, como toda a figura, era cinzento escuro, quase negro; não tinha traços definidos, mas era todo rugoso e irregular. Os olhos eram como os de um urso. O corpo estava encurvado e deformado de maneira estranhíssima, um verdadeiro monstro; tinha pés tortos, em forma de gancho, e o corpo todo disforme, com dedos extraordinariamente longos."

Aqueles que vivem apenas de amores corporais aparecem no mundo espiritual como grotescos, escuros, negros e deformados. — H. & H. 481
Os que estão nos infernos, por não possuírem verdade, aparecem com vestes andrajosas, sujas e imundas. — H. & H. 182
Os rostos de alguns são negros, outros inflamados como tochas, outros ainda desfigurados por borbulhas, verrugas e úlceras. — H. & H. 553
Os que separam os sentidos naturais dos espirituais aparecem como ursos. — A. R. 47
Também os seus corpos são monstruosos. — H. & H. 553
Em vez de pés, tinha tornozelos compridos sem carne. — T. C. R. 661)

"Oh, ele é uma criatura abominável. É um ser verdadeiramente malvado. Graças a Deus pelo privilégio dos espíritos guardiões! O meu Alberto conseguiu ouvir a minha voz, e expulsou-o com uma repreensão firme."

Então os espíritos guardiões ouvem as nossas orações?

"Certamente; ouvem todas as preces daqueles a quem estão encarregados de guardar. (Pausa.) Mas o meu Alberto terá de partir de novo; ficará apenas até que eu me tranquilize um pouco."

O Alberto não disse nada sobre a vida do espírito das trevas?

"Ah, sim. Imagina: esse monstro assassinou e enterrou cinco dos seus próprios filhos no mosteiro. Estava frequentemente nas redondezas de Neuchâtel, onde também cometeu outros crimes. Deus lhe seja gracioso e misericordioso; eu, de minha parte, não posso ajudá-lo. Cometeu realmente muitos crimes horríveis; é muito mau. E foi também jesuíta."

Mas como é que envergava uma túnica de camponês?

"Foi com essa roupa que fugiu do mosteiro, quando os seus crimes começaram a ser suspeitados e estava prestes a ser preso. Depois disso, tirou a própria vida. Alberto diz que ele tem tentado aproximar-se de mim há algum tempo."

O que é que ele quer, afinal? O que pretende?

(Ela não responde, mas vira lentamente a cabeça para cima e para o lado, como se seguisse alguém com o olhar, e diz:)

"Lá vai o Alberto outra vez; mas ainda hoje me há de visitar mais uma vez."

(Voltei a repetir a pergunta, e ela respondeu:)

"Ele vagueia, inquieto, cheio de agitação interior, procurando algum alívio para o seu estado horrível. Procura por todo o lado uma brecha, uma falha por onde possa tentar regressar à vida terrena. Foi assim que me encontrou — através do Alberto. Ele sabe perfeitamente que não pode obter ajuda de mim, e mesmo assim veio. Há nele uma espécie de desespero que o torna estúpido. Sabe que os homens não o podem socorrer, e, no entanto, procura-os — porque ainda não consegue, ou não quer, buscar auxílio do alto. Alberto diz, no entanto, que ainda existe no seu espírito um germe de bem oculto."

Porque não se aproximou de ti antes?

"Já estava há algum tempo perto de mim sem que eu soubesse. Alberto impedia-o. Desta vez ele veio sem que Alberto o visse. Alberto não é omnisciente."

(Nesse momento, ouvi um barulho metálico numa pequena mesa próxima, como se um prato caísse com força sobre outro. Como o som foi tão próximo, olhei imediatamente para a mesa, onde não havia mais do que alguns pedaços de pano cortados horas antes, enquanto se ajustava uma peça de roupa. Não havia nenhum objeto nas proximidades que pudesse ter causado aquele ruído, e no quarto não se encontrava mais ninguém além de mim e de R. O som surpreendeu-me tanto que perguntei:)

O que foi isto? Ouvi algo como pratos a tilintar.

"Foi ele. Está novamente por aqui. Sinto-o. Quis apenas indicar a sua presença, por despeito. Neste momento não se atreve a mostrar-se."

(Mal acabara de falar, o ruído voltou a ouvir-se — vindo da mesma mesa, de onde eu acabara de remover os retalhos de pano — desta vez muito mais alto, e repetiu-se várias vezes. Afastei a mesa para junto da parede, mas mal me sentei de novo, voltou-se a ouvir o mesmo barulho.)

"Isso dá-lhe prazer — disse R. — atrair a nossa atenção. Só isso já o faz sentir-se um pouco melhor. Mas é um caso horrível, o deste espírito: quando não encontra ajuda onde esperava, entra em desespero, torna-se furioso. Lembras-te bem de que hoje, às quatro da tarde, eu já me sentia extremamente inquieta. Disse-te então que pressentia algo especialmente desagradável a acontecer-me. (Estas palavras tinham de facto sido pronunciadas por ela.) Esse sentimento vinha da proximidade dessa entidade. Até agora só vi bons espíritos — e devo aceitar que, por necessidade, me tenha sido dado ver também um espírito mau."

Vais voltar a ver esse miserável?

"Hoje, não. Mas agora que encontrou o caminho até mim, temo que tentará aproximar-se sempre que puder. Mas Alberto diz que ele não poderá fazer-me mal. Pode também tentar chegar até mim durante os ataques intermédios que ainda hei de sofrer. Ah, isso assusta-me! Mas graças a Deus, Alberto impôs-lhe limites."

Aos anjos nada dá mais alegria do que servir a humanidade. — H. & H. 193
O combate entre o bem e o mal no homem manifesta-se entre o racional, onde atuam os anjos, e o natural, onde agem os espíritos malignos. Se o racional vence, vem a paz; se o natural vence, o homem parece ter paz neste mundo, mas entra no tormento no outro. — A.C. 2183
Os que viveram em adultérios e vícios semelhantes anseiam especialmente, após a morte, por obsidiar os vivos e regressar ao mundo. — A.C. 2752

"Embora ele não possa impedir a sua aparição, não se atreverá a aproximar-se de mim de forma prejudicial. Mas não quero falar mais deste ser miserável. Vou repousar um pouco."

(Ela deitou-se tranquila durante mais de três quartos de hora. Passado esse tempo, disse:)

"Ah! o meu Alberto acaba de voltar a mim."

Vai ficar contigo por muito tempo?

"Não. Em breve despertarei. Mas desta vez terás de soprar três vezes sobre o meu rosto; caso contrário, continuarei a dormir. E a cada vez o teu pensamento deve estar firmemente concentrado na ideia de que eu devo acordar."

Devo fazê-lo já?

"Não, direi quando chegar o momento. (Pausa.) Tu pretendes partir amanhã para Estugarda. O meu Alberto diz que tens de estar aqui às seis da tarde. Peço-te que organizes os teus assuntos para poderes estar comigo a essa hora. Se estiveres ausente, os meus sofrimentos serão muito maiores. Terei cãibras."

Estarei aqui às seis, sem falta. Não tenhas medo. Quando ocorrerão os ataques intermédios?

"O Alberto diz que serão todos os dias, regularmente, até segunda-feira. Ó Deus! Então estarei curada!"

(Ela une as mãos e ora em silêncio durante alguns minutos.)

"Agora acorda-me. Neste instante, o meu Alberto despede-se de mim."

(Fiz como ela havia instruído. Após um ligeiro estremecimento corporal, acompanhado de um suspiro profundo, ela despertou, alegre e revigorada.)

Cheguei à aldeia ao entardecer, precisamente quando o relógio marcava seis horas. Em poucos minutos já me encontrava junto ao leito de R., que sofria violentamente com cãibras. No final da crise, que durou cerca de quinze minutos, ela olhava repetidamente para um lado, com um ar assustado e expressão de horror no rosto. A dificuldade extrema em respirar impedia-a de responder às perguntas que lhe fiz a esse respeito. Contudo, quanto mais vezes lançava esse olhar, mais intensas se tornavam as convulsões.

Por fim, conseguiu pronunciar, com grande esforço:

"Alberto! Alberto! Tens de vir, ou estas cãibras não cessarão!"

Mas os espasmos continuaram durante quase meia hora, ao ponto de eu começar a ficar inquieto. Finalmente, soltou um suspiro profundo e disse com expressão alegre:

"Graças a Deus, o meu Alberto está aqui!"

Porque é que ele veio hoje? Ele deixou-te apenas ontem.

"Ai, por causa do espírito das trevas, que estava perto de mim antes do meu Alberto chegar."

O que tens tu a ver com ele?

"Vi nele que estivera contigo em Estugarda; isso aumentou as minhas cãibras, e ele alegrava-se com isso."

Não te assustes; eu nada sei desse miserável. Diverti-me bastante em Estugarda.

"Ah, agora vejo também no Alberto que ele te protegeu do mal."

Não percebo o que queres dizer. O que disse então Alberto?

"Ah, imagina só! Em Estugarda, o miserável ousou enfrentar o meu puro e angélico Alberto, e desafiá-lo. Mas Alberto protegeu-te da sua aproximação."

Explica-te melhor, não compreendo.

"Fizeste uma visita entre as onze e o meio-dia, vejo-o agora em Alberto, a alguém em Estugarda. Nesse momento, o espírito das trevas entrou na antecâmara da casa onde estavas, a que dá para a rua. Ali pretendia esperar o teu regresso. Mas Alberto, que estava contigo, viu-o e mandou-o embora. O espírito, porém, desafiou-o e recusou-se a partir. Então Alberto agarrou-o com o seu poder celeste e lançou-o para bem longe. Durante essa resistência, o miserável enfureceu-se, e no seu furor impotente atirou ao chão dois vasos de flores que estavam na janela do meio. Ah, não teria sido nada bom se ele se tivesse aproximado de ti. Os teus nervos ainda são muito sensíveis, e a sua influência poderia

facilmente ter reavivado a tua antiga afeição. Não o verias, mas sentirias a sua presença. Alberto protegeu-te com grande firmeza."

O poder dos anjos no mundo espiritual é tão grande que, se eu relatasse tudo o que vi, excederia a crença. Aquilo que resiste à ordem divina, eles derrubam com um simples acto da vontade e do olhar. Vi milhares de espíritos malignos dispersos e lançados no inferno por eles. — H. & H. 229)

(Esta revelação de R. surpreendeu-me ainda mais porque os factos observáveis a que ela fazia referência tinham realmente ocorrido tal como ela os descrevia. Por esclarecimento, acrescento o seguinte:)

Regressei, após uma visita, à casa onde estava hospedado, pouco depois do meio-dia. Nesse edifício, ao subir as escadas, há duas portas em lados opostos, que dão acesso a cinco quartos interligados, formando um arco, de modo que as duas portas referidas são os pontos extremos da sequência de divisões.

A porta da esquerda, que conduz ao quarto da frente virado para a rua, estava trancada por fora. Entrei, portanto, pela da direita, que dá para o quarto traseiro da casa. Assim que entrei, ouvi — ao mesmo tempo que a senhoria, que se encontrava nesse quarto — um ruído forte, como algo a cair, vindo da frente da casa.

Apresámo-nos ambos a atravessar os quartos intermediários até chegarmos à divisão da frente, que, como referi, estava trancada do lado de fora.

Para nosso espanto, encontrámos, bem no centro do chão, dois vasos de flores partidos em vários fragmentos. Tinham estado durante semanas na janela do meio, e agora a terra estava espalhada até à porta oposta à janela, enquanto as plantas — uma Hortênsia e um Cato — tinham sido lançadas até ao fogão que se encontrava no lado oposto da sala.

A nossa surpresa aumentou ao vermos que a cortina direita da janela central, que normalmente pendia até ao chão, estava agora envolta à volta da gaiola de um canário, suspensa do teto junto à mesma janela, como se alguém a tivesse enrolado propositadamente, envolvendo completamente a gaiola.

O fenómeno tornou-se ainda mais inexplicável, considerando que a sala estava fechada à chave, não havia ninguém lá dentro — nem sequer um gato — e, embora a janela estivesse aberta, os estores estavam corridos, fazia um calor sufocante e não havia vento absolutamente nenhum.

A desordem era tal, que nem uma tempestade, nem a presença de um animal, poderiam tê-la provocado. O facto mais desconcertante era justamente a forma como a longa cortina, pendendo tão alto, se envolvera por completo em torno da gaiola.

Durante a tarde, distraído com a viagem de regresso, acabei por esquecer o ocorrido. Além disso, não lhe tinha dado muita importância no momento, e muito menos me passara pela cabeça qualquer relação com o sobrenatural, como R. afirmaria mais tarde naquela noite. Por isso, fiquei verdadeiramente surpreendido com a explicação extraordinária que recebi assim que cheguei a Schwaikheim — e mais ainda porque não mencionara o incidente a ninguém ali, tendo ido diretamente, com as roupas de viagem ainda vestidas, ao leito de R., sem sequer cumprimentar a minha família.

R. prossegue então:

Ele já não tentará aproximar-se de ti. A luta não lhe correu bem. (Ela sorri.) Oh, que ideia absurda! Ele — ele! — ousar lutar contra um ser tão puro!

Não suporta a tua presença, porque proclamas a doutrina pura da Bíblia, que ele profanou. É um espírito malicioso, mas o seu próprio inferno consiste justamente nisso: consumir-se em desejos e vontades insatisfeitas.

Como as verdades derivadas do bem têm todo o poder, os falsos princípios vindos do mal não têm nenhum. Os que estão no inferno vivem no falso e no mal — por isso não têm qualquer poder contra o bem e a verdade. — H. & H. 233

O mal no homem é o próprio inferno nele; falar de mal ou de inferno é o mesmo. — H. & H. 547)

— No entanto, o Alberto diz que ainda há nele algo de bom.

"Ele tem momentos em que reconhece a sua miséria e tenta — ou melhor, faz um ensaio — de arrependimento. Mas ainda não tem um verdadeiro desejo de ser melhor.
Por vezes pensa de forma mais justa; e então recebe imediatamente força do Alto. Mas logo a seguir, torna-se vaidoso, julga-se melhor do que realmente é. É tão típico do homem isso! Só aos humildes Deus está próximo. O pensamento horrível daqueles que ele assassinou e seduziu continua a ser um obstáculo enorme à sua regeneração."

Há muitas pessoas que, por ignorância e simplicidade, absorveram falsidades enquanto viviam, mesmo sem viverem em ódio, vingança ou adultério, não podem ser introduzidas imediatamente nas sociedades celestes. Permanecem por algum tempo em regiões inferiores até se libertarem dos seus falsos princípios. Este estado de purificação é chamado "vastação". — A.C. 1100, H. & H. 510)

"Este esforço que faz por regressar à força à vida terrestre é, em si mesmo, um novo pecado. Ele sabe que isto é contra a vontade de Deus. Mas tem liberdade, e Deus permite — embora, ao mesmo tempo, envie espíritos superiores e bons que frustram esses intentos."

É uma lei eterna que cada um esteja em liberdade. — A.C. 2870

(Pausa.)

"Não fazes ideia do fedor horrível que esse espírito negro deixa atrás de si. Assim como o meu Alberto, ao partir, deixa um perfume celeste, ele — deixa um odor repulsivo."

Toda delícia corresponde a um cheiro no mundo espiritual. O deleite do céu é como o aroma de um jardim; o do inferno é como águas estagnadas misturadas com podridão. — D.F. 304

Mas o que quer ele de mim?

"Faz parte do seu tormento procurar ajuda onde sabe que não a pode encontrar. Desafio, raiva, ignorância e malícia levam-no constantemente de um lado para o outro. Como te disse, ele não suporta a tua presença precisamente porque tens uma missão espiritual."

Como sabe ele isso?

"Viu em mim e no Alberto. Sabe que proclamas a doutrina verdadeira e que ele ensinou, desejou e praticou o contrário. Por si só, ele não pode ver-te, nem conhecer os teus assuntos, sem um meio — como eu sou agora para ele."

Nem espíritos nem anjos podem, pela sua visão própria, ver qualquer coisa no mundo natural. Mas podem ver através dos olhos de um homem, se o Senhor o permitir. — E.U. 135

Então ele não sabe onde estou em todos os momentos?

"Não."

Como adivinhou então que eu estava em Estugarda?

"Viu isso ontem em mim e em Alberto. Tu pensaste nisso várias vezes, tal como eu também. Alberto sabia e, portanto, o espírito viu a tua intenção. Encontrou-te facilmente em Estugarda, pois sabia que Alberto estaria próximo de ti. Foi atrás dele, e assim se deu o confronto, no qual, como era de esperar, saiu derrotado."

Mas o Alberto não poderia prever tudo isso ontem?

"Não. Alberto não sabe tudo. (Pausa.) Agora lembro-me de um papel que tive nas mãos em Heiligkreuzthal. Alberto lembrou-me do que estava escrito."

O que dizia?

"Nesse convento, peguei num pedaço de papel impresso, em que — com letras mal legíveis — estavam estas palavras: A Bíblia falsificada é o curral do demónio; Dentro dela esconde-se todo o mal.

"O Alberto diz que foi ele (o espírito negro) quem mandou imprimir isto. Aquele pedaço de papel vinha dele."

Não me podes dizer nada sobre o conteúdo e título do livro de onde foi rasgada essa folha?

"O Alberto não me diz o título, porque não quer pronunciar o nome. Mas diz que a substância do livro era dirigida contra a doutrina protestante."

Mas se essas palavras podem ser encontradas num livro, não se saberá então o autor?

"Oh, não. Alberto diz que essas palavras foram usadas por muitos, tanto antes como depois dele; que ele não as criou, apenas as usou." (Pausa.)

Por que olhavas com tanto medo e tremor para o jardim durante a crise anterior? Já nessa altura viste esse espírito das trevas?

"Sim, vi de novo a criatura horrenda, curvada e disforme. Mas o Alberto ordenou logo que se afastasse. Ele teria querido, com todas as suas forças, obter ajuda de mim. Mas o Alberto disse que, se eu me envolvesse demasiado com ele, logo pensaria que tinha direito sobre mim, e não me deixaria mais em paz. Isso eu não poderia suportar — destruir-me-ia. O Alberto diz que ele já há muito tenta aproximar-se de mim."

Lembra-te de como, várias vezes, ouvimos um estalo seco no fogão, apesar de não haver lume nele nem ninguém por perto;

"E daquela vez, na sala de jantar, quando a tua mãe, a tua esposa, as tuas duas irmãs e eu estávamos todas à porta, e ouvimos um barulho forte, como se algo pesado tivesse sido atirado ao chão bem junto de nós — todas nos assustámos. Foi o espírito das trevas. Queria chamar a atenção para si, e por isso a queda aconteceu tão perto de mim."

Lembro-me bem do teu alarme naquele momento; eu estava a entrar na cozinha. Mas diz-me, como é possível que eu, estando apenas a três passos de distância, não tenha ouvido aquilo que cinco pessoas disseram ter ouvido tão nitidamente?

"Pois os anjos não conseguem abrir os lábios para pronunciar a palavra Guds (Deuses), porque a aura celestial na qual vivem se opõe a isso."
— T. C. R. 6.

"O Alberto impediu-o. Estavas a conversar com a criada sobre um assunto sem importância e a fechar a porta atrás de ti. Nós, por nossa vez, estávamos no corredor, a

falar em voz alta. A queda aconteceu mesmo ali ao pé de nós, e por isso escapou-te. Tu também a terias ouvido, se o Alberto não o tivesse evitado. Estavas prestes a juntar-te a nós, quando ele sugeriu à tua mente a ideia de ires à cozinha. Se tivesses ouvido aquela queda, não a poderias explicar, e isso teria causado em ti mais perturbação do que a todos nós. E isso não teria sido bom naquele momento. A perturbação no teu estômago, que estava latente, poderia ter-se reativado."

(Houve uma pausa de cerca de meia hora, durante a qual ela repousou. Depois, disse:)

"Mas agora o Alberto tem de partir, e eu devo despertar. Lá vai ele, já a erguer-se em luz. Adeus, meu amado guardião!... Agora acorda-me!"

(Soprei-lhe sobre o rosto. Ela sobressaltou-se algumas vezes e acordou.)

5 de Julho

Às nove horas da manhã do dia cinco de Julho, após uma breve indisposição, R. entrou num meio-sono no qual repetidamente afirmou sentir um repouso encantador. Contudo, esse estado durou apenas meia hora, pois de repente foi tomada por uma agitação espasmódica em todo o corpo, seguida de uma rigidez geral que durou cerca de uma hora e meia.

Depois disso, recuperou gradualmente, o que atribuí à respiração contínua que eu dirigia para a sua boca, a qual, com ansiedade, parecia absorver o meu sopro como se fosse um néctar. Assim que a rigidez cessou, o seu rosto iluminou-se — mas apenas por um instante, pois logo exclamou:

"Lá está ele!"

E voltou a olhar para o mesmo canto do quarto.

Quem está aí?

"O espírito das trevas."

Onde? Está aqui, no meu quarto?

"Oh, não. Ele não ousa entrar na tua casa. O Alberto proibiu-o solenemente, e ele tem de obedecer. Isso enfurece-o agora."

Mas como é que o consegues ver se ele não está aqui?

"Ah, as tuas paredes não me impedem. Vejo a sua forma no ar, sobre o teu jardim, perto do celeiro, a cerca de setenta passos daqui."

(Eu apontei nessa direção com a mão, ao que ela respondeu:)

"Ele viu isso; irrita-se por saber que o estás a apontar e não pode aproximar-se. Ugh! Tem cabelos grossos e ásperos como cerdas de porco."

Os espíritos podem saber, pela cor e disposição dos cabelos, qual foi a natureza da vida natural da pessoa no mundo. — A.C. 5570
O porco simboliza os amores imundos. — A.E. 1044)

(Houve uma pausa de cerca de oito minutos.)

"Agora ele tem de ir-se embora. Inclina-se — uma força superior expulsou-o. Já não o vejo. Deve ter sido o Alberto; vejo ali algo do seu brilho."

(Ela permaneceu tranquila até às onze horas, quando, a seu pedido, a despertei.)

Às cinco da tarde do mesmo dia, R. foi novamente acometida por uma súbita doença e cãibras generalizadas, que, em sete ou oito minutos, se transformaram numa rigidez completa semelhante à da manhã, e que durou até às sete e meia. Colocando a mão sobre ela e soprando para a sua boca, consegui trazê-la de volta ao habitual meio-sono magnético.

Mal recuperou o uso dos sentidos, franziu o nariz com uma expressão de grande repulsa. Pouco depois, fez repetidos gestos como se estivesse a cheirar na direção do jardim e disse:

"Ah, que fedor! Vem dele. Está por perto — eu sinto o cheiro."

Como é isso possível?

"Porque não há de ser? Eu consigo sentir a sua atmosfera *tanto* como consigo vê-lo. Assim como tu e Alberto difundem um odor que me agrada, ele exala um que me incomoda profundamente."

As esferas de caridade e fé, quando percebidas como odores no mundo espiritual, são extremamente agradáveis, como o aroma de flores, lírios e especiarias — com infinitas variações. — A.C. 1519
O homem não sabe que, segundo a vida das suas afeições, está envolto por uma esfera espiritual, mais percetível aos anjos do que os odores o são ao olfato humano. Se a vida foi externa e baseada em ódios, vinganças, crueldades, adultérios, orgulho e desprezo, essa esfera será fétida, como de corpos mortos e de lixos. Depois da morte, ele leva essa esfera consigo e só pode habitar no inferno. Mas os que viveram no amor e na caridade têm em torno de si uma esfera celestial, doce e aprazível. — A.C. 4464)

"Mas lembra-te: não cheiro com o nariz. De facto, não é exatamente cheiro o que sinto — mas só posso compará-lo a isso. Acontece o mesmo com o teu hálito: por vezes, tem um efeito em mim semelhante ao perfume das violetas. E, ainda assim, não é verdadeiramente um cheiro..."

"Não é propriamente um cheiro — disse ela — mas algo parecido."

Consegues ver o espírito das trevas neste momento?

"Sim, consigo vê-lo há já alguns instantes. E vejo que ele deseja que eu reze por ele. Ele próprio não consegue; por isso… eu fá-lo-ei." (Ela ora:)

"Ó Pai misericordioso que estás no Céu! Ajuda esta criatura pobre e infeliz; concede-lhe consciência da sua miséria; livra-o, em breve, deste estado lastimoso!"

(Ela olha para o espírito sombrio.)

"Ai de mim… ele já pensa novamente que pode ajudar-se a si próprio; o orgulho voltou-lhe tão depressa! Acredita que agora será libertado, e que já não precisa de ajuda. Ó espírito tragicamente iludido! Ainda há pouco pediste auxílio, e já estás outra vez arrogante e cheio de ti!"

"Nada é mais deleitável para os anjos do que instruir e ensinar os espíritos em sua primeira chegada do mundo, e também servir à humanidade, inspirando-lhes o bem e restringindo os espíritos malignos que os acompanham, para que não ultrapassem os limites que lhes são designados."
— A. C. 454.

"Arrepende-te, enfim! Volta-te para Aquele que te deu o exemplo e a quem podes seguir nos seus passos; Aquele que ofereceu a Sua graça até mesmo a um pecador tão corrompido como tu. Ele ainda te receberá, se reconheceres a tua miséria moral e tomares resoluções firmes de emenda."

(Ela recua com uma expressão de desapontamento.)

"Ah, imagina, ele está a rir — com um ar insolente e vaidoso!"

"Ó transgressor horrível, o que tenho eu a ver contigo?"

(Mas de repente, ela exclama com alegria:)

"Ah! o meu Alberto está a chegar — e vê! o espírito das trevas recua… já se foi."

(Três minutos depois:)

"Oh, o meu Alberto já me deixou de novo; veio apenas para me fortalecer, porque aquele espírito me perturbou tanto com a sua risada." (Pausa.)

"Foi este um dos raros bons momentos do desgraçado. Oh, como a bondade e a graça de Deus são sem limites! Mal desperta o primeiro desejo de mudança, Ele já concede força e luz. Até a ele, sim, Ele lhas oferece, mesmo tendo-as ele abusado tantas vezes." (Pausa.)

"Ao menos, tenho de lhe agradecer por esta curta, mas benéfica, visita do Alberto. Mas este espírito, como acabo de ver no Alberto, cometeu coisas horríveis na Terra."

O quê?

"É algo que me revolta, que quase me faz estremecer ao dizer… Imagina: antes de matar os próprios filhos, ele torturou-os com prazer perverso, com um punhal. Mesmo depois da morte, esquartejou os corpos. Fê-lo, em parte, para manter os seus crimes ocultos. Cortou-os em pedaços e escondeu-os durante a noite — até conseguir, com a ajuda de uma criada do mosteiro, transportar os restos e colocá-los por trás do altar-mor."

"Conseguiu fazê-lo várias vezes, mas foi traído no último caso. Infelizmente para ele, quando tentou esconder os fragmentos do corpo naquele lugar, havia sempre monges na igreja. O calor intenso fez o corpo apodrecer rapidamente, e o crime foi descoberto."

"Procurou-se o autor do ato. E foi ele, o espírito negro, o primeiro a condenar com palavras duras o culpado ainda por identificar. Mas as suspeitas recaíram sobre ele, e quando percebeu que não escaparia à descoberta, decidiu fugir do mosteiro."

"Uma das criadas, com quem já mantinha práticas impuras, arranjou-lhe uma túnica de camponês. Assim escapou. Mas o desespero perseguiu-o. Já não encontrava descanso em lado nenhum. Escondeu-se durante o dia em bosques, cavernas, matagais; de noite, continuava a fuga, pois sabia que estava a ser procurado."

"Por fim, enforcou-se numa árvore da floresta. Tinha sessenta e oito anos quando morreu. Mesmo nessa idade, ainda levava uma vida vergonhosa. Mas não quero falar mais dele... ele pode voltar."

(Ela deitou-se tranquilamente e dormiu até às oito. Nessa altura, pediu-me que a acordasse. Tentei, como de costume, soprar-lhe suavemente sobre o rosto. Mas em vez de despertar, foi acometida por cãibras violentas que duraram vários minutos. De repente, soltou um grito, assustada:)

"Ele está aqui outra vez! Está furioso!"

(Imediatamente após estas palavras, surgiu uma convulsão que se espalhou por todo o corpo e que, por fim, a fez despertar por completo. Depois de acordar, chorou, sem conseguir explicar porquê, e queixou-se — algo pouco comum nela — de um peso no estômago e na cabeça. Esses sintomas desapareceram quando lhe coloquei a mão sobre o corpo, em cerca de seis minutos. Mas, como compensação, senti na mão esquerda — a que estava sobre o seu estômago — uma dor intensa e uma rigidez que durou uma hora inteira.)

6 de Julho

No dia seis de Julho, às três da tarde, R. sofreu uma breve indisposição no estômago, seguida de convulsões ligeiras nos membros, e caiu depois num estado de catalepsia geral, que durou novamente uma hora e meia.

Quando voltou a falar, por volta das cinco da tarde, o espírito das trevas apareceu mais uma vez, e R. disse:

"Lá está ele de novo. Quer que eu reze por ele mais uma vez. Ó Céus! Desta vez vem acompanhado por outro — ainda pior do que ele! Tem uma forma apenas meia-humana."

(Pouco depois, voltou-se para o espírito sombrio e disse:)

"Disse-te ontem que devias voltar-te para o teu Redentor. Mas riste-te de uma exortação que era tão necessária no teu caso. Assim nunca poderás ser ajudado. Se não aplicares todas as tuas forças e a tua vontade própria para uma verdadeira reforma… estás perdido."

O que é que ele responde a isso?

"Nada. Nem uma palavra."

"Mesmo assim, voltarei a rezar por ti, mais uma vez. Ser infeliz… não colheste absolutamente nada durante a tua vida na Terra, para estares agora tão desesperadamente pobre?" (Pausa.)

"Lá está ele a rir outra vez. Ó miserável criatura! Estás perdido, perdido para sempre, se não cultivares sentimentos melhores."

Quem te poderá salvar? Ainda assim, rezarei por ti uma vez mais. Mas se acreditas que já não precisas de nada, que estás acima da necessidade de orar, será tudo, mais uma vez, em vão. (Pausa.)

"O seu companheiro já não lhe dá descanso agora que vê que as minhas exortações começam a tocar-lhe a alma. Arrasta-o pelas mãos compridas, tenta desviá-lo, à sua maneira, para outros pensamentos. Ah, este segundo é todo ele pesado, disforme… parece um urso."

"O castigo de tais é terrível; após sofrerem tormentos infernais por uma sucessão de eras, acabam adquirindo um semblante horrível e monstruoso — de tal forma que já não é um rosto, mas uma espécie de substância grosseira e espectral. Assim, despem-se de tudo o que é humano, até que qualquer um que os veja estremece diante da visão."
— A. C. 816.

** Aqueles que vivem separados da verdade e do bem, aparecem no mundo espiritual como ursos. — Apoc. Rev. 47*

(Pausa.)

"Porque não vieste sozinho? A tua alma poderia ter sido tocada muito mais facilmente."

O que é que ele responde?

"Diz que o outro veio com ele contra sua vontade."

Vês? Esse é o teu tormento! Eleva-te acima de ti mesmo e resiste a esse monstro. Podes fazê-lo, se o quiseres verdadeiramente. Não farias tudo para alcançar ao menos uma condição mais suportável? O que responde agora?

"Ah! Ele tenta lançar a culpa sobre o outro! Que fuga patética!"

Podes, se quiseres!

"Mas ainda assim, vou tentar… vou tentar afastar o monstro.

"Em nome de Deus, afasta-te imediatamente!

"Alberto! Alberto! (Pausa.)

"Agora, agora, ele é forçado a ir-se embora. Foge com contorções horríveis daquela forma repulsiva." (Pausa.)

"Agora quero ver se estás verdadeiramente arrependido."

Toma coragem!

"Escuta a minha oração e a minha exortação, e então procura ser melhor."

Pensa como te sentirás feliz quando conseguires pensar com mais calma em Deus… e em ti próprio. (Pausa.)

"Ele está a refletir seriamente; está a esforçar-se."

Então ouve o que te vou dizer.

(Ela junta as mãos e fala pausadamente, de forma solene:)

"Pai nosso, que estais nos Céus…"

Como te sentes com estas palavras? Vês? Ele queria ser até teu Pai…
Tu nunca foste Seu filho.
Agarra, finalmente, a Sua mão.
Ele ainda sente amor por ti.

"Foi-me concedido conversar por algum tempo com essas pessoas miseráveis (em estado de vastação); elas se queixavam principalmente dos espíritos malignos, que ardiam de um desejo contínuo apenas de atormentá-las."
— A. C. 699.

"O amor de Deus se estende não apenas às pessoas boas e às coisas boas, mas também às pessoas más e às coisas más; consequentemente, não só àquelas que estão no céu, mas também às que estão no inferno — assim, não apenas a Miguel e Gabriel, mas também ao diabo e a Satanás; pois Deus é, em toda parte e de eternidade em eternidade, o mesmo."
— T. C. R. 134.

"Santificado seja o Vosso nome…"

— Nunca o fizeste. Começa agora. Aprende a reverenciá-Lo como teu Deus; aprende a amá-Lo — e assim aproximar-te-ás d'Ele e tornar-te-ás feliz.

"Venha a nós o Vosso Reino…"

"Sim, venha a ti e à tua alma, pobre espírito! Ele também te abençoará como cidadão do Seu Reino, se guardares os Seus mandamentos."

Decide-te! Abandona o reino do pecado e da miséria.

"Seja feita a Vossa vontade, assim na Terra como no Céu…"

"Na Terra desprezaste a vontade de Deus."

É por isso que agora não estás entre aqueles bem-aventurados que se alegram eternamente por cumpri-la. Reúne finalmente as tuas forças, renuncia à tua própria vontade, lança fora o orgulho tolo e curva-te diante do Altíssimo e do Eterno.

"O pão nosso de cada dia nos dai hoje…"

"Que a partir de hoje, o alimento da tua alma seja fazer a vontade de Deus.
E então Ele nunca, nunca te deixará faltar o sustento celeste, nem luz interior, nem o alimento para as tuas forças.

Todo o homem religioso sabe que existe alimento natural e alimento espiritual. O alimento natural é para o corpo; o espiritual, para a alma. — T.C.R. 709)

"Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido…"

"O teu coração vingativo nunca o fez.
E no entanto, o amor eterno de Deus continuou a suportar-te com misericórdia.
Ora, finalmente, pelo perdão do teu enorme pecado; reconhece a tua transgressão, sente a tua miséria!"

"Não nos deixeis cair em tentação…"

— Deus nunca te impôs nada demasiado pesado.
Tu próprio criaste as tuas tentações ao pecado.

O mal conduz o homem cada vez mais fundo nos seus próprios vícios; pois o homem transforma o bem vindo do Senhor em mal. — D.P. 296

Tiveste vontade de pecar, nunca tentaste controlar-te. Está mais do que na hora. Tenta com sinceridade, e com a ajuda de Deus, conseguirás.

"Mas livrai-nos do mal…"

— Se rezaste tudo isto com sinceridade, então estas palavras foram ditas do mais profundo da tua alma. E acredita: se o teu desejo de regeneração for verdadeiro, o teu Pai Celestial não tardará em libertar-te deste estado miserável. Pois d'Ele é o poder e a força para sempre. (Pausa.)

Como te sentes agora?

"Esta foi a oração do Senhor, o teu Redentor — e deves viver conforme Ele, se alguma vez quiseres ser feliz." (Voltando-se para mim.)

"Graças a Deus! Ele quer. Ele quer, pelo menos, tornar-se melhor."

"E isso, só por si, já o torna melhor.

"O rosto dele já não está tão deformado, e o cabelo deixou de estar tão revoltado e áspero. (Pausa.)

Agora vai. Tens alimento. Já podes nutrir-te. Sê tão diligente em buscar o bem como foste antes em procurar o mal. E, com o tempo, ganharás gosto por ele — e o teu Redentor levar-te-á sentir a Sua graça.

Ele te receberá — mas compreende bem — por graça. Abandona o teu orgulho!

Todo homem na cristandade imbuído de religião pode saber, ou, se não souber, pode aprender, que existe nutrição natural e nutrição espiritual; e que a nutrição natural é para o corpo, mas a nutrição espiritual é para a alma. — Doutrina da Nova Jerusalém sobre a Verdadeira Religião Cristã (T.C.R.) 709.

O mal, por si mesmo, conduz-se continuamente para mais fundo nos seus próprios males: diz-se — por si mesmo — porque todo o mal vem do homem; pois ele transforma o bem, que vem do Senhor, em mal. — Divina Providência (D.P.) 296.

O espírito do homem, considerado em si mesmo, não é senão a sua própria afeição, cuja forma exterior é o rosto. Todos os que lá estão (no mundo espiritual) são reduzidos a

um estado tal que falam conforme pensam, e mostram com o rosto e os gestos aquilo que desejam. — Céu e Inferno (H.H.) 457.

O homem é assim afastado do mal não por si mesmo, mas pelo Senhor. — D.P. 208.

Agora ele vai devagar. Já não o vejo mais. Ah Senhor! se eu tiver sido tão feliz ao ponto de ter atiçado a centelha do bem nesta pobre alma até que se tornasse uma chama duradoura! Deus há de ajudá-lo. (Após uma pausa prolongada.) Ontem à noite chorei, sem ter conseguido encontrar uma razão; agora vejo porquê. Mesmo antes de eu acordar, o espírito sombrio aproximou-se de mim mais do que o Alberto lhe permitira. Estava irritado porque eu dissera a verdade sobre ele. A ação próxima da sua atmosfera [*Dunstkreis* : esfera vaporosa] entorpeceu o meu sistema e afetou negativamente o meu ânimo — contudo, disso não resultarão consequências más. Agora já não o verei mais. Melhor será para ele se seguir as minhas exortações.

Prometi rezar por ele; posso fazê-lo sem que ele esteja perto de mim; fá-lo-ei muitas vezes; lembra-me disso quando eu acordar. Agora acorda-me. (Neste momento senti um ligeiro espasmo no lado esquerdo do lábio superior. Sem dizer nada a R., aproximei um dedo da sua mão esquerda do local, que mal tocara quando foi contraído de forma espasmódica. Em breve, o seu braço começou a tremer e ela queixou-se de dores, que, no entanto, duraram apenas dois minutos.

Os espasmos tinham cessado em mim, mas, por outro lado, apareceram, e com intensidade significativamente maior, na mesma parte do lábio superior dela, que por alguns minutos foi puxado convulsivamente de um lado para o outro. Por fim, disse:) Por causa deste pequeno ataque, preciso de dormir mais catorze minutos. (Decorrido este tempo, acordei-a da maneira habitual.)

10 de Julho.

Depois das seis da tarde, uma profunda melancolia, que se apoderou dela sem qualquer motivo aparente ou causa que conseguisse identificar, deu início à última crise de R. Um rio de lágrimas acabou por aliviar os seus sentimentos ao fim de quinze minutos, após o qual se seguiu uma opressão no peito, alternando com cãibras nos membros e convulsões, num grau que nunca antes tinha observado.

As agitações e reações do corpo foram tão violentas que não consegui, sozinho, evitar possíveis danos, pelo que pedi ao meu irmão que me ajudasse. Nessa ocasião, bem como no dia 3 de Julho, sucederam-se vários ataques espasmódicos, um após o outro, que, quando a sua violência se dissipava, eram invariavelmente seguidos de completa prostração. Era como uma luta entre a vida e a morte repetida várias vezes; quando vinha o cansaço, a doente parecia a imagem exata de uma pessoa a morrer.

A boca semicerrada emitia palavras lentas e hesitantes, quase ininteligíveis; a respiração era pesada e ruidosa; o olhar fixo e a tez de um branco amarelado; até o nariz parecia mais

afilado e proeminente do que o habitual. Após esta terrível luta ter durado cerca de uma hora, pareceu, ao lavar-lhe a cabeça com água de Colónia, que alguma vitalidade poderia regressar.

As faces ganharam uma leve cor; os membros estavam apenas ligeiramente convulsionados, os espasmos tinham cessado, e ela já conseguia cruzar as mãos. Ainda assim, mal conseguia ouvir as palavras sussurradas que proferia, mesmo aproximando o ouvido da sua boca. No decurso de um quarto de hora, durante o qual permaneceu em silêncio, ouvimos então mais nitidamente o seguinte:

"Agora estou no fim, através de Ti, ó Pai!
Por duras lutas passei para aqui chegar.
Graças, graças Te dou por toda a Tua bondade;
É o Teu braço que me sustentou,
Para não sucumbir na escuridão — que palavras Te poderão louvar?

(Ela chora em silêncio.)

"Vê o meu coração e contempla o seu anseio sincero!
Para fazer o que é do Teu agrado daqui em diante,
Para buscar a Tua bênção nas obras que inicio,
De Ti a força para todo o bem retirar,
A Ti somente toda a glória entregar;
É só esta a gratidão que pedes de nós.

(Grande pausa, durante a qual fala muito baixo, quase inaudível; por fim, com mais clareza:)

"Ó Pastor da minha alma, tão fiel e amoroso,
Mostra-me o caminho, em que, já não errando,
Eu possa avançar, por mais tristeza que haja,
Até que, puro de coração, contemple o Teu rosto em alegria.
Ó dia bendito, quando Te possa ver,
E grato me junte aos anjos para Te adorar.

(Novo intervalo de silêncio, de alguma duração.)

"E tu, meu Guardião, bom e paternal,
Como poderei jamais pagar-te
Que me levaste pela mão em todas as minhas tribulações?

"Olha para o meu coração, ele arde com um amor totalmente puro;
Que posso eu oferecer que seja melhor do que afeição?
Doravante moldarei a minha vida segundo a tua direção.

"Que seria eu sem ti, meu fiel ajudante?
Tu proteges o meu corpo, enquanto guias a minha alma.
Com chamados e avisos, censuras, repreensões e ameaças,
Tu suportas ainda todas as minhas rebeldias.
Não, nunca o pecado há de tentar os meus passos a desviar-se.
Pois nas tuas advertências meditarei sempre.
Tenho a tua promessa — tu nunca me abandonarás,
"Enquanto neste vale eu for um peregrino;
Ajuda-me nas dores — ajuda-me a santificar
Todas as minhas alegrias e a viver para o Céu,
Para que assim — será esta a minha oração diária — terminada
toda a tristeza da terra, eu possa vir a Ti com alegria.

"Tu também, nobre amigo, médico, ajudante,
Mereces o meu mais profundo agradecimento — foste a fonte
De onde uma nova vida fluiu para o meu sistema enfraquecido,
E por este amor, recuperei a saúde.
Ainda estaria a definhar nos laços da terrível doença,
Não fosse a tua ajuda para suavizar e pôr fim à minha angústia.

"Por isso, sejam abençoadas para sempre as tuas mãos,
Que trabalharam em toda a minha dor com tanto benefício.
Nem deste valor a pesados sacrifícios,
Para me fazeres bem, o teu constante e único empenho.
Por isso, um profundo sentimento desperta dentro de mim —
Não, jamais esquecerei a tua verdadeira dedicação.

(Ela reza.)

"A Ti, ó Pai, agora elevo a minha oração —
Concede a este meu amigo, em toda a sua plenitude,
Tal como a mim agora, a bênção celeste da saúde.
Para que à obra, para a qual tem o Teu chamamento,
Ele possa voltar com nova força e ânimo —
Tal é a minha oração — Teu seja todo o louvor e mérito.

Após estas palavras, R. permanece deitada calmamente com as mãos cruzadas por meia hora completa. Por fim, os seus traços iluminam-se de forma notável, levanta lentamente os braços, dirige o rosto para cima, em direção ao ponto onde sempre disse ver o seu espírito guardião, e diz:

"Aproxima-se — a flor; Senhor misericordioso! Que alegria! É o Amandus, o Amandus que a traz. Então é-me permitido ver-te mais uma vez, querido amigo!" A flor já o está aí? "Sim, ele trouxe-ma neste momento." (Surpresa.)

"Mas o que vejo! A flor está novamente adornada com todas as suas pétalas. Oh, como é bela! Só vejo uma mancha escura de lado na taça; isso significa a afeção do meu peito; os meus pulmões ainda sofrerão durante anos. Mas isso será bom para mim, e proteger-me-á de muitos males. (Pausa.) Aquilo que eu supunha é agora confirmado pelo meu Alberto."

O que queres dizer?

"A flor é um agente curativo do mundo superior, e é aplicada também a outros que sofrem como eu sofri. Por essa razão, as pétalas foram agora renovadas; a virtude interna da flor, em obediência à sua natureza, faz com que as pétalas brotem."

Sempre tomei esta flor apenas como um símbolo do teu caso.

"Ela era isso, sem dúvida, ao mesmo tempo; mas é mais do que isso; a sua natureza mais íntima é salutar. A sua aproximação sempre teve um grande efeito fortalecedor em mim, e parecia, ao mesmo tempo, como se houvesse uma transferência de matéria doente de mim para ela. (Pausa.)

O Alberto confirma isto, e diz que foi por essa razão que as pétalas foram murchando gradualmente."

Existem muitas destas flores onde está o Alberto?

"Sim, tais plantas florescem ao sol; de lá, diz Alberto, o seu poder salutar é transmitido a todos os planetas." (Pausa.)

"Ah, o Amandus é tão afável! E sinto-me forçada a lamentar que hoje o tenha de ver pela última vez...

Primeiro deve ser explicado o que é a correspondência. Todo o mundo natural corresponde ao mundo espiritual; não apenas o mundo natural em geral, mas também em cada particular; por isso, tudo o que existe no mundo natural a partir do espiritual, diz-se ser correspondente.

Como as coisas que pertencem ao reino vegetal correspondem [ao espiritual] pode ser evidente por muitos factos; — Que todas as coisas que existem nesse reino também são correspondências, foi-me revelado por muita experiência: pois muitas vezes, quando estive em jardins e olhei para árvores, frutos, flores e leguminosas, observei as correspondências no céu, e falei com aqueles a quem pertenciam, e fui instruído quanto à sua origem e ao seu significado. — Heaven and Hell, §§ 89, 109.

(E continua o relato.)

...pela última vez. Talvez vós, bem-aventurados, venhais em breve buscar-me da Terra, onde tudo é tão triste, tão atribulado, tão escuro. Oh! Como me alegro na expectativa daquela luz gloriosa!* Mas não; devo primeiro tornar-me boa, e cada vez melhor; agora,

ainda não me seria permitido aproximar-me de vós, ó santos; o meu coração ainda está demasiado impuro; não suportaria o vosso esplendor, a vossa dignidade." (Pausa.)

C., meu irmão, gostaria de te fazer mais algumas perguntas.

"Responderei de bom grado, se puder."

Ele pergunta se Alberto sabe onde Jesus habitou enquanto o Seu corpo estava no túmulo.

"O Alberto diz: com todas as almas que partiram; que Ele morreu também por elas; que Se tornou seu Redentor também.† Oh, então, diz ele, muitas almas foram salvas."

**Que há luz nos céus, isso não pode ser compreendido por aqueles que pensam apenas segundo a natureza; e todavia, nos céus, a luz é tão intensa que excede em muitos graus a luz do meio-dia no mundo; eu próprio a vi muitas vezes, mesmo ao entardecer e à noite. Ao princípio, fiquei admirado quando ouvi os anjos dizerem que a luz do mundo não passa de sombra comparada à luz do céu; mas, desde que a vi, posso testificar — o seu brilho e esplendor são tais que não podem ser descritos. As coisas que vi nos céus foram vistas nessa luz — assim, mais claramente e distintamente do que as coisas do mundo. — Heaven and Hell, § 124.*

†Jeová Deus desceu e assumiu a forma humana, para poder pôr em ordem todas as coisas que estavam no céu, no inferno e na Igreja; pois, nesse tempo, o poder do inferno prevalecia sobre o poder do céu, e na Terra, o poder do mal sobre o do bem — e assim, uma danação total espreitava à porta e ameaçava. Esta danação iminente, Jeová Deus removeu por meio da Sua Humanidade, e assim redimiu homens e anjos. — True Christian Religion, § 121.

Se a verdadeira natureza de Jesus é, de facto, a apresentada nesta nota — a saber, que Ele é Jeová Deus em forma humana, em vez de ser apenas o Filho de Deus, a segunda de Três Pessoas Divinas existentes desde a eternidade — seria de supor que tal verdade altíssima e essencial tivesse sido claramente afirmada por um ser do mundo espiritual, especialmente a alguém que lhe foi confiado pelos desígnios da Providência Divina, e com quem mantinha um contacto aberto. Contudo, segundo os seguintes trechos de Swedenborg, essa doutrina — sendo o primeiro de todos os pontos doutrinais — não poderia ter sido ensinada a R. no estado em que ela se encontrava, sem violar as leis da ordem divina.

Estes excertos também ajudam a compreender porque o Alberto parece confirmar o erro comum quanto à natureza do Senhor, ao representar a K. o teor das suas instruções aos espíritos da Lua e do planeta Vénus. Como não lhe era permitido reformar a fé dela, as suas comunicações deviam ser adaptadas às ideias que ela aprendera desde a infância — parecendo, por isso, confirmá-las. — (Nota do Tradutor)

Falar com espíritos, ainda que raramente com anjos celestes, é algo que ainda hoje é permitido, e tem acontecido há muitas eras; mas quando acontece, falam com o homem na sua língua materna, e apenas algumas palavras; porém, os que falam por permissão do Senhor, nunca dizem nada que contrarie não se pode tirar a liberdade da razão, nem ensinar diretamente; pois somente o Senhor ensina o homem — mas o faz mediatamente, por meio da Palavra e da ilustração, como será tratado adiante. Que isso é assim, foi-me dado saber por experiência própria; pois mantenho conversação com espíritos e anjos há muitos anos, e nenhum espírito jamais ousou, nem anjo desejou, dizer-me qualquer coisa, muito menos

instruir-me sobre qualquer ponto da Palavra ou sobre doutrinas contidas nela — apenas o Senhor me ensinou." — D. P. 135.

"A nona lei da Divina Providência é que o Senhor não ensina o homem diretamente, nem de Si mesmo, nem por meio dos anjos, mas que Ele ensina mediante a Palavra, pela pregação, pela leitura, pelo discurso e pela comunicação com outros — e assim pela reflexão pessoal sobre o que é ensinado. E, nesse caso, o homem é iluminado segundo a afeição pela verdade fundamentada no uso; do contrário, ele não agiria como se fosse por si mesmo. Essas coisas seguem como consequência da lei da Divina Providência anteriormente explicada, ou seja: que o homem está em liberdade, e age a partir da razão; que deve pensar com entendimento como se fosse por si mesmo, e por isso, a partir da vontade, fazer o bem como se fosse por si mesmo; e ainda, que ele não deve ser compelido a crer ou a agir por meio de milagres ou visões.

Essas leis são imutáveis, pois são da sabedoria divina e, ao mesmo tempo, do amor divino — e ainda assim seriam perturbadas se o homem fosse ensinado diretamente, seja por influxo, seja por discurso." — A. E. 1173.

"Quando os meus olhos foram abertos, foi-me concedido ver, às vezes, quão imensa é — ainda hoje — a multidão de homens que está lá; é tão grande que mal pode ser contada — há miríades apenas em uma direção, em um único lugar. Que números haveria, então, nas outras direções? Daí se torna evidente que o mundo natural, morada dos homens na Terra, não pode ser comparado com aquele mundo quanto à quantidade da raça humana; de modo que, quando o homem passa do mundo natural para o espiritual, é como sair de uma aldeia e entrar numa cidade grandiosa." — L. I. 27.

...e ele pergunta também sobre a condição de Antistes Hess e de Reinhard.

"O Alberto diz que ambos estão num grau elevado de felicidade; que o Reinhard, em particular, é um espírito muito piedoso e puro; que honrou o seu nome com dignidade; que ambos se encontram no lugar onde o Lavater tem a sua morada; que este homem, também, fez um bem imenso, que continuará a ter efeito por toda a eternidade."

No dia 5 de Abril, disseste que C. tinha outro nome no mundo em que então habitavas. C. deseja saber qual é.

"Aqui ele é chamado Facuidus."

Este nome tem um sentido, um significado? "Sim, como todos os nomes no mundo superior."

Este nome significa a exortação:

"*Sê firme e forte.*" Mas qual o significado mais elevado do nome Alberto?

"O meu Alberto disse-me, logo no início, que tinha outro nome, cujo sentido era: '*Que a tua alma seja pura!*' — mas que, se eu gostasse do nome Alberto, poderia chamá-lo assim."

Qual é o som do nome de Alberto no mundo superior?

"Chama-se Almador." (Pausa.)

"Agora devo olhar mais uma vez para o teu estômago."

(Ela coloca a mão esquerda sobre ele e diz:)

"Ah, está num estado muito bom. Continua o teu modo de vida como estás habituado, e não tens razão para receios. O Alberto aconselha-te a aplicar sanguessugas de vez em quando no local indicado pelo teu médico; diz que isso é necessário de tempos a tempos. M. tem vontade de experimentar banhos; é bom para ela; mas deve utilizar banhos frios, talvez em Kannstadt ou Tübingen; porém, Alberto diz que ela deve fazer imediatamente aquilo que tenciona fazer este ano — é mais do que tempo."

Ela também deseja o conselho do Alberto quanto ao seu tremor.

"O Alberto diz que não há remédio para isso; mas que não tem grande importância." Como pode ser aliviada a dor nos olhos da esposa do Dr. H., de S.?

"O Alberto diz que a doença dela não é propriamente ocular, mas uma doença geral dos nervos, muito difícil de remover. Ela não deve tomar medicamentos — só a prejudicam; mas pode aliviar a afeção, que ataca diferentes partes em diferentes momentos, com repouso contínuo do corpo e da alma. Para fortalecer os olhos, que estão neste momento em sofrimento, pode olhar durante algum tempo, de manhã cedo, antes de aquecer e antes do pequeno-almoço, logo após acordar, para o verde sombrio dos prados. Mas ao mesmo tempo deve vestir-se bem e evitar ao máximo o orvalho, bem como evitar olhar para zonas soalheiras; pois os olhos são especialmente sensíveis ao fortalecimento proporcionado pelo verde dos campos, logo após despertar."

Podes dizer algo sobre o estado do seu filho, O.?

"O Alberto diz que, se ele for tratado com o mesmo cuidado e discernimento ao longo dos anos, como tem sido até agora, com a bênção de Deus, ficará completamente curado; contudo, a doença dele é demorada e perigosa, e não há forma de a curar de imediato, dado que tem origem na sua constituição física natural."

(Pausa, durante a qual ela olha longamente na direção onde o Alberto costuma aparecer.)

O que estás a olhar com tanta atenção?

"Não me canso de olhar para o Alberto. Ele promete-te de novo que te aparecerá, assim que possas suportá-lo, num sonho vívido. Também te fortalecerá novamente na igreja, no domingo. Diz que ainda manterás, durante mais sete meses, uma espécie de influência magnética sobre mim; que, no entanto, simplesmente pousar a tua mão sobre mim já não bastará para me adormecer, e que nunca deves fazer passes sobre mim — isso prejudicar-me-ia muito, como sabes. Pequenas indisposições que surjam serão sempre rapidamente

aliviadas, neste período, se eu puder estar perto de ti, apenas com o simples gesto de pousares a tua mão sobre mim." (Pausa. Subitamente ela sobressalta-se e exclama:)

"Ó Deus!" O que tens? "O Alberto, o meu Alberto, anuncia-me que agora tem de me deixar." (Ela chora tão violentamente que começa a soluçar.)

"Ó Alberto, não me deixes! Fica comigo!"

(Ela chora por muito tempo, estendendo os braços continuamente na direção de Alberto. Finalmente parece um pouco mais calma e, após alguns minutos, diz:)

"Não posso mudar isso, apenas nunca me deixes completamente, meu Alberto; continua a guiar-me. Obrigada pela tua ajuda, pela tua proteção. Está comigo quando a vida for dura para mim. Adverte-me, impele-me, e quando, por fim, os meus dias chegarem ao fim, conduz-me ao meu Criador, ao meu Redentor, que te confiou o meu cuidado. Também a ti, amado Amandus, agradeço as tuas visitas, que sempre me trouxeram alegria. Ainda em vida terrena, me amavas, e agora, em luz superior, o teu amor não me esqueceu; por isso, graças te dou. Que Deus permita que, sendo eu também um espírito puro, possa voltar a ver-vos com alegria." (Pausa.)

"Ó Alberto, vou sentir muito a tua falta!" (Ela chora.)

Ai de mim, estás a despedir-te de mim! (Para mim:) Ele despede-se de nós ambos. Diz-te que continuará a estar perto de ti, sempre que lhe for permitido; que te ama e espera que continues digno do seu amor. Ó Deus! Agora — agora — ele parte; já não o voltarei a ver. (Ela estende os braços na direção dele, chorando.) Oh, adeus, bom Alberto, adeus! (Ela fixa o olhar na distância.) Mais uma vez, ele olha para trás com um semblante afável, na nossa direcção. Amandus acompanha-o. (Pausa.) Assim devem ter-se sentido os discípulos do Senhor, quando Ele subiu aos céus diante dos seus olhos. Também eles não conseguiam compreender que isso era para o seu bem. Assim estou eu agora. (Pausa breve.) E agora, também nós, querido amigo, devemos separar-nos. Adeus, então. Jamais esquecerei o que fizeste por mim. Pensarei em ti perpetuamente, com amor e gratidão — Deus te abençoe! Sim, que Deus te abençoe."

(Após estas palavras, ela desperta espontaneamente, depois de um ligeiro movimento convulsivo, por volta das dez e meia.)

A partir desse momento, R. ficou completamente curada; não voltou a ter qualquer recaída nos seus apertos ou espasmos. Os ciclos menstruais tornaram-se regulares e, durante um ano, não apresentaram o menor incómodo. A minha influência magnética sobre ela era tão ligeira, como constatei logo no dia 8 de Julho, que ela não sentia nada de invulgar ao pousar-lhe a mão, nem mostrava qualquer tendência para adormecer. Não me atrevi a fazer passes magnéticos.

Numa ocasião, dois anos mais tarde, após um choque emocional extremamente forte, entrou inesperadamente num estado cataléptico que durou várias horas e terminou com clarividência. Meses depois, em circunstâncias semelhantes, o mesmo ataque repetiu-se com características idênticas. A partir dessa altura, os ciclos menstruais passaram, durante alguns meses, a ser acompanhados de ligeiros incómodos. Contudo, essas consequências foram apenas temporárias. Recuperou-se por completo em breve, e hoje desfruta da melhor saúde, com boas perspetivas de permanecer livre, no futuro, de quaisquer ataques de natureza magnética.*

*Os que leram as páginas anteriores com espírito sincero poderão agora avaliar em que medida estas constituem um justo apelo para examinar as afirmações da Igreja da Nova Jerusalém — um apelo legítimo à investigação, diga-se, e não uma prova direta do sistema em questão. O tradutor deseja ser compreendido com clareza neste ponto, por parte daqueles que forem justos na sua análise — e quer também deixar claro, para quem possa querer deturpá-lo, que o faria perante uma declaração explícita.

Assim, pede licença para afirmar que não pretende defender a verdade da doutrina da Nova Igreja com base direta neste caso ou em qualquer semelhante, mas, pelo contrário, acredita ser indevido derivar doutrinas religiosas a partir de tais fontes, e que qualquer tentativa nesse sentido conduz inevitavelmente a sérios enganos. O uso apropriado, na sua opinião, desses exemplos de contacto com o mundo superior é confirmar verdades previamente abraçadas a partir da única fonte de verdade — a Palavra de Deus, ou apresentar essas verdades àqueles que ainda não as acolheram, de modo a que, vendo nelas uma certa plausibilidade, sejam levados a indagar se essas verdades se encontram ou não nas Sagradas Escrituras, corretamente compreendidas. Este é o único propósito deste trabalho.

Está consciente de que não terá sucesso com muitos, mas espera que alguns, pelo menos, sejam levados pelo seu esforço a examinar de forma honesta, prolongada e abrangente o notável sistema apresentado por Swedenborg, com a pretensão de origem divina — e especialmente a considerar aquele ponto que é mais essencial que todas as revelações que ele fez sobre o mundo espiritual: a existência, na Palavra, de um sentido espiritual — tal como Swedenborg afirma demonstrar.

O apelo dirige-se, portanto, àqueles que procuram sinceramente a verdade religiosa. Para os que estão já tão convencidos do seu próprio sistema, que nem sequer consideram a hipótese de examinar qualquer outro, o apelo será inevitavelmente em vão. Tais pessoas não amam realmente a verdade, por mais que pensem o contrário. Pois quem ama verdadeiramente a verdade está sempre à sua procura — ou, pelo menos, está disposto a acolhê-la quando a encontra, sabendo que toda a verdade provém apenas do Senhor, e que procurar e seguir a verdade é a única forma possível de procurar e seguir o Senhor.

A estas almas sinceras, a investigação é calorosamente recomendada — com a certeza de que o seu progresso será como o de alguém cuja jornada o conduz das brumas de um vale

baixo até ao cimo da montanha: uma aquisição constante de luz mais clara, de horizontes mais vastos e de respiração mais pura.